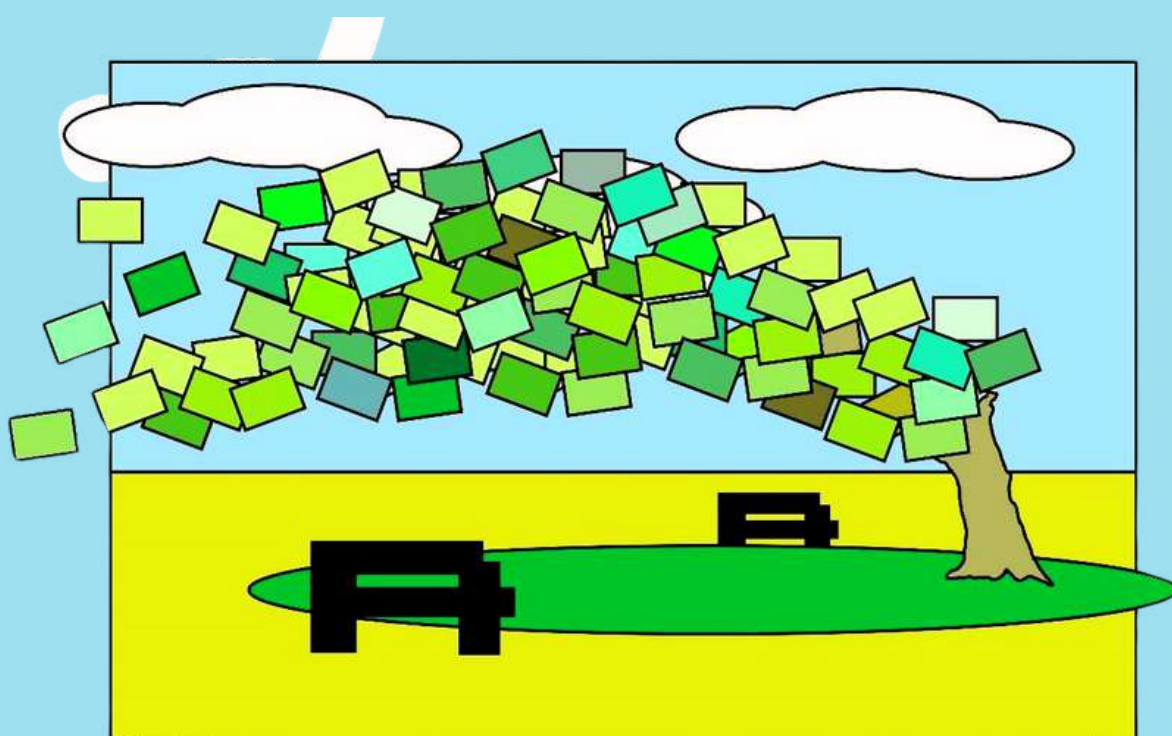


Dalva Araújo Menezes
Fabricia Pereira Teles
Maria Ozita de Araujo Albuquerque
Samara de Oliveira Silva
(OrGs.)

V SEMINÁRIO NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL



XII SEMANA DA EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL DO CURSO DE PEDAGOGIA DE PARNAÍBA

Livro de Anais
Volume 2

2025

**Dalva de Araújo Menezes
Fabricia Pereira Teles
Maria Ozita de Araujo Albuquerque
Samara de Oliveira Silva
(Orgs.)**

**V SEMINÁRIO NACIONAL DE
ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL**

**XII SEMANA DA EDUCAÇÃO E
SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL DO
CURSO DE PEDAGOGIA DE PARNAÍBA**

**ENCONTRO ESTADUAL DA ASSOCIAÇÃO
DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO EM
EDUCAÇÃO – ANPAE/PI**



**FUESPI
2025**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu
Vice-Reitor

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Josiane Silva Araújo
Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Raurys Alencar de Oliveira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires
Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo
Pró-Reitora Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Ivoneide Pereira de Alencar
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



Rafael Tajra Fonteles **Governador do Estado**
Themístocles de Sampaio Pereira Filho **Vice-Governador do Estado**
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**
Jesus Antônio de Carvalho Abreu **Vice-Reitor**

Administração Superior

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil **Pró-Reitora de Ensino de Graduação**
Josiane Silva Araújo **Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação**
Raurys Alencar de Oliveira **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**
Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires **Pró-Reitora de Administração**
Rosineide Candeia de Araújo **Pró-Reitora Adj. de Administração**
Lucídio Beserra Primo **Pró-Reitor de Planejamento e Finanças**
Joseane de Carvalho Leão **Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças**
Ivoneide Pereira de Alencar **Pró-Reitora de Extensão, Assuntos
Estudantis e Comunitários**

Marcelo de Sousa Neto **Editor**

Janderson dos Santos Oliveira **Projeto Gráfico**

Editora Tremembé **Diagramação**

Dalva de Araújo Menezes **Revisão**

Maria Ozita de Araújo Albuquerque
Samara de Oliveria Silva

Editora e Gráfica UESPI **E-book**

Endereço eletrônico da publicação: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/267>

- S471 Seminário Nacional de Administração Educacional (5.:2023: Parnaíba, PI) .
Livro de Anais do V Seminário Nacional de Administração Educacional:
XII Semana da Educação e Sustentabilidade Ambiental do Curso de Pedagogia
de Parnaíba, realizado de 16 a 18 de novembro de 2023, na Universidade
Estadual do Piauí - Campus de Parnaíba / Organizado por: Dalva Araújo
Menezes, Fabricia Pereira Teles, Maria Ozita de Araujo Albuquerque e Samara
de Oliveira Silva. - Teresina: FUESPI, 2025.
293p.: il; - (Livro de Anais, v.2).
ISBN Digital: 978-85-8320-273-8.
1. Educação. 2. Administração Educacional. 3. Política Educacional. 4.
Financiamento. 5. Controle Social. I. Menezes, Dalva Araújo (Org.) [et al.] . II.
Título.

CDD: 371.2

PROJETO GRÁFICO

Janderson dos Santos Oliveira
sjanderson709@gmail.com

REVISÃO

Dalva de Araújo Menezes
Maria Ozita de Araújo Albuquerque
Samara de Oliveria Silva

DIAGRAMAÇÃO

Editora Tremembé
@editoratremembe

APRESENTAÇÃO

Este Livro 2 dos Anais apresenta os Relatos de Experiências reúne práticas e vivências pedagógicas apresentadas durante a XII Semana de Educação e Sustentabilidade Ambiental do Curso de Pedagogia de Parnaíba, evento articulado ao V Seminário Nacional de Administração Educacional e ao V Encontro Estadual da ANPAE-PI, realizados de 16 a 18 de novembro de 2023, na Universidade Estadual do Piauí – Campus de Parnaíba.

A coletânea aqui publicada contempla experiências desenvolvidas nos diversos espaços da Educação Básica, especialmente por professores, estudantes e gestores que atuam diretamente nas escolas públicas. Os relatos apresentados constituem registros potentes de ações pedagógicas, projetos inovadores, práticas de gestão democrática e iniciativas de formação docente que buscam responder aos desafios cotidianos do fazer educativo.

As contribuições reunidas neste volume evidenciam a relevância do diálogo entre a universidade e a escola, permitindo que saberes construídos no chão da escola sejam reconhecidos, valorizados e sistematizados. Trata-se de um espaço de escuta, visibilidade e reflexão crítica sobre a prática, que ultrapassa a simples exposição de experiências e se propõe como uma oportunidade de formação compartilhada.

Ao dar voz aos profissionais da educação básica e aos estudantes em formação docente, este livro fortalece o compromisso coletivo com a construção de uma educação pública de qualidade social, inclusiva, participativa e transformadora. Os relatos aqui registrados refletem o esforço de sujeitos que, mesmo diante de adversidades, reafirmam cotidianamente o direito à educação e a potência da escola como espaço de resistência, criação e humanização.

Esperamos que esta publicação inspire novos projetos e contribua para o fortalecimento das redes de cooperação entre os espaços acadêmicos e escolares, reafirmando que a prática é também lugar de produção de conhecimento e deve ocupar lugar de destaque nos debates sobre a educação brasileira.

*Profa. Msc. Dalva Araújo Menezes
Profa. Dra. Fabricia Pereira Teles
Profa. Dra. Maria Ozita de Araújo Albuquerque
Profa. Dra. Samara de Oliveira Silva*

**Comissão Organizadora e Editorial
XII Semana de Educação – V SNAE – V ANPAE-PI
Universidade Estadual do Piauí – Campus de Parnaíba**

SUMÁRIO

EIXO TEMÁTICO 1**Política e Gestão da Educação Básica****CONSTRUINDO A VALORIZAÇÃO SOCIOCULTURAL DAS
COMUNIDADES INDÍGENAS PRESENTE NAS FESTAS JUNINAS
PIAUIENSE NA FESTA DO "BUMBA MEU BOI"..... 19**

Ana Paula dos Santos

Elizabeth Cristina Moreira Portela

Maria das Graças de Carvalho Cunha

Maria de Jesus Marques

EIXO TEMÁTICO 2**Política e Gestão da Educação Superior****Não houve relatos inscritos****EIXO TEMÁTICO 3****Financiamento da educação
e mecanismos de controle social****FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO E DA REFORMA AGRÁRIA NO
ESTADO DO PIAUÍ 25**

Lucineide Barros Medeiros

Maria Clara de Sousa Costa

Adilson de Apiaim

Kátia Cristina Newton Bomfim Maciel

EIXO TEMÁTICO 4**Currículos, práticas pedagógicas, diversidade
e tecnologias educacionais****A IMPORTÂNCIA DA PROMOÇÃO DA LEITURA E AUTONOMIA
DOS ALUNOS NO DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL: um relato
do café literário 30**

Laricy Fonteneles Ferreira

Tainara de Oliveira Rodrigues

Valéria Silva de Araújo

**A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO DE AUXILIAR TERAPÊUTICO
PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA. 35**

Danielle Ferreira Oliveira

Gabriele Xavier Pereira

Maria de Jesus Rodrigues Duarte

A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... 39

Danielle Ferreira Oliveira

Gabriele Xavier Pereira

Maria de Jesus Rodrigues Duarte

A LENDA DA IARA COMO FERRAMENTA POTENCIALIZADORA DA IMAGINAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DE REDE PÚBLICA EM PARNAÍBA-PIAUÍ 43

Dayane Lima da Silva

Emilli Hranda Pereira Santana

Rosangela Carvalho de Araujo

Maria Ozita de Araújo Albuquerque

A MUSICALIDADE E A DANÇA DOS POVOS INDÍGENAS NA ESCOLA CAIC - EDUCAÇÃO INFANTIL 46

Lohany Kaisley dos Reis Nascimento

Laís Priscila de Araújo Pereira

Marcia Maria Miranda Cabral de Carvalho

A PRÁTICA DA LEITURA E SUA INFLUÊNCIA NA CULTURA 50

Iana Rayelle Santos de Lima

Geyza Freitas Almeida

Maria Ozita de Araújo Albuquerque

Jucelia da Silva Chaves

A TEMÁTICA *BULLYING* NO ÂMBITO ESCOLAR, RELACIONADA AO INTERESSE PELA LEITURA. 53

Wiliana da Cunha Cordeiro

Maria Clara Caetano Menezes

Jeyla Sousa do Nascimento

Anne Karinny Veras Carvalho

APRENDENDO BRINCANDO ATRAVÉS DA CULTURA INDÍGENA. 58

Thays Souza Nunes dos Santos

Tainara de Oliveira Rodrigues

Francisca Leandra de Carvalho Barros

Márcia Maria Cabral de Carvalho

APRENDENDO BRINCANDO: a importância da brincadeira no processo de aprendizagem 62

Maria Luzinete da Conceição Damasceno

Bianca Karine Sousa Silva

Melissa Maria Gomes Carvalho

Maria Nazaré de Souza

AS REPRESENTAÇÕES DOS GRAFISMOS INDÍGENAS PARA AS CRIANÇAS: A CULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS.....66

Iasmin Maia Brito

Marjory Bianca de Souza Santos

Laysa Kailanne de Oliveira Nascimento

Davi Dos Santos Costa

Anne Karinny Veras Carvalho

ATIVIDADE LÚDICA PARA DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES: produção de barquinhos.....70

Luana do Nascimento de Paula

Ana Avelino Correia de Sousa

Luciane Maria Carvalho Cardoso

Samara de Oliveira Silva

ATIVIDADES LÚDICAS COM BRINQUEDOS DE PAPEL74

Larissa dos Santos Vieira

Jhulia Rodrigues Nascimento

Luciane Maria Carvalho Cardoso

BRINCADAS: UM RESGATE ATRAVÉS DO TEMPO79

Samia Cunhados Santos

Adryelle Vittoria Do Nascimento Silva

Michelle Martins de Oliveira

Millene Martins de Oliveira

BRINQUEDO CANTADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL82

Dalila Veloso Costa

Dayanne Oliveira da Silva

Luciane Maria Carvalho Cardoso

CIRCUITO LITERÁRIO E A PROMOÇÃO DA VALORIZAÇÃO DO PROTAGONISMO E AÇÃO ESTUDANTIL NA EXECUÇÃO DE ATIVIDADES EDUCACIONAIS86

Eduardo Hérysson Andrades de Oliveira

Maria Clara Santo de Araújo

Valeria Silva de Araújo

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E VIVÊNCIA LITERÁRIA COM CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL90

Bianca Cordeiro Lessa

Francy Rayka Xavier Almeida dos Santos

Lyanna Maira Fontenele de Oliveira

Jucelia da Silva Chaves

Maria Ozita de Araujo Albuquerque

ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: identificando a reprodução animal 94

Marina Quaresma Nunes

Luana Mamedio Barbosa

Michelle Leidiane dos Santos Holanda Almeida

Filipe Augusto Gonçalves de Melo

EXPERIÊNCIA COM A MÚSICA E COTAÇÃO DE HISTÓRIA: "Meu nome eu vou falar e Lenda Macyrajara" 99

Rian Amorim de Oliveira

Kailane Amaro Amorim

Jucelia da Silva Chaves

EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS DURANTE O EXERCÍCIO DOCENTE NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ETAPA ESCOLAR ENSINO FUNDAMENTAL 102

Eduarda Rodrigues da Silva

Luiz Ribeiro de Souza Neto

Fabrícia Pereira Teles

EXPLORANDO A CULTURA INDÍGENA COM GRAVURAS NA TURMA DO INFANTIL V..... 106

Beatriz Pereira Rodrigues

Gerson de Souza Galeno Filho

EXPLORANDO A EXPERIÊNCIA DOS BRINQUEDOS CANTADOS DE PAPEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL 109

Luana dos Santos Silva

Rute Lima dos Anjos

Luciane Maria Carvalho Cardoso

Samara de Oliveira Silva

FAZENDO SER RECONHECIDA A CULTURA INDÍGENA NO MEIO ESCOLAR 113

Vitória Shuyane Rodrigues da Silva Fernandes

Marcos Francisco da Silva Lima

INCLUSÃO DA CULTURA INDÍGENA NOS CONTEÚDOS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL 117

Vanessa Rocha de Sousa

Edivania Silva da Rocha

Fabrícia Pereira Teles

INFÂNCIA, CRIANÇA, EDUCAÇÃO, DIREITOS E TRABALHO INFANTIL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA..... 121

Luiz Ribeiro de Souza Neto

Luiz Gonzaga de Carvalho Neto

Emerson Benedito Ferreira

LANCHE LITERÁRIO: uma atividade que transforma alunos em protagonistas do aprendizado 126

Maria Clara Santo de Araújo

Eduardo Hérysson Andrades de Oliveira

Valeria Silva de Araújo

LEITURA E PRODUÇÃO CRIATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL: tecendo a escrita através da ludicidade 130

Fernanda Sousa de Oliveira

Gabriele Santos Lisboa

Emerson Cardoso Siqueira

Dryelle Patricia Silva e Silva

LEVANDO A CULTURA INDÍGENA ATÉ A SALA DE AULA 133

William da Silva Alvez

Jessiara da Silva Cardoso

Samara de Oliveira Silva

Edimar José Souza

LÚDICO E EDUCAÇÃO: atividade lúdica como ferramenta auxiliar do ensino e aprendizagem 137

Kelynnne Ellen Marçal de Sousa

Antônia Beatriz Souza do Nascimento

Ana Paula dos Santos

Maria de Nazaré Ferreira de Souza

NUNCA MAIS UM BRASIL SEM NÓS 140

Francisco Das Chagas Lima

Fabrícia Pereira Teles

NUNCA MAIS UM BRASIL SEM NÓS: pela honra e valorização dos povos indígenas: um relato do estágio no 1º ano do ensino fundamental 144Alexsandra M^a Leocadio Lima

Jheniffer Gomes Lima

Fabrícia Pereira Teles

O USO DA ARGILA E A PRODUÇÃO DE CERÂMICA ARTESANAL NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL 148

Davi dos Santos Costa

Laysa Kailanne de Oliveira Nascimento

Iasmin Maia Brito

Marjory Bianca de Souza Santos

Anne Karinny Veras Carvalho

OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE O USO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DENTRO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM UMA TURMA DE 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL..... 152

Maria Isabela Val de Oliveira
Melissa Maria Gomes Carvalho
Maria Clara Caetano Menezes

OS POVOS ORIGINÁRIOS E SUA CULTURA: vivências com as crianças do 4º ano da Escola Municipal Benedito dos Santos Lima - Parnaíba (PI) 157

José Mailson dos Santos Sales
Mariana Correia Pires Cruz
Maria de Jesus Marques

PEDAGOGIA TRANSVIADAS: formação de professores para uma educação que respeite as diferenças 160

Lucas Miguel Perfeito Rodrigues
Ruan Nunes Silva

PIBID: oportunidade de formação continuada para os professores da educação básica enquanto supervisores do programa 165

Érica Fernanda Alves do Nascimento

PRODUÇÃO DE COSTUMES: confecção de brinquedos e instrumentos de origem indígena 169

Iasmim da Silva Ferreira
Estephany de Moura Miranda
Maria de Jesus Marques Duarte

PROJETO BRINCADAS: um regate das brincadeiras tradicionais.173

Lorrana Alves Dos Santos
Adryelle Victória do Nascimento Silva
Maria Luzinete da Conceição Damasceno
Samia Cunha dos Santos
Fabricia Pereira Teles

RECURSOS DIVERSIFICADOS DENTRO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA: a experiência no uso combinado da musicalidade e do poema no ensino fundamental..... 177

Melissa Maria Gomes Carvalho
Isabela Val de Oliveira
Maria Luzinete da Conceição Damasceno
Anne Karine Veras Carvalho

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE TERESINA..... 182

Maria Helena Ferreira da Costa
Gustavo Andrade Durão

RELATO DE EXPERIÊNCIA: "História do bumba meu boi: a tradição da cultura indígena presente nos dias atuais" 186

Ana Letícia Félix dos Santos
Sergina Maria Barros Pereira
Maria de Jesus Marques Duarte
Samara de Oliveira Silva

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA ATIVIDADE LENDA MACYRAJARA 189

Marine Nunes Sousa
Patricia Batista da Silva
Jucelia da Silva Chaves
Maria Ozita de Araújo Albuquerque

RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIADO NO ENSINO FUNDAMENTAL, SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NO 4º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL BENEDICTO DOS SANTOS LIMA - PARNAÍBA-PI..... 192

Marcus Vinicius Bevilaqua Vieira
Angela Cristina Almeida Coutinho
Mara de Souza Paixão

RELATO DE EXPERIÊNCIA: explorando a origem, os cordelistas e a cultura popular através da leitura e criação de cordéis pelos alunos 196

Maria de Jesus Nascimento Galeno
Lorranny de Fatima Souza Barros
Samara de Oliveira Silva

RELATO DE EXPERIÊNCIA: introdução à cultura indígena na educação escolar..... 200

Luzia de Oliveira Marques
Izabelle Cristiny Rodrigues Menezes

RESGATANDO VALORES, CULTURA E IDENTIDADE DOS POVOS ORIGINÁRIOS NO MEIO ESCOLAR 204

Vitória Shuyane Rodrigues da Silva Fernandes
Marcos Francisco da Silva Lima

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: fortalecendo a formação docente e enriquecendo o ensino de ciências na educação básica – um relato de experiência 208

Maria Edilane Santos de Sousa
Michelle Leidiane dos Santos Holanda Almeida
Filipe Augusto Gonçalves de Melo

SOCIALIZAÇÃO DO PROJETO “NUNCA MAIS UM BRASIL SEM NÓS: pela honra e valorização dos povos indígenas.” nas turmas do 1º e 5º ano da escola municipal Maria das Graças Lopes Bezerra no município de Parnaíba-Piauí 212

Lucas Henrique dos Santos Martins
Luiz Gonzaga de Carvalho Neto

TECNOLOGIA À SERVIÇO DA EDUCAÇÃO: visitando o Museu Nacional 217

Jeyla Sousa do Nascimento
Carlos Xavier da Silva
Wiliana da Cunha Cordeiro
Valéria Sousa de Araújo

TEORIA E PRÁTICA: EXPERIÊNCIAS FORMADORAS A PARTIR DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA..... 221

Aline Teles de Carvalho Pinto
Gabriele Rodrigues
Fabricia Teles

EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL PELO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGOGIA 225

Krysnna Helen Assis de Paula

TRABALHANDO COM ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA AJUDAR A COMBATER COM A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA- EXPERIÊNCIA NA ESCOLA BENEDICTO DOS SANTOS LIMA ... 228

Waldira Andreina Reis
Michelle Martins de Oliveira
Rosangela Caralho de Araujo
Samara de Olliveira Silva

VALORIZAÇÃO DA ARTE E DA CULTURA INDÍGENA ATRAVÉS DA PINTURA CORPORAL 232

Francisca Leandra de Carvalho Barros
Gabriele Silva Lima
Thays Souza Nunes dos Santos
Márcia Maria Miranda Cabral de Carvalho

VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA ATRAVÉS DAS PINTURAS CORPORAIS E GRAFISMOS: uma experiência pedagógica de sensibilização e aprendizado significativo 236

Lorranny de Fatima Souza Barros
Maria de Jesus Nascimento Galeno

EIXO TEMÁTICO 5**Trabalho, formação e valorização docente****A IMPORTÂNCIA DO DEBATE E CONSCIENTIZAÇÃO DAS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING: um relato de experiência do programa residência pedagógica..... 241**

Maria Luiza Sousa Santos

Gisele de Brito Delfino

Thiago Costa dos Santos

Filipe Augusto Gonçalves de Melo

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM ALTOS – PI DURANTE A PANDEMIA: relato de experiência..... 245

Thathyany Freitas Miranda

FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR ATRAVÉS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: uma experiência de regências individuais na Educação Infantil 250

Nycolle Brenda de Carvalho Veras

Fabrícia Pereira Teles

Patrícia da Silva Santos

INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO RESIDÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DOCENTE..... 254

Augusto César Veras Vieira

Tamiris Viana da Cruz

Fabrícia Pereira Teles

O PERFIL DOS GESTORES ESCOLARES DA REDE MUNICIPAL DE PICOS - PI: o gênero e suas retribuições 258

Isnayane Thayse Ferreira

Romildo De Castro Araújo

PROJETO “NUNCA MAIS UM BRASIL SEM NÓS”: PELA HONRA E VALORIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS: experiências do residência pedagógica 262

Luana de Pinho Veras

Fabrícia Pereira Teles

RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PARNAÍBA-PI 265

Maria dos Navegantes Pereira de Oliveira Carneiro

Fabrícia Pereira Teles

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA: um panorama da realidade do ensino médio..... 269**

Thiago Costa dos Santos

Maria Luiza Sousa Santos

Filipe Augusto Goncalves de Melo

**RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA COMO FERRAMENTA
IMPULSIONADORA NA FORMAÇÃO DOCENTE 273**

Maria de Jesus Miranda Nunes

Patrícia da Silva Santos

Fabrícia Pereira Teles

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: impactos na formação docente ... 278

Edjael Carvalho de Almeida

João Vitor da Silva dos Santos

Fabrícia Pereira Teles

**IMPACTOS NA QUALIDADE EDUCACIONAL E NA EXPERIÊNCIA
DOS ALUNOS 282**

Samuel Borges Sousa Silva

Isnayane Thayse Ferreira

**VIVÊNCIA NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO À
DOCÊNCIA- PIBID 286**

Elizabeth Cristina Moreira Portela

Tainara Araujo de Sousa

Kelynnne Ellen Marcal de Sousa

Maria de Nazaré Ferreira de Sousa

EIXO TEMÁTICO 6**Planejamento da Educação, cooperação federativa
e regime de colaboração entre sistemas na educação****Não houve relatos inscritos****EIXO TEMÁTICO 7****Educação, meio ambiente e sustentabilidade****O DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS COM A
UTILIZAÇÃO DA LENDA DA MANDIOCA 292**

Janaina Alves de Oliveira

EIXO TEMÁTICO 1

**POLÍTICA E GESTÃO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

CONSTRUINDO A VALORIZAÇÃO SOCIOCULTURAL DAS COMUNIDADES INDÍGENAS PRESENTE NAS FESTAS JUNINAS PIAUIENSE NA FESTA DO "BUMBA MEU BOI"

Ana Paula dos Santos- UESPI

anapdossantos@aluno.uespi.br

Elizabete Cristina Moreira Portela- UESPI

elizabetecmp@aluno.uespi.br

Maria das Graças de Carvalho Cunha- UESPI

mariadasgdecc@aluno.uespi.br

Maria de Jesus Marques3- UESPI

dudemarques@phb.uespi.br

Introdução

Tendo em vista a desvalorização da cultura indígena, é importante desconstruir a visão discriminatória e restrita que foi sendo produzida pela sociedade ao longo dos anos, ao mesmo tempo enfatizar a vivacidade de hábitos, costumes e ritos presentes na nossa sociedade e tão latentes na cultura brasileira, e de que forma esses hábitos estão presentes nas festividades juninas, dando enfoque à história do "Bumba meu boi", dos personagens, gêneros alimentícios e rituais, que muitas vezes são praticados de forma espontânea, sem que haja a compreensão dos mesmos. O enfoque deste projeto visa ampliar os olhares e estudos voltados para a cultura indígena e a valorização da sua história, sendo construída dentro da comunidade escolar, levando informações verdadeiras sobre a trajetória dessa comunidade.

Deste modo, o projeto teve como objetivo desenvolver na escola, práticas que mostre a importância de valorizar os povos indígenas e sua cultura, além de transmitir para as crianças, os conhecimentos adquiridos por esses povos praticados em sua rotina. Por isso, faz-se necessário o desenvolvimento e a aplicabilidade de atividades em sala de aula, a fim de que os educandos reconheçam através de materiais (confeccionados por eles e visualizados), contação de história e material concreto (personagens do "Bumba meu boi"), a cultura indígena e seus hábitos. Por tanto, buscando a conscientização prática e a valorização dos povos indígenas, para se manter viva e respeitada os educandos tiveram contato com as lendas tradicionais da história do Boi, para em seguida compreender a importância de uma dança tão presente no mês junino em sua comunidade, os mesmos puderam compreender a importância e a sin-

gularidade dos membros das tribos e o respeito por uma sociedade que se faz viva até os dias de hoje.

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar de forma clara e objetiva a atividade referente ao subprojeto, que tem por tema “Nunca mais um Brasil sem nós; Pela honra e valorização dos povos indígenas”, caracteriza-se como mecanismo de incentivo a prática e conscientização sobre a cultura indígena direcionada às turmas do ensino fundamental, realizada em uma escola da rede municipal da cidade Parnaíba, Escola Dr. João Silva Filho, situada em zona rural onde o nível de escolaridade das famílias é baixo, sendo em sua maioria pescadores artesanais. A turma a qual a atividade foi aplicada encontra-se no segmento de sala multisseriada de 1º/2º ano, como objetivo de apresentar elementos da cultura indígena presentes nas festas juninas piauienses, na festa do “Bumba meu boi”. A apresentação da atividade aconteceu inicialmente em uma roda de conversa, buscando explorar os conhecimentos prévios de cada criança, onde pudemos trabalhar a oralidade, por meio da socialização, em seguida iniciamos um processo de apresentação da temática por meio de contação de histórias, seguida da produção de materiais pelos alunos.

Nessa perspectiva ao promover as atividades aos alunos, trabalhando a importância e a valorização da cultura indígena e o quanto presente ela se faz em nosso meio, nos foi permitido perceber uma grande curiosidade e interesse dos alunos em aprender mais sobre os povos indígenas e a partir disso foi possível sentir uma grande evolução dos discentes referente à sensibilidade da identificação das raízes indígenas em muitas atividades, comidas e danças que temos em nosso cotidiano, em como eles evoluíram em sua oralidade e na interação com os demais colegas. A importância de se manter a cultura e perceber as semelhanças na nossa civilização. Segundo a professora Tassinari (1995, p. 448)

[...] mesmo as “sociedades indígenas” e a “nossa sociedade”, em uma perspectiva mais ampla, podem ser identificadas, ou seja, podemos constatar elementos em comum. Neste caso, reconhecemos como semelhantes aquelas características que são comuns à espécie humana: todos nós atribuímos significado ao mundo e às nossas ações, todos nós vivemos em sociedades e estabelecemos maneiras de relacionamento entre as pessoas, todos nós elaboramos formas de contar o tempo e de explicar o devir histórico, por exemplo o final da aplicação do projeto os educandos apresentaram relatos orais, exposição de danças e dramatizações, a fim de explicitar todo o conhecimento adquirido. Dessa forma, percebe-se a importância do projeto PIBID dentro das escolas

públicas, resgatando valores culturais e trabalhando de forma lúdica o tema proposto.

Através da contação e socialização dessa história os alunos puderam compreender com mais facilidade e clareza o quão imersos estamos em alguns costumes e tradições indígenas que estão conosco desde os primórdios, mesmo que não se perceba diretamente. Deste modo, é notável a importância da realização do subprojeto e o trabalho desse tema tão relevante.

Desenvolvimento

Durante a execução do projeto pudemos aprimorar a prática docente dentro dos espaços públicos escolares e vivenciar as dificuldades pedagógicas dentro das escolas e perceber ainda, a dificuldade em se trabalhar propostas pedagógicas em salas multisseriadas, pois os níveis de ensino muitas vezes dificultam a eficácia das atividades. Ressaltando ainda, os prejuízos deixados pela pandemia na vida escolar dos educandos, ao tempo em que o desafio proposto de levar cultura e dinamismo nas aulas para esse público se torna algo prazeroso dentro do processo educativo na prática pedagógica nos faz querer aprimorarmos quanto ao processo de ensino e reavaliar a prática educativa. Relato de Experiência deverá apresentar as ações realizadas no campo do ensino e gestão do sistema e unidades escolares.

Considerações finais

Ingressar no PIBID foi de grande valia para mim, tive muito aprendizado da teoria pois através da experiência de poder estar em sala de aula, tendo contato de forma direta com os alunos, os ensinando e também aprendendo com eles foi muito enriquecedor, agregando bastante à minha formação. O programa é uma experiência incrível e transformadora, nos faz ter a certeza do quão revigorante pode ser estar em sala, ajudar a mudar a vida de muitas crianças, criando vínculos ao longo do caminho, porque o PIBID é isso, criar vínculos, ajudar as pessoas, ensinar e aprender com elas, buscando a melhor forma possível de passar um conteúdo, entendendo através da análise as melhores estratégias de trabalhar os discentes. seção, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões das experiências vivenciadas.

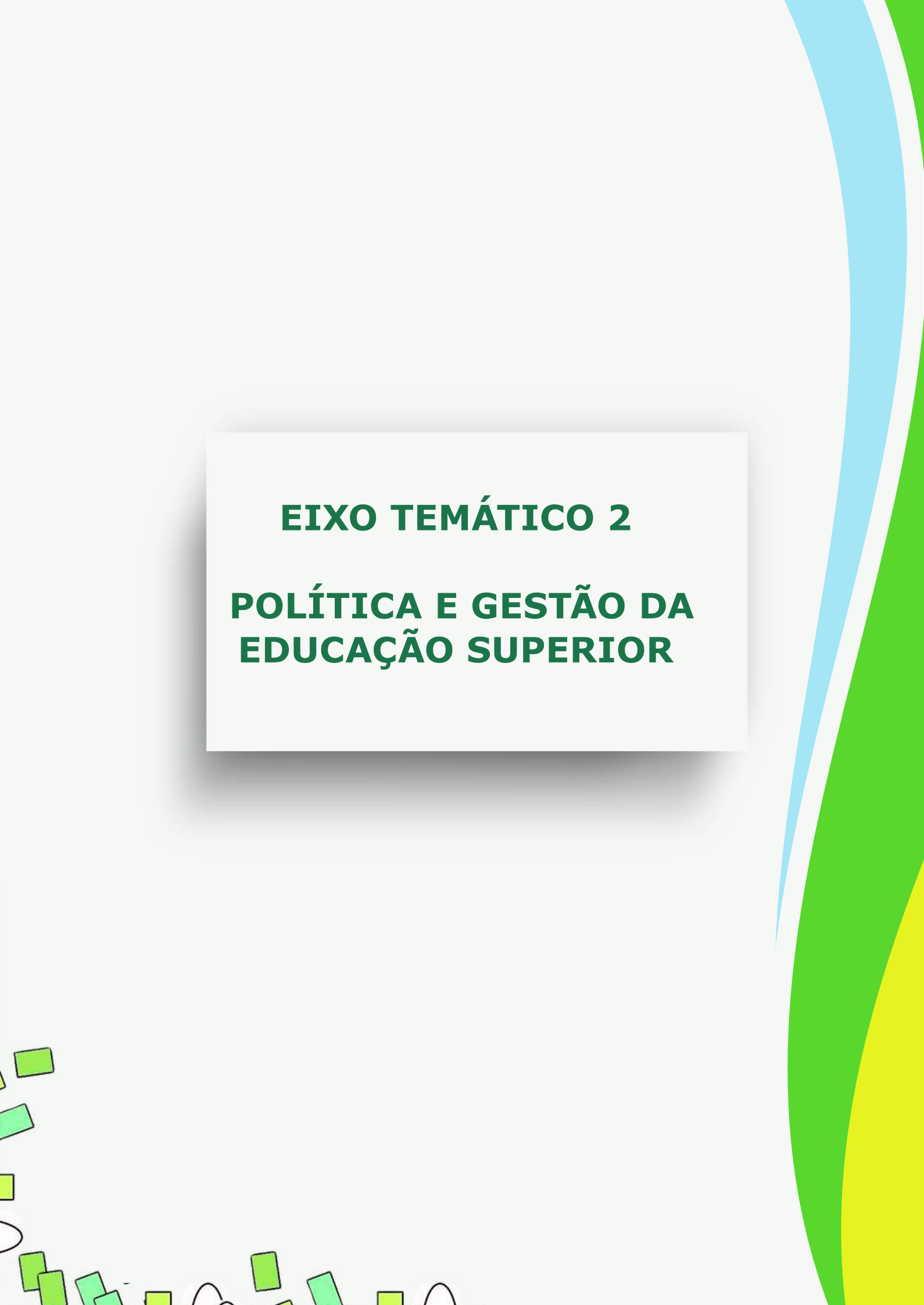
Referências

LIVROS Infantis para trabalhar costumes, cultura e tradições dos povos indígenas. Vivescer, 2022. Disponível em: <https://vivescer.org.br/obras-indigenas/>. Acesso em: 23 de abril de 2023

SANTOS, Lara. 7 obras de arte e artistas que abordam o tema indígena. Catraca livre, 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/7-obras-de-arte-e-artistas-que-abordam-o-tema-indigena/>. Acesso em: 23 de abril de 2023

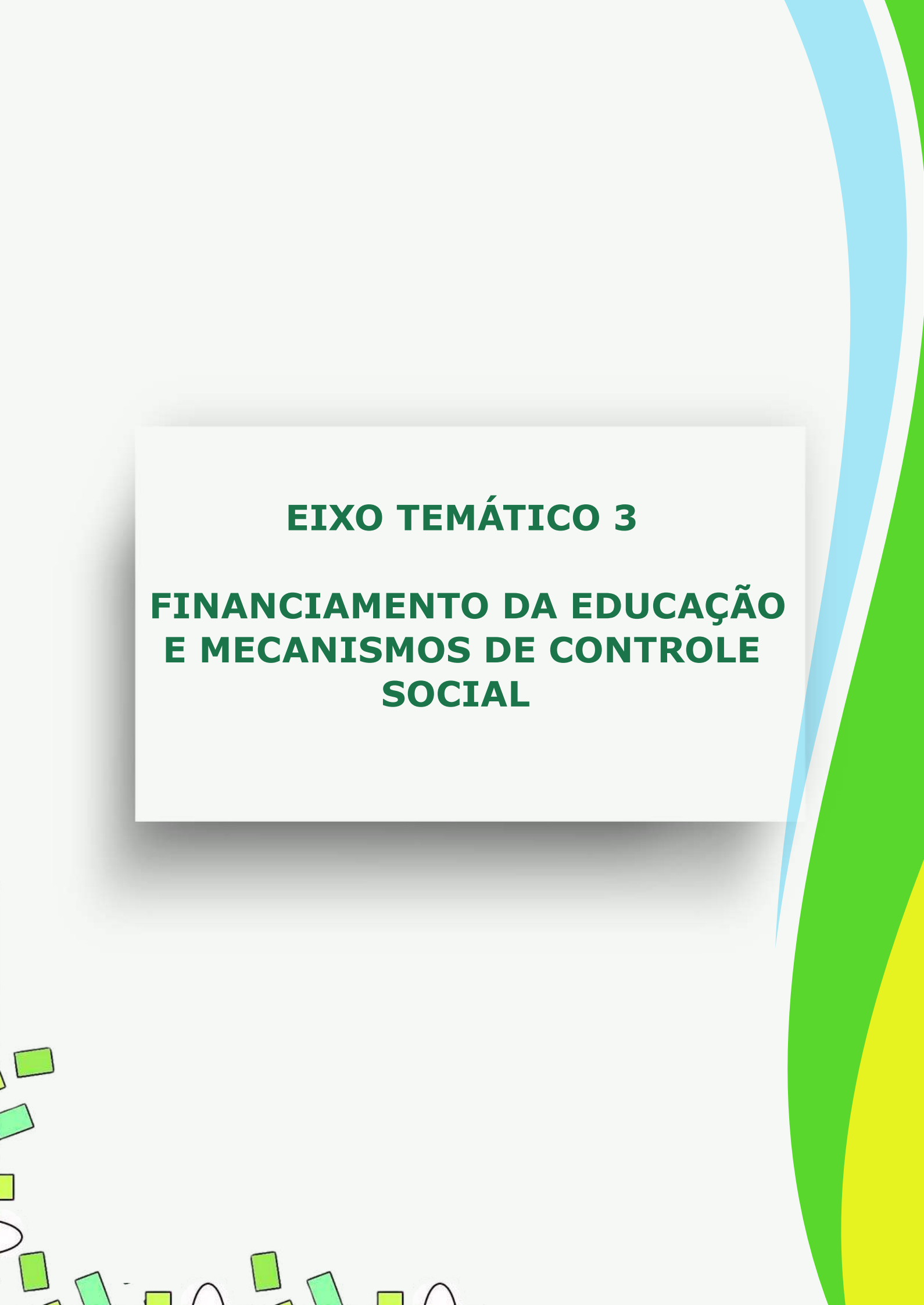
LODY, Raul Giovanni da Motta (Org). Á mesa com Gilberto Freyre. 2. ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009. 128 p. II. (A Formação da Culinária Brasileira. Á Mesa Brasileira, 1). Publicado em parceria com a Fundação Gilberto Freyre. ISBN 978-85-7458-266-5.

WERÁ, K. A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio. 2 edição. Editora Peirópolis, 8 de dezembro de 2020 em seguir as normas atuais e em vigor da ABNT.



EIXO TEMÁTICO 2

POLÍTICA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR



EIXO TEMÁTICO 3

FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO E MECANISMOS DE CONTROLE SOCIAL

FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO E DA REFORMA AGRÁRIA NO ESTADO DO PIAUÍ

Lucineide Barros Medeiros – UESPI

Maria Clara de Sousa Costa – UESPI

Adilson de Apiaim - UESPI

Kátia Cristina Newton Bomfim Maciel - UESPI

Introdução

Tem-se como objetivo neste trabalho situar a realidade da matrícula na escola do meio rural no Piauí e do financiamento da política de reforma agrária no Estado, considerando a relação entre a oferta de matrícula e de escola de qualidade e a permanência no território.

Adotou-se a abordagem qualiquantitativa (Trivinões, 2008), no tratamento de dados documentais (Fávero e Centenaro, 2019) produzidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), sistematizados e disponibilizados na Plataforma do Laboratório de Dados Educacionais da Universidade Federal do Paraná, bem como dados extraídos nos Balanços Gerais do Estado do Piauí, disponibilizadas pela Secretaria estadual de Planejamento.

Inicialmente apresenta-se os dados sobre matrícula e sobre o financiamento público da reforma agrária considerando a classificação oficial da despesa orçamentária e, na sequência, considerações analíticas ancoradas na base teórica de referência, tendo em vista desafios e superação da questão agrária brasileira, que tornou possível a proposta de Educação do Campo, como parte do enfrentamento à exclusão educacional pelos movimentos sociais do campo.

Desenvolvimento

Considerando a situação comparativa da matrícula no Piauí, na rede pública estadual e municipal, desde a creche ao ensino médio no meio rural, observa-se que houve queda, tanto no meio urbano como rural, porém a mais significativa foi no meio rural, de 29%, enquanto no urbano foi de 13,8%, acentuando-se entre 2011 e 2012, decrescendo nos anos seguintes, porém, com certa estabilidade e voltando a crescer no ano de 2020.

TABELA 1 - Piauí - Número de Matrículas - rede federal, estadual, municipal - creche, pré-escola, ensino fundamental - anos iniciais e anos finais do ensino fundamental e ensino médio (2011 a 2020) e Recursos aplicados na Função Organização agrária no Orçamento Geral do Estado do Piauí (2011-2022)

Ano	Matrícula rede urbana	Matrícula rede rural	Função "organização agrária" - recursos aplicados (R\$)
2011	521.587	222.155	204.903,71
2012	507.448	212.289	2.503.868
2013	492.585	204.156	914.242,00
2014	479.797	197.832	1.897.385,00
2015	466.392	190.824	180.799,00
2016	465.202	183.802	705.752,00
2017	464.549	180.117	2.952.081
2018	459.563	171.672	3.718.258,00
2019	453.369	163.617	2.029.331,00
2020	449.116	157.171	-

Fontes: Elaborado pelo Laboratório de Dados Educacionais a partir dos microdados do Censo Escolar/INEP 2011 - 2020 e Balanço Geral Estado do Piauí (SEPLAN-PI) 2011-2020.

Vale salientar que as escolas do rural são historicamente desfavorecidas do ponto de vista de sua infraestrutura e do provimento do quadro docente. Verifica-se que o financiamento da Função organização agrária se manteve em estabilidade variando de 0,0 a 0,04% ao longo dos anos e, curiosamente, no ano de 2020 essa função foi suprimida do Orçamento Geral do Piauí, apesar da manutenção do órgão para o qual os recursos da organização agrária vinham sendo dirigidos, o INTERPI, órgão autárquico criado em 1980, com o objetivo de executar a política fundiária do Estado, promovendo a discriminação e arrecadação de terras devolutas, na forma da legislação federal e estadual, visando o reconhecimento das posses legítimas das terras que no Piauí, que em sua maior parte no momento inicial de arrecadação feita pelo poder público foi integrada ao patrimônio do Estado como terras devolutas e de acordo com o Artigo 200, art. 198, § 2º, da Constituição de 1988, essas terras públicas e devolutas deverão ser utilizadas para assentamento de famílias de origem rural.

Compreende-se que as transformações no meio rural brasileiro não podem se fazer sem a presença do estado, através da realização de políticas públicas que confirmem a perspectiva do direito, assegurando estrutura e financiamento adequado às escolas e processos formativos, podendo, desse modo, assegurar a matrícula e contribuir para a superação da questão agrária,

que perdura no Brasil desde a colonização, perpassando o escravismo e o desenvolvimento capitalista, em suas diferentes facetas.

Na expressão dessa realidade a concentração da terra e a organização das forças produtivas são funcionais à manutenção de gravíssimas desigualdades, asseguradas na expropriação, expulsão, extração e a exploração do trabalho, dos territórios e da natureza (FERNANDES, 2001; PRADO JÚNIOR, 2007).

É neste contexto que o movimento de promoção da Educação do Campo reivindica política de financiamento condizente com as especificidades do território e das exclusões históricas. Também denuncia que o financiamento é um problema persistente e ao mesmo tempo um entrave à superação da realidade apresentada, pois no contexto da dinâmica fundiária, latifundista e monopolista com “[...] técnicas de produção precárias e limitadamente voltadas para a agricultura, fez com que este espaço ficasse à margem de políticas públicas de financiamento para educação” (GAMA, 2008, p.14).

Essa dinâmica se desenvolve na atualidade em face dos embates entre os interesses do agronegócio e de comunidades camponesas, de agricultores familiares, quilombolas e indígenas (STÉDILE, 2005; FERNANDES, 2001), com recursos orçamentários e realização de ações que favoreçam as condições de permanência no território de camponeses e agricultores familiares.

Considerações finais

A realidade da queda na matrícula, a baixa qualidade da infraestrutura e o quadro insuficiente de docentes nas escolas da educação básica no meio rural, requer maiores investimentos financeiros na política de Educação do Campo e na política de Reforma Agrária. Porém, se considerarmos que a lógica de distribuição dos recursos do FUNDEB, que é o principal mecanismo de financiamento da educação básica, em cada ano-exercício leva em consideração o número de alunos matriculados informados no Censo Escolar do ano anterior, podemos afirmar que este mecanismo é limitado diante da prevalência da problemática complexa que circunda a escola do meio rural, determinada na questão agrária.

Referências

FÁVERO, Altair Alberto; CENTENARO, Junior Bufon. A pesquisa documental nas investigações: potencialidades e limites. **Revista Contrapontos**. [eletrônica] vol. 19, n. 1; Itajaí; jan/dez, 2019.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão agrária, pesquisa e MST.** São paulo: Cortez, 2001.

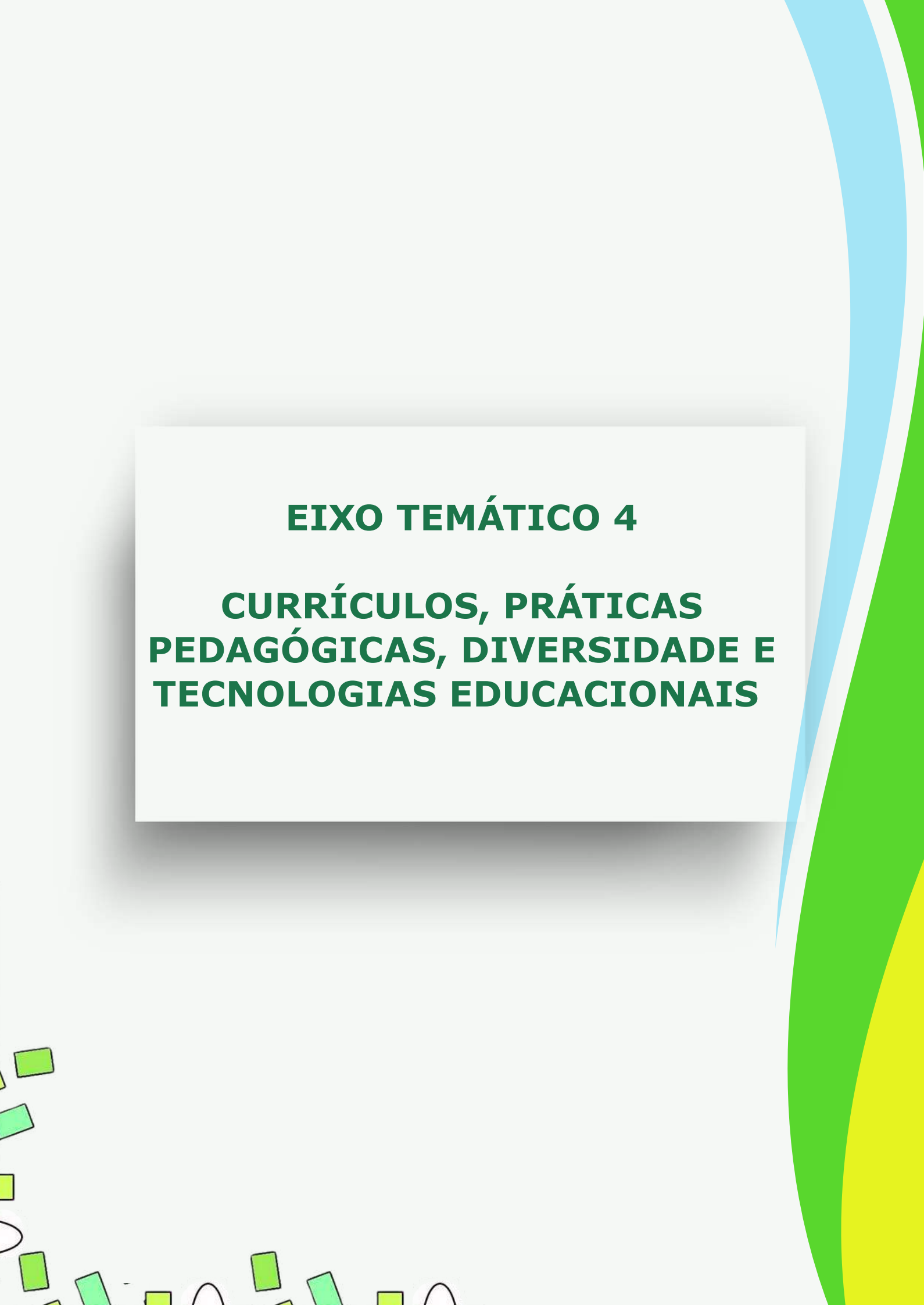
GAMA, Sônia Maria Fonseca. **Financiamento da educação do campo na Amazônia paraense: uma análise nos investimentos do Ministério da Educação no estado do Pará.** Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado em Educação. Belém, 2008.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Ir; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação básica do campo.** Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

PRADO JÚNIOR. A questão agrária. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, 1(1), s.p, 2009. Disponível em: https://siposg.furg.br/selecao/download/1123/pesquisa_documental.pdf.

STEDILE, João Pedro. **A Questão Agrária no Brasil:** o debate tradicional – 1500-1960. In.: STEDILE, João Pedro (org.). **A questão agrária no Brasil: o debate tradicional – 1500-1960.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. 16 reimpr. São Paulo: Atlas 2008.



EIXO TEMÁTICO 4

**CURRÍCULOS, PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS, DIVERSIDADE E
TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS**

A IMPORTÂNCIA DA PROMOÇÃO DA LEITURA E AUTONOMIA DOS ALUNOS NO DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL: um relato do café literário

Laricy Fonteneles Ferreira – UESPI

E-mail: Laricyff@aluno.uespi.br

Tainara de Oliveira Rodrigues - UESPI

E-mail: Tdeor@aluno.uespi.br

Valéria Silva de Araújo – UFPI

E-mail: waleryval@hotmail.com

Introdução

O presente relato expõe informações referentes ao desenvolvimento da atividade “Café Literário” com a supervisão da professora Valéria Silva de Araújo. Os procedimentos realizados pelos acadêmicos fundamentam-se no contexto contemporâneo, no qual se acredita que a leitura da palavra equivale à leitura do mundo, dado que a construção do conhecimento repousa na capacidade de se manter diariamente desperto para o mundo real. O incremento da prática da leitura se traduz em uma melhoria na habilidade de escrita, expressão verbal e, por conseguinte, na formação do indivíduo como um cidadão crítico e participativo.

A referida atividade foi implementada na Escola Benedito dos Santos Lima, mais especificamente em uma turma de quinto ano, com o propósito de promover a necessidade da leitura ativa no processo educacional, assim como de fomentar a autonomia dos alunos na construção de seu conhecimento histórico e social. O intuito era inculcar nos estudantes o hábito da leitura compartilhada, a fim de estimular sua curiosidade para além do ambiente escolar, valorizando a literatura infantil como um suporte para o enriquecimento do imaginário dos educandos. Adicionalmente, a atividade buscava incentivar a prática da leitura como meio de contribuir para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, sensoriais, linguísticas e sociais dos alunos. A escolha e desenvolvimento da atividade está sustentada pelo artigo 2º parágrafo II da lei 13.696/2018, no que diz respeito a instituição da Política Nacional de Leitura e Escrita, que resalta:

II - O reconhecimento da leitura e da escrita como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as con-

dições para exercer plenamente a cidadania, para viver uma vida digna e para contribuir com a construção de uma sociedade mais justa (Brasil, 2018).

O Café literário desempenhou um papel de suma importância, proporcionando uma excelente oportunidade para os alunos cultivarem o gosto pela leitura e superarem as dificuldades de aprendizado, atendendo às necessidades daqueles que ainda não conseguem dominar plenamente essa habilidade. Avaliamos que a atividade obteve êxito não apenas do ponto de vista acadêmico, mas também no que diz respeito à partilha de conhecimentos e à superação de inibições, timidez e vergonha por parte dos alunos. De modo significativo, a atividade impactou a percepção dos docentes envolvidos, permitindo que eles desempenhassem um papel mais secundário e ouvissem mais atentamente os alunos.

Desenvolvimento

A abordagem metodológica empregada fundamentou-se na necessidade de oferecer aos nossos estudantes um processo estruturado que visasse à criação de conhecimento coletivo e à sua subsequente partilha, fomentando um espaço dedicado a apreciação e discussão literária, proporcionando aos mesmos a oportunidade de realizar reflexões pessoais e de aprofundar seus conhecimentos teóricos por meio de uma interação dialógica na forma de uma roda de conversa.

A instituição educacional representa o ambiente ideal para a progressão do desenvolvimento cognitivo infantil, e a aquisição da habilidade de leitura é um dos desafios fundamentais a serem superados por crianças desde o início de sua jornada escolar. Nesse contexto, mais do que em qualquer outro, a prática da leitura deve ser concebida como uma fonte rica de aprendizado, como explicado por Solé:

Espera-se que os alunos possam ler textos adequados para a sua idade de forma autônoma e utilizar os recursos ao seu alcance para referir as dificuldades dessa área – estabelecer inferências, conjecturas; reler o texto; perguntar ao professor ou a outra pessoa mais capacitada (...)” (Solé, 1998, p. 48).

O ato de ler se revela como uma ferramenta de extrema relevância, compreendendo que, quando executada com destreza, não apenas enriquece nossa formação como cidadãos dentro dos termos históricos e sociais, mas também nos permite explorar os recantos da nossa imaginação e viajar por diversos lugares. Através da leitura somos capazes de expandir nossos horizontes intelec-

tuais, compreender melhor o mundo que nos cerca e nutrir nossa criatividade, uma vez que “ler é engajamento existencial. Quando dizemos ler, nos referimos a todas as formas de leitura. Lendo, nos tornamos mais humanos e sensíveis” (Cavalcanti, 2002, p.13).

Nesse sentido, dentro do ambiente da sala de aula, a leitura torna-se imperativo para a formação do educando, uma vez que detém a competência de expandir conceitos e vivências para além das fronteiras individuais de cada realidade, transcendendo os limites físicos da instituição escolar.

Antes da realização do evento Café Literário, procedemos a seleção e distribuição de contos entre os grupos previamente formados na sala de aula e organizamos a contribuição alimentar de cada grupo para o café. Dessa maneira, efetuamos a atividade do café literário no dia 1º de junho de 2023. Para realização da atividade a configuração da sala de aula foi alterada, posicionando as carteiras em formato circular e solicitando aos alunos de cada grupo que sentassem próximo uns dos outros.

Iniciamos a atividade de maneira informal, encorajando a participação geral e promovendo uma discussão a respeito das experiências dos alunos ao lerem os contos selecionados, experiência essa que, de acordo com as declarações dos alunos, foi positiva. Alguns relataram nunca ter participado de atividade semelhante, enquanto outros expressaram um apreço notável pelos contos selecionados, chegando inclusive a solicitar sugestões para leituras adicionais. Após a conclusão desse estágio inicial, elaboramos uma lista de sequência para as apresentações dos grupos. Os alunos tiveram a oportunidade de se expressar, dirigindo-se ao centro do círculo, a fim de discorrer sobre o conto que leram.

Durante as apresentações, os discentes compartilharam suas impressões, narrativa, personagens, bem como aspectos do enredo que consideraram notáveis. Também mencionaram quais elementos os cativaram e quais desafios encontraram, incluindo aspectos que precisaram pesquisar devido ao desconhecimento. Além disso, responderam a questionamentos feitos tanto pelos colegas quanto pelos educadores presentes.

Finalizada a etapa dedicada à leitura, procedemos à conclusão do café literário com lanche coletivo para todos os presentes. Observamos que, mesmo nesse momento dedicado ao lanche, os alunos continuaram a interagir e discutir as leituras entre si. Notavelmente, essa interação ocorreu de forma espontânea, sem intervenção ou questionamento por parte dos educadores, o que

evidenciou o êxito da atividade. A ação, planejada e executada, demonstrou um notável potencial para a intercâmbio de conhecimento e interação, pois os alunos compartilharam entre si as informações recebidas. Além disso, quando um aluno estava ouvindo o grupo que estava fazendo a apresentação, formulou indagações pertinentes em relação ao conto em discussão, ampliando, assim, seu acervo de conhecimentos, não se restringindo apenas à obra que tinham lido previamente.

Sob a perspectiva dos docentes envolvidos na atividade, é notório como a promoção da leitura possibilitou às crianças a descoberta de um mundo novo. Em outras palavras, a introdução delas à prática da leitura auxiliou-as, favorecendo-as se reconhecerem como participantes desse mundo, desenvolvendo uma compreensão mais profunda de suas origens, bem como das origens daqueles com quem convivem. Além disso, essa experiência as capacitou a explorar não apenas culturas distintas, mas também a degustar narrativas de diversos locais, expandindo assim seu horizonte cultural.

Considerações finais

A realização do Café Literário demonstrou-se extremamente positiva e valiosa para o desenvolvimento dos alunos, a receptividade entusiástica por parte deles reflete a importância de promover a leitura desde cedo. Esta atividade não apenas proporcionou um enriquecimento para o currículo dos estudantes, mas também incentivou o hábito da leitura e o compartilhamento de conhecimento.

Através dela, os alunos tiveram a oportunidade de explorar diferentes contos literários, desenvolver suas habilidades de comunicação e expressão, além de fortalecerem sua compreensão do mundo que os cerca. O entusiasmo demonstrado por eles ressalta a importância de continuar promovendo atividades que estimulem a leitura, consolidando assim uma base para o crescimento acadêmico e pessoal de cada estudante das nossas escolas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 13.696**, de 12 de julho de 2018. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13696-12-julho-2018-786975-publicacaooriginal-156036-pl.html>
Acesso em: 20 de out. 2023.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação. São Paulo: Paulus, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO DE AUXILIAR TERAPÊUTICO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

Danielle Ferreira Oliveira – UESPI

danielleferreira007@gmail.com

Gabriele Xavier Pereira – UESPI

gabrielexavierpereira5@gmail.com

Maria de Jesus Rodrigues Duarte – UFPI

mariajesus34533@gmail.com

Introdução

O presente trabalho visa discorrer sobre a importância de atrelar a teoria apreendida na Universidade com a prática do exercício da profissão docente no ambiente escolar. Por meio das experiências realizadas em uma sala de aula do 1º ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública de ensino no município de Parnaíba – PI, a partir das experiências vividas pelas graduandas de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí Gabriele Xavier Pereira e Danielle Ferreira Oliveira, no Auxiliar Terapêutico (AT) da referida escola.

O texto objetivou apresentar as reflexões acerca dos impactos do estágio de auxiliar terapêutico para a formação das discentes, na medida em que vivenciaram a realidade do cotidiano escolar, ampliando as visões sobre o ser professor, bem como aprofundar o pensamento crítico-reflexivo sobre as metodologias empregadas em sala de aula, sobretudo nas metodologias aplicadas para o ensino de alunos com necessidades especiais na perspectiva de inclusão.

O AT é um projeto implementado pela prefeitura municipal de Parnaíba, cuja finalidade é inserir acadêmicos dos cursos de psicologia e licenciatura plena em pedagogia em sala de aula para estagiar como professores auxiliares, afim de realizarem o acompanhamento pedagógico de crianças com algum tipo de necessidade especial ou dificuldade de aprendizagem.

O objetivo geral do relato é contemplar as observações e reflexões das discentes no que concerne as práticas pedagógicas empregadas no processo de ensino e aprendizagem das salas regulares, tendo como recorte a importância do estágio de auxiliar terapêutico na formação docente.

Desenvolvimento

O estágio é uma oportunidade que os discentes têm de observar e aprender na prática. Nessa esteira, a experiência fornecida por ele desemboca em formar professores capazes de adaptar e transformar sua prática pedagógica, bem como aprender a lidar com as situações diversas da realidade escolar.

A partir do arcabouço de conhecimento adquirido nas formações cedidas pela prefeitura do município e das teorias apreendidas no ambiente acadêmico, tivemos a habilidade de adaptar as atividades para que os nossos alunos com dificuldades conseguissem participar das atividades sem serem negligenciados. Segundo Pimenta e Lima (2020, p. 6), "o exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer 'algo' ou 'ação'", o que remete a compreensão de que a profissão de professor também é prática.

Durante o estágio percebemos uma grande defasagem na formação dos professores, principalmente no que concerne à educação especial. Para mais, quando se olha para a realidade educacional, nota-se que há uma problemática caracterizada pela diversidade presente entre os sujeitos que não é considerada, uma vez que, se condiciona o acesso dos estudantes com necessidades educativas especiais às classes regulares, porém, não se provoca uma

[...] reformulação das práticas educacionais de maneira que sejam valorizados os diferentes potenciais de aprendizagem no ensino comum, mas mantém apenas a responsabilidade da educação desses estudantes exclusivamente no âmbito da educação especial (Souto *et al*, 2014, p. 5).

Apreende-se, a partir do excerto, que é de suma importância o investimento no preparo dos professores, pois, as especificidades dos alunos que compõem esse quadro diverso não podem ficar, apenas, no âmbito dos espaços de educação especial.

Descrição da experiência

As atividades foram realizadas no período de agosto a outubro de 2023, e iniciou-se a inserção das estagiárias para realizarem o acompanhamento de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A referida criança, com faixa etária de 7 anos de idade é diagnosticado com Autismo nível de suporte 3. O aluno possui muitas limitações e tem como obstáculos centrais a dificuldade de socialização com os colegas e a sua participação ativa em atividades escolares.

O discente demonstra dificuldades no processo de aprendizagem da língua portuguesa, como na leitura e escrita. Por conta dessa dificuldade evidenciou-se a necessidade de se pensar em atividades e metodologias que pudessem acolher e promover o aluno na prática educativa no ambiente escolar. No entanto, em sala de aula, de forma mais direcionada, essa integração acaba por encontrar diversos empecilhos, destacamos entre esses desafios as questões materiais da escola em questão, o que leva à exclusão do discente nas atividades propostas.

Como no processo de alfabetização, em que o professor titular não acolhe as dificuldades do aluno trazendo metodologias nas quais insira e faça com que ele participe de forma ativa junto com o restante da sala, a equipe de AT buscou alternativas pedagógicas para inserção e oportunização de aprendizagem do aluno. A exemplo, para essas atividades trabalhamos com ele as letras do alfabeto e a junção de sílabas, utilizando o jogo “Alfabeto Divertido”, que estimula o aluno no reconhecimento das letras, bem como na formação de sílabas e, por conseguinte, na criação de palavras. Essa atividade possibilitou ao educando melhor absorção do conteúdo e maiores possibilidades de acompanhar o restante da turma. Na área de exatas, como somas e subtrações, o referido aluno possui um desenvolvimento excelente, reconhece os números e faz a resolução de cálculos.

Considerações finais

Conclui-se que o estágio como auxiliar terapêutico colaborou de forma significativa para a nossa formação docente na medida em que estimulou a reflexão sobre a atuação do professor. A experiência do estágio nos forneceu compreender que a educação inclusiva ainda enfrenta muitas barreiras, pois mesmo com diversas leis e políticas públicas que assegurem o ingresso dessas pessoas nos meios escolares, elas não instituem uma reestruturação nas práticas educativas e pedagógicas que promovam o pleno direito à educação como assegura a Constituição Brasileira (Brasil, 1988). Durante a experiência no ambiente escolar, conseguimos visualizar as dificuldades enfrentadas pelos docentes para que haja uma verdadeira inclusão dos sujeitos que possuem o Transtorno do Espectro Autista.

Referências

BRASIL. [Constituição Brasileira] **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUTO, Marcélia Tomáz de; LIMA, Beatriz da Silva; PEREIRA, Erica Domingos; FARIAS, Givanildo Gonçalves de. **Educação inclusiva no Brasil**: contexto histórico e contemporaneidade. In: **Anais I CINTEDI**, Campina Grande: Realize Editora, 2014.

A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tainara de Oliveira Rodrigues –(UESPI)
tdeor@aluno.uespi.br

Thays Souza Nunes dos Santos – (UESPI)
Thayssndoss@aluno.uespi.br

Laricy Fonteneles Ferreira – (UESPI)
Laricyff@aluno.uespi.br

Márcia Maria Cabral de Carvalho – (UESPI)
Prof.marciacabral@hotmail.com

Introdução

Este relato de experiência busca apresentar uma atividade sobre uma contação e criação de história desenvolvida na Educação Infantil, na turma de IV anos, através do programa PIBID, sob a supervisão da Professora Márcia Maria Cabral de Carvalho. Essa atividade buscou enfatizar a importância do incentivo à leitura na educação base, tendo em vista que a educação nos anos iniciais é de extrema importância para o desenvolvimento das crianças, como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9394/96, "A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social."

Corroborando com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no campo de experiência escuta, fala, pensamento e imaginação, os professores devem instigar e proporcionar às crianças essas habilidades que podem ser desenvolvidas desde cedo. Desse modo, a atividade escolhida promoveu nas crianças estímulos para a escuta atenta, a curiosidade na contação, a comunicação entre os colegas para a criação de uma nova narrativa, aprimorando assim a capacidade delas pensarem e imaginarem através dos diversos livros e das histórias.

Ademais, a atividade escolhida destacou-se pelo fato de que as crianças apresentaram uma maior participação e entrosamento entre os colegas da sala. Esse momento foi dividido em dois tempos, uma vez que no primeiro eles escutaram duas histórias que serviram de inspiração, e no segundo eles criaram de

forma conjunta uma história. Esses momentos ocorreram de forma lúdica por meio do ambiente e recursos que preparamos, a fim de criar um espaço exclusivo e confortável para as crianças conseguirem participar de forma interativa.

Portanto, trabalhar a contação de história na educação infantil é fundamental para além de criar o hábito da leitura, mas para fomentar nelas o desejo de conhecer os diversos mundos que os livros proporcionam, como também, levá-las a participarem desse mundo, dando a elas a capacidade de criarem histórias. Desenvolvendo crianças com o pensamento crítico, imaginação aflozada, capacidade comunicativa, criativa e sobretudo imersa no que a leitura pode oferecer.

Desenvolvimento

A atividade de contação e criação de história foi realizada na Escola Municipal Caic-Educação Infantil em Parnaíba-PI, no dia 25 de setembro. No primeiro momento, compomos um espaço que nomeamos Cantinho da Leitura, nesse local colocamos um tapete no chão com almofadas, no propósito das crianças sentarem-se sobre ele, o nosso maior ensejo é que elas se sentissem confortáveis o suficiente para esse momento. Além disso, também fizemos um varal de livros e sobre o tapete colocamos livros com diferentes gêneros textuais, no intuito que eles tivessem contato direto com eles, levando-os a folhear e despertando-lhes o interesse pelas histórias ali presentes, pois como Carvalho afirma:

Ler, ver, ouvir, tocar o livro com todos os sentidos, entrar nele para vislumbrar encantos e novidades, fazer surpresas, imaginar irrealdade e viver, emoções reais. Esse caminho é aberto ao novo, às camadas profundas irracionais, que apreendem, fazem inferências e intuições e guardam imagens, sensações e sentimentos (CARVALHO, 2010, p. 15).

Levando ainda em consideração o ambiente preparado e com eles sentados em forma de círculo, contamos dois contos, sendo o primeiro “Cinderella” e depois “A Bela e a Fera”. No segundo momento enfeitamos um pote ao qual nomeamos de “Era Uma Vez”, nele continham várias figuras aleatórias em formato de fantoches colados em palitos de picolé. Uma vez que no primeiro momento eles tinham conhecido os livros, tocado, visto e escutado algumas histórias, no segundo momento, através da imaginação, eles iriam criar uma própria história, no qual deram o nome “Visitando a Vovó”, indo de encontro ao que diz Maia:

A contação de histórias na educação infantil pode contribuir para a formação de leitores desde os primeiros anos de vida, bem como pode ser utilizada como estratégia pedagógica associada ao letramento e aos processos de ensino e aprendizagem na escola (MAIA, 2011, p. 144- 155).

Sendo assim, a partir da primeira entonação de “Era Uma Vez” e mostrando os fantoches que saiam do recipiente, eles iam dando vida a uma nova história criada por todos da sala, resultado de suas imaginações e de suas emoções. Ademais, essa atividade propiciou uma aprendizagem mais lúdica e prazerosa para as crianças, contribuindo para elas desenvolverem suas habilidades cognitivas e sua capacidade de socialização entre os colegas da turma, destacando para nós que essa experiência nos trouxe mais conhecimento sobre a aptidão das crianças. A importância de cultivar o hábito da leitura desde os primeiros anos de vida tornou-se evidente à medida em que as crianças se envolveram entusiasmadamente nas histórias apresentadas. As narrativas serviram como fonte de inspiração, estimulando a criatividade e a expressão, ao mesmo tempo em que desenvolviam habilidades de compreensão, vocabulário e empatia.

Considerações finais

Em síntese, após a realização da atividade de contação e criação de histórias desenvolvida na Educação Infantil, percebeu-se nitidamente ser uma ferramenta poderosa para promover o incentivo à leitura e estimular o desenvolvimento das crianças nos anos iniciais. Durante esta experiência, pudemos observar o resultado positivo que as histórias e a imaginação têm na aprendizagem e na interação entre os alunos, sendo de grande valia para a nossa preparação como futuros educadores, usando essa ferramenta para melhorar o ensino-aprendizagem.

Além disso, o aspecto colaborativo da atividade, no qual as crianças trabalharam juntas para criar uma história, promoveu um entrosamento significativo entre os colegas da sala. A oportunidade de compartilhar ideias, ouvir atentamente os colegas e construir coletivamente uma narrativa fortaleceu não apenas as habilidades cognitivas, mas também as habilidades sociais e emocionais das crianças.

É crucial reconhecer que a educação nos anos iniciais é uma fase crítica no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, e esta experiência destacou a eficácia de abordagens lúdicas e interativas para alcançar esse objetivo. Portanto, reforça-se a importância de continuar a promover a contação de

histórias e a criação de narrativas criativas como ferramentas fundamentais no currículo da Educação Infantil.

Por conseguinte, é aconselhável que experiências semelhantes a essa sejam continuamente exploradas, adaptadas e integradas ao ensino, a fim de fortalecer a base para o aprendizado ao longo da vida e o desenvolvimento de indivíduos curiosos, confiantes e socialmente conectados. A contação de histórias, além do ato de leitura, é uma ponte para o conhecimento, a empatia e o desenvolvimento da imaginação, moldando assim um futuro promissor para nossas crianças.

Referências

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB- Lei n 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, Audrey. **O lúdico no desenvolvimento da criança.** São Paulo: Rideel, 2010.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; LEITE, Lucia Pereira; MAIA, Ari Fernando. **O emprego da literatura na educação infantil: a investigação e intervenção com professores de pré-escola.** Rev. psicopedagogia. São Paulo, v. 28, n. 86, p. 144-155, 2011.

A LENDA DA IARA COMO FERRAMENTA POTENCIALIZADORA DA IMAGINAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DE REDE PÚBLICA EM PARNAÍBA-PIAUÍ

Dayane Lima da Silva– UESPI

Emilli Hranda Pereira Santana– UESPI

Rosangela Carvalho de Araujo- UESPI

Maria Ozita de Araújo Albuquerque – UESPI

Introdução

O projeto “Nunca mais um Brasil sem Nós”, trata da temática dos povos originários, foi construído no coletivo de graduandos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Parnaíba (PI), com professores supervisores da Escola Municipal Benedito dos Santos Lima e orientadores do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UESPI.

Este projeto teve início com observações da prática pedagógica e do ambiente escolar na sala de aula tendo como objetivos estimular os alunos a conhecerem as vivências e lutas dos povos originários e trabalhar as manifestações da cultura popular, por meio do folclore brasileiro. Neste relato de experiência, consta o processo realizado durante o qual buscou-se potencializar a imaginação dos alunos; apresentando-lhes a lenda de Iara como recurso para incrementar o imaginário das crianças possibilitando-lhes diferenciar a fantasia da realidade e assim perceber a maneira como os alunos percebem o caráter fantasioso da história apresentada sobre a lenda “IARA”.

As atividades desenvolvidas na escola que abordam a cultura popular, possibilitam a imersão no reconhecimento da formação cultural do povo brasileiro. O saber popular possui um conhecimento que possibilita a organização temática e estratégica para conduzir o fazer pedagógico, pois proporciona a interatividade na mediação da cultura e a importância de se preservar suas tradições. As atividades folclóricas permitem a integração e valorização, sensibilizando as crianças aos conhecimentos oriundos da cultura popular.

Desenvolvimento

Na Escola Benedito dos Santos Lima, durante o período de maio a julho de 2023, foram realizadas várias atividades do projeto, na sala de aula do 1º ano “B”, no turno matutino. Em destaque para este relato, selecionamos a atividade sobre a lenda da Iara. Iniciamos com a roda de conversa sobre parlendas, lendas, superstições, brincadeiras e adivinhas. Em seguida, expusemos um vídeo de animação (com a duração de 3 minutos e 21 segundos) disponível na plataforma YouTube que reproduz a lenda da Iara. Depois, estimulamos a participação dos alunos, por meio de perguntas relacionadas à exposição da história.

Nos dias subsequentes, foram aplicadas atividades impressas em papel A4 com desenhos referentes ao vídeo e sobre hábitos dos povos originários (pesca) para identificar e colorir. As atividades foram anexadas à uma cartolina, resultando em um mural e apresentado no final do projeto.

Os recursos utilizados foram: cartolina; tesoura; cola branca e cola de isopor; imagens; lápis de cor, giz de cera, pincel; papel A4; celular; caixinha de som. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, nossa atividade enquadra-se na Prática de Linguagem “Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)”, tendo como objeto de conhecimento “compreensão em leitura” sob a habilidade EF01LP16, que trata de “ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade”.

Considerações finais

Nesta atividade, percebemos o tempo e as formas de aprendizagem peculiares de cada aluno. Alguns conseguem se expressar na intervenção da oralidade e outros nas atividades de produção de exploração das imagens e desenhos. A interação entre a professora titular, os bolsistas e os alunos ocorreram num ambiente agradável, motivacional e dinâmico. Isto colaborou, para adquirirmos uma aceitação da mediação de outras atividades.

Dessa forma os objetivos propostos para a atividade foram alcançados, pois as crianças demonstraram bastante interesse pela atividade explorada com a lenda. Através desta atividade percebemos que laços de amizade com os alunos

e toda a equipe escolar são fundamentais para garantir o ensino e aprendizagem. Com isso, nos sentimos satisfeitos com o envolvimento das crianças e a contribuição com o processo de aprendizagem das mesmas.

Referências

BRASIL, Lei nº 12.796, de abril de 2013. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências.** Subchefias para assuntos jurídicos. Brasília 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil.03/.ato/2011-2014/2013/lei/112796.htm>. Acesso em: 20 set.2017

CASEMIRO, Sandra Ramos. **A lenda da Iara:** nacionalismo literário e folclore. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Departamento de Letras clássicas e vernáculas. USP. São Paulo, 2012.

FERREIRA, Josely Cristina. Leitura: lendas folclóricas na formação de leitores em **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense.** Secretaria de Educação do Estado. Vol. 1. 2012.

LACERDA, Naziozênio Antonio. **O gênero textual lenda:** fantasiando a imaginação de alunos em processo de alfabetização e letramento. Anais do IV COGITE – Colóquio Sobre Gêneros & Textos, 2015.

A MUSICALIDADE E A DANÇA DOS POVOS INDÍGENAS NA ESCOLA CAIC - EDUCAÇÃO INFANTIL

Lohany Kaisley dos Reis Nascimento - UESPI

Laís Priscila de Araújo Pereira - UESPI

Marcia Maria Miranda Cabral de Carvalho - UFPI

Introdução

O presente artigo baseia-se em apresentar o desenvolvimento das atividades trabalhadas acerca do projeto "Nunca mais um Brasil sem nós" exercido com os alunos da educação infantil IV no qual, foi escolhido as atividades de músicas e danças indígenas para abordar e destacar um relato de experiência sobre os aprendizados e contribuições desenvolvidas nesta atividade. A educação indígena é fundamental para a nossa sociedade, com isso, foi trabalhado com as crianças em momentos de interação e socialização a importância sobre a cultura indígena, desenvolvendo a teoria e a prática.

Como objetivo geral e específico, reforçamos o incentivo à valorização dos povos indígenas por meio da prática de atividades físicas através das danças e músicas, com explicações, apresentando a representação dessa cultura através de materiais confeccionados em sala, conseguinte fundamentos para poder adentrar na roda de música e dança, além de trabalhar músicas infantis que representam a cultura indígena de forma lúdica e interativa, e assim desenvolver a interação social e a comunicação através das expressões corporais, e reflexões sobre o relacionado tema.

A cultura indígena é símbolo de resistência, admiração e patrimônio cultural, que vem se tornando cada vez mais frequente o seu enaltecimento dentro da sociedade e destacando o seu papel fundamental com a colaboração da identidade nacional brasileira. Diante das atuais atividades desenvolvidas dentro do projeto educacional PIBID, foram trabalhadas as pinturas corporais e a dedo, brincadeiras indígenas, culinária, contação de lendas, musicalização e danças, confecção de instrumentos de música com materiais recicláveis e colagem de imagens. Logo, se dispõe com mais enriquecimento a visibilidade para essa cultura dentro do meio educacional, e com isso, procuramos apresentar neste

modelo o desenvolvimento das atividades de músicas e danças indígenas trabalhadas durante o período de efetivação do projeto.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo compreender, informar e incentivar a importância de trabalhar a cultura indígena nas instituições educacionais, transmitindo valores sobre as diversidades culturais, e contribuir para desfazer os estereótipos e preconceitos que ainda estão enraizados na sociedade. Com isso, realizamos na escola com as crianças de séries iniciais, a proposta das atividades buscando a curiosidade, interesse e participação dos alunos com explicações sobre o tema, frisando em questionamentos das crianças a respeito do que eles já conhecem e aprenderam sobre os povos indígenas, para exercitar a partir desse momento o desenvolvimento de uma reflexão crítica acerca do que foi aprendido.

Desenvolvimento

As atividades de danças e músicas do projeto “Nunca mais um Brasil sem nós” pela honra e valorização dos povos indígenas, foram realizadas na escola CAIC - Educação infantil em Parnaíba - Piauí, nas turmas do infantil IV, com isso, a abertura das atividades foi realizada no dia 04 de maio e concluídas no dia 14 de junho de 2023. As tarefas escolhidas no presente relato, foram sobre a musicalização e danças dos povos indígenas, exercidas no dia 22 de maio de 2023, onde reunimos no pátio da escola as turmas das salas de cada dupla pibidiana, no qual foi apresentado um vídeo educativo com imagens dos povos originários mostrando seus costumes, em momentos de pintura corporal, alimentação, caça, dentre outras.

Em seguida foi entregue os instrumentos confeccionados para as crianças, e nos reunimos para uma roda de danças e músicas, proporcionando um momento de diversão, descontração e aprendizado com a sociabilidade e interação junto das crianças acerca do tema, e para isso, foi realizada a escolha das músicas e danças indígenas infantis na plataforma Youtube, como: “O indiozinho” e “Curumim” quais foram trabalhadas. Com isso, no momento do desenvolvimento da atividade, todas as crianças foram participativas e interessadas, na qual puderam ter mais conhecimento acerca da cultura indígena, assim como trabalharam o uso dos materiais recicláveis que foram produzidos pelos próprios alunos com auxílio dos pibidianos para usarem como instrumentos musicais.

Nessa perspectiva, é importante frisar que os povos indígenas sempre serão a história do Brasil, assim como toda a sociedade, eles sempre exercem nos seus territórios a luta pelos seus direitos.

Com a Constituição de 1988, assegurou-se aos índios no Brasil o direito de permanecerem índios, isto é, de permanecerem eles mesmos, com suas línguas, culturas e tradições. Ao reconhecer que os índios poderiam utilizar suas línguas maternas e seus processos de aprendizagem na educação escolar, institui-se a possibilidade de a escola indígena contribuir para o processo de afirmação étnica e cultural desses povos, deixando de ser um dos principais veículos de assimilação e integração. (GRUPIONI, 2001, p. 9)

Diante dessas lutas a serem enfrentadas, vê-se a necessidade em ampliar o conhecimento da cultura indígena para os alunos desde a infância. Neste sentido, as danças indígenas podem ser representadas através de vários movimentos e formas, na qual são praticadas em momentos de celebrações e rituais importantes, e em conjunto das músicas que demonstram forte conexão com a natureza e espiritualidade.

Imagens: Músicas e danças / confecção de instrumentos.
Caic - Educação Infantil



Registro: 11/05/23 e 22/05/23

Considerações finais

A atividade de danças e músicas indígenas do projeto “Nunca mais um Brasil sem nós” pela honra e valorização dos povos indígenas, caracteriza-se na importância do trabalho de incentivo à prática e conscientização sobre a cultura dos povos originários. Destaca-se que essa experiência no decorrer das atividades propôs desenvolver a ludicidade e interação nas turmas do infantil IV, contribuindo para o conhecimento das crianças sobre a diversidade cultural e costumes dos povos indígenas, onde buscamos observar através das atribuições as reações, questionamentos e aprendizados dos alunos no desenvolver da realização. Com isso, trazendo a importância do trabalho das atividades

práticas e socializações expostas, o projeto proporcionou contribuições e enriquecimentos para teoria e prática no campo docente.

Referências

ELIANA. **Curumim, ei, ei**. Brasil: Sony Music Kids: 2003. Disponível em: <https://youtu.be/sTo1DD0DpmQ>

GOHN, Maria da Glória; Stavrakas, Isa. **O papel da música na educação infantil. Eccos Revista Científica**. Vol. 12, núm. 2. Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil. 2010

GRUPIONI, Donisete Benzi (Org.). **As leis e a educação escolar indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001

JOÃO COLLARES. **O índiozinho**. Paulinas-Comep. 2015. Disponível em: <https://youtu.be/pXeIIN09kuA>

A PRÁTICA DA LEITURA E SUA INFLUÊNCIA NA CULTURA

Iana Rayelle Santos de Lima — UESPI

Geyza Freitas Almeida — UESPI

Maria Ozita de Araújo Albuquerque

Jucelia da Silva Chaves

O programa institucional de iniciação à docência – PIBID tem como objetivo contribuir com a formação de novos professores em todas as áreas, proporcionando ao discente a ter contato com o mundo profissional antes mesmo da conclusão do curso, preparando-os para serem profissionais capacitados, possibilitando-os um amadurecimento pessoal e profissional. Todos os bolsistas participantes do PIBID são supervisionados por um coordenador (professor).

Ser professor não é nenhuma tarefa fácil, é uma enorme responsabilidade que se assume com a educação e o futuro de outras pessoas. Educar não é uma simples transmissão de conhecimento, mas sim tornar possível a sua compreensão dialogando com o mundo, é desenvolver o senso crítico, a criatividade e a valentia (Freire, 1997).

Partindo da compreensão do autor, esse relato de experiência tem como objetivo descrever o funcionamento do projeto de Pedagogia do PIBID no âmbito da unidade escolar Caic - Educação Infantil em Parnaíba-Pi. O tema do projeto foi “Pela honra e valorização dos povos indígenas” com um foco especial na leitura no início da aprendizagem e como ela pode modificar o desenvolvimento do aluno nas primeiras etapas da educação e consequentemente chegar nas etapas seguintes mais bem preparado para o seu empenho na escola. Esse projeto teve como objetivo apresentar algumas reflexões sobre acerca da educação infantil pública e a importância da leitura nos primeiros anos escolares prontamente voltado para os povos originários levando assim mais conhecimento para as crianças acerca dos primeiros povos pertencentes ao Brasil, trabalhando neles com influência da leitura a essência e o respeito para com os povos indígenas, pois o déficit do debate acerca dos direitos indígenas é percebido não só dentro da escola, mas também na sociedade. O tema quando implantado na

educação infantil visa afetar a criança de forma a torná-los colaboradores para com a cultura indígena, o que possibilita mais respeito a seu povo.

Assim, no decorrer desse trabalho objetivamos relatar e relacionar a experiência vivida no PIBID a luz de alguns teóricos estudados no decorrer da graduação, visando influencia- lós a leitura e compreensão que é voltado para a educação infantil e como se desenvolve no processo ensino- aprendizagem. Este relato de experiência tem como objetivo expor as atividade realizada pelas bolsistas Geyza Freitas Almeida e Iana Rayelle Santos de Lima, na creche Caic, através do programa de iniciação a docência "PIBID" na qual o tema do projeto foi "Nunca mais um Brasil sem nós, pela a honra e valorização dos povos indígenas " com a finalidade de mostrar como a leitura pode vir a ser um essencial aliado da cultura, principalmente onde tal cultura está sendo esquecida, como a dos povos indígenas que com o decorrer do tempo vem sendo apagada da história do Brasil. Nesse contexto trabalhamos com crianças de 03 a 06 anos, no qual fizemos algumas atividades com as crianças do infantil V sobre o tema exposto. Todas elas ouviram uma história contada por nós com caracterização de algumas armas de caça da cultura indígena e depois pintaram desenhos sobre a história.

A atividade foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil CAIC, no dia 23 de junho de 2023, na sala de aula onde a história abordada foi "O indiozinho e o rio voador" utilizando um arco e flecha para mostrar como era feito a caça e logo após uma ilustração sobre o tema para eles pintarem. A experiência trouxe para as crianças uma nova visão sobre a importância de cuidar do meio ambiente e de como o rio é importante para a sobrevivência dos indígenas visto que eles retiram seus mantimentos de lá. Para nós futuros docentes trouxe a importância de compartilhar conhecimento que fazem parte da cultura das crianças fazendo com que valorizem e cresçam cuidando do ambiente em que vivem e respeitando todos os povos que nele habitam.

Partindo da experiência, as crianças despertaram curiosidade sobre a vida dos povos indígenas, gerando perguntas sobre a história e sobre o projeto, além de mostrarem terem absorvido a importância da história e uma maior admiração pela cultura indígena, ficaram encantadas com a forma que eles buscam alimentos na floresta e como são corajosos.

A segunda atividade foi realizada dia 20 de outubro na mesma instituição, onde foi contada a história " Bom dia todas as cores ", afim de estimular a leitura e o interesse por livros para as crianças. Utilizamos o livro e mostramos

as imagens, após contar a história entregamos a eles uma ilustração para pintarem em sala de aula. A atividade citada despertou nas crianças a curiosidade sobre a história e a vontade de ler e conhecer outras histórias, tendo em vista que o objetivo do projeto é estimular a leitura obtivemos um resultado positivo.

As atividades relatadas foram de grande relevância, pois possibilitou as crianças a despertarem o interesse em saber mais e a respeitarem tal cultura além de ficarem no aguardo pelas próximas histórias a serem contadas concluindo que o interesse na leitura após a contação de história juntamente com matérias de ilustração causam uma forte influência na forma que eles entendem a leitura. Para nós futuros docentes contribuiu para expandirmos os conhecimentos sobre a temática e compartilharmos os conhecimentos adquiridos ao longo de nossas vidas para as crianças, fazendo com que junto a elas reforçarmos e lembrarmos sempre da importância da cultura indígena e valorizá-la além de incentivar e motivar a leitura não só na escola, em sala de aula, mais também em casa.

Portanto ver de perto como é a rotina e as responsabilidades a serem seguidas por um professor da educação infantil, poder trabalhar, planejar, desenvolver e vivenciar a forma como funciona uma sala de aula na educação infantil abre os olhos do estudante para o que ele realmente quer. Ademais, esse relato enfatiza a importância que o professor de educação infantil tem para a formação de seres humanos resilientes.

Referências

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra.1996. www.seminariopibidprp.com

A TEMÁTICA *BULLYING* NO ÂMBITO ESCOLAR, RELACIONADA AO INTERESSE PELA LEITURA.

Wiliana da Cunha Cordeiro (UESPI)

wilianac@aluno.uespi.br

Maria Clara Caetano Menezes (UESPI)

mclaracm@aluno.uespi.br

Jeyla Sousa do Nascimento

j.sousa.do.nascimento@aluno.uespi.br

Anne Karinny Veras Carvalho (UESPI)

karinnnyanne43@gmail.com

Introdução

O presente trabalho, tem como propósito expor a atividade escolhida pela dupla, que foi executada no projeto de leitura “Ler a palavra é ler o mundo”, do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), em conjunto com a UESPI- Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, com os alunos do 4º Ano B, na Escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos, localizada na cidade de Parnaíba-PI, no turno da manhã. A atividade teve dois momentos, o primeiro dentro da sala de aula e o segundo fora. A execução teve como intuito trabalhar por meio da leitura, o *bullying*, por ser uma temática recorrente no âmbito escolar.

Nesse sentido, acreditamos que utilizando desse método, seria uma forma mais adequada para abordar esse quesito cheio de sensibilidade, pois está propriamente ligado à imaginação e à interpretação. Fomentando assim, um debate sobre o assunto sem que se torne algo enfadonho para a faixa etária das crianças, proporcionando novos caminhos para obterem o hábito de ler, com o aprofundamento sobre esse tema, pode-se proporcionar momentos como o que realizamos, que instiga os alunos a se familiarizarem com a temática.

Visando uma relação harmônica e de respeito mútuo, abrangendo as diferenças de cada um, pois é isso que nos faz seres singulares e únicos. Uma vez que, ao abordar um tema bastante recorrente nas instituições de ensino, estimula o interesse dos estudantes em alcançarem essa consciência do que

acontece no meio em que estão inseridos, se tornando de grande valia não somente para eles, como também para os educadores.

Por conseguinte, os propósitos principais foram informar aos estudantes dos danos causados pelo bullying, de como ele está inserido nos ambientes escolares e também com isso incentivá-los ao interesse da prática da decodificação acerca do tema, e não fazerem somente isso, como também refletirem, para aprimorarem seus aprendizados. Discorreremos sobre o que é o bullying, os tipos, de como essa prática afeta diretamente a vida de quem é vítima, e claro isso podendo gerar problemas de ordem emocional e psicológica, sendo capaz de afetar o desenvolvimento de suas vidas escolares.

Nesse contexto, é necessário salientar que as habilidades em evidência para essa atividade se relacionaram a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), abordada na habilidade EF15LP13, ao definir que -“identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.)”Brasil, 2018. Desse modo, proporcionamos uma experiência de grande valia para os alunos, onde conseguiram expor suas ideias, trocas de informações e de experiências, afluindo dessa forma, o interesse dos estudantes sobre o assunto. Propiciando para todos um conhecimento mais abrangente, estimulador e um ambiente de socialização.

Desenvolvimento

A aplicação da atividade proposta na turma do 4º Ano “B”, no turno da manhã, com alunos de 9 a 11 anos de idade, obteve como início a apresentação do que seria trabalhado em sala de aula, perguntamos aos alunos o que eles já traziam de conhecimento prévio acerca do conteúdo, o bullying. Eles responderam dando alguns exemplos do que era, de como era praticado, de quem praticava e sobre os malefícios que podem ser acarretados com essa prática. Muitos abordaram que é uma violência bastante vivenciada no contexto escolar, e que tem como intuito amedrontar os indivíduos e diminuí-los, de forma agressiva. Em seguida, nós explicamos que existe o *bullying* físico, com agressões, o verbal, com uso de palavras ofensivas, atacando a integridade do outro e humilhando, com a presença de ameaças e difamação, também retratamos sobre o *Cyberbullying*, que é bastante presente na atualidade.

A cultura da violência é promovida pela mídia como uma resposta ao cotidiano social que busca combater a rotina, proteger-se e livrar-se do perigo, em

uma negação que equivaleria a uma pessoa dizer “ainda bem que não aconteceu comigo”. Não importa mais a informação, mas o quanto o elemento violência é capaz de ser mantido a fim de expiar a angústia dos indivíduos (Carvalho; Freire; Vilar, 2012, p. 436).

No decorrer da ação, nesse primeiro momento em sala, logo após os exemplos, e a leitura, demos continuidade com um texto no quadro, para que copiassem, fizessem a análise e interpretassem o que estava sendo exemplificado. Escrevemos o conceito do *bullying*, e as variedades existentes, como o *Cyberbullying*, que é a prática por meio das redes sociais, a destilação do ódio virtualmente, que tem como a mesma finalidade de reprimir os indivíduos, ocasionando graves danos. Logo após, fizemos a leitura para todos, como propósito de incentivar o hábito e para o aperfeiçoamento da temática. Dessa maneira, o entendimento do assunto seria afluído cada vez mais, para que no segundo momento já tivessem discernimento e domínio sobre o que foi apresentado em classe.

Ler com os alunos e para os alunos: São duas atitudes positivas que colaboram para formar o leitor. A afirmação implica em um professor leitor que, ao abrir espaços de leitura literária em suas aulas, utiliza também ele esse espaço para ler. E assim, instiga a turma a ler mais um livro, seja pelo título, seja porque é visto como exemplo. Além disso, dispensar um “tempinho” no início, no final da aula, ou mesmo antes de liberar a turma para o intervalo, lendo aos alunos um conto, uma crônica ou um poema bem escolhidos, capazes de encantar, também contribui, e muito, para formar leitores. (Zullim, 2011, p. 14).

Destarte, foi de extrema significância o momento de ler para eles, pois ficaram entusiasmados com a abordagem. Na segunda parte da atividade, demos continuidade a execução, porém, dessa vez fora da sala de aula, um momento que tinha como desígnio de estimular um pouco mais o que tinha sido assimilado por eles. É importante ressaltar, que toda a atividade foi desenvolvida de maneira lúdica, por meio da interação onde os alunos ficaram em um círculo no pátio. A ação se deu através do jogo de um dado, que continham fichas coloridas nas quais ficavam as perguntas sobre o tema que foi escolhido.

As regras funcionavam da seguinte maneira, durante o desempenho era tocado uma música ao fundo, ao mesmo tempo em que as crianças passavam o dado umas para as outras. Logo após, de forma a obedecer a sequência de quem estava ao lado, quando a música era pausada, o aluno que estivesse com o objeto em mãos, iria responder o questionamento, caso não soubesse responder, era facultada a oportunidade para outro colega, se assim pretendesse. O resultado foi exatamente o que esperávamos, tivemos uma participação ativa

em todo decorrer da atividade, cada um teve sua vez de responder, de maneira valiosa era dada suas respostas, alguns até complementaram às dos outros colegas.

Considerações finais

A experiência vivenciada com os alunos foi de grande aceitação, os mesmos gostaram bastante de participar, tanto no quesito da teoria como da prática. O que já era esperado por nós, pois retirar os alunos um pouco da monotonia da sala de aula, e levá-los para o pátio da instituição, tornou uma dinâmica prazerosa e diferente para eles. A socialização, o brincar, a ludicidade, fez com que eles adquirissem novos conhecimentos.

Correlacionar uma temática como o *bullying*, tão evidente na esfera educacional, com a leitura, oportuniza aos alunos conhecimento de outros meios em que o ensino pode ser transmitido proporcionando novos horizontes e nova compreensão de temas sensíveis. Por conseguinte, a prática da leitura e interpretação associada ao *bullying*, faz com que tragam já o aprendizado prévio, discutindo suas experiências e situações do cotidiano, que já vivenciaram ou que presenciaram.

Portanto, para nós, futuras educadoras, a atividade foi de grande valia, já que aprendemos também com os alunos, com seus exemplos, com a desenvoltura de seus saberes. Para tanto, o Programa de Iniciação a Docência veio para acrescentar em nossa formação e muito tem contribuído para isso. Agradecemos a Capes por nos proporcionar essa experiência singular, que é de fazer parte daqueles que acreditam que a educação é uma ferramenta essencial para formar cidadãos críticos capazes de mudar a sua história. Agradecemos também, a Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Alexandre Alves de Oliveira, por nos possibilitar essa grande oportunidade, de fazer parte do programa, pois a partir dele que obtivemos esse acesso à sala de aula, o contato direto com os alunos e com o ambiente de ensino e aprendizagem.

Referências

BRASIL Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. CARVALHO, Denise Woranovicz.; FREIRE, Maria Teresa; VILAR, Guilherme. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil.

Revista Panamericana de Salud Pública. Volume 31. Número 5, 2012. p. 435-438. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/9322>.

ZULIM, Leny Fernandes. **Literatura no ensino fundamental**: da teoria às práticas em sala de aula. Londrina, PR: Amplexo Editora, 2011.

APRENDENDO BRINCANDO ATRAVÉS DA CULTURA INDÍGENA

Thays Souza Nunes dos Santos – UESPI

Tainara de Oliveira Rodrigues – UESPI

Francisca Leandra de Carvalho Barros – UESPI

Márcia Maria Cabral de Carvalho – UESPI

Introdução

Este trabalho apresenta um relato de experiência de uma atividade desenvolvida no Programa de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI – Campus de Parnaíba-PI. A atividade escolhida estava relacionada às brincadeiras indígenas, onde foi solicitado às crianças que levassem objetos que representassem os povos originários. Tinha como objetivo instigar nas crianças o reconhecimento das brincadeiras já praticadas por elas e que fazem parte da cultura indígena. Com a atividade do brincar, pretendemos também promover o desenvolvimento das habilidades físicas e cognitivas, tornando a aprendizagem mais divertida e significativa.

As brincadeiras fazem parte da cultura das diferentes comunidades indígenas, são baseadas em atividades que encenam práticas de caça, pesca, agricultura e outros aspectos da vida cotidiana. Permitem às crianças maior entretenimento, desenvolvimento motor, emocional, criatividade e imaginação.

As brincadeiras indígenas podem variar entre os diferentes povos, pois cada cultura possui suas próprias tradições e formas de se divertir. A atividade desenvolvida faz parte de um projeto educativo em que foram trabalhados conhecimentos sobre a cultura, história, valores e tradições indígenas. É importante enfatizar que as brincadeiras têm um enorme potencial no desenvolvimento das crianças, como cita o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e

da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, p. 22).

O desenvolvimento do brincar no ato educativo é importante para a formação das crianças, para o processo de socialização, assim como para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e emocionais. Dessa forma, as atividades educativas, desenvolvidas por meio das brincadeiras, despertam o interesse das crianças em aprender, tornando a aprendizagem significativa.

As brincadeiras são capazes de promover oportunidades para as crianças interagirem umas com as outras, aprenderem a compartilhar, cooperar, resolver conflitos, respeito às regras e trabalhar em equipe. Brincar é uma atividade prazerosa que proporciona um espaço seguro para as crianças expressarem emoções. Traz alegria, diversão e entretenimento, contribuindo para seu bem-estar geral.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular –BNCC (1998, p.227), “a habilidade (EF12EF01) consiste em: Experimentar, fruir e recriar diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas.”

Assim, além de divertidas, as brincadeiras, também, ajudam a expandir conhecimentos, promovem a interação social, o desenvolvimento da coordenação motora e da criatividade dos participantes.

Desenvolvimento

As informações descritas nesse Relato de Experiência foram desenvolvidas através da atividade “Brincadeiras Indígenas”, realizada no dia 1º de junho de 2023, sendo conduzida pelos Pibidianos, nas turmas do infantil IV da Escola CAIC - Educação Infantil, supervisionado pela preceptora Márcia Maria Miranda Cabral de Carvalho. Ao escolher essa atividade tivemos o cuidado de produzir os materiais, pois, a ideia era demonstrar que essas brincadeiras são simples e de fácil acessibilidade para as crianças, assim como fora e continua sendo para os povos indígenas.

Descrevendo e buscando relacionar cada brincadeira com a vida cotidiana das crianças, iniciamos com a brincadeira da Peteca - um jogo praticado por várias tribos indígenas, consistia em jogar e rebater um tipo de “bolinha” feita de penas e palha, usando apenas as mãos. Essa brincadeira tinha por objetivo

manter a peteca no ar, passando-a de um jogador para outro sem deixá-la cair no chão, desenvolvendo a coordenação motora e o trabalho em equipe.

A segunda brincadeira foi a do Cabo de Guerra - uma brincadeira bastante conhecida e praticada em várias culturas ao redor do mundo. O objetivo foi testar a força e a resistência dos integrantes, que são divididos em duas equipes que puxam uma corda. Cada equipe tenta arrastar a outra para o seu lado, ganha o lado que atingir o objetivo traçado. Também foi realizada a brincadeira de "uma perna só" em que as crianças teriam que se equilibrar e correr sobre uma perna só, levantando a outra perna para o ar, enquanto outros participantes observam. Nesta brincadeira são desenvolvidas as dimensões do equilíbrio e da estabilidade, ao se moverem com saltos sobre uma perna só. Para participar as crianças devem competir entre si para ver quem consegue chegar primeiro na linha de chegada.

Continuando na descrição, a brincadeira de pular corda pode variar, dependendo da região, podendo ser acompanhada por cantigas, palmas ou danças tradicionais, tornando a atividade ainda mais animada e culturalmente rica. Envolve uma ou mais pessoas que saltam sobre uma corda que é girada, dependendo do estilo da brincadeira, a corda é girada no ar, enquanto os demais jogadores pulam sobre ela. O objetivo é saltar no tempo certo para evitar pisar na corda ou tropeçar nela.

E por fim, foi realizada a brincadeira da pescaria, onde os peixes simulados podem ser feitos de diversos materiais, como tecido, papel ou madeira, e podem ser decorados de forma colorida e criativa para tornar a brincadeira mais atrativa. Além de ser divertida, também ajuda a transmitir conhecimentos sobre as técnicas tradicionais de pesca utilizadas pelos povos indígenas, promovendo a interação social, a coordenação motora e a criatividade dos participantes, além de valorizar a importância da pesca como fonte de alimento e sustento para muitas comunidades.

O programa PIBID nos oportunizou relacionar teoria e prática nas escolas através do projeto desenvolvido. A experiência vivenciada nos instigou enquanto estudantes de pedagogia e futuros pedagogos, pois através dessa experiência tivemos oportunidade de aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem ao trabalhar temas relevantes para a sociedade, temas estes por vezes esquecidos e desvalorizados. De acordo com Freire (1996, p.58), "o conhecimento emerge apenas através da invenção e reinvenção", sendo assim, o conhecimento nunca será algo limitado e restrito, pois sempre há formas de aprender e ressignificar

aquilo que já se sabe. Portanto, o que fizemos com a atividade das brincadeiras indígenas foi uma forma lúdica de aprender, que não se restringiu apenas para as crianças, mas também para nós, Pibidianos, uma vez que o projeto nos proporcionou novos conhecimentos e necessidade de buscarmos um maior aprofundamento sobre os povos indígenas.

Considerações finais

As brincadeiras desenvolvidas sobre a cultura dos povos indígenas com as crianças promoveram um processo de conscientização da cultura dos povos originários e a ampliação do conhecimento pré-existente, possibilitando a ressignificação das brincadeiras a partir da cultura dos referidos povos. Esse novo significado leva a conscientização da importância de honrar o povo indígena e a valorizá-lo. É importante desconstruir a visão discriminatória e restrita que foi produzida pela sociedade ao longo dos anos.

Durante a realização das atividades foi possível observar o entrosamento e envolvimento por parte de cada criança. Isso foi muito satisfatório para nós, primeiro por saber que conseguimos atingir nossos objetivos, o que nos fez sentir a sensação de dever cumprido. As atividades foram trabalhadas na modalidade Educação Infantil, etapa em que inicia-se a formação de seres humanos conscientes e participativos da sociedade em que estão inseridos.

Ao tratar da temática na infância devemos ter a dimensão de que estamos também trabalhando com o futuro, por isso nós professores somos responsáveis por lapidar nossas crianças para a construção de um futuro melhor. Experimentar desse ambiente escolar e trabalhar estes temas ainda no processo de formação inicial, faz-nos ter um desejo de conduzir vidas com responsabilidade e doação.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. _ Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

APRENDENDO BRINCANDO: a importância da brincadeira no processo de aprendizagem

Maria Luzinete Da Conceição Damasceno (UESPI)
marialuzinetedaconceicaodamasceno@aluno.uespi.br

Bianca Karine Sousa Silva UESPI)
bkarinesousas@aluno.uespi.br

Melissa Maria Gomes Carvalho (UESPI)
melissamariagc@aluno.uespi.br

Maria Nazaré De Souza (UESPI)
mariadenazare31@hotmail.com

Introdução

O presente relato tem como objetivo apresentar e descrever uma das atividades realizadas por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) realizado pelo curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), no âmbito de um dos seus projetos proposto: “Ler a palavra é ler o mundo”, onde as atividades desenvolvidas tiveram a finalidade de despertar o interesse dos discentes para a prática da leitura através de propostas pedagógicas lúdicas e ativas.

O programa se desenvolveu na Escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos em Parnaíba-PI, teve como público-alvo crianças do primeiro ao quinto ano. A atividade aqui descrita foi realizada com uma turma de terceiro ano e teve como objetivo promover o processo de ensino-aprendizagem por meio de brincadeiras e jogos que despertassem o valor pelo ato de ler, práticas extremamente necessárias no processo de aprendizagem das crianças.

A atividade realizada destacou a importância do brincar para o desenvolvimento da criança, sobretudo para o processo de ensino-aprendizagem, destacando sua contribuição para o desenvolvimento de capacidades importantes como a imaginação, a atenção, e a memória. Notase que a atividade desenvolvida foi de extrema relevância para o desenvolvimento cognitivo e interacional das crianças, destacando assim sua contribuição na participação ativa das mesmas durante a realização da dinâmica.

Desenvolvimento

O referido trabalho teve como finalidade apresentar uma atividade desenvolvida com a supervisão da professora Maria de Nazaré Ferreira de Sousa, tendo como objetivo o desenvolvimento da leitura, destacando a importância da ludicidade nesse processo, além de contribuir em significativa parcela para o desenvolvimento pessoal do discente.

Atendendo as habilidades (EF12EF01) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que apresenta a proposta fruir e recrear diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas. Nesse viés a ludicidade se configura como ferramenta muito relevante no processo de ensino aprendizagem.

A atividade foi desenvolvida na Escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos, localizada em Parnaíba-PI, no dia 26 de junho de 2023, segunda feira às 8:30 no turno manhã. A ação foi desenvolvida a partir de uma dinâmica lúdica que prendeu a atenção das crianças e consistia em uma competição de soletrar palavras, na qual eram formados grupos de quatro a cinco alunos com o intuito de competirem entre si soletrando a palavra da forma correta, ao final todos se envolveram de forma muito positiva na dinâmica.

Sendo assim, faz-se necessário o uso de brincadeiras em sala de aula afim de aperfeiçoar a prática pedagógica do professor, proporcionando melhor participação do aluno e estimulando o processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, é perceptível a importância da ludicidade no que diz respeito ao incentivo à prática da leitura e o aperfeiçoamento de metodologias de aprendizagem, pois

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, e cultural social, colabora com uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita o processo de socialização, expressão e construção do conhecimento (Santos, 2002, p.12)

Partindo desse pressuposto, a atividade desenvolvida trabalhou a leitura na forma de soletração de palavras, onde as palavras soletradas tinham como tema "Festa Junina". Importante destacar que, no momento da atividade educativa, as crianças ficaram à vontade para escolher participar ou não da brincadeira. De início eles ficaram um pouco tímidos, porém no decorrer da brincadeira com o envolvimento dos colegas de classe, despertou-se o devido

interesse e todos participaram ativamente, enriquecendo bastante a dinâmica. A esse respeito Kishimoto (2011, p. 41) afirma:

Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo de ensino aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora.

Portanto, é papel do professor propiciar atividades dinâmicas que despertem o devido interesse dos alunos instigando a participação ativa e consequentemente estimulando habilidades importantes que facilitarão o processo de aprendizagem.

Considerações finais

De certo, após pesquisas realizadas com a finalidade de atender a demanda da atividade proposta, ficou evidente a importância do brincar no que diz respeito ao incentivo à leitura e o processo de ensino-aprendizagem, pois a brincadeira se configura como uma etapa crucial na vida de uma criança, e é através dela que a criança desenvolve funções psicológicas como atenção, memória, e o desenvolvimento pessoal estimulando a autonomia da mesma, além de aguçar a curiosidade, facilitando a interpretação dos conteúdos e do mundo ao seu redor. Dessa forma, a brincadeira possibilita o processo de construção intelectual, tornando perceptível um melhor desenvolvimento na assimilação dos conteúdos e socialização entre as crianças.

A atividade lúdica realizada nos possibilitou reconhecê-la como um instrumento extraordinário para o processo de estímulo da leitura, além de melhorar a socialização entre as crianças e desenvolver habilidades importantes para lidar com questões emocionais futuras. Ademais, vale ressaltar a importância do programa institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID), no início da formação docente, visto que, o mesmo proporciona experiências incríveis de vivências em sala de aula, ao qual contribui em significativa proporção para aperfeiçoamento da prática pedagógica do professor, que aliando teoria e prática objetiva a melhoria da qualidade do processo educativo.

Referências

ANDRADE, Simeir Santos. **O lúdico na vida e na escola**: desafios metodológicos. Curitiba: Appris, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning. 2002.

AS REPRESENTAÇÕES DOS GRAFISMOS INDÍGENAS PARA AS CRIANÇAS: A CULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Iasmin Maia Brito – UESPI
iasminmaiab@gmail.com

Marjory Bianca De Souza Santos – UESPI
marjorybdesouzasantos@aluno.uespi.br

Laysa Kailanne De Oliveira Nascimento – UESPI
lkdeoliveiran@aluno.uespi.br

Davi Dos Santos Costa – UESPI
davi.dos.santos.costa@aluno.uespi.br

Anne Karinny Veras Carvalho – UESPI
karinnnyanne43@gmail.com

Introdução

Mediante das cinco atividades realizadas durante o desenvolvimento do subprojeto no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), destaca-se que a atividade dedicada à exploração dos Grafismos Indígenas despertou significativo interesse por parte dos estudantes. Isso se deve ao fascínio e à curiosidade que demonstraram em compreender a origem e os significados desses grafismos. Observou-se um notório empenho de todos os envolvidos em aprofundar seu conhecimento sobre as artes indígenas e seus conceitos, percebendo a atividade como esclarecedora em diversos aspectos, como a vida em comunidade nas tribos indígenas, a importância da socialização por meio dos rituais e das pinturas.

Durante a execução dessa atividade, foram evidenciados sentimentos de esperança, especialmente em relação às crianças, que demonstram um interesse precoce pela aprendizagem correta e manifestam o compromisso de não repetir os erros do passado no que diz respeito à compreensão e valorização da cultura indígena.

O vídeo empregado como recurso na atividade aborda de maneira eficaz os grafismos e sua relevância, focando especialmente nas razões por trás de sua criação e na sua manifestação durante interações sociais, indo além da simples ação de “pintar os corpos” ou “pintar os rostos”. É fundamental compreender-

mos que as pinturas faciais não são realizadas sem propósitos definidos, e não são meramente estéticas. Durante todo o desenvolvimento da atividade, nosso objetivo é elucidar aos alunos por que não devemos apropriar-nos sem compreensão dessas práticas.

Durante a atividade, seguindo a subjetividade dos alunos, obtivemos representações dos grafismos de diversas formas, buscamos a compreensão do aluno e o esclarecimento sobre quais cores poderiam ser usadas e as razões. Ressaltamos ainda a origem das cores e o porquê do uso de algumas específicas e a ausência de outras.

Desenvolvimento

Desenvolvido na Escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos, o projeto PIBID, com o tema “Nunca mais um Brasil sem nós. Pela honra e valorização dos povos indígenas”, proporcionou valiosos aprendizados, destacando-se a atividade que descreveremos a seguir. Esta atividade, centrada nos grafismos indígenas, foi a segunda experiência realizada. Iniciamos a aula exibindo um vídeo de fácil compreensão para os alunos, a fim de contextualizar o tema. Em seguida, solicitamos que os alunos reproduzissem em uma folha xerocopiada com um rosto um dos diversos grafismos que foram apresentados no vídeo.

Durante a execução da atividade, alguns alunos demonstraram dificuldades, tanto em manter o foco nos grafismos quanto em selecionar as cores, apesar das orientações prévias. No entanto, a maioria dos alunos obteve benefícios significativos com a experiência. Inicialmente, abordamos a importância dos grafismos nas culturas indígenas, reforçando essa questão ao final da atividade. Além disso, explicamos como os indígenas encontram as cores na natureza e como obtêm os materiais para produzir esses grafismos. O processo em si não apresentou grandes desafios, uma vez que as crianças acolheram a ideia de forma positiva.

Ao longo da atividade, apesar das dificuldades mencionadas, observamos um bom progresso no desenvolvimento das habilidades dos alunos. A experiência de introduzir os grafismos de forma que não exigisse que eles pintassem seus rostos foi uma abordagem eficaz para manter a atenção dos alunos e maximizar o aproveitamento da atividade, respeitando ao mesmo tempo a cultura dos povos indígenas.

Alguns dos recursos utilizados incluíram folhas xerocopiadas com rostos para que os alunos pudessem representar os grafismos, lápis de cor para ex-

pressar as cores e a utilização de uma televisão para exibir o vídeo relacionado aos grafismos.

Um dos resultados mais significativos obtidos não se limitou apenas à atividade dos grafismos, mas também se estendeu a outras áreas do projeto. Vários alunos tiveram uma mudança de perspectiva em relação à terminologia correta, passando a utilizar os termos “indígenas” ou “povos originários” em vez de “índio”, uma correção importante. Além disso, essas mudanças de perspectiva foram levadas para casa pelos alunos, permitindo-lhes compartilhar esses conhecimentos com suas famílias e, assim, contribuir para a desconstrução de estereótipos relacionados ao tema. Como resultado adicional, observamos um aumento no interesse dos alunos pelo assunto tratado no projeto, levando a uma busca por informações adicionais sobre o tema.

Considerações finais

A relevância desse contato direto com a prática docente é de suma importância para nosso desenvolvimento como futuras professoras, considerando que a experiência prática nos encaminha nessa direção e, quanto mais cedo iniciarmos, melhor será nosso aprimoramento. Durante a realização das atividades, conseguimos aprimorar progressivamente nossa capacidade de lecionar. Além disso, além de aprender “como ser docente”, enfrentar as diversas realidades dos alunos e suas subjetividades foi fundamental para nos adaptarmos às diversas situações que a profissão pode nos apresentar.

Lidar com a situação de alunos que enfrentam dificuldades de aprendizagem devido à fome é angustiante. No entanto, desde o princípio, nossa supervisora e orientadora, Anne Karinny, nos instruiu sobre a abordagem ética para lidar com essas variadas situações em sala de aula.

Aprender a lidar com os pais dos alunos foi outra habilidade que não adquirimos na universidade, mas que, por meio deste projeto e do contato direto em sala de aula, aprendemos a lidar com eficácia, aproveitando ao máximo as oportunidades de aprendizado, observando e interagindo.

O projeto também é de extrema importância para os próprios alunos, pois durante esse período, eles podem desenvolver vínculos com novos professores e adquirir conhecimentos sobre diversos assuntos que, talvez, em sua formação convencional, não teriam acesso, como informações sobre os povos originários. Infelizmente, nos dias de hoje, a mídia e as redes sociais frequentemente pro-

pagam relatos de intolerância contra os povos indígenas, alimentando preconceito e discriminação.

Portanto, após a observação dos resultados de nossa atividade, afirmamos que o investimento em pesquisas e estudos sobre a cultura indígena é de extrema importância para reduzir os casos de discriminação, prevenir o desaparecimento de tribos, combater incêndios em aldeias e preservar as culturas indígenas, entre outros aspectos. A educação e o conhecimento sobre esse tema abrem caminhos para que os indígenas compartilhem suas experiências e saberes, constituindo o primeiro passo para mudar a realidade preconceituosa em que vivemos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

O Grafismo Indígena. Disponível em: <https://youtu.be/cuTjpvGD7Ko>. Acesso em: 24 jun. 2023.

Pinturas corporais indígenas carregam marcas de identidade cultural.

Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/pinturas-corporais-indigenas-carregam-marcas-de-identidade-cultural>. Acesso em: 24 de jun. 2023.

Por que há necessidade de falar sobre povos indígenas nas regiões em que essa população é minoritária? Disponível em: <https://itr.ufrj.br/determinacaoverde/por-que-ha-necessidade-de-falar-sobre-povos-indigenas-nas-regioes-em-que-essa-populacao-e-minoritaria/>. Acesso em 24 de jun. 2023.

ATIVIDADE LÚDICA PARA DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES: produção de barquinhos

Luana do Nascimento de Paula – UESPI

Ana Avelino Correia de Sousa – UESPI

Luciane Maria Carvalho Cardoso – UFPI

Samara de Oliveira Silva – UFPI

Introdução

Esse Relato de Experiência apresenta as atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – Campus de Parnaíba. A escola formadora é da rede municipal de educação infantil Sônia Viana, localizada na cidade de Parnaíba-PI, as bolsistas desenvolveram essas atividades no turno manhã. Destaca-se por meio dessa experiência que tivemos a oportunidade de trabalhar com as crianças da turma do infantil IV “B”, uma sala de frequência de 13 crianças com idade de 3 e 4 anos.

Adotou-se como objetivo estimular o interesse e criatividade das crianças por brincadeiras e brinquedos de antigamente, após a decisão da coordenação da escola foi escolhido para a turma, executar o plano de aula como foco trabalhar o brinquedo cantado. Essa atividade com o brinquedo escolhido foi o barquinho de papel, pois além de ser um brinquedo tradicional no qual estimula a coordenação motora fina e criatividade, plano esse elaborado com atividades lúdicas, que envolviam a confecção, a exploração e criação do brinquedo.

Em observação ao desenvolvimento dessa atividade percebeu-se o entusiasmo na participação da produção, ao mostraram interesse nos brinquedos. Para além disso, essa atividade auxiliou no desenvolvimento das habilidades motoras, coordenação e imaginação dos alunos, promovendo uma aprendizagem prazerosa e significativa.

O referencial teórico utilizado para elaborar o planejamento, foram feitos com base nas ideias de Vygotsky (2008), que defendia a relevância das atividades lúdicas no desenvolvimento da criança, para ele o brincar é uma atividade essencial para a infância pois aguça a autoconfiança, iniciativa e curiosidade.

Essas atividades lúdicas permitem que criança explore o mundo a sua volta de forma divertida e criativa, além de promover o desenvolvimento da

linguagem, uma vez que os alunos foram estimulados a conversar e com os colegas compartilhar suas ideias e histórias sobre o barquinho, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas motoras e socioemocionais.

Nessa turma do infantil IV “B” em específico, o plano de aula permitiu que as crianças explorassem sua criatividade e imaginação através da atividade com o barquinho de papel. Em suma, o uso de atividades divertidas de alfabetização pode tornar o processo mais agradável, significativo e eficaz para os alunos, sendo fundamental para o desenvolvimento integral das crianças pois permite que aprendam de forma significativa.

Desenvolvimento

Fizemos uma atividade de acolhida das crianças com saudações por meio de música, sendo essa sobre um barquinho, em uma rodinha de conversa. Nesse momento as crianças tiveram espaço para cantar músicas que conheciam sobre o tema ou outras músicas que gostassem, em seguida fizemos a chadinha por meio das fichas com os nomes de cada criança presente e após utilizamos o calendário para informar o dia em questão.

Logo após a acolhida, seguimos para a construção do barquinho de papel, ouvindo a música escolhida, distribuímos uma folha para cada criança e cada uma mostrava um pouco de dificuldade durante o passo a passo, o desenrolar do processo fizemos de forma lenta e paciente auxiliando uma por uma que mostrava dificuldade, assim todos conseguiram concluir a construção do barquinho.

A professora colaborou de forma significativa com a contação de história com a temática do barquinho de papel, que prendeu total atenção das crianças. Durante o desenvolvimento das atividades conversamos com as crianças e questionamos se gostaram das atividades? De forma mais direta, imediatamente obtivemos respostas positivas, perguntamos se algum deles conhecem barcos de verdade? E se entrariam em um ou se algum dia foram velejar? A atividade do primeiro momento foi finalizada com a participação das crianças. Em seguida as crianças foram para o lanche, e depois para o recreio, momento que é oportunizado mais atividades de para que pudessem brincar.

No segundo momento levamos as crianças para o pátio, onde fizemos outro barquinho, sendo esse com base de isopor e uma vela de papel, entregamos as velas para cada criança, e chamávamos uma a uma para participarem, após chamar a criança se aproximava de uma mesa onde havia uma bacia com água

colorida de azul, ela colocava a vela no isopor e assim colocava na água com um canudo que entregamos.

A atividade consistiu em um momento para que cada criança soprasse o barco para se mover na água, assim o barquinho navegava na água calma ou agitada conforme a criança quisesse, para que ao brincarem imaginassem que seria o mar, e o movimento da água feito por eles seria as ondas, ao finalizar a brincadeira estaria próximo ao horário de acabar a aula, para concluir o plano entregamos para as crianças uma atividade em folha em suas pastas, que consistia em fazer colagens de papel picado em um desenho de barco.

O material utilizado para a realização da atividade foi feito com uma vela de papel color set em formato triangular colado em um palito de dente, espetado em um pedaço de isopor cortado em formatos diferentes, formando o barquinho, que foi colocado em uma bacia com água tingida por tinta guache azul e tinta com glitter.

Considerações finais

A avaliação foi realizada a partir da participação das crianças e sua interação na sala de aula, através da participação da produção dos brinquedos cantados, tornando notório o entusiasmo das crianças durante as atividades o que demonstrou que o plano de aula foi eficaz em estimular a curiosidade dos alunos pelos brinquedos e brincadeiras de antigamente.

Essas atividades realizadas durante a vivência na Escola Formadora do PIBID - Sônia Viana, foi de fundamental importância para desenvolver integralmente as crianças, assim elas aprenderam de forma lúdica, explorando o mundo ao seu redor, contribuindo diretamente para as habilidades sejam elas cognitivas ou motoras, que estimulou a curiosidade e imaginação.

Durante a execução do planejamento foi trabalhado campo de experiência propostos para a Educação Infantil, a atividade trabalhada obteve resultados, trabalhando o movimento do corpo, gestos e movimentos, escuta e fala, pensamento e imaginação, espaço, tempo, quantidade, relações e transformações.

Todas as atividades foram exploradas a dimensão da coordenação motora e suas habilidades manuais, no atendimento de suas necessidades e interesses em diversas situações, além de permitir que as crianças estabelecessem relações e observações de propriedades e comparação, semelhança e diferença de

objetos e brinquedos, experimento e recriando brincadeiras e brinquedos diferentes, sendo esses populares, mas ainda desconhecidos pelas crianças.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>> Acesso em: 06 de agosto de 2023.

KIYA, A. M. **O lúdico na educação infantil**: uma análise a partir da teoria histórico-cultural de Vygotsky. 2014. 44 f. Monografia (Especialização em Educação Infantil) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ATIVIDADES LÚDICAS COM BRINQUEDOS DE PAPEL

Larissa dos Santos Vieira – (UESPI)

larissasantosvieira199@gmail.com

Jhulia Rodrigues Nascimento – (UESPI)

jhuliarodrigues110@gmail.com

Luciane Maria Carvalho Cardoso – (UFPI)

lufenix12rr@gmail.com

Introdução

A experiência de realizar a atividade sobre brinquedos de papel, para a turma do Infantil V “A” da escola Municipal Sonia Viana de Educação Infantil, da Rede de ensino da cidade de Parnaíba-PI, foi extremamente gratificante, pois, vivenciar a ação de aplicar uma atividade em sala de aula gerou muito nervosismo e entusiasmo, emoções coerentes com as expectativas dos graduandos do curso de Pedagogia.

Para essa atividade desenvolvida na escola Municipal Sonia Viana de Educação Infantil, teve a temática principal brinquedos de papel. O brinquedo escolhido pela turma do Infantil do V “A”, foi a pipa. Trabalhamos com a turma a leitura de um poema sobre esse brinquedo, foram apresentados os diferentes modelos de pipa através de imagens no papel A4 e suas nomenclaturas, que variam entre as regiões, foi orientado também sobre os cuidados que as pessoas devem ter ao brincar de soltar pipa.

Durante as explicações também ouvimos às crianças, logo que, a explicação foi em forma de uma conversa, dando ênfase na participação das crianças durante o momento de explicação, a fim de que elas ficassem atentas ao que estava sendo falado para elas.

Após a explicação sobre o brinquedo, fizemos um momento de confecção de pipas de papel com os alunos para a moldura de um quadro, cada aluno fez sua pipa de papel utilizando dobraduras, colagens e pintura. Essa confecção estimula os alunos na sua capacidade criativa, como também colaborativo visto que, durante realizarem suas confecções, também ajudavam os colegas e compartilhavam com eles seus materiais de pintura, reforçando a importância de se

trabalhar em grupo e também os valores que eles possuem, ao ajudar seus colegas quando percebem que eles têm alguma dificuldade durante as atividades.

Após finalizarmos a confecção das pipas de papel fizemos a montagem da moldura, onde as crianças colaram as pipas feitas de dobraduras no papel A4 e colaram também nuvens no papel, o espaço que restou no papel A4 as crianças pintaram de azul para representar o céu. O momento da confecção durou cerca de 1h, as 9h30min as crianças foram para o lanche e em seguida para o intervalo, depois do intervalo nós levamos as crianças para o pátio externo da escola e realizamos com eles a brincadeira de empinar uma pipa. Levamos pipas artesanais para que os alunos tivessem a experiência do brincar de empinar uma pipa, para alguns alunos aquela foi a primeira vez que brincavam com uma pipa, o que tornou a atividade ainda mais gratificante, visto que realizamos com os alunos uma vivência da qual eles demonstraram verdadeiramente um interesse em aprender sobre o assunto explicado, assim como também demonstraram empolgação na realização das atividades propostas.

Desenvolvimento

A atividade foi desenvolvida por nós, duas estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UESPI - campus Alexandre Alves de Oliveira, participantes do programa de iniciação à docência (PIBID), na escola Municipal Sonia Viana de Educação Infantil da Rede de ensino da cidade de Parnaíba-PI, para a turma do Infantil V "A", turno manhã.

Essa atividade teve por objetivo geral: estimular o desenvolvimento de atividades lúdicas com uso dos Brinquedos de Papel, em que cada turma da escola escolheu um brinquedo para ser estudado, a turma do Infantil V "A", escolheu a pipa. Desenvolvemos a atividade na quarta-feira 09, do mês de agosto, do ano de 2023. Para a realização da atividade, levamos para a escola duas pipas artesanais e um cartaz com o poema "Pipa" de José de Nicola. Iniciamos a aula com a roda de acolhida, que é uma atividade fixa da turma, em que os alunos formam uma roda sentados no chão e então é cantado com eles músicas de bom dia e de acolhida, permanecemos na roda e fizemos a chamadinha cantada e utilizando fichas com os nomes dos alunos, quando era chamado o nome de um aluno ele deveria pegar a ficha com seu nome e colocá-la no mural da chamadinha.

Logo após a chamadinha, mostramos a eles o calendário e mostramos o dia, mês e ano que estamos, em seguida o aluno escolhido pela professora para

ser o ajudante do dia, pinta no calendário o dia da aula. Finalizada a apresentação do calendário, continuamos na roda e então foi feita, a leitura do poema “Pipa” de José de Nicola, foi realizada uma primeira leitura para que os alunos apenas ouvissem e depois lemos todos juntos, os alunos do Infantil V “A” ainda não sabem ler, então era lido um verso do poema e depois eles repetiam.

Foi realizada a leitura do poema, em seguida iniciamos a apresentação por meio de imagens dos diferentes tipos ilustradas no papel A4 e formas de pipas e dos diferentes nomes que elas recebem em outras regiões. As crianças ficaram intrigadas ao descobrirem que em alguns lugares a pipa pode receber o nome de tapioca, também ficaram admiradas das formas diferentes que a pipa pode possuir, os modelos que mais chamaram atenção dos alunos foram a pipa morcego e a borboleta. Iniciamos um questionamento oral para os alunos, perguntando se eles já haviam brincado de empinar uma pipa, apesar de todos conhecerem o brinquedo, apenas três alunos relataram já ter empinado uma pipa afirmando que essa brincadeira é muito divertida.

O questionário utilizado sobre as pipas, foi em forma de uma conversa para que cada aluno pudesse relatar sobre suas impressões em relação ao brinquedo ou contar como foi a experiência de empinar uma pipa, caso já tenha feito. Os alunos se sentiram à vontade para falar, tendo a liberdade de expor suas opiniões. Aproveitamos para ressaltar os cuidados que deveriam ter ao brincar de soltar pipa, como não brincar na rua, perto de fios elétricos e estar sempre acompanhado de um adulto.

Finalizou-se a conversa e as explicações sobre o brinquedo, entregamos uma folha A4 branca, para todos os alunos em seguida cantamos com eles a música “Folha em Branco” que além de cantar todos juntos, também fazíamos movimentos com as folhas de acordo com a letra da música. Quando encerramos a canção solicitamos que os alunos voltassem a seus assentos para que fosse feita a confecção de pipas de papel, que eles iriam produzir por meio de dobraduras, colagem e pintura. Fizemos a demonstração de como fazer a pipa de papel, em seguida cada aluno fez a sua, após fazerem suas pipas, os alunos às colaram em outra folha A4 que representaria uma moldura de pipa no céu, distribuímos também nuvens de papel e papel picado para decorarem suas molduras.

Após o intervalo, levamos os alunos para o pátio externo da escola, para realizar com eles a experiência do brincar de empinar uma pipa com pipas artesanais que levamos. Todos os alunos participaram da atividade, cada criança

teve seu momento com a pipa, proporcionando desta forma a oportunidade para algumas crianças de empinar uma pipa pela primeira vez. Aplicar essa atividade e perceber que havia um interesse real das crianças pelo conteúdo, perceber como elas se divertiram e ao mesmo tempo obtinham conhecimentos, tornou a experiência de aplicar essa atividade, ainda mais gratificante.

Sendo assim, o momento de aplicar uma atividade e ser responsável por uma turma, nos proporcionou um verdadeiro aprendizado sobre a vida docente. Possibilitando que entendêssemos como funciona prática escolar, esta atividade exigiu de nós um comportamento de liderança e compromisso para com a turma. Acreditamos que os ensinamentos repassados a nós pela Universidade devem ser complementados com a vivência em sala de aula, com as experiências obtidas durante cada aula, relacionando sempre a teoria com a prática.

Acreditamos que a expressão de uma criança está nas brincadeiras que ela realiza, pois, é brincando que às crianças demonstram e expressam seus sentimentos e suas emoções. Desta forma, a brincadeira pode ser uma ferramenta de auxílio para os educadores durante suas aulas. A forma como o professor(a) aplicará um determinado conteúdo, estará desenvolvendo nos alunos algumas habilidades como raciocínio lógico, reflexão e trabalho em equipe.

Segundo Vygotsky (1991) a atividade lúdica é essencial para o avanço das crianças, pois podem despertar o interesse pelas práticas escolares. Nesse sentido, o brinquedo pode ser considerado como uma atividade condutora na evolução das crianças em suas aprendizagens. A partir do pensamento de Vygotsky, foi possível compreender que o brinquedo pode auxiliar na prática pedagógica, logo que, quando os brinquedos são inclusos nas atividades escolares, o educador pode potencializar sua aula, tornando-a mais cativante, fazendo com que os alunos tenham um maior interesse pelas aulas, pelas atividades e pela escola. Desta forma, ao trabalharmos o desenvolvimento criativo de um brinquedo de papel, para construir uma moldura e depois realizar a experiência do brincar de empinar uma pipa, foi possível proporcionar aos alunos não apenas os conhecimentos sobre o brinquedo, como também a prática da brincadeira.

Ao trabalharmos a atividade sobre brinquedos de papel, na escola Municipal Sonia Viana de Educação Infantil, tínhamos em mente que a atividade lúdica é essencial no ensino aprendizagem e que quando os alunos se divertem na escola, o interesse deles pela mesma é intensificado. Desta forma "Brincando a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais e intelectuais" (VELASCO, 1996, P.78).

Considerações finais

Vivenciar essa experiência com as crianças de fazer dobraduras de papel e soltar pipa nos mostrou o quanto é importante para eles, pois eles puderam socializar entre si de uma forma diferente e lúdica, além de trabalhar o desenvolvimento de habilidades motoras e o uso da criatividade, podemos também observar as dificuldades de cada criança.

Através do brincar de empinar pipa foi tão enriquecedor trabalhar com eles a importância do trabalho em equipe e o quanto ele é importante quando feito em harmonia. Por tanto ficamos bastante felizes ao poder proporcionar para algumas crianças a primeira experiência com a pipa e a diversão foi garantida.

Referências

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. P. 226 – 227.

NICOLA, José De. **Alfabetário**. São Paulo: Moderna, 2002. Fonte: livro – Língua portuguesa – Buriti mais português – 4º ano – ensino fundamental – Anos iniciais – 1ª edição, São Paulo, 2017. Moderna. P. 158.

VELASCO, Calcida Gonsalves. Brincar: o despertar psicomotor. Rio de Janeiro: **Sprit**, 1996.

BRINCADAS: UM RESGATE ATRAVÉS DO TEMPO

Samia Cunhados Santos- UESPI

Adryelle Vittoria Do Nascimento Silva - UESPI

Michelle Martins de Oliveira – UESPI

Millene Martins de Oliveira – UESPI

Introdução

Ao longo do tempo pode-se notar que algumas brincadeiras foram deixadas para trás, principalmente por conta das novas modalidades de brinquedos tecnológicos. Brincadeiras de roda, cantigas e várias outras maneiras de explorar a imaginação e o movimento estão desaparecendo.

Com o intuito de resgatar essas brincadeiras que fizeram parte da infância de várias pessoas e que devem ser valorizadas até os dias atuais, principalmente pela carga cultural existente, o presente relato de experiência tem por finalidade evidenciar as experiências vivenciadas por duas graduandas do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Piauí Campus Alexandre Alves Oliveira, participantes de um projeto pedagógico intitulado “brincadas”, idealizado pela professora Fabrícia Pereira Teles e realizado nas escolas Benedicto dos Santos Lima e Escola Municipal de Educação Infantil CAIC. O motivo pelo qual houve as ações dentro das instituições de ensino foi efetuado através de estudos trabalhados, juntamente com discussões entre outros discentes e docentes.

Destaca-se um consenso, sobre o tema abordado, de como as crianças das séries iniciais estão perdendo ou nem têm contato com as brincadeiras tradicionais, devido ao seu contato direto com as tecnologias presentes nos dias de hoje. Mediante isso, o projeto elaborado tem o intuito de resgatar essas brincadeiras, trabalhando o lúdico para que se obtenha tal resultado, desenvolvendo também através das “brincadas” suas habilidades motoras, alinhando com o seu processo de ensino e aprendizagem. Conforme a aplicação do projeto podemos ver vários pontos do planejamento a serem alcançados, além do “resgate”, que inclusive foi metaforizado ao Corpo de Bombeiros, com a intenção de deixar ainda mais lúdico e dar alusão de que precisaria salvar as brincadeiras.

Desenvolvimento

Após as discussões feitas em sala de aula, o projeto deu início e a turma foi dividida em grupos e escolas. Os recursos utilizados foram criados e adquiridos pelas próprias equipes, incluindo os carros do corpo de bombeiros, feitos de papelão, que foram usados para chamar a atenção das crianças e despertar a curiosidade sobre o que estaria por vir, dando alusão ao resgate das brincadeiras. As dinâmicas foram feitas no período da tarde e com divisão das turmas. Os alunos foram levados a um local específico da instituição e depois de descobrirem o motivo pelo qual havia aquele movimento e o porquê da importância de preservar brincadeiras que estão sendo esquecidas, deu-se início ao momento de brincar.

Algumas brincadeiras executadas foram variadas, tais como o “pato-gancho”, na qual consiste em escolher um colega para correr até ele e tentar alcançá-lo, trabalhando a atenção, a paciência em esperar a vez e a locomoção; a dança das cadeiras que, apesar de ser conhecida, por muitas vezes é deixada de lado e, mesmo que o intuito da brincadeira não seja levar a um objetivo além da diversão, ela também trabalha a musicalidade e a atenção. Além dessas brincadeiras, algumas outras foram exercidas pelas crianças, que ajudava a trabalhar a coordenação motora, e obtivemos uma aprovação positiva.

Ao final da dinâmica, os alunos receberam mimos como forma de lembranças e os momentos foram registrados pelos discentes que realizaram o momento, ademais no final da execução do projeto podemos perceber o quão felizes e dispostas as crianças estavam quando retornaram para a sala de aula.

Considerações finais

Visto que o intuito do projeto foi levar brincadeiras antigas, que possuem valor cultural e também auxiliam no desenvolvimento, pudemos perceber que algumas delas eram desconhecidas pelas crianças. Algumas até eram reconhecidas ou lembradas, mas de outras formas ou com recursos diferentes.

A dinâmica foi bem recebida e acolhida pelas escolas e executadas com as crianças com excelência. O retorno foi positivo e pudemos perceber que auxiliamos na descoberta de novas brincadeiras para elas, que para nós já são bastante conhecidas e fazem parte de nossas vidas. A importância de vivenciar

esses momentos se dá pelo fato de que há um valor cultural nessas experiências e que não podem ser deixadas para trás.

Para a autora Tizuko Morchida o brincar é fundamental para as crianças, é um momento de aprendizagem e autodescoberta, de exploração do mundo ao seu redor, além do desenvolvimento de várias áreas, sua importância está diretamente ligada com a infância, transmissão de cultura e como parte do processo de desenvolvimento (KISHIMOTO, 2010, p. 01)

Referências

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 13^o ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRINQUEDO CANTADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dalila Veloso Costa -UESPI

Dalilaveloso9@gmail.com

Dayanne Oliveira da Silva -UESPI

Dayanneoliveira802@gmail.com

Luciane Maria Carvalho Cardoso -UFPI

Lufenix12rr@gmail.com

Introdução

O presente Relato de Experiência narra uma experiência realizada na Escola Municipal de Educação Infantil Sônia Viana, na turma do infantil IV" A" manhã, com um total de 16 crianças matriculadas, a qual foi trabalhada a temática "Brinquedo Cantado", utilizando uma metodologia recreativa com atividades de produção de barcos de papel, a fim de estimular a criatividade e coordenação motora das crianças. Desta forma, foi observado que o objetivo do programa foi alcançado pela observância da interação e participação de todas os alunos.

Essa prática faz parte do Programa de Iniciação à Docência no âmbito do subprojeto de pedagogia do Campus de Parnaíba -PI que proporciona aos discentes e participantes o primeiro contato com a sala de aula, observando e auxiliando o professor nas atividades, fazendo com que os licenciandos entendam sobre a dinâmica escolar e o papel do professor, visando o seu futuro como docente.

Para preparação dessa aula, utilizamos como referencial teórico a citação do psicólogo Piaget, (1971) que diz "Quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui". As atividades lúdicas colaboram para o processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A escolha da temática "Barquinho e suas maneiras de brincar" tem como objetivo mostrar a importância do brincar sem deixar de aprender e por entendermos que também pode contribuir no desenvolvimento de habilidades cognitivas das crianças. Nos relatos sobre a brincadeira infantil Vygotsky (1991) afirma que esta é uma situação imaginária criada pela criança e onde ela pode,

no mundo da fantasia, satisfazer desejos até então impossíveis para a sua realidade.

Desenvolvimento

A Experiência com os alunos foi vivenciada na escola municipal de educação infantil Sônia Viana, na quarta-feira do dia 9 de agosto de 2023. Foi realizado em sala todo o processo descrito no plano de aula, que em primeira instância foi entregue nas mãos da professora responsável pela turma. Em seguida foi realizada a acolhida com as crianças na qual, em conjunto com elas em formato de roda, houve uma conversa inicial e foi cantada junto a elas a música sobre os dias da semana.

As atividades desenvolvidas, como a chamada foi realizada por meio de fichas com os nomes de cada aluno. Dando procedimento, a chamada foi realizada por meio de fichas com os nomes de cada aluno.

Posteriormente, iniciou-se o assunto baseado nas atividades aplicadas, apresentando o objeto barco e suas inúmeras formas e utilidades, em seguida mostrou-se para eles uma réplica em miniatura feita de madeira de uma embarcação que é muito utilizada no Amazonas como meio de transporte. Após isso realizou-se questionamentos do que eles haviam aprendido sobre os barcos e demos continuidade com a demonstração de uma atividade lúdica sobre como fazer manualmente um barco utilizando uma folha de papel A4, propondo que a qualquer momento eles podem confeccionar seu próprio barquinho para brincar. Adriana Friedmann (1996) afirma que “O brincar é imaginação em ação”.

Logo após a demonstração, foram confeccionados para eles, novos barquinhos de papel orientando-os para a finalização da produção dos mesmos, sendo que, cada criança ficou responsável por colorir o seu barquinho e colocar toda a sua criatividade em ação com as cores disponíveis. Já no momento da produção e pintura dos barcos, foi trabalhada em conjunto com as crianças a decoração das velas com a utilização de pedrinhas coloridas que foram coladas com o auxílio da cola de isopor, com o intuito de trabalhar à atenção e o desenvolvimento motor.

Ao finalizar a atividade de produção, destaca-se que os alunos foram conduzidos para uma divertida dinâmica que consistia na utilização de barcos produzidos tanto de garrafas pet quanto de tampas de plástico, a qual foram recicladas na confecção de barcos, colaborando para que essa experiência fosse algo extremamente instigante e cativante para as crianças. Uma outra dinâmi-

ca foi realizada, com uma pequena demonstração transformando água comum à uma linda água azul, assemelhando-se ao mar, com a ajuda de um corante alimentício, um momento de muito entusiasmo pelos pequeninos e de muita gratidão.

Posteriormente os barcos foram colocados na bacia com água e canudos plásticos foram distribuídos para as crianças, dando início outra dinâmica que consistia no ato de assoprar com o canudo, fazendo o barco locomover-se pela bacia de água, neste momento buscou-se estimular mais uma vez o avanço motor das crianças. Logo após esta ocasião, que foi muito prazerosa e cheia de diversão, foi colocada a canção de Marcelo Serralva chamada: “Rema, rema o seu barquinho”, na qual eles prontamente já acompanharam na cantoria e nos gestos com os seus barquinhos de papel.

Um Mural foi produzido com a exposição dos barquinhos confeccionados por cada aluno, dando por encerrado esta atividade, foi devolvido os barquinhos para as crianças, concluindo assim está tão prazerosa e enriquecedora experiência em sala de aula.

Considerações finais

Ao apresentar para as crianças os barcos como meio de transporte e brinquedo, percebemos em seus rostinhos a admiração e o prazer de estar participando deste momento especial. A confecção dos barquinhos de papel foi recebida como superação de suas habilidades e desenvolvimento de sua capacidade motora, como também contribuiu na interação social, permitindo a criança o estreitamento do seu relacionamento com seus colegas e familiares.

Esse exercício é muito enriquecedor aos docentes de licenciatura e proporciona a oportunidade de estar em sala de aula e desta forma ter um olhar e uma vivência mais realista da prática da profissão, ajudando assim a reafirmar a certeza da sua escolha.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo, Martins Fontes, 1971, p. 67.

FRIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender:** o resgate infantil. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

VYGOTSKY, L.S. A Formação social da mente- o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=Vu_aEHL9wB8 - MÚSICA – Reme seu Barquinho
<https://br.pinterest.com/pin/507851295492596150/> - DINÂMICA DO BARQUINHO. Acesso em 03 de agosto de 2023.

CIRCUITO LITERÁRIO E A PROMOÇÃO DA VALORIZAÇÃO DO PROTAGONISMO E AÇÃO ESTUDANTIL NA EXECUÇÃO DE ATIVIDADES EDUCACIONAIS

Eduardo Hérysson Andrades de Oliveira – UESPI

Maria Clara Santo de Araújo – UESPI

Valeria Silva de Araújo – UFPI

Introdução

O ato de ler tem sido desdenhado no que compreende as realidades além do meio escolar, em decorrência do ato de não ler, ou de não haver incentivo sociofamiliar que corroborem com esta prática, nas salas de aulas nota-se certa dificuldade que os profissionais de educação enfrentam ao realizar atividades de leitura em grupo, as atividades de interpretação de texto e materiais de escrita.

Pensando nesse cenário, elaborou-se uma atividade específica para a realidade da turma do 5º ano da Escola Municipal Benedicto dos Santos Lima, situada na cidade de Parnaíba no estado Piauí, onde os autores do relato atuam como bolsistas e/ou supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID sendo pois, provenientes do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI campus de Parnaíba.

A atividade nomeada como circuito literário, compreende uma sequência de atividades que devem ser desenvolvidas e somente ao finalizar deve-se avançar para outra etapa. A execução da atividade circuito literário, aqui descrita, teve como principal objetivo estimular a necessidade da leitura no processo de aprendizagem. Além de focar no desenvolvimento de atividades lúdicas com o intuito de trabalhar a leitura, interpretação e por fim visar a valorização à literatura infantil como suporte para o imaginário dos alunos e execução de habilidades artísticas através de pinturas e desenhos.

Desenvolvimento

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, declarou Paulo Freire em seu livro chamado A Significância do Ato de Ler (1988). Freire revela que a experiência vivenciada pelo sujeito, em seu contexto, pode ser distinta daquela encontrada no ambiente escolar. Com isso, a habilidade de ler palavras na escola, ou de escrevê-las, não implica necessariamente na capacidade de com-

preender a realidade e esse discurso vai de encontro com afirmação de Cagliari (2001) revelando a eficácia da leitura independente do espaço escolar.

A leitura é extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma (CAGLIARI, 2001, p. 148).

Após realizar-se um estudo acerca do trabalho em equipe, liderança e protagonismo infantil, contação de histórias na educação e com base nas observações por meio de convivência, criamos o circuito literário, uma sequência de atividades que devem ser desenvolvidas e somente ao finalizar deve-se para avançar para outra etapa. Para a execução escolheu-se cuidadosamente a história "Alice no país das maravilhas". Evidenciamos a reflexão apontada pela plataforma Arvore:

Contar histórias é uma forma de entretenimento. Mas, mais do que isso, o conteúdo das histórias faz parte da formação do caráter da criança. Além de ser uma das melhores maneiras de ajudar os pequenos a lidarem com as descobertas e transformações, pelas quais todos nós passamos quando estamos crescendo e conhecendo o mundo que nos cerca. (Arvore-2016)

Planejamos a execução do circuito, pensando previamente em aplicar e desenvolver a atividade de modo com que nossa atuação fosse por meio da observação, favorecendo um cenário em que os alunos se sentissem confortáveis e consequentemente acabassem performando de maneira própria, sem intervenção dos proponentes. Assim, no que concerne a promoção do aspecto de liderar tomamos por base o pensamento de Siqueira (2002) que nos aponta que:

Liderança é um tema que faz parte do campo de estudos do comportamento organizacional. Esse campo envolve o estudo do comportamento de indivíduos e grupos dentro do contexto organizacional, bem como da própria estrutura e do comportamento da organização. (Siqueira, 2002)

A partir desses apontamentos preparamos um plano e selecionamos as atividades do circuito. Para o início e aplicação do circuito literário, pensamos na nossa caracterização como personagens, Alice e o coelho branco, como meio de sensibilização para instigar a interação e participação dos alunos. Do planejamento à aplicação, pensamos em criar um ambiente digno de incentivo e aco-

lhimento, o qual possibilitou aos alunos meios de explorarem suas capacidades de ler e imaginar. Desse modo, acreditamos que fomos capazes de promover um ambiente em que as crianças, dentro de suas individualidades, fossem capazes de assumirem o posto de liderança.

O circuito literário incluiu várias etapas de aplicação: leitura, resumo através de desenhos, interpretação, quiz, desenho em grupo além da confecção de livretes. Dispomos a turma em dois grupos com treze integrantes, em seguida conversamos sobre a importância do trabalho em grupo e que era primordial a eleição de dois líderes de cada grupo, após esse momento e sem muita dificuldade entre si e sem nossa intervenção os líderes sugeriram. Entregamos a história "Alice no país das Maravilhas" impressa para realizarem a leitura em grupo. Os líderes eram responsáveis pela organização e orientação do grupo. Após a leitura, os grupos deveriam organizar a história através de desenhos em fatias de pizza, feitas de papel, pintando e colorindo. Ao finalizar esse tempo e com base na história lida, em grupo responderam um quiz com doze questões. E por fim elaboraram um desenho que resumia a história. O grupo que criou o desenho com maior dedicação e aderiu com maior entusiasmo, priorizando o trabalho em grupo dentro do circuito literário ganhou, mas assim como no capítulo 3 do livro de "Alice no país das maravilhas", ninguém perde, logo, todos foram recompensados. Como atividade de casa, entregamos a cada um dos participantes um caderno para criarem um pequeno resumo com textos e desenhos com base na história lida, recebemos no dia seguinte alguns dos livretes produzidos pelos alunos.

Considerações finais

Notamos o incessante interesse dos alunos pela leitura e melhoria de interpretação textual. Ao responderem o questionário e realizarem um pequeno resumo com texto e desenhos, atingimos assim o objetivo proposto inicialmente, estimular a necessidade da leitura no processo de aprendizagem. Portanto, afirmamos que a atividade de nossa autoria, o circuito literário, não visou somente a promoção da leitura mas o desenvolver de habilidades socioemocionais e de liderança estimulando assim a importância da leitura no processo de aprendizagem e o valor do protagonismo infantil.

Ao considerarmos a significância na habilidade de leitura e decodificação, torna-se imprescindível fomentar o incentivo mútuo que transcenda as fronteiras do ambiente escolar, atingindo, ampla e essencial rede de apoio sociofamiliar. Além disso, é de suma importância adotar, com veemência, estratégias

eficazes, de fácil compreensão e execução, de modo que o discente seja não apenas visualizado, mas também se perceba e se enxergue como uma peça integrante indissociável no processo de aprendizagem.

Referências

A IMPORTÂNCIA da contação de histórias para crianças. **Blog da Árvore**, 2016. Disponível em: <<https://www.arvore.com.br/blog/importancia-contacao-historias-educacao-infantil>>. Acesso em: 16 de out. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2020.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**: pensamentos e ação no magistério. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2001.

FREIRE, Paulo. Paulo Freire – **A Importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

SIQUEIRA, M. M. M. (2002). **Medidas do comportamento organizacional** [Edição Especial]. Estudos de Psicologia, 7, 11-18. doi: 10.1590/S1413-294X2002000300003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/MmZ-MYgkntBK7dDxyxmWv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 Out. 2023.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E VIVÊNCIA LITERÁRIA COM CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Bianca Cordeiro Lessa – UESPI

Francy Rayka Xavier Almeida dos Santos – UESPI

Lyanna Maira Fontenele de Oliveira – UESPI

Prof Esp. Jucelia da Silva Chaves - CAIC

Prof Dr' Maria Ozita de Araujo Albuquerque - UESPI

Introdução

O presente trabalho busca relatar a vivência de bolsistas do PIBID em uma escola de educação infantil, contando histórias infantis de autoria de escritores nacionais, na oportunidade foram trabalhadas dinâmicas que envolvem escrita e coordenação sensório motora no desenvolvimento de atividades relacionadas as práticas realizadas em sala.

O contar de histórias para crianças na educação infantil desempenha um papel fundamental, pois estimula o desenvolvimento cognitivo, emocional e social destas. Ao ouvir histórias, as crianças expandem seu vocabulário, aprimoram a compreensão textual e desenvolvem habilidades de comunicação.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4)

Além disso, as narrativas proporcionam um ambiente seguro para explorar emoções e valores, promovendo o desenvolvimento socioemocional, estimulando a imaginação e a criatividade, além de incentivar a curiosidade e o interesse pela leitura. As histórias podem ser usadas para abordar temas relevantes para o desenvolvimento das crianças, como a importância da amizade, da diversidade e do respeito mútuo. Elas também introduzem às crianças a diferentes culturas e perspectivas, ampliando a compreensão do mundo ao seu redor. Dessa forma, a contação de história fortalece o vínculo entre educadores e alunos, criando um espaço de interação e afeto.

Vivências e contação de histórias.

Na Escola Municipal de Educação Infantil CAIC, desenvolveram-se atividades de contação de história e atividades integrativas com crianças de 5 e 6 anos, do infantil V. No primeiro momento aconteceu a abertura do projeto, que reuniu todos os integrantes do programa, de todas as turmas da Educação infantil presentes na escola municipal Caic. Os residentes foram com fantasia de alguns personagens literários, lá cantaram músicas e contaram brevemente uma história para que as crianças pudessem adivinhar por meio da caracterização e da história, de qual personagem se tratava.

No segundo dia do projeto, etapa em que se desenvolve o foco deste relato, contamos a história do livro “Bem lá no alto” de Susanne Straber (2016), que diz, no alto de um edifício, há um bolo delicioso. E o urso quer muito alcançá-lo, mas não sabe como fazer. Ainda bem que, nessas horas, podemos contar com amigos - e com certas surpresas. As várias onomatopéias do texto como VUPT, OPA, UPA, FLAP, PÓIM, ZAPT e PLAM, costumam agradar os pequenos, assim como o som dos animais. Ademais, a cooperação de um animal com outro ensina também um dos valores privilegiados na educação.

O comportamento cooperativo tem implicações na organização social de grupos, na formação de pares mais duradouros, na ajuda e na reciprocidade. Ao finalizar a contação de história realizamos várias perguntas sobre os animais e a ordem em que eles se organizaram, utilizando recursos confeccionados pelas próprias residentes, e atividade de colagem com base na história.

O terceiro dia de aplicação das atividades propostas pelas bolsistas do Pibid durante o projeto de leitura, teve a temática “Quem sou eu?”. Durante a vivência desta atividade, os alunos do infantil V puderam se observar através de um espelho.

As crianças observaram a cor de seus olhos, a cor de seus cabelos e para as meninas, o penteado que estavam usando. Puderam analisar seus traços, tom da sua pele e como vão para a escola. Embalados ao som do Mundo Bitá, as crianças fizeram então, o seu próprio autorretrato. Deixando-as bem livres para usarem a imaginação, nós pibidianas, que propusemos a atividade, tivemos um retorno bem positivo no que se relaciona ao interesse e desenvolvimento da atividade feita pelas crianças.

Em um segundo momento, foi realizada a atividade do autorretrato. As bolsistas cantaram a música “O meu nome eu vou falar” do youtuber voltado para o público infantil, Marcelo Serralva, para que as crianças do Infantil V vi-

venciassem a escrita de seu prenome, além de firmar sua coordenação motora utilizando cola colorida para cobrir a primeira letra do seu prenome. As atividades propostas pelas bolsistas do Pibid e realizadas pelas crianças, revelam entusiasmo e dedicação, uma vez que a expectativa da realização da atividade se torna em evidência por parte dos estudantes.

Chegando ao quarto dia do projeto, realizamos a terceira vivência literária com as crianças, trazendo a História “Bom dia todas as cores!” da autora brasileira Ruth Rocha (2013). Foram confeccionados recursos para contar a história do pequeno camaleão que mudava sua cor conforme a opinião dos amigos que encontrava pelo caminho, até perceber que a melhor cor que ele poderia ter era a que ele se sentia melhor, e não a cor que os outros poderiam opinar que ele devesse ter.

A história trabalha autoconfiança, autoestima e desenvolvimento de uma personalidade independente e confiante. As crianças ficaram maravilhadas com os personagens em EVA em forma de palitoques que interagiram durante a contação da história em sala. Em seguida foi realizada atividade lúdica com colagem de bolinhas de papel crepom no desenho do camaleão, estimulando a criatividade e coordenação motora das crianças ao fazer as bolinhas e em seguida colarem na forma do camaleão.

O apoio do corpo escolar nas atividades propostas pelas residentes desempenha um papel crucial no sucesso desses programas. A colaboração entre professores experientes e residentes proporciona um ambiente de aprendizado enriquecedor, onde o conhecimento teórico se une à prática real da sala de aula. O suporte dos educadores estabelecidos oferece orientação valiosa e compartilhamento de experiências, permitindo que os residentes desenvolvam suas habilidades pedagógicas de maneira sólida e eficaz.

Considerações finais

Os projetos de vivência e contação de histórias realizados na escola Caic, no Infantil V, se mostram de importante valor para o desenvolvimento, aprendizado e interação das crianças que estão inseridas em escolas que abrangem os projetos educacionais e sociais, uma vez em que, durante todas as atividades do projeto, as crianças deixaram em evidência a satisfação com o que estão aprendendo e produzindo.

A experiência de iniciação à docência envolvendo a contação de histórias na educação infantil desempenha um papel fundamental na formação acadêmi-

ca dos pibidianos, pois oferece aos estudantes oportunidade de aplicar teorias pedagógicas na prática, promovendo um profundo entendimento das dinâmicas educacionais. Além disso, o contato com crianças em tenra idade desenvolve habilidades de comunicação, empatia e adaptação, preparando futuros educadores para lidar com diversidade e desafios da sala de aula. Essa vivência também reforça o compromisso com a promoção do aprendizado e o amor pela literatura desde a infância, impactando positivamente não apenas a formação acadêmica, mas também a comunidade escolar, ao elevar a qualidade do ensino e, conseqüentemente, o desenvolvimento das crianças.

Referências

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

ROCHA, Ruth. **Bom Dia, Todas as Cores**. Editora Salamandra, 18ª edição, 2013.

STRABER, Susanne. **Bem lá no Alto**. Editora: Companhia das Letrinhas, 1ª edição, 2016.

Marcelo Serralva, youtuber. Disponível em: <https://www.youtube.com/@marceloserralva>. Acesso em: 25 de Setembro de 2023.

ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: identificando a reprodução animal

Marina Quaresma Nunes – UESPI

Luana Mamedio Barbosa – UESPI

Michelle Leidiane dos Santos Holanda Almeida - UEPV

Filipe Augusto Gonçalves de Melo – UESPI

Introdução

O ensino de ciências envolve o entendimento acerca do mundo, por meio da disciplina os estudantes obtêm conhecimento a respeito da matéria, fenômenos físicos e seres vivos. No entanto, algumas informações abordadas na escola não estão presentes no cotidiano dos alunos. Para Carvalho (2004) a meta na educação é fornecer aos discentes meios que lhes tragam o pensamento científico. Sob esse viés, torna-se muito promissor para o aprendizado a aplicação de estratégias que visem aproximar os conceitos vistos em teoria à realidade dos estudantes, e que valorizem o raciocínio.

Nesse contexto, Andrade e Massabni (2011) afirmam que atividades práticas propiciam a motivação e o entendimento nas disciplinas científicas, em particular quando envolvem investigação e desafios a serem resolvidos. Além disso, em determinados conteúdos, o contato com o objeto de estudo ocorre somente por aula expositiva teórica e contato com livro didático, o que pode limitar o processo de ensino aprendizagem.

Esse fator, somado à complexidade de elaborar atividades diferenciadas e pertinentes do ponto vista metodológico aos assuntos que estão sendo vistos em sala de aula, configuram uma dificuldade. Para Pereira *et al.* (2006), ensinar anatomia humana e animal na educação básica é um obstáculo, em destaque pela escassez de material didático. Dessa forma, conteúdos que evidenciam conceitos não só anatômicos, como também fisiológicos dos animais, podem ser empecilhos para o desenvolvimento de práticas, pois muitas vezes o acesso à materiais como peças fixadas não são acessíveis às escolas.

A competência um da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o conhecimento, que desenvolve no aluno a capacidade de entender e valorizar a relevância do que aprendeu, pensamento crítico e autonomia sobre o processo de aprendizagem (Escola, 2022). Nessa perspectiva, metodologias mais atrativas

apresentam-se como meios hábeis não somente para desenvolver nos alunos essas aptidões, como também para o professor trabalhar as habilidades requeridas na educação básica.

Sob esse contexto, a habilidade EF08CI07 trata de mecanismos reprodutivos de plantas e animais comparando os métodos de reprodução em relação à mecanismos de adaptação e evolução (Brasil, 2018). Porém, no quesito de reprodução animal, a elaboração de atividades diferenciadas torna-se mais difícil, entretanto. Apesar disso, a utilização de materiais de estudo que envolvam peças possíveis de observar caracteres anatômicos que indicam tais mecanismos, pode ser uma técnica efetiva para se trabalhar tal conteúdo fora da abordagem puramente teórica.

Nesse sentido, o presente relatório propõe-se a descrever e analisar a respeito de uma atividade prática realizada por bolsistas do programa Residência Pedagógica do subprojeto de biologia em turmas de 8º ano. O assunto da aula consistiu em reprodução animal, e foram utilizadas peças fixadas para observação e identificação de estratégias reprodutivas em diferentes grupos animais, objetivando com isso, um ensino mais significativo por meio da aproximação dos discentes de materiais científicos para estudo e o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Desenvolvimento

No dia 22 de agosto de 2023, bolsistas do programa Residência Pedagógica, do subprojeto de biologia da UESPI do *Campus* Prof. Alexandre Alves de Oliveira, realizaram uma atividade prática como forma de revisão e avaliação nas turmas de 8º ano A e B da Unidade Escolar Padre Raimundo José Vieira. O assunto da aula em questão era “Reprodução animal”, e foi aplicada após a conclusão do assunto com aulas e atividades teóricas.

Para a atividade foram selecionados os seguintes animais: esponja-do-mar, estrela-do-mar, carneiro, serpente, tartaruga, aranha e raia. Estes foram disponibilizados pela Coleção Zoológica da Universidade Federal do Delta do Parnaíba e pelo laboratório de ciências da Universidade Estadual do Piauí. Os animais foram dispostos em ordem aleatória em uma das bancadas da sala de vídeo da escola, como mostra a figura 1.

A aula deste dia contava com materiais de apoio como slides, fichas técnicas e os animais fixados. Em primeiro momento foi explicado como seria a ati-

vidade e cada aluno recebeu uma ficha com os nomes dos respectivos animais e os tipos de reprodução (Figura 2). Em seguida, foi iniciada a recapitulação teórica com o uso de slides sobre os conceitos de reprodução sexuada, tipos de fecundação, estratégias reprodutivas em reprodução sexuada, reprodução assexuada e estratégias reprodutivas em reprodução assexuada.



Figura 1: animais dispostos na bancada
Fonte: próprio autor

NOME: _____ Nº: _____	
FICHA TÉCNICA NOME DO ANIMAL: _____ TIPO DE REPRODUÇÃO: () SEXUAL () VIVÍPARO () OVÍPARO () OVIVÍPARO () ASSEXUAL () BROTOAMENTO () FRAGMENTAÇÃO	FICHA TÉCNICA NOME DO ANIMAL: _____ TIPO DE REPRODUÇÃO: () SEXUAL () VIVÍPARO () OVÍPARO () OVIVÍPARO () ASSEXUAL () BROTOAMENTO () FRAGMENTAÇÃO
FICHA TÉCNICA NOME DO ANIMAL: _____ TIPO DE REPRODUÇÃO: () SEXUAL () VIVÍPARO () OVÍPARO () OVIVÍPARO () ASSEXUAL () BROTOAMENTO () FRAGMENTAÇÃO	FICHA TÉCNICA NOME DO ANIMAL: _____ TIPO DE REPRODUÇÃO: () SEXUAL () VIVÍPARO () OVÍPARO () OVIVÍPARO () ASSEXUAL () BROTOAMENTO () FRAGMENTAÇÃO
FICHA TÉCNICA NOME DO ANIMAL: _____ TIPO DE REPRODUÇÃO: () SEXUAL () VIVÍPARO () OVÍPARO () OVIVÍPARO () ASSEXUAL () BROTOAMENTO () FRAGMENTAÇÃO	FICHA TÉCNICA NOME DO ANIMAL: _____ TIPO DE REPRODUÇÃO: () SEXUAL () VIVÍPARO () OVÍPARO () OVIVÍPARO () ASSEXUAL () BROTOAMENTO () FRAGMENTAÇÃO
FICHA TÉCNICA NOME DO ANIMAL: _____ TIPO DE REPRODUÇÃO: () SEXUAL () VIVÍPARO () OVÍPARO () OVIVÍPARO () ASSEXUAL () BROTOAMENTO () FRAGMENTAÇÃO	FICHA TÉCNICA NOME DO ANIMAL: _____ TIPO DE REPRODUÇÃO: () SEXUAL () VIVÍPARO () OVÍPARO () OVIVÍPARO () ASSEXUAL () BROTOAMENTO () FRAGMENTAÇÃO

Figura 2: ficha técnica utilizada na atividade
Fonte: próprio autor

Os alunos, que estavam divididos em grupos de até seis participantes, após a explicação sobre cada estratégia reprodutiva, eram chamados para observar os animais na bancada onde estavam dispostos e marcar na ficha qual ou quais se encaixavam na categoria descrita. Os discentes tinham um tempo de 5 minutos a cada vez para responder, e embora viessem em grupo para observar, cada um recebeu uma ficha que seria recolhida e avaliada de forma individual.

Inicialmente, os estudantes enfrentaram um certo grau de confusão em relação ao que a atividade propunha. Contudo, com o passar do tempo, eles conseguiram compreender claramente o objetivo da tarefa. Assim, foram demonstrando um rápido progresso na identificação dos tipos de reprodução sexuada e assexuada dos animais utilizados para a atividade. Porém, concomitantemente foi notável certa dificuldade para determinar aos animais a estratégia reprodutiva explicada.

Durante a correção das fichas foi possível observar que os poucos erros presentes, constavam a respeito da estratégia reprodutiva: se o animal era vivíparo, ovíparo, ovovivíparo, ou se a reprodução era por brotamento ou fragmentação. Em ambas as turmas as taxas de acertos foram bem similares e

positivas, com a grande maioria conseguindo todos os acertos, sendo os erros quase inexpressivos.

Uma das principais fontes de incerteza nas duas turmas foi a respeito de animais ovovivíparos, seguido de ovíparos, esta complexidade foi particularmente notada na identificação da reprodução da raia. Isso pode ser atribuído ao fato de que essas estratégias envolvem ovo e podem ser confundidas, e por um animal como a raia ser menos familiar, apesar de ter sido mencionado em sala de aula anteriormente. Mas no geral os alunos demonstraram domínio do assunto e se mostraram ainda bastante animados ao terem contato com animais que nunca haviam visto antes.

Considerações finais

No decorrer da atividade, os alunos superaram dúvidas iniciais e aprimoraram sua compreensão a respeito do tema. No entanto, a complexidade das especificações, como viviparidade e oviparidade resultou em alguma hesitação, especialmente em relação à raia, o que destaca a importância de explorar de maneira mais detalhada as espécies menos comuns.

Contudo, a aula mostrou-se muito eficiente capturando o interesse dos alunos e reforçando o aprendizado do conteúdo. Embora, tenha tido uma taxa mínima de erros, foi possível observar que ao longo da atividade os alunos já discutiam entre si de forma crítica e autônoma, e ao final demonstraram conhecimento sobre os mecanismos reprodutivos dos animais, o que converge com a competência um e a habilidade EF08CI07 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), respectivamente.

Portanto, essa experiência destacou e reforçou a necessidade de atividades diferenciadas para fortalecer o conhecimento teórico adquirido em sala de aula, e foi notável a importância da prática e do contato com materiais para a fixação do assunto, tendo em vista a motivação dos alunos e os resultados positivos obtidos.

Referências

ANDRADE, M. L. F. de; MASSABNI, V. G. O desenvolvimento de atividades práticas na escola: um desafio para os professores de ciências. **Ciência & educação**, v. 17, n. 04, p. 835-854, 2011.

CARVALHO, A. M. P. Critérios estruturantes para o ensino das ciências. **Ensino de ciências: unindo a pesquisa e a prática**, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

ESCOLA, Nova. **BNCC na prática: Aprenda tudo sobre as Competências Gerais**. 2022.

PEREIRA, A. P. C., SECORUN, A. C., DA ROCHA, D. P., & CONSONI, V. H. (2006). O uso de peças anatômicas criodesidratadas no ensino de anatomia. **Revista Uningá**, v. 10, n. 1, 2006.

EXPERIÊNCIA COM A MÚSICA E COTAÇÃO DE HISTÓRIA: “Meu nome eu vou falar e Lenda Macyrajara”

Rian Amorim de Oliveira – UESPI

Kailane Amaro Amorim – UESPI

Jucelia da Silva Chaves - IEAF

Introdução

O presente relato de experiência descreve uma atividade realizada em 22 de junho de 2023 na Escola Municipal de Educação Infantil CAIC, como parte do projeto “Nunca mais um Brasil sem Nós”, promovido pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Alexandre Alves de Oliveira em Parnaíba. Esta atividade foi conduzida por dois bolsistas do Programa de Residência Pedagógica - PIBID, cujo objetivo era proporcionar uma experiência de ensino enriquecedora e significativa para as crianças da turma Infantil 5. Para essa experiência reside na importância de valorizar e honrar a cultura dos povos indígenas, reconhecendo o papel fundamental que desempenharam na construção da identidade da região de Parnaíba. Para atingir esse objetivo, foi escolhida a história folclórica local “Macyrajara”, com o apoio do livro do autor regional Zilmar Junior como referência. A atividade também envolveu a importância dos nomes pessoais como parte integrante da identidade das crianças em formação, promovendo um ambiente inclusivo e empático.

Os objetivos desta experiência incluíram sensibilizar as crianças sobre a relevância de seus nomes individuais, bem como promover a compreensão da influência indígena na construção da identidade local. Além disso, buscou-se fortalecer os laços entre as crianças, estimulando o aprendizado mútuo de seus nomes e fomentando a inclusão. A metodológica empregada nesse processo incluiu a contação da história folclórica “Macyrajara”, a utilização da música “Meu nome eu vou falar” como uma ferramenta lúdica para reforçar a importância dos nomes pessoais, e a criação de pulseiras personalizadas com as letras iniciais dos nomes das crianças. Esta abordagem envolvente permitiu que as crianças participassem ativamente, contribuindo para uma experiência de aprendizado rica e significativa. A concluir destaca o sucesso desta experiência educativa, enfatizando como atingiu seus objetivos de promover o entendimento da cultura indígena e a valorização dos nomes individuais, além de fortalecer o vínculo entre as crianças. Este relato de experiência demonstra a importância de abor-

dagens educacionais que valorizam as raízes culturais locais, ao mesmo tempo em que estimulam o desenvolvimento da identidade e o respeito à diversidade, proporcionando uma experiência enriquecedora e integrada para as crianças da Escola Municipal de Educação Infantil CAIC, Parnaíba.

Desenvolvimento

Durante a realização dessa atividade cativante, observou-se como a música desempenhou um papel crucial ao influenciar positivamente as emoções e os sentimentos das crianças. Elas demonstraram entusiasmo e alegria ao participar da canção e ao compartilhar seus nomes. Além disso, ao confeccionarem suas pulseiras, as crianças poderiam explorar suas habilidades de desempenho motora e expressar sua criatividade, tornando a experiência de aprendizado ainda mais rica e envolvente. A repercussão positiva da atividade na sala de aula foi notável, uma vez que as crianças não apenas se sentiram felizes, mas também compreenderam a importância de seus próprios nomes e o significado de conhecer os nomes de seus colegas. As pulseiras, personalizadas com as iniciais dos nomes, serviram como um símbolo tangível desse aprendizado, que trouxe uma nova dimensão ao ambiente educacional.

A experiência, além de conectar as crianças à lenda local e ao território de Luís Correia e Parnaíba, também destacou o papel fundamental do professor na preservação das raízes culturais e na conscientização das crianças sobre a importância de cada grupo étnico, um objetivo central do projeto “Nunca mais um Brasil sem Nós.” Através dessa experiência, as crianças foram estimuladas a fazer perguntas sobre a história e o projeto, demonstrando uma apreciação mais profunda pelos povos indígenas e sua riqueza cultural. Isso reflete a importância de promover o respeito e a valorização das tradições ancestrais, que enriquecem a humanidade como um todo.

A citação de Silva (2020), “A riqueza cultural dos povos originários é um tesouro que riqueza a humanidade ao preservar tradições antigas,” ressoa profundamente nesse contexto, sublinhando o valor da preservação cultural. Como recursos paradidáticos para a atividade, foram utilizados o livro “Macyrajara” de Zilmar Junior, cartolinas que retratavam a paisagem da história, desenvolvidas pela dupla de bolsistas, e atividades xerocadas para colorir, fornecendo um suporte valioso para a compreensão e envolvimento das crianças na atividade. Esse conjunto de materiais contribuiu significativamente para o sucesso e a riqueza da experiência de ensino e aprendizagem.

Considerações finais

A atividade aqui abordada foi de grande relevância para o projeto ser entendido pelas crianças como necessário, trouxe a elas uma nova visão de suas raízes e para nós futuros educadores reforçou a importância que temos em repassar esse conhecimento a elas e aprender juntamente com elas dentro desse projeto de valorização a nossa cultura. Recapitule a importância da música “Meu Nome Eu Vou Falar” em sua vida e como ela moldou sua experiência musical.

Referências

JUNIOR, Zilmar; LIMA, Kleber. **Macyrajara**. Parnaíba: Edição do Autor, 2021.

SERRALVA, MARCELO. **O meu nome eu vou falar**. Disponível em: <https://youtu.be/gqZJI7zo8Ek?si=ISO4ObRj4N3qqDPz>.

EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS DURANTE O EXERCÍCIO DOCENTE NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ETAPA ESCOLAR ENSINO FUNDAMENTAL

Eduarda Rodrigues da Silva- UESPI

Luiz Ribeiro de Souza Neto- UESPI

Fabírcia Pereira Teles- UESPI

Introdução

Este relato descreve as experiências vivenciadas por dois residentes do Programa Residência Pedagógica como docentes estagiários em uma escola pública da rede municipal da cidade de Parnaíba-PI. A experiência se passou nas séries do primeiro e segundo ano, da primeira etapa do ensino fundamental, através do projeto: "Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas".

Este projeto teve como objetivo auxiliar os educandos a conhecer a história, costumes e diversidade existente entre os povos originários brasileiros, além de instigá-los a compreender a importância e contribuição dos indígenas para o desenvolvimento da sociedade brasileira, através de exposições e aulas temáticas cujo propósito era ampliar a percepção sobre a cultura indígena e destruir a visão estereotipada que a sociedade sempre cultivou acerca dos povos indígenas.

No que se refere aos conhecimentos referentes à cultura indígena,

Na educação, historicamente a forma de pensar o currículo escolar no Brasil sempre revelou a trajetória de legitimação de uma educação monocultural, que ignora as matrizes culturais dos povos indígenas e africanos, cumprindo o papel da desvalorização e reprodução negativa dos seus repertórios culturais (Lima, 2006, p. 39).

Só a partir da Lei 11.465/08 (de 2008), que se tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, o que impulsionou o estudo das culturas indígenas e afro-brasileiras nas escolas além da oportunidade de publicação de autores literários indígenas.

A cultura indígena apresenta uma vasta gama de formas criativas de se mostrar em diversos setores, que se estendem para além do escopo das artes

convencionais. Essas formas de expressão incluem tanto as temporárias pinturas corporais quanto os duradouros artefatos de uso cotidiano e de rito, manifestações performáticas e musicais. Os objetos produzidos e os grafismos são de grande importância neste contexto, pois eles concretizam redes de interação complexas, condensando vínculos, ações, emoções, significados e sentidos (Lagrou, 2009, p. 70 *apud* Velthem, 2010, p. 23).

Pode se concluir, portanto, que o objetivo das regências foi apresentar aos alunos, a importância de se conhecer outras culturas que muitas vezes são desconhecidas por eles ou se por acaso lhes são apresentadas são ensinadas de maneira errônea, antiquada e preconceituosa. Outro ponto a se destacar foi a ideia de ensinar aos discentes sobre a importância de não se estereotipar as pessoas e sobre o respeito que deve haver com a história de um povo e de tudo que não temos conhecimento.

Desenvolvimento

O projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas” iniciou no dia 10 de maio de 2023 e teve sua conclusão no dia 07 de junho do mesmo ano. Este contou com 10 regências individuais sendo que cada residente deveria aplicar em suas regências assuntos que abordssem a temática a ser discutida durante o projeto, que envolveu toda a escola.

A abertura aconteceu com a presença de todas as turmas da escola; alunos, gestão, docentes e estagiários que juntos se uniram para realizarem uma linda abertura. Consistiu no primeiro momento, ouvir o Hino Nacional Brasileiro cantado por povos indígenas. Após a exposição do vídeo e sensibilização, os residentes realizaram uma peça de teatro que contava, de forma lúdica, a vida dos indígenas na sociedade atual, dando ênfase em apresentar indígenas presentes em distintos espaços sociais, exercendo distintas profissões e também mostrando a vivência dos indígenas vivendo em suas aldeias praticando seus costumes.

Após este momento coletivo os docentes residentes regressaram as suas aulas e surpreenderam suas turmas ao transformarem as salas em uma espécie de museu indígena, onde os professores montaram um mural de fotos e notícias em formato de varal que permitiu que os alunos e docentes discutissem sobre os assuntos relacionados à temática por meio de imagens de notícias, fatos cotidianos dos povos indígenas, rituais e comemorações. O objetivo desta

atividade foi proporcionar aos alunos uma visão maior a respeito do tema, formando ideias e conceitos, aprofundados nos seguintes encontros.

Na aula seguinte um dos residentes (autor do relato) trabalhou o conteúdo quadrinhas e palavras indígenas, ao decorrer da aula o regente dividiu a turma em grupos e cada grupo fez a leitura de uma quadrinha.

Em outra regência, a religiosidade indígena foi o conteúdo em destaque. Os residentes trabalharam o Xamã, o pajé e o Xamanismo que pode ser compreendido de acordo com Silva como:

Sistema cosmológico que implica a manifestação de diversas práticas socioculturais associadas com as relações de atuação e mediação simbólica, que colocam em jogo saberes específicos e práticas ritualísticas vinculadas a concepções cosmo ontológicas (Silva, 2014), além de ser uma modalidade de poder e de medicina, à produção de malefícios e a manifestações de arte (Lagrou, 2007).

Em outra aula os docentes estagiários utilizaram de uma dinâmica chamada bola da curiosidade para ensinar aos alunos, de forma lúdica, sobre curiosidades relacionadas às comunidades indígenas brasileiras como religiosidade, artesanato, línguas, danças, festas e culinária. Na aula seguinte o conteúdo ensinado foi lendas indígenas e os residentes contaram a Lenda regional da Macyrajara, essa típica da cidade que retrata a criação de uma lagoa denominada Lagoa do Portinho.

Na antepenúltima e penúltima aula os alunos realizaram junto aos residentes a confecção de brinquedos, instrumentos musicais e cocás indígenas com materiais recicláveis para apresentarem e usarem na socialização. Durante as aulas, a turma do primeiro ano ensaiou uma apresentação de música alinhada ao tema em estudo e a Campanha da fraternidade 2007.

A socialização foi um momento lindo onde toda a escola participou apresentando danças, canções, apresentações de curiosidades dos povos indígenas, leitura de lendas, poemas e textos escritos por indígenas. Houve apresentação de artesanato indígena e comidas típicas, também.

Considerações finais

Planejar, pensar e realizar este projeto foi algo maravilhoso que permitiu aos residentes crescerem como profissionais. Aprendemos e avaliamos práticas pedagógicas tendo a humildade de compreender que estamos em processo de

aprendizado e que ainda tem muito que aprender para nos tornarmos docentes capacitados para atuar plenamente em uma sala de aula. Desse modo, as regências e execução do projeto reascenderam o desejo de sermos professores de colocarmos em prática nossa formação aprendida na graduação através dos discernimentos adquiridos no decorrer de cada aula, do contato com os alunos, de cada planejamento e execução das regências.

Dito isso é importante ressaltar como a cultura indígena deve ser apresentada e ensinada dentro do espaço escola, principalmente para que haja um avanço no que se refere ao conhecimento mais amplo de professores e alunos da vida dos povos originários. Ademais, ensinar sobre os povos indígenas nas escolas é de suma importância para sociedade como um todo, a partir das crianças poderão ter a possibilidade de aprender sobre a cultura, valores, respeito, além de conhecer a história dos primeiros habitantes em solo brasileiro e sua contribuição para a cultura atual brasileira.

Referências

LAGROU, E. **A fluidez da forma**: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

LAGROU, E. **Arte Indígena: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.

LEITE, Will. **Campanha da Fraternidade 2007**. Youtube, 13 de dezembro de 2007. Disponível em: <https://youtu.be/sb7oPj3kNW4>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

_____. **Lei n. 11.645/2008**, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

LIMA, M. N. M. de. **Escola Plural: A diversidade está na sala**. Formação de Professores em História e Cultura Afro-brasileira e Africana. (Série fazer valer os direitos) São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF; Salvador, BA: CEAFFRO, 2006.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. **Artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos**. Textos escolhidos de cultura e arte populares. Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 55-66, 2010.

EXPLORANDO A CULTURA INDÍGENA COM GRAVURAS NA TURMA DO INFANTIL V

Beatriz Pereira Rodrigues
Gerson de Souza Galeno Filho

Introdução

Na escola CAIC de educação infantil da cidade de Parnaíba (PI), foram desenvolvidas as atividades e vivências práticas do Projeto do Curso de Pedagogia com objetivo de compreender e valorizar o papel da cultura indígena com o nosso tema principal “Nunca mais um Brasil sem nós! Pelahonra e valorização dos povos indígenas”. As atividades buscam resgatar a diversidade e suas contribuições históricas e para compartilhar nesse Relatório selecionada a atividade sobre a “colagem de gravuras”, dada a sua importância no processo aprendizagem, criação, imaginação e ampliação da capacidade de observação das crianças.

Destaca-se que as atividades desenvolvidas no projeto promoveram várias estratégias para a consolidação de um caminho que ampliem a conscientização das crianças, famílias, educadores e sociedade para a consolidação do respeito aos povos originários, sua cultura, arte, festividades e rituais, bem como a valorização da sua vida cotidiana e das atividades necessária à sua existência do dia a dia, tais como, a caça, o respeito aos animais, a natureza e vida no planeta.

As atividades desenvolvidas foram com as crianças de quatro e cinco anos de idade – fase importante do processo de desenvolvimento e de maior facilidade ao processo de aprendizagem para desmistificar as informações sobre os povos indígenas que decorrem do processo de colonização que suplantou preconceitos, desapropriação da cultura indígena em nosso país por outros povos.

Esse projeto buscou ainda, recuperar esse legado dos povos originários por meio da educação, sendo de fundamental importância o contato em sala de aula com o trabalho dessa temática. Destaca-se que recebemos feedback das famílias de que as crianças passaram a corrigir a linguagem, incluindo a correção da retirada da fala da palavra “índio”. E passaram a pedir aos pais e colegas que a linguagem correta é povos indígenas.

Ao longo do desenvolvimento do projeto e das experiências foi desenvolvido o trabalho em grupo com as crianças, análise das gravuras como forma importante de conhecimento da cultura e histórias dos povos indígenas. Essas estra-

tégias objetivavam ampliar as informações sobre a necessidade de preservação das memórias coletivas passadas de geração em geração nas comunidades onde vivem.

A atividade de colagem proporcionou às crianças a reflexão sobre muitas perguntas relacionadas ao estereótipo que nós somos bombardeados em filmes desenhos sobre os povos indígenas, e por mais, que ocorram mudanças em muitas crianças até o final do projeto e das atividades, elas ainda me perguntam sobre a visão que elas veem nos desenhos.

As crianças destacaram questões relacionadas a violência, degradação da natureza, e com maior curiosidade as dimensões relacionadas às vestimentas, a pintura do seu corpo. Para tanto, a educação é fundamental o trabalho desde cedo, nesse projeto tivemos a oportunidade de trabalhar com crianças de 4 e 5 anos que vivem em áreas urbanas e muitas vezes desconhecem a história e influência da cultura indígena em nossa vida cotidiana.

Desenvolvimento

A atividade trata sobre a colagem de gravuras com uso de imagens selecionadas das diversas maneiras em que os indígenas fazem como seus rituais, instrumentos de caça, instrumentos musicais, alimentos, pinturas, plantas e brincadeiras. Cada criança escolhe as 2 fotos que mais interessam. Em seguida observaram e coloriram para aplicar no papel cartolina para confecção do cartaz que retrataria as imagens do cotidiano e da vida dos povos indígenas. As atividades foram organizadas logo de início por meio da roda de conversa com as crianças e tivemos bastante atenção delas a exposição e contação de história.

Em seguida foi compartilhado as várias explicações sobre as imagens que retratam a vida dos povos indígenas que para as crianças em parte já tinham conhecimentos sobre umas e outras não. Foi desenvolvido a prática observação individual e sempre reforçando a imagem que a criança escolheu para colar e perguntávamos o motivo pela qual ela tinha escolhido essas figuras.

As crianças em resposta ativa apresentaram como motivo da escolha a sua identificação por serem algumas plantas em casa, como o urucum que uma das crianças pegou e disse ter entendido que esse fruto da planta servia para os indígenas fazer a pintura corporal da cor vermelha. Esses relatos das crianças são sempre muito parecidos devido elas terem absorvido muito bem as atividades realizadas sobre os povos indígenas. Além dessa atividade, o projeto desenvolveu outras atividades como a contação de lendas, a pintura a dedo, a culinária

indígena entre outras. Essas atividades foram fundamentais para a aproximação e intercâmbio de conhecimentos e experiências. A turma com 20 crianças em sala de aula muitas vezes tivemos dificuldades na produção dos materiais para todas crianças.

No entanto, foram empreendidos todos os esforços para que as crianças tivessem seu material para as atividades, as gravuras, a cartolina – que foi doação da professora da classe. Conclui-se que esse projeto oportunizou a todas as crianças o desenvolvimento das habilidades de observação, sendo estimulada em sua capacidade motora, recorte e colagem das gravuras.

Considerações finais

O desenvolvimento do Projeto na Escola CAIC de Infantil proporcionou desenvolvimento de uma experiência enriquecedora para a aquisição de vivências e experiências práticas sobre o ambiente escolar e de valorização dos povos originários. O projeto colaborou com as atividades que visam resgatar a diversidade e as contribuições históricas dos povos indígenas, ea atividade principal escolhida, a colagem de gravuras, promove a conscientização e o respeito a essa cultura. Destaca-se que é importante valorizar a riqueza cultural e histórica dos povos indígenas e contribuir para uma educação mais inclusiva e diversa.

As práticas pedagógicas sobre a vivência junto às crianças ofereceram aprendizagens sobre o nosso papel social dentro da sociedade e impactado de forma positiva na preservação da memória das atividades desenvolvidas com a participação das crianças de infantil IV de quatro turmas diferentes. Esse projeto teve grande relevância social para formação das futuras ao proporcionar o conhecimento e respeito pela cultura indígena, além de trazer uma nova perspectiva para a sala de aula e promover a inclusão e o respeito entre os alunos.

Referências

CHAVES, Marta. **Práticas pedagógicas na educação infantil:** contribuições da teoria histórico-cultural. Fractal: Revista de psicologia, v. 27, p. 56-60, 2015.

SILVA, Maria da Penha da. **A temática indígena no currículo escolar à luz da Lei 11.645/2008.** Cadernos de Pesquisa, v. 17, n. 2, 2010.

EXPLORANDO A EXPERIÊNCIA DOS BRINQUEDOS CANTADOS DE PAPEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Luana dos Santos Silva– UESPI

Rute Lima dos Anjos – UESPI

Luciane Maria Carvalho Cardoso– UFPI

Samara de Oliveira Silva– UESPI

Introdução

Neste relato de experiência, descrevemos nossa vivência na sala de aula do infantil III “A” com crianças de 3 anos na Escola Municipal de Educação Infantil Sônia Viana, em Parnaíba – PI. Essa experiência foi desafiadora, já que ministrar aulas e conduzir atividades em sala de aula implica a responsabilidade de transmitir conhecimentos que essas crianças levarão consigo ao longo de suas vidas. Apesar do nervosismo e do medo de não estar à altura da tarefa, a experiência de estar na sala de aula foi recompensadora para nós.

A atividade realizada com os alunos do infantil III “A” na Escola Municipal Sônia Viana de Educação infantil, teve como principal temática os “brinquedos cantados de papel” com foco na icônica pipa brinquedo escolhido para a turma, pois, ali cada sala haveria de escolher um brinquedo a ser trabalhado na sala de aula. Consequentemente, também desenvolvemos um plano de aula.

A escolha desse brinquedo permitiu não apenas estimular a imaginação das crianças, mas também promover o desenvolvimento motor, cognitivo e social de maneira integrada elevando ainda mais o grau de criatividade de cada aluno.

Dessa forma, colocamos as crianças para confeccionar sua própria pipa, desenvolvemos um momento com eles no qual colocamos uma música sobre a pipa e ali dançamos, além disso, brincamos com a pipa confeccionada no pátio. Todos gostaram desse momento, pois para algumas crianças, essa era a primeira vez que brincavam dessa brincadeira.

Tivemos como referencial teórico Winnicott(1896-1971), pois, acreditamos que a criança ganha experiência brincando e através disso criam suas memórias. Ao realizar as atividades em sala e fora de sala pudemos ver que foi possível trabalharmos de forma conjunta o conhecimento que adquiriram durante as aulas e a prática dessa brincadeira trabalhada. O autor enfatiza a

importância da brincadeira como uma ferramenta vital para o desenvolvimento e a vivência das crianças o que permite explorarem, experimentarem e compreender o mundo à sua maneira única.

Com o objetivo de enriquecer o desenvolvimento integral das crianças da turma do infantil III "A" na Escola Municipal Sônia Viana, elaboramos esta atividade para aprimorar as habilidades motoras, estimular a criatividade, promover o desenvolvimento e fomentar a interação social. A atividade de criar, montar e decorar pipas ajudou as crianças a melhorar suas habilidades motoras finas, ao mesmo tempo que permitiu que expressassem sua imaginação e criatividade. A abordagem da atividade foi bem sucedida, pois exposta como as brincadeiras, especialmente com pipas, não apenas proporcionou diversão, mas também enriqueceu o processo de aprendizagem dos alunos.

Desenvolvimento

No dia 9 de Agosto de 2023, Quarta – Feira, desenvolvemos nossa primeira atividade na Escola municipal de Educação Infantil Sônia Viana. Para o trabalho realizado na turma do Infantil III, ficamos um mês em observação, analisando o trabalho da professora efetiva com as crianças em sala. A ideia a ser trabalhada era referente a brinquedos, e os brinquedos propostos foram o "barquinho" e a "pipa". Dessa forma, desenvolvemos a atividade com o brinquedo que nos foi designado.

Em primeiro lugar, produzimos um plano de aula especificando os detalhes da atividade de forma à conduzi-la dentro do horário conveniente. E posteriormente, esse plano foi apresentado à supervisora para dar o seu parecer, e em sala, sendo entregue também para a professora titular antes do início da aula.

Partindo para a prática, posicionamos as crianças em círculo na sala de aula, cantamos algumas canções como: a fazendinha/mundo Bitá e A baleia. As crianças interagiram conosco no decorrer da atividade e se mostraram alegres e entusiasmadas com o exercício prático. Realizamos a chamadinha com a foto e os nomes das crianças e partimos para o trabalho de produção da atividade.

Para a atividade a ser executada, o brinquedo a ser utilizado foi a "pipa". Com isso, levamos o brinquedo de verdade para a sala, expusemos a pipa para as crianças com o intuito de que reconhecessem o elemento. O retorno dessa demonstração foi ótimo, uma vez que as crianças reconheceram a pipa e se interessaram por ela. Em seguida, o brinquedo passou pelas mãos das crianças,

com a finalidade de fazê-las sentir e observar a forma e as cores do que estava sendo apresentado a cada uma delas.

Depois, apresentamos às crianças um exemplar de pipa fictícia referente ao que eles produziram. Após esse momento interativo, partimos para um momento de leitura e aprendizado com eles através de um poema em cartaz sobre o elemento da atividade. Feito isso, as crianças se dirigiam ao cartaz e identificavam a letra P do elemento 'pipa'. Entregamos um formato com palitinhos colados nas laterais, as crianças pintaram os palitos com tinta da cor que preferissem. O formato da pipa era em cores verdes, amarelo e rosa. Os palitinhos foram pintados pelas crianças em tons vermelhos, verdes e azuis. Para enfeitar a pipa por dentro, cortamos pequenas partículas de papel crepom em quadradinhos e levamos para colarem dentro.

Em seguida, eles enfeitaram suas pipas colando papéis da cor que preferissem. Aplicamos a cola no papel e deixamos as crianças livres para esplanar a criatividade que havia dentro de cada um para confeccionar sua própria pipa. Observamos de imediato que as crianças amaram suas pipas e se mostraram alegres e empolgadas com a atividade. As crianças estavam muito concentradas e interessadas com a atividade lúdica. No pátio, algumas pipas foram empinadas para as crianças observarem o manuseio do brinquedo, e foi dado espaço para que algumas delas pudessem manusear o brinquedo com a ajuda das professoras. Após o recreio, retornaram para a sala. E ao terminarem de decorar suas pipas, cantamos uma música do Mundo Bitá/minha pipa. No momento da música, as crianças se levantaram e dançaram empinando suas pipas para cima e para baixo finalizando assim a atividade proposta.

Considerações finais

O trabalho realizado nos proporcionou experiências para levar em nossa bagagem como futuros profissionais da educação. Aprendemos que os desafios estão aí para serem encarados, e que a escola é sinônimo de transformação. Tudo começa desde cedo, a base de todos os aprendizados se inicia na infância, as crianças são seres individuais e se desenvolvem dentro desse contexto de subjetividade.

A experiência se faz muito importante para o desenvolvimento e formação da prática pedagógica. A sala de aula é um ambiente rico e completo que

permite viver e sentir a transparência dos desafios enfrentados por inúmeros profissionais em seu local de trabalho que é a escola.

Reitero o significado e a relevância que o trabalho em conjunto na escola, contribui em muito para um melhor desenvolvimento e aproveitamento para todos. O trabalho realizado na Escola Sônia Viana têm sido reforçado por um amplo apoio de uma gestão e uma colaboração por parte de uma equipe que torna tudo possível de acontecer. Fico imensamente grata pela oportunidade de experiência e ressalto a importância desse trabalho em sua rica contribuição de conhecimento.

Referências

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro. Imago Editora LTDA. 1975. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/brincar-realidade-DonaldWoodsWinnicott/dp/8571260362>. Acesso em: 19 de Agosto de 2023.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

FAZENDO SER RECONHECIDA A CULTURA INDÍGENA NO MEIO ESCOLAR

Vitória Shuyane Rodrigues da Silva Fernandes – UESPI
Marcos Francisco da Silva Lima – UESPI

Introdução

Compreender que os povos originários tiveram, não só uma mera participação, mas foram um dos autores principais para a estruturação da nossa cultura, é fazer reconhecida a sua importância na sociedade. O projeto que tem como tema “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas” tem como intuito despertar a conscientização para a luta do reconhecimento desses povos que ainda sofrem, de certo modo, uma repressão social. Apesar do esforço de fazer reconhecida essa cultura nos tempos atuais ainda há grandes dificuldades no que diz respeito a inserção dos mesmos na sociedade, visto que, grande parte da população é composta por descendentes de povos indígenas. Sua presença é praticamente nula em cargos de alto escala como, meio político, econômico, jurídico entre outros. Esse movimento de discriminação começou desde a chegada dos colonizadores portugueses no ano de 1500, provocando uma segregação étnica e aculturação desses povos. Esse processo que ocorre até os dias atuais é reflexo do Movimento Antropofágico vivido pelos portugueses. Diante desse cenário, é de suma importância o estudo desse assunto, uma vez que entender e dar voz a esses povos é uma das maneiras de reparar o mal causado no passado.

Desenvolvimento

A Escola Municipal Dr. João Silva Filho, situada na zona rural de Parnaíba, durante um projeto desenvolvido pelo PIBID – Programa com Bolsa de Iniciação à Docência. Seguindo essa linha de raciocínio e pensando no contexto atual em que a escola está inserida, buscamos, mediante do tema proposto trazer uma experiência de forma plena com conhecimentos que servirão para o desenvolvimento dos alunos fazendo-os conhecer melhor a história e o que esses povos passaram. Estiveram envolvidas nesse projeto as turmas de primeiro ao quinto ano, sendo 1 e 2, 3 e 4 salas multisseriadas, tornando assim o planejamento mais minucioso para que o conteúdo pudesse atingir toda a turma. Com o obje-

tivo de tornar o momento de aprendizagem mais proveitoso, as propostas das atividades eram mais dinâmicas buscando dessa maneira uma maior participação de toda a turma.

Em relação ao conhecimento dos discentes em relação aos povos indígenas provou que houve um esquecimento sobre os valores, cultura e costumes deixados por esses povos. É certo dizer que, apesar de serem poucas, ainda há quem lute pelos direitos iguais para os indígenas. O artigo 231 da Constituição Federal de 1988 diz

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Seguindo essa linha de raciocínio e observando o cenário pela qual vivemos, é notório observar a mudança de hábitos desses povos, muitas vezes por pressão social para que possam se encaixar nos modos da sociedade e estereotipando comportamentos e costumes e assim mudando praticamente toda sua forma de vestir, a forma de falar e até mesmo seus valores.

Prática essa que vai sendo passado de geração em geração e chegando até às crianças. Começa a ser normalizado para elas que o indígena deve passar pelo processo de aculturação e desse modo, começam a enxergá-los não como pessoas e sim como máquinas que podem ser manipulados. É necessário a mudança de pensamento para que as crianças desde cedo compreendam a importância da existência desses povos. Fazer valer o artigo 231 da Constituição Federal e a luta das pessoas que se engajam por essa causa na valorização e normalização da cultura indígena.

No decorrer do projeto utilizamos da observação, um dos objetos principais para a prática do mesmo. Através dela foi possível evidenciar fatores importantes para o desempenho do objetivo, que foi proporcionar um novo olhar nos educandos para que eles desenvolvam um senso crítico a respeito da realidade dos povos nativos. Para que isso ocorresse, foram trabalhadas diversas áreas do aluno como, o visual, a oratória, cognitiva e sociointerativa. Mediante a isso utilizamos diversos métodos para corroborar com o andamento do projeto, tais como: roda de conversa; ilustrações; atividades lúdicas; práticas.

Para a roda de conversa foi apresentado o tema com o auxílio de ilustrações e indagado sobre o que as crianças conheciam sobre os povos nativos e como eles influenciam o cotidiano delas, pois elas vivem em um ambiente no

qual as presenças de atividades de origem nativas são muito marcantes, como por exemplo a pesca. Utilizando disto e do momento vivido, os festivais juninos, aproveitamos para falar sobre os alimentos presentes na cultura indígena e que foram introduzidos nessas festas e, por consequência, na nossa região, tais como, o peixe, a mandioca, o milho, o amendoim entre outros. Para tornar o momento mais lúdico usamos de lendas indígenas para falar sobre o assunto, logo em seguida foi proposto uma produção de desenhos sobre os alimentos que mais chamaram atenção deles para logo depois relatarem para a sala sobre o que produziram e o que aprenderam.

Após ser discutido e reforçado quais os alimentos e a importância de sabermos a origem deles, convidamos os alunos a produzirem um bolo de milho, que é um dos principais alimentos típicos dos nativos, este sendo cultivado desde muito tempo perpetuando até os dias atuais. Participaram de forma ativa do preparo, pois, durante esse momento íamos chamando um a um para ir colocando um ingrediente do bolo, depois de pronto foi feita a degustação. No último dia de projeto selecionamos três alunos para relatar tudo aquilo que vivenciaram e aprenderam durante as aulas. Foram feitas perguntas relacionadas ao tema e eles relataram com suas palavras as experiências vividas em sala de aula.

Considerações finais

No decorrer do projeto, buscamos envolvê-los em outras atividades direcionadas ao tema. Nossa prioridade foi sempre mostrar e valorizar as tradições e a grande relevância que os nativos implementaram na nossa sociedade, sua cultura, meio de vida e suas particularidades que influenciaram diversos costumes que hoje fazem parte de nosso cotidiano.

No nosso primeiro encontro com a turma percebemos que tinham pouco conhecimento sobre a cultura indígena e sobre o quanto contribuíram para a formação da nossa sociedade. Uma das dificuldades percebidas foi em relação ao entendimento sobre o período da piracema, que é a época que acontece a desova dos peixes que não se deve pescar, porém, muitos infelizmente não respeitam esse tempo. Em relação a isso, a maioria não tem o conhecimento sobre a origem desse costume que já era praticada pelos indígenas, causando dessa maneira, um desequilíbrio ambiental.

Mediante isso, pudemos pensar e elaborar da melhor maneira possível estratégias que pudessem ser atrativas e que contribuíssem para o melhor

entendimento e desenvolvimento sobre o tema. Após ser trabalhado as metodologias, percebemos que eles mudaram sua visão sobre a importância dos povos nativos e sua influência na vida da civilização moderna. Foi observado por meio da fala deles ao serem perguntados sobre o que aprenderam, demonstrando terem adquirido consciência em relação a valorização e honra dos povos indígenas.

Referências

WERÁ, K. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. 2 edição. Editora Peirópolis, 8 de dezembro de 2020.

MANDURUKU, D. **Coisas de índio**: versão infantil. 3 edição. Editora Callis, 1 de fevereiro de 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

INCLUSÃO DA CULTURA INDÍGENA NOS CONTEÚDOS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vanessa Rocha de Sousa – UESPI

Edivania Silva da Rocha – UESPI

Fabricia Pereira Teles – UESPI

Introdução

O presente trabalho é um relato de experiência, e tem como objetivo central descrever as ações e reflexões de atividades realizadas por discentes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí através do projeto “Nunca mais um país sem nós: pelos honra e valorização dos povos indígenas”.

O projeto fez parte de uma das ações do Programa Residência pedagógica. O programa visa a formação inicial de professores no sentido de preparar, de forma mais eficaz, os futuros educadores para os desafios da sala de aula.

As atividades do projeto indígena foram desenvolvidas na escola Municipal Caio Passos, situado na Rua Marechal Pires Ferreira - s/n, Bairro de Fátima em Parnaíba, estado do Piauí, nas turmas 4º ano do ensino fundamental nos turnos matutino e vespertino, abrangendo alunos com idades entre 8 e 9 anos. O projeto intencionou desconstruir estereótipos enraizados na sociedade acerca dos povos indígena fortalecendo a luta pela valorização dos povos originários, expandindo o entendimento em relação a essas comunidades.

Para atingir os objetivos de ensino foi orientado a integrar a temática indígena aos componentes curriculares do Ensino Fundamental. Para tanto, dez subtemas relacionados para cada aula ministrada foram propostos, permitindo assim uma ligação aos assuntos abordados ao material didático e a diversidade da cultura indígena. O planejamento das aulas envolveu cuidadosa articulação desses subtemas com os conteúdos curriculares tradicionais, resultando em uma abordagem interdisciplinar, utilizando de diferentes recursos pedagógicos incluindo textos, imagens, jogos e atividades práticas de acordo com o conteúdo repassados pelos professores titulares das respectivas turmas.

Desenvolvimento

É de extrema relevância que a história de uma nação, seja trabalhada logo nos anos iniciais da vida de um cidadão. As crianças precisam saber acerca dos seus antepassados favorecendo a construção de sua identidade brasileira, passando a conhecer a importância da diversidade cultural sobretudo a história dos povos Originários.

Segundo Silva e Costa (2018) é preciso desconstruir as visões deturpadas sobre os indígenas e repassar informações históricas garantindo a perenidade cultural. No Brasil hodierno essas informações ainda passam a ser uma incógnita pois muitas escolas só trabalham essa temática no dia 19 de abril. Em relação a isso, o Programa Residência Pedagógica realizou ações que pudesse trabalhar a cultura dos povos indígenas, e com isso transformar a escola em um local de respeito, inclusão, protegendo e valorizando a cultura dos povos indígenas.

Nesse intuito, as aulas foram planejadas e desenvolvidas para serem realizadas ao longo de 10 dias, abordando conteúdo das disciplinas de português, ciências, ensino religioso, artes, geografia e matemática, e de acordo com o conteúdo era adaptado com a temática abordada.

Nessa perspectiva as preparações das aulas foram pensadas de forma em que todos os alunos pudessem aproveitá-la ao máximo, contribuindo para aprendizagem rica de conhecimento acerca dos assuntos abordados.

A introdução desses conteúdos, foi um desafio, pois normalmente se é introduzido a questão do multiculturalismo nas matérias de história e artes e mediante ao desafio de se abordar em matérias como matemática, língua portuguesa, ciência, geografia se tornou mais complexo para alguém em início de formação. No entanto no decorrer das aulas foi nos permitindo reconhecer que podemos abordar diferentes temas nos mais diferentes conteúdo.

Ao longo do projeto, também foram realizadas discussões e reflexões sobre os estereótipos que é comum serem associados aos povos indígenas. Assim, essa estratégia do programa colaborou para desconstrução de preconceitos enraizados na sociedade, assim como uma compreensão mais ampla e respeitosa em relação a essas comunidades.

Durante as execuções das aulas foram ministrados planos abrangendo assuntos como sílabas tônicas, monossílabo dissílabo e trissílabo, operações matemáticas de adição e multiplicação, atravessados por textos que falavam sobre

a Cultura indígena. Durante as aulas cantou-se o Hino Brasileiro na língua dos povos originários; utilizamos o conhecimento da cultura alimentícia, que ainda hoje faz parte do nosso cardápio; operações para somar os valores dos alimentos; trabalhamos com as vestimentas indígenas, dentre outras propostas. Tudo isso, com a intenção de aproximar e reconhecer a nossa cultura indígena.

O foco sempre a proporcionar aos estudantes uma experiência educacional mais significativa, incentivando o desenvolvimento de habilidades de reflexão crítica, bem como o cultivo do respeito à diversidade cultural e a valorização dos saberes indígenas. A importância de um maior conhecimento sobre essa cultura, que também exerce influência sobre a nossa, é de suma importância.

Vale destacar a Lei 11.645 de 2008, que reforça a obrigatoriedade de trabalho nas escolas.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008). § 1º

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

Essa lei permite que as escolas abordem esse tema em busca de sanar a desmistificação dos estereótipos criados dos povos indígenas. No entanto, mesmo com a lei os conteúdos sugeridos nos livros didáticos não apontam de forma clara e concisa essa cultura, apontam mais questões do passado. Tudo isso acaba contribuindo para a criação do imaginário das pessoas, por exemplo, o termo "indígena" remetesse ao povo que mora no centro da mata vivendo a margem da vida globalizada, sendo que a realidade atual não é essa.

Considerações finais

A implementação dessa abordagem pedagógica resultou em uma aprendizagem abrangente e significativa. Proporcionou uma maior consciência e respeito em relação à diversidade cultural, e também ao legado histórico e cultural dos povos indígenas.

Destaca-se que esse trabalho esteve completamente alinhado aos conteúdos curriculares regulares, permitindo aos alunos estabelecer conexões entre os conhecimentos adquiridos nas aulas sobre os povos indígenas e os demais componentes curriculares consistindo em viver uma experiência enriquecedora pelas crianças, ao conhecer de maneira mais aprofundada a cultura dos povos indígenas. Conclusivamente o projeto foi enriquecedor e contribuiu para formação docente dos residentes através das experiências e práticas pedagógicas vividas ao longo do projeto, e corroborou para ampliar os conhecimentos dos alunos sobre a diversidade brasileira.

Referências

BRASIL. Ministério da Justiça. 2008. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União. De março de 2008.

SILVA, Giovani José da; COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. da. **Histórias e Culturas indígenas na Educação Básica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

INFÂNCIA, CRIANÇA, EDUCAÇÃO, DIREITOS E TRABALHO INFANTIL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Luiz Ribeiro de Souza Neto – UESPI

Luiz Gonzaga de Carvalho Neto - UESPI

Emerson Benedito Ferreira – UESPI

A infância, segundo Freitas e kuhlmann Jr. (2002) pode ser entendida como uma concepção ou representação que os adultos têm do início da vida, ou como o período real vivido pela própria criança, o sujeito que experimenta essa fase da vida. A história da infância, portanto, é a narrativa da maneira como a sociedade, a cultura e os adultos se relacionam com essa faixa etária, enquanto a história da criança é a narrativa das relações das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e a sociedade.

Ao longo da história da humanidade, por serem caracterizadas como adultos em miniatura, as crianças eram impedidas de viver um tempo social próprio. Segundo Philippe Ariès, eram elas diferentes dos homens “apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (1981, p. 14).

Pesquisas como a de Ariès ganhariam força a partir da década de 60 do século XX. Trabalhos sobre a criança e a infância passaram a ter uma presença substancial nas agendas políticas, sociais, acadêmicas e educacionais, tanto no Brasil quanto no mundo, incentivando pesquisas e produções acadêmicas.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, o direito das crianças de desfrutarem de suas infâncias passou a ser assegurado como princípio inalienável e um direito social integral. No entanto, surge uma pergunta inevitável: “Como eram tratados os corpos das crianças e seus direitos de vivenciar a infância antes da promulgação dessas leis?”

Este texto faz parte de um estudo mais abrangente que pretende compreender particularidades do trabalho infantil e o direito de crianças vulneráveis à

educação no Brasil. Destaca-se aqui apenas, pelo momento da pesquisa e pela limitação das laudas, uma abordagem histórica do que já foi investigado.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa se fundamenta em uma análise bibliográfica de natureza histórica, com o foco de estudo voltado para artigos e livros que tratam da história social da criança e do trabalho infantil. O embasamento teórico é apresentado ao longo do desenvolvimento do trabalho, com a devida introdução dos autores e seus campos de pesquisa correspondentes.

De fato, pode-se afirmar que as pesquisas de Fábio Pestana Ramos (2016) estão alinhadas com as de Ariès. Afinal, o autor identificou que os pagens e os grumetes mencionados em registros de embarcações desempenhavam tarefas nos navios que, por vezes, eram semelhantes às atividades realizadas pelos adultos.

Este período estudado por Ramos que diz respeito às navegações rumo ao Brasil, compreenderia o século XVI e comprovaria a gênese da exploração infantil onde, no interior das embarcações, meninos e adolescentes sofreriam, nos longos períodos em alto mar, abusos psicológicos, sexuais e físicos.

Em época de escravidão, durante o Brasil colonial e imperial, também foi período onde se empregou mão de obra infantil, com a utilização dos corpos de meninos e meninas negras e africanas (GOES, FLORENTINO, 2016). Trazidos à força para o país junto com seus progenitores, trabalhavam em minas de ouro e lavouras de cana de açúcar, de algodão e cafezais dos séculos XVII e XIX, e que também, segundo Mott (1989), sofriam abusos sexuais.

O uso de corpos de crianças indígenas para trabalhos forçados também se fazia presente em épocas pretéritas. Manoel Antunes da Silva afirma que “vendiam-se crianças indígenas”. Dentro desse contexto, conforme mencionado pelo autor, compravam-se e vendiam-se “crianças indígenas nas províncias e na corte do Império até a segunda metade do século XIX” (2022, p. 56).

Durante o período do Império, especialmente durante o primeiro reinado, a prática do trabalho infantil no Brasil permaneceu em níveis semelhantes aos do período anterior. Isso se deu, em parte, pelo fato de que o nascimento de crianças filhas de escravizados continuava a ocorrer com frequência, e essas crianças permaneciam trabalhando como cativas.

Com a Lei do Ventre Livre de 1871, houve promessa de mudanças significativas. Nas palavras de Papali (2003, p. 27), a Lei do Ventre Livre “dirigia-se a

dois sujeitos: os escravos, futuros libertos, e ao filho da escrava: o ingênuo". A intenção era que a Lei dos Nascituros fosse uma Lei que trouxesse benefícios a crianças vítimas de inúmeros abusos. No entanto, havia uma exceção significativa: as mulheres escravizadas tinham o direito de cuidar de seus filhos apenas até que eles completassem oito anos de idade. Após esse período, as crianças eram entregues a instituições de educação técnica, órgãos de correção governamental ou, em muitos casos, permaneciam nas fazendas realizando tarefas sem remuneração até atingirem a idade de 21 anos. Na prática, isso resultou na continuidade da escravidão por parte dos senhores proprietários, já que as crianças que permaneciam sob sua tutela se assemelhavam aos escravizados em termos de condições de vida e trabalho (LOBO, 2008).

É importante destacar, e aqui encontramos novamente Ariès, que os cuidados para com a criança de posses se intensificariam com o surgimento de instituições que prometiam protegê-las e delas cuidar. No Brasil, sob este aspecto, a medicina teria um papel singular. Nesse sentido, pode-se afirmar que a transformação desses cuidados e do controle sobre essa nova concepção de infância começou a tomar forma e se desenvolver com o estabelecimento das Faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia, precisamente na terceira década do século XIX (FERREIRA; RENOL, 2020).

No entanto, o emergir da criança de famílias mais ricas serviu para aumentar ainda mais a segregação entre essa criança e aquelas provenientes de famílias pobres, comunidades indígenas, escravizados e negros libertos. Essa criança que não se adequava ao ideal deveria na perspectiva dos médicos higienistas e legisladores da época, ser submetida à transformação por meio de instituições de confinamento (PRIORI, 2016, p. 15).

A criança em geral e a criança pobre, em particular, não eram ainda objetos de cuidados especiais. Quando muito, misturava-se algum ensino à criança rica e assistia-se caritativamente à criança pobre. Quando, mais tarde, se mencionava a família pobre, era com o propósito de servir de contra-exemplo à família rica (RIZZINI, 2011, p. 189).

Sobre a porcentagem de crianças que exerciam trabalhos na cidade de São Paulo nos anos de 1890 e 1919, Ana Lúcia Kassouf explicita que:

Do total de empregados em estabelecimentos industriais de São Paulo, 15% era formado por crianças e adolescentes (...). Já em

1919, segundo dados do Departamento Estadual do Trabalho, 37% do total de trabalhadores do setor têxtil eram crianças e jovens e, na capital paulista, esse índice chegava a 40% (2007, p. 324).

Durante o século XX, várias leis foram elaboradas com o intuito de regulamentar o trabalho infantil, e esse processo culminou na promulgação da Constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990. Essas legislações representaram um progresso notável na proteção dos direitos das crianças, independentemente de sua classe social, contribuindo para atenuar o que DeMause (2014) descreveria como “história cruel da infância”.

Referências

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DEMAUSE, L. **Fundamentos da Psico-História**: o estudo das motivações históricas. Tradução de Clara Colott. Petrópolis: 2014.

FERREIRA, E. B.; REINOL, D. A. A ciência da infância: higiene, ensino e disciplina na Tese médica de Agenor Augusto Ribeiro Guimarães (1858) In: TERRA, A. D. G.; QUEIROZ, B. T. **Estudos interdisciplinares sobre infância**. Curitiba: Bagai, 2020.

FREITAS, M. C; KUHLMANN JR, M. (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

GOES, José Roberto de; FLORENTINO, Manolo. Crianças escravas, crianças dos escravos. In: Priore, Mary Del. (org.). **A história das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto: 2016.

KASSOUF, Ana Lúcia. O que conhecemos sobre o trabalho infantil? **Nova Economia**, Belo Horizonte, 17 (2), 323-350, maio/agosto de 2007.

LOBO, L. F. **Os infames da história**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOTT, Luiz. Cupido em sala de aula: Pedofilia e Pederastia no Brasil antigo. **Cad. Pesq.**, São Pulo (69) 32-9; maio 1989.

PAPALI, M. A. C. R. **Escravos, Libertos e órfãos**: a construção da liberdade em Taubaté (1871-1895). São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003.

PRIORE, M. D. **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto: 2016.

RAMOS, F. P. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: PRIORE, M. D. **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto: 2016.

RIZZINI, I. **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, M. A. **Aprisionamento e escravidão indígena clandestina no noroeste amazônico da segunda metade do século XIX**. In: JUNIOR, M. A. S.; RANGEL, T. L. V. (Orgs.). *Relações étnico-raciais: reflexões, temas de emergência e educação*. Itapiranga: Schreiben, 2022.

LANCHE LITERÁRIO: uma atividade que transforma alunos em protagonistas do aprendizado

Maria Clara Santo de Araújo – UESPI

mariacclarasdearaujo@aluno.uespi.br

Eduardo Hérysson Andrades de Oliveira – UESPI

ehadeoliveira@aluno.uespi.br

Valeria Silva de Araújo – UFPI

waleryval@hotmail.com

Introdução

A finalidade deste relato é realizar a descrição da atividade “Lanche literário”, desenvolvida e escolhida para este relato. A atividade foi realizada como parte de uma ação pedagógica da vivência compartilhada do projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas” - tema do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID do Curso de Pedagogia do Campus de Parnaíba (PI) em que os autores estão vinculados como bolsistas.

As ações de leitura compartilhada e pesquisas, oportunizaram entrosamento, ludicidade e elementos que colaboraram na luta contra timidez e dispersão dessa faixa etária. Os resultados obtidos transcenderam a meta. Uma vez que podemos notar o senso de cuidado e valorização da coletividade. Destaca-se que essa atividade exposta teve como objetivo geral: elucidar a importância da leitura compartilhada, acerca da cultura indígena para proporcionar assim um cenário de valorização e relevância do papel de nossos ancestrais.

Desenvolvimento

No processo de aplicação, dividimos a turma em equipes de 6 integrantes, organizamos mesas dispostas em grupos. Para colocarmos o lanche que, juntamente da colaboração da turma levamos, dispomos em uma fileira de mesas frente ao quadro no qual foi escrito “Lanche literário”. De casa, os alunos trouxeram comidas do cotidiano que tinham origem ou referência indígena para dividirmos, com base nas pesquisas realizadas por eles na internet e na exposição em sala. Utilizou-se recursos como textos xerocopiados ou escritos a mão, com lendas presentes no nosso riquíssimo imaginário popular e na cultura indígena, alimentos, material descartável e alguns livros que encontramos no acervo da instituição como por exemplo o: “O curumim pintor e outras histó-

rias” do autor Sanzio Azevedo, histórias pesquisadas como a lenda de Mani de Couto de Magalhães e até mesmo a regional ‘Macyrajara’ de Zilmar Junior.

Durante o desenvolvimento da atividade, ocorreram momentos de distrações que logo foram cessados por intermédio de alunos que se demonstraram interessados, os mesmos, ajudaram na repartição e distribuição dos lanches para as mesas criando assim o senso de compartilhamento e de comunidade. Cada criança que realizava a leitura era ouvida por seus colegas que estavam encarregados da compreensão e da anotação da história, proporcionando ao findar uma discussão em grupo. Observou-se grande contribuição da parte de todos, os que pesquisaram ou os que criaram em casa histórias com referências indígenas, mas que de alguma forma contribuíram para compartilhar algo com os colegas de sua turma durante a realização, quebrando a barreira da vergonha para expor os textos. O desenvolvimento da atividade oportunizou entrosamento, ludicidade e elementos que colaboraram na luta contra timidez e para elucidar essa questão da retração no âmbito escolar tomamos a fala de Vygotsky em que o mesmo diz que:

A experiência prática mostra também que o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante a um papagaio [...] (1998, p. 104).

As experiências práticas no ensino contribuem significativamente para a formação de novos conceitos. Destaca-se que essa habilidade que está prescrita na Base Nacional Comum Curricular e que buscou se desenvolver nessa atividade, (EF05R02) “a identificação e cultura de respeito aos acontecimentos sagrados de diferentes manifestações culturais e tradições religiosas”. A proposta do lanche literário, é um tipo de atividade conhecida por poucos educadores, pois com ela, os alunos saem da sala de aula e faz com que mostrem um pouco do que sabem, se esforcem para mostrar suas habilidades, seja através da música, poesia ou canto, por exemplo (EDUCA SC, 2022). Considera-se que a maior meta era desenvolver atividades que abordassem a importância da leitura compartilhada, acerca da cultura indígena para proporcionar assim um cenário de valorização e sua relevância no papel da nossa ancestralidade. Destaca-se

que transcendemos as expectativas, uma vez que geramos um despertar para leitura e o ato de ler que são pilares da formação cultural de cada indivíduo.

Kleiman (2002), enfoca que a aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura. Segundo a autora, a leitura é indispensável para o desenvolvimento da criança em seu processo de aprendizagem, pois, sem as competências de interpretar, analisar, compreender e decodificar o que a leitura acarreta, a criança não será capaz de obter compreensão da atividade que lhe for proposta. Durante a atividade os alunos tiveram oportunidade de fazer um trabalho em equipe desde a organização do espaço, os itens dos alimentos, a reunião dos textos para apreciação de todos, e etc. O trabalho em conjunto possibilitou a exploração do potencial da atenção e do entendimento dos mesmos. Fortuna (1999) e Fortuna et al. (2005, p. 264) conceituam o 'trabalho em equipe' como, "uma rede de relações entre pessoas, rede de relações de poderes, saberes, afetos, interesses e desejos, onde é possível identificar processos grupais".

Novas formas de ensino vêm agregando muito educacional à educação, é indispensável aos profissionais docentes tais ferramentas como essa, lanche literário e leitura compartilhada, para a sua prática no cotidiano. Iniciativas positivas de participação das crianças nas atividades têm surtido efeitos positivos no nosso cenário educacional, pois o conhecimento não é construído e trabalhado de forma vertical, mas propõe um desenvolvimento horizontal em que professores e alunos trabalham juntos de forma a construir uma visão, a partir de contribuições dos próprios alunos com base em pesquisas, leituras, conhecimentos cotidianos e amadurecimento crítico por meio das trocas coletivas em sala de aula.

Considerações Finais

A partir do exposto, concluímos que a atividade do lanche literário, pode ser considerada de extrema importância por possibilitar reflexões acerca do aprendizado dos alunos, favorecendo a participação ativa e a coragem para compartilharem o que aprenderam. Ao findar realizaram questionamentos em relação aos povos mudando a visão do período colonial. Percebemos o envolvimento ativo da turma no processo de aprendizagem, não apenas através das perguntas, mas também, por meio das discussões, colaboração mútua e a participação. Conseguimos alcançar o que realmente queríamos, pois durante

a aplicação, verificamos a participação ativa e integral. A educação temo poder de transformação, fortalecendo a realização de sonhos e objetivos.

Entendemos nesse contexto que a aprendizagem é extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo das crianças, ao aplicarmos a atividade notamos que fizemos os alunos criarem mais vínculos uns com os outros proporcionando um desenvolvimento contínuo e autônomo por meio desse estudo diversificado e que foge do comum, o lanche literário, aprendendo assim de uma maneira coletiva obtendo conhecimento, valorizando a cultura indígena e favorecendo o interesse acerca de aprendizados sobre povos originários.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2020.

CAFÉ LITERÁRIO: professora une poesia e música para desenvolver habilidades de estudantes | Educa SC. Disponível em: <<https://educasc.com.br/cases/cafe-literario-professora-une-poesia-e-musica-para-desenvolver-habilidades-de-estudantes/#:~:text=Caf%C3%A9%20Liter%C3%A1rio%20%C3%A9%20um%20tipo>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Paulo Bezerra. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LEITURA E PRODUÇÃO CRIATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL: tecendo a escrita através da ludicidade

Fernanda Sousa de Oliveira – UESPI

Gabriele Santos Lisboa – UESPI

Emerson Cardoso Siqueira – UESPI

Orientadora: Profa. Ma. Dryelle Patricia Silva e Silva – UESPI

Introdução

A criança quando realiza a leitura e a escrita de maneira crítica ela se posiciona socialmente e consegue realizar inferências que possam promover a reflexão e a transformação social. Podemos dizer que, as ações iniciais da escrita do ser humano parte da sua vivência, socialização e compreensão dos códigos culturais que começam a ser representadas nas suas garatujas. Para Freire (1989), antes de ler as palavras, é necessário ler o mundo. Considerando que toda criança sabe falar da sua realidade social e representar os símbolos culturais que os rodeiam.

Acreditamos em uma prática baseada na criatividade e ludicidade, articulando com as estratégias de leitura e escrita. Dessa maneira, desenvolvemos como ação extensionista a produção criativa de textos e a prática da leitura de maneira compreensiva pelo Programa de Ações Extensionistas da UESPI (PI-BEU).

Assim, temos como objetivo geral: desenvolver práticas de leitura e escrita com crianças que estão cursando o 5º ano do Ensino Fundamental. E como objetivos específicos: elaborar vivências lúdicas e fazer o compartilhamento delas com as crianças que estão no 5º ano do Ensino Fundamental; organizar recursos, jogos e brincadeiras que despertem o interesse das crianças pela leitura e escrita; estimular a escrita de textos criativos e autorais; e publicar as produções criativas dos alunos.

Metodologicamente, realizamos as concepções narrativas, pontuando as ideias de CLANDININ e CONNELLY (2011), obtendo como dispositivo de ação as rodas de conversa e focaremos em práticas coletivas que possam promover a colaboração no enfrentamento da problemática que foi percebida pelos alunos de Pedagogia da UESPI de Bom Jesus que estagiaram em algumas escolas de

Ensino Fundamental e presenciaram o desânimo e a dificuldade da maioria das crianças do 5º ano diante da leitura e escrita.

Assim, percebemos, no decorrer das ações práticas, que as vivências lúdicas estão contribuindo para motivar as crianças.

Desenvolvimento

A nossa proposta está em andamento, sendo executada nos espaços do Campus Dom José Vásquez Díaz (UESPI) e em uma escola da rede municipal de Bom Jesus/PI, sendo uma ação avaliada de maneira contínua, verificando a satisfação dos professores e das crianças do 5º ano que estão participando da proposta.

Assim, inicialmente realizamos ações como: sondagem com os professores que atuam no quinto ano, sobre a realidade dos seus alunos; reuniões formativas para desenvolver estudos, práticas e vivências interligadas com a leitura e a escrita; dialogamos com alguns alunos do 5º ano investigando, através de atividades práticas e de rodas de conversa, as suas dificuldades de leitura e escrita.

Neste sentido, estamos desenvolvendo práticas de leitura e escrita, elaborando vivências lúdicas; organizando recursos, jogos direcionados para as dificuldades de algumas crianças que estão no 5º do Ensino Fundamental e estimulando a leitura e escrita dos alunos com base em ações que primam pela criatividade, imaginação e brincadeiras, pois na visão de Santos (2006) a atividade de brincar é intrinsecamente ligada à experiência de viver. E no Ensino Fundamental a ideia do brincar e das práticas lúdicas são esquecidas para possibilitar a mecanização e o conteudismo.

Como base teórica utilizamos: FREIRE (1989), ANTUNES (2003), ALBUQUERQUE (2007), BARBOSA; SOUZA (2006), LEAL (2006), SMITH (1989) e outros que desenvolvem o contexto do brincar, jogos e ludicidade, como: SANTOS (2006), KISHIMOTO (1993) e outros. Nos posicionamos, a escutar as crianças, a observar as suas dificuldades, dialogar com as suas professoras e assim desenvolver de maneira coletiva as nossas ações. Enfatizamos que, as narrações dos atores sociais (alunos do 5º ano e dos professores) serão evidenciados e considerados no decorrer da nossa atividade extensiva.

Considerações finais

Diante dos resultados parciais da nossa ação, percebemos que as crianças estavam desestimuladas pelo excesso de conteúdos repassados na rotina e realizavam as atividades de maneira mecânica. Dessa maneira, consideramos que as práticas lúdicas de leitura e escrita tornaram-se um momento prazeroso para os alunos.

Referências

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de, **Conceituando alfabetização e letramento**. 2007. IN: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Org.). Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARBIER, René. **A escuta sensível na abordagem transversal**. In BARBOSA, Joaquim (Coord). Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo; SOUZA, Ivane Pedrosa de. **Sala de aula: avançando na concepção de leitura**. IN: Práticas de leitura no Ensino Fundamental. _____; _____ (Org.) Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research**. Translation: Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FREIRE, Paulo. **A Importância Do Ato De Ler**. Autores Associados: Cortez, São Paulo, 1989.

Kishimoto, T. M. **Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

KLEIMAN, Ângela B. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 7.ed., Campinas, SP: Pontes, 2000.

SANTOS, S. M. P. dos. **Brinquedo e Infância: um guia para pais e educadores em creche**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

LEVANDO A CULTURA INDÍGENA ATÉ A SALA DE AULA

William Da Silva Alvez – UESPI

Jessiara Da Silva Cardoso – UESPI

Samara De Oliveira Silva – UESPI

Edimar José Souza – UESPI

Introdução

Este relato de experiência apresenta as vivências de estudantes do 1º período do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, UESPI, em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental com a presença da professora Elizete Machado Carvalho, da Escola Municipal Benedito dos Santos Lima, em Parnaíba-PI. Durante esse breve período, trouxemos para a sala de aula atividades que exploravam a cultura indígena de maneira significativa.

Isso incluiu interpretações relacionadas às moradias indígenas e ao estilo de vida desses povos. Iniciamos com a produção do cocar indígena tendo como referência o desenho impresso do artefato com o intuito de apresentar referências da cultura dos povos indígenas e seus significados, ensinamos os alunos sobre os alimentos cultivados pelos indígenas para seu sustento, além de apresentar as malocas e sua organização social.

Cada maloca, como explicamos, é subdividida em espaços menores chamados “ocas”, onde uma família reside. O objetivo deste relato é expor as atividades que foram realizadas pela dupla em sala de aula na escola supracitada. Segundo o filósofo e escritor Albert Camus, “Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro.” Entende-se ser de suma importância o conhecimento histórico e cultural que direcionamos em sala mostrando a luta dos povos tradicionais.

Um povo que resiste mesmo diante de tantos preconceitos enfrentados, precisamos resgatar as suas origens e é isso que fizemos para as nossas crianças ensinando a conhecer e valorizar suas raízes considerando a prática como um meio de aprendizado para a construção e formação do ser social. Um aprendizado que vai ficar na memória não só dos alunos, mas de todos os que participarem deste trabalho. Um artefato de grande importância na cultura indígena

é o cocar, ao longo dos anos ele se tornou um dos ornamentos tradicionais da cultura indígena possuindo grande representatividade.

Segundo a Fundação Nacional dos Povos Indígenas na crença da etnia Hali-ti-Pareci no Mato Grosso, as cores fortes e diversas do cocar são como escudos usados para rebater as energias negativas e os espíritos ruins que tentam desvirtuar o objetivo e o foco do caminho do homem indígena, baseado nisto propusemos a criação do cocar que foi realizado com folha chamex que continha o desenho do cocar. A produção foi feita com elementos naturais como folhas de plantas ao invés de penas e palitos de fósforos riscados para a segurança das crianças e utilizamos cola e lápis de cor.

Durante esse período nos envolvemos em atividades que buscavam elucidar a rica diversidade cultural dos povos indígenas. Ao colaborar com o desenvolvimento das crianças adotamos abordagens lúdicas para favorecer o aprendizado e engajamento. Nas reuniões de planejamento discutimos a aplicação de atividades criativas para enriquecer a experiência dos alunos no projeto. Embora tivéssemos uma participação limitada devido nosso início tardio, aproveitamos ao máximo a orientação de nossos supervisores.

Suas sugestões direcionaram nossas ações dentro da sala de aula, assegurando que nosso ensino fosse eficaz e respeitoso. Ao adotar essa abordagem, buscamos não apenas compartilhar informações, mas também enriquecer a educação dos alunos com uma perspectiva culturalmente diversa, promovendo uma apreciação genuína da cultura indígena.

Desenvolvimento

Durante o período de abril a junho de 2023, sob a orientação do supervisor Edimar José Sousa da Silva da mesma escola municipal citada no início desse texto, nossa experiência de ensino foi uma jornada repleta de desafios e descobertas. Esse foi o nosso primeiro contato com a dinâmica escolar, foi surpreendentemente diferente do que estávamos acostumados.

A partir dos direcionamentos acerca do projeto discutido nas reuniões, adotamos intervenções que visavam engajar as crianças de maneira criativa e enriquecedora. Um exemplo foi a atividade em que fornecemos cópias de um desenho de um indígena com um cocar em branco, permitindo que as crianças explorassem sua criatividade ao pintar e aplicar texturas sobre o cocar. Essa atividade foi mais do que uma simples tarefa artística; utilizamos a oportuni-

de para discutir com elas os aspectos culturais do cocar indígena, seus propósitos e significados.

Além disso, para expandir o conhecimento delas sobre os indígenas, incorporamos a prática de contar lendas. Essas histórias antigas alimentaram suas imaginações e interesse. Uma lenda local, em particular, a de Macyrajara, lenda essa que conseguiu chamar mais atenção da classe. Segundo relata a lenda, Macyrajara, filha do chefe Botocó da tribo dos Tremembés, apaixonou-se por Ubitã, um guerreiro de uma tribo rival. A história ilustrou a paixão proibida e permitiu que as crianças se conectassem com a cultura local e suas raízes indígenas.

Além da lenda de Macyrajara, exploramos outras histórias emblemáticas, incluindo a famosa figura do Saci Pererê. Revelamos detalhes que antes não eram conhecidos pelos alunos, como sua origem indígena e a complexidade de sua história. Ao desvendar os mitos e lendas que compõem a rica tapeçaria cultural brasileira, nosso objetivo era não apenas ensinar, mas também incitar a curiosidade e promover uma compreensão mais profunda do nosso patrimônio cultural.

Nossa jornada educacional foi um processo de aprendizado mútuo. As crianças absorveram informações valiosas sobre sua própria herança cultural e demonstraram entusiasmo ao aprender os conteúdos trabalhados. Nós, como educadores em formação, aprendemos a adaptar nosso ensino para atender às necessidades dos alunos, construindo uma ponte entre o conhecimento teórico e a aplicação prática no ambiente escolar. A experiência nos mostrou a importância de abordagens pedagógicas dinâmicas e inovadoras para estimular o aprendizado e enriquecer a experiência educacional das crianças.

Considerações finais

A vivência que compartilhamos foi uma mistura de prazer e apreensão, um misto de emoções que nos levou a refletir sobre a importância de transmitir o conhecimento com empatia. Essa experiência nos proporcionou uma oportunidade valiosa de estar na sala de aula, enfrentando os desafios da educação nos proporcionando momentos de grande aprendizado nos fazendo sentir capazes de superar desafios e oferecer um ensino de qualidade.

Observamos com satisfação que as crianças demonstraram um grande interesse no tema. Ao questionarmos sobre o nome do adorno usado pelos indígenas na cabeça, um dos alunos prontamente respondeu em voz alta: "É o

cocar!”. A partir daí percebemos o engajamento da turma expressando curiosidade em aprender mais sobre a cultura indígena.

Essa experiência revelou a importância de abordar a educação de forma envolvente e interativa. Vimos que, ao estimular a curiosidade das crianças e conectá-las com histórias culturais relevantes, podemos criar um ambiente de aprendizado significativo. A exposição na UESPI foi uma oportunidade de compartilhar os resultados do nosso trabalho com um público mais amplo, e a reação positiva das crianças validou nosso esforço em proporcionar um ensino estimulante e enriquecedor.

Ao chegarmos ao término do projeto intitulado “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas”, realizamos uma exposição na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Neste evento, apresentamos os resultados do nosso trabalho em sala de aula, que incluíram brinquedos indígenas e artesanato. Os itens expostos não eram apenas objetos físicos, mas também representavam o esforço e a dedicação que tivemos na execução do projeto.

No final das contas, essa experiência nos ensinou que o ensino vai além da transmissão de informações; envolve inspirar a paixão pelo aprendizado e cultivar um ambiente de respeito e valorização das diferentes culturas e conhecimentos. Estamos gratos por essa jornada e ansiosos para aplicar essas lições em outras oportunidades.

Referências

SILVA, Magda do Carmo e OLIVEIRA, Renata Araújo de. Dialogando com Magda Soares sobre alfabetização, práticas pedagógicas e formação de rede. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, 2018, p. 928-940. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/10614/209209210254>. Acesso em 23 Agos. 2023.

CAMUS, Albert. **A Peste**. 25 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019. 288p. MÁRIO, Vilela. Símbolos: Uso do cocar reúne diferentes significados para os indígenas. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/simbolos-uso-dococar-reune-diferentes-significados-para-os-indigenas>. Acesso em 28 agos. 2023.

WILSON, José. **Lagoa do Portinho e a Lenda de Macyrajara e Ubitã**. Disponível em: <https://www.phbemnota.com/2019/05/lagoa-do-portinho-e-lenda-demacyrajara.html>. Acesso em 03 maio 2019.

LÚDICO E EDUCAÇÃO: atividade lúdica como ferramenta auxiliar do ensino e aprendizagem

Kelynnne Ellen Marçal de Sousa – UESPI

kelynnneellenmdesousa@aluno.uespi.br

Antônia Beatriz Souza do Nascimento – UESPI

antonia.beatriz.s.do.nascimento@aluno.uespi.br

Ana Paula dos Santos – UESPI

anapdossantos@aluno.uespi.br

Maria de Nazaré Ferreira de Souza – UESPI

Mariadenazare31@hotmail.com

Introdução

O objetivo deste trabalho é relatar as experiências vivenciadas ao longo do subprojeto denominado Nunca Mais um Brasil Sem Nós: pela honra e valorização dos povos indígenas, optamos por destacar as experiências relevantes no decorrer do desenvolvimento do projeto. Os relatos seguem a seguinte ordem: caracterização da turma; rotina da mesma; aplicação de uma atividade e participação em um evento sobre a Educação e Povos Indígenas nas Escolas de Parnaíba.

O referencial teórico tem como fundamento um levantamento bibliográfico, envolvendo a ação docente e seus desdobramentos. A pesquisa se baseou nos estudos de Gulinelli (2005), com suas ideias sobre a importância da ludicidade para o processo de aprendizagem; PAPI (2005) com reflexões acerca da formação inicial de professores; e consulta ao documento da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) sobre Educação Especial.

Desenvolvimento

As atividades do programa tiveram início em novembro de 2022 e o núcleo dois, o qual fazemos parte, ingressou em maio de 2023, melhor dizendo, ao final do subprojeto sobre os povos originários que tinha como objetivo a valorização dos povos indígenas em espaços escolares, subprojeto o qual resultou em um evento de exposições de trabalhos desenvolvidos por todos os bolsistas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí- Parnaíba. Na turma do 4º ano do ensino fundamental, anos iniciais, da Escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos foi possível observar alguns problemas, por exemplo, alunos repe-

tentes que não se encontram no nível de aprendizagem esperados para a faixa etária dos mesmos, e também alunos com transtornos de aprendizagem sem acompanhante pedagógico.

Diante disso, cabe ressaltar que na LDB, lei nº 9.394/1996, inciso 1º do art. 58 da Educação Especial está posto que "Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial". Entretanto, na prática a situação experimentada se mostra incoerente com a lei mencionada, uma vez que os alunos não possuem acompanhantes, pois não existem candidatos para preencher os cargos.

As aulas que coincidem com os dias em que ficamos na sala acontecem às Segundas e Quartas-feiras no turno vespertino das 13:00hs às 16:50hs, das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Geralmente as aulas são expositivas com atividades de transcrição do posto na lousa ou atividades no livro didático, com pouco espaço para diálogo e expressão de opiniões.

É notável a importância do papel da ludicidade no processo de aprendizagem educacional, pois proporciona o desenvolvimento cognitivo e emocional, por meio de atividades prazerosas e divertidas. Segundo o autor Gulinelli (2008, p. 9), "a atividade lúdica é um fator muito importante para o desenvolvimento da criança. Por meio dela podemos tornar a aprendizagem mais prazerosa [...]".

A partir dessa compreensão, desenvolvemos uma atividade com a turma no pátio da escola, esta atividade consistiu em uma pescaria de multiplicações, cujo objetivo foi desenvolver o raciocínio lógico, coordenação motora e revisar o conteúdo trabalhado. O material foi confeccionado utilizando itens da própria escola, apenas as varetas de pesca foram feitas à parte. Em análise, as crianças se mostraram entusiasmadas com essa atividade de participação ativa e fora do habitual delas.

Houve um dia de evento aberto ao público para a mostra das atividades desenvolvidas ao longo do subprojeto, o qual foi exposto banners e materiais produzidos pelos próprios bolsistas para o desenvolvimento das atividades com as turmas. Durante o evento explicamos a função da atividade, como foi realizada e os resultados obtidos. Diante do exposto, é válido destacar que foi pouco tempo de experiência e observação, mas já podemos verificar os desafios enfrentados pelos docentes e como agir diante de algumas dificuldades acerca da profissão. Além disso, é durante a graduação que os futuros professores desenvolvem a didática para atuar da melhor maneira na carreira profissional. PAPI (2005, p. 72), afirma que:

A partir da formação inicial, os professores passam a constituir a profissão. A partir dela é que o conjunto de professores começa a configurar, perante a sociedade e perante a si mesmos, os caminhos que pretende seguir enquanto categoria profissional A, inserida num contexto ambíguo, politicamente determinado e nem sempre facilitador.

Isso evidencia a relevância do PIBID, pois o programa aproxima o licenciando do ambiente escolar, articulando ensino superior e educação básica, possibilitando o alinhamento entre teoria e prática.

Considerações finais

A experiência vivenciada no PIBID é importante para a carreira profissional docente, pois orienta e ajuda na construção da identidade profissional, haja vista que os graduandos além de terem contato com a sala de aula ainda na formação inicial, também desenvolvem projetos acerca de um determinado tema. Por sua vez, a vivência no PIBID tem seus desafios, no entanto também nos possibilitou criar laços de amizade com as crianças e demais componentes do ambiente escolar.

Além disso, enfatizamos que o valor da bolsa do PIBID ajuda os bolsistas a custear alguns gastos na universidade, como moradia, alimentação, transporte e materiais didáticos, isto é, possibilita os graduandos a se manterem no ensino superior. E, futuramente, poder exercer o papel de professor e colaborar na sociedade em que está inserido.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

GULINELLI, Deize. **A ludicidade nos anos iniciais do ensino fundamental**: uma retrospectiva dos jogos tradicionais. São Paulo, 2008.

PAPI, Silmara. Formação inicial como componente da profissionalização. In: PAPI, Silmara. Professores: formação e profissionalização. Araraquara, SP: **Junqueira & Marin**, 2005. p. 64-72.

NUNCA MAIS UM BRASIL SEM NÓS

Francisco Das Chagas Lima - UESPI

Fabírcia Pereira Teles - UESPI

Introdução

Esse resumo de relato de experiência da prática profissional, realizado em ambiente escolar pelo discente Francisco das Chagas Lima, do curso de Pedagogia do Campos Professor Alexandre Alves – Parnaíba-PI. Para isso a prática educacional, foi realizado na Escola Municipal Maria Das Graças Lopes Bezerra, localizada na rua Guaporé Nº 765 bairro São Francisco da Guarita, que tem como representante legal a gestora, Laís Carvalho Nunes Maia. Para tanto esse projeto tem sido uma abordagem na educação Fundamental nos anos Iniciais através da prática do Estágio, sendo esse o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior.

As atividades realizadas na escola durante o estágio aconteceram sobre a proposta pedagógica do projeto **Nunca Mais um Brasil sem nós**, pela defesa dos povos indígenas do Brasil. A prática do estagiário ocorreu com a abertura do projeto de intervenção, que apresentou os povos originários do Brasil, sua cultura, especificidades e sua influência em nossa cultura. Para isso foram desenvolvidas várias atividades com as crianças durante o período de 10/04 a 09/06/2023, em que se iniciou e concluiu todo o projeto.

Várias atividades foram realizadas com crianças do 3º ano fundamental, todas direcionadas a construção do pensamento voltado a conhecer e integrar-se a cultura indígena. Foram apresentados aos alunos do 3º ano turno tarde, o modo de vida, religiosidade, lendas, alimentação e danças dos povos indígenas do Brasil. Todas as atividades corroborando com a temática apresentada durante as aulas. A inserção do tema nas escolas, buscou trazer a realidade histórica, cultural e social dos povos indígenas em território Brasileiro.

Desenvolvimento

Para isso foi utilizado como metodologia de trabalho a pesquisa bibliográfica, através de informações colhidas de livros e artigos e teóricos que conver-

sam com nosso tema apresentado. Para tanto nosso discurso em sala de aula, foi voltada a defesa dos povos indígenas no Brasil. Assim como apresentação da historicidade dos povos indígenas, formulando em nosso trabalho como professor de educação fundamental anos iniciais, o pensamento reflexivo sobre as ações que produzem o etnocentrismo no Brasil. Desse modo, pensar e manter a cultura dos povos indígenas é uma forma de continuidade dos povos originários. (Gomes, 2012, p. 96).

Para que a nossa mensagem sobre os povos originários fosse internalizada pelos nossos alunos, utilizamos a prática da ludicidade no ambiente escolar, proporcionando ao aluno a oportunidade de aprender brincando. O jogo e as brincadeiras trazem uma relação de possibilidades dentro do ambiente de ensino. Segundo Ribeiro (2013, p.1) as brincadeiras para a crianças é uma forma de externar suas emoções, através do contato com a realidade em sua volta. Construindo uma relação de aprendizado, sem uma influência e coação do adulto, proporcionando liberdade e prazer através do brincar. Para (KISHIMOTO, 1996 p. 26) ele afirma ainda;

O jogo é um instrumento pedagógico muito significativo. No contexto cultural e biológico é uma atividade livre, alegre que engloba uma significação. É de grande valor social, oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo, preparando a criança para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais tais como estão postos.

Para isso foi utilizado várias formas de brincadeiras criadas pelos indígenas como: "cabo de força, jogo da peteca, corrida do saci, arranca mandioca etc. Todas essas atividades foram compartilhadas com os alunos com o propósito de socializar essa cultura de uma forma bem divertida e contagiante entre as crianças. Durante o projeto de intervenção " Nunca mais um Brasil sem Nós". As crianças puderam conhecer a história dos povos indígenas, sua cultura e sua sociedade em grupos. Tudo isso compartilhado não somente através de teóricos, mas também através do envolvimento com as brincadeiras indígenas aplicadas nas aulas proporcionando muita diversão e conhecimento entre as crianças. Para isso nossas atividades eram construídas de forma a trazer todo

o envolvimento da criança, com brincadeiras simples, mas de grande envolvimento social.

Durante o desenvolvimento do projeto de intervenção, houve muitos enfrentamentos, algumas dificuldades encontradas diante das demandas que tínhamos de apresentar para turma de 3º ano, que possuía algumas dificuldades para apropriação de alguns conteúdos, mas diante dessas dificuldades procuramos outra abordagem, que favorecesse a prática docente na construção de conhecimento. Diante de todos esses momentos vividos em sala de aula nesse estágio, podemos entender um pouco das dificuldades que permeiam a nossa educação, assim como os obstáculos enfrentados pelos professores em sala de aula. Toda essa construção dos saberes adquiridos nesse estágio nos faz compreender as fragilidades que nos deparamos no processo de ensinar, o estágio tem sido esse instrumento de aproximação com as realidades, para que possamos nos autoavaliar em nossos conceitos assim nos prepararmos melhor para esse mercado de trabalho.

Considerações finais

Esse trabalho nos proporcionou uma grande experiência, através da relação, em sala de aula com o aprendizado compartilhado na relação aluno e professor, que proporcionou grandes experiências fora do ambiente acadêmico. Para isso o projeto de intervenção "Nunca Mais um Brasil Sem Nós" foi de grande valia, nos aproximando de nossa cultura e raízes indígenas. Compartilhar toda essa experiência com nossos alunos, nos fez entender mais sobre como a educação é responsável na construção de uma sociedade empática e inclusiva. Quero agradecer a todos os envolvidos e que nos ajudaram diretamente e indiretamente na ação desse projeto, bem como a Gestora. Laís Carvalho Nunes, a professora, Eliene Machado Mourão e nossa prof. Dra. Fabricia Perreira Teles por todos os ensinamentos e contribuições para nosso aprendizado.

Referências

GOMES, Mércio Pereira., presente **Os índios e o Brasil: passado e futuro.** São Paulo: Contexto, 2012

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **A sociologia do Brasil indígena.** Ed. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1972;

PIMENTA. S. G.; LIMA. M. S. L. Estágio e Docência. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010. **(Coleção Docência em formação. Série: saberes pedagógicos)**

RIBEIRO, Suely de Souza. **A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância.** 2013.

NUNCA MAIS UM BRASIL SEM NÓS: pela honra e valorização dos povos indígenas: um relato do estágio no 1º ano do ensino fundamental

Alexsandra M^a Leocadio Lima¹

Jheniffer Gomes Lima²

Fabricia Pereira Teles³

Introdução

O estágio supervisionado curricular dentro das licenciaturas é uma ferramenta essencial para a formação docente pois tem o objetivo de inserir o licenciando dentro da rotina escolar para desenvolver assim sua práxis pedagógica.

Tendo em vista que dentro da universidade o graduando se depara com a vivência mais teórica, se torna difícil associar esta teoria à prática sem experienciar a real vivência de uma sala de aula, onde se é possível conhecer de perto os desafios do cotidiano (Mafuani, 2011).

O tirocínio em questão, traz benefícios não apenas para os docentes em formação, como também possibilita uma aproximação da escola com a universidade, onde se é possível desenvolver projetos inovadores, beneficiando tanto os educandos quanto os professores da educação básica, que acabam imergindo novamente no meio acadêmico se beneficiando das inovações metodológicas.

O professor em sua ação de educador e facilitador do conhecimento tem papel fundamental na construção de seres pensantes, criticos e eticos; transmitindo valores socais e formando cidadãos aptos para conviver em sociedade.

Para Libâneo (1994, p. 24) "A educação escolar constitui-se num sistema de instrução e ensino com propositos intencionais, praticas sistematizadas e alto grau de organização, ligando intimamente às demais praticas sociais", que vai trabalhar o social, politico e econômico na escola, abordando determinados assuntos e planejando as atividades adequadas.

Barreiro e Gebran relatam que:

1 Graduanda do curso de Pedagogia - Universidade Estadual do Piauí - Residente do Programa Residência Pedagógica. E-mail: sl.leocadiolima@gmail.com

2 Graduanda do curso de Pedagogia - Universidade Estadual do Piauí - Residente do Programa Residência Pedagógica. E-mail: jhenifferlima@aluno.uespi.br

3 Docente Orientadora do programa Residência Pedagógica da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: fabriciateles@phb.uespi.br

A articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições vivenciadas (Barreiro; Gebran, 2006, p. 22).

Este trabalho discorre sobre as vivências das autoras dentro do estágio supervisionado em ensino fundamental do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI); experiências adquiridas na realização do projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas” realizado em uma escola municipal na cidade de Parnaíba.

O estágio foi atrelado ao Programa Residência Pedagógica (PRP) que faz parte da Política Nacional de Formação de Professores, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, fundação ligada ao Ministério da Educação do Governo Federal.

Buscou-se como objetivo primordial desmitificar pensamentos e ideias preconcebidas de forma alegórica e caricata sobre o indígena brasileiro. Buscando nas regências valorizar a essência e a vivência dos povos originários, ressaltando a existência dos traços indígenas na cultura brasileira, por meio das artes, da culinária, da linguagem, dos costumes e cresças.

Conhecer a história dos Povos Originários de forma não estereotipada, respeitando a história e a cultura para desenvolver nos educandos de hoje, o adulto livre de descriminalização de amanhã.

Lopes e Corrêa afirmam que:

Faz-se necessário aprender a conviver com o Outro, culturalmente distinto, a dialogar com esse Outro, para conjuntamente instaurar relações sociais mais justas e igualitárias (Lopes E Corrêa, 2008, p. 472).

É importante que a cultura dos povos indígenas tenha destaque no ensino nas escolas, porém de uma forma não tipificada, como muitas instituições e profissionais da educação vem fazendo até os dias de hoje. Utilizou-se de meios metodológicos atividades como: produções de escrita e atividades manuais, pinturas, e brincadeiras de origens indígenas, sempre atrelado ao componente curricular.

O esboço do projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas” foi produzido em conjunto com todos os residentes do PRP durante planejamentos e pesquisas, com assistência das preceptoras e professores titulares da educação básica. Teve como fonte de pesquisa, sites, livros e sequências didáticas.

Desenvolvimento

Trabalhou-se durante dez (10) regências temáticas que remetiam aos povos indígenas outrora e atualmente como: dança, comidas, artesanato, diversidade, linguagem, influência e vivência atual de forma discursivas, expositivas, lúdicas e práticas. Buscou-se, a cada aula, desmistificar o indígena apenas como indivíduos isolados e sem qualquer envolvimento e vínculo com a sociedade.

Tais temáticas eram associadas aos componentes curriculares como: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Arte; sendo possível a compreensão sobre diferentes etnias, aspectos de vida e crenças combinando a interdisciplinaridade entre os componentes curriculares, favorecendo a formação do estudante e assimilando como as diferentes áreas do conhecimento se complementam (Souza, Santos, Santos, 2020).

Entre as atividades realizadas com os alunos, em sua maioria práticas, pode-se citar algumas que foram: releitura do livro “O Tupi que você fala”, construção de um alfabeto ilustrado com linguagem indígena, brincadeiras e danças indígenas, produção de utensílios indígenas com argila.

Buscou-se evidenciar a valorização dos povos indígenas por meio de atividades lúdicas e dinâmicas, voltadas para o protagonismo do aluno, corroborando também para o trabalho docente, favorecendo o processo didático na transmissão dos conteúdos apresentados.

Houve o cuidado para que todas as atividades escolhidas possuíssem caráter ativo, atribuindo ao processo pedagógico com subsídios mais amplos, fugindo do convencional.

Considerações finais

O projeto buscou trabalhar a temática dos povos indígenas de forma significativa, buscando desenvolver o senso crítico e participativo dos estudantes, por meio das atividades lúdicas e ativas, assim corroborando para o desenvolvi-

mento da autonomia dos alunos em relação a formação de novos conceitos em correspondência a nação indígena.

Os objetivos do projeto superaram as expectativas, foi possível visualizar as mudanças simbólicas na forma de agir e de pensar dos estudantes, pois os mesmos disseminaram dentro do próprio meio escolar aquilo que foi aprendido nas regências. Para os estagiários, a experiência vivida, contribuiu para a formação acadêmica e pessoal, visto que as ações desenvolvidas trabalharam diversos aspectos e quebrou concepções acerca do modo de vida indígena e na análise do processo didático em sala de aula, nos fazendo questionar o que precisaria ser mudado ou não.

Referências

BARREIRO, I. M. D.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo. Avercamp, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

CAPES. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Edital 6: Chamada Pública para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica. 2018. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, A.L.; CORRÊA, D. **O multiculturalismo e os direitos fundamentais dos povos indígenas: a luta pela igualdade no Brasil da intolerância**. Rev. Ciên. Jur. e Soc. da Unipar, v. 11, n. 2, p. 471-489, jul./dez. 2008.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário**. Instituto de Ensino superior de Bauru. 2011. Disponível em: <http://www.ies-bpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>
Acesso em: 18 out. 2023.

O USO DA ARGILA E A PRODUÇÃO DE CERÂMICA ARTESANAL NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Davi dos Santos Costa – UESPI

davi.dos.santos.costa@aluno.uespi.br

Laysa Kailanne de Oliveira Nascimento – UESPI

lkdeoliveiran@aluno.uespi.br

Iasmin Maia Brito – UESPI

iasminmaiab@gmail.com

Marjory Bianca de Souza Santos – UESPI

marjorybdesouzasantos@aluno.uespi.br

Anne Karinny Veras Carvalho – UESPI

karinnyanne43@gmail.com

Introdução

O presente Relato de Experiência é do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de Pedagogia da UESPI – Campus de Parnaíba. Apresenta-se a atividade desenvolvida do Subprojeto que tem como tema “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas”. A proposta de vivência teve como objetivo desenvolver a criação ou reprodução de artefatos de cerâmica indígena com uso da argila em sala de aula. Esse projeto foi desenvolvido na Escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos na cidade de Parnaíba (PI), com a turma “A” do 2º ano do Ensino Fundamental. Ressalta-se que essa temática foi desenvolvida com as crianças por meio de diversas atividades que englobaram a temática proposta, dentre elas o uso da argila para produção de artesanato indígena, onde foi apresentado para as crianças as produções artesanais de diferentes povos originários dando destaque a importância e a utilização dos artefatos na vida cotidiana. Desenvolvidas com as crianças por meio do uso da argila em sala de aula. As produções foram criativas gerando diversos modelos variados de cerâmica artesanal baseada nas produções existentes dos povos originários e sua cultura apresentado na sala de aula.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, do Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira – Parnaíba desenvolveu o projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas!”. A justificativa desse tema se deu pela importância desta causa e sua relevância no contexto social e educacio-

nal. O título do projeto teve origem no discurso de posse da Ministra dos Povos Originários - Sonia Guajajara do Estado do Maranhão que foi nomeada como ministra dos Povos Indígenas no ano de 2023. A temática teve como objetivo proporcionar a interação com a cultura dos Povos Originários, desenvolvendo assim o respeito pela diversidade e as tradições dos povos, que por muitas vezes são marginalizados e negligenciados tanto pelo Estado quanto pela população brasileira.

Nesse projeto houve também a finalidade da desmistificar estereótipos e preconceitos acerca dos povos, e com isso desenvolver maiores conhecimentos sobre a história e relevância dos Indígenas para o Brasil. Por fim, fazendo valer também sobre o art. 26-A da lei:11.645 que consiste que os “estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASILIA,2008).

Dentre todas as atividades realizadas sobre o tema proposto, será destacado neste relato a aula cujo subtema foi “Artesanato dos Povos Indígenas: construção e utilização” realizada para a classe do ensino fundamental do 2º ano, turma “A”. A escolha e produção desta aula ocorreu para que houvesse um maior contato com a cultura indígena e artefatos que eram e são utilizados no passado e até hoje, tanto pelos indígenas quanto pela população em geral.

Desenvolvimento

No dia 29 de maio de 2023, na Escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos na sala do 2º ano “A” do turno manhã, foi trabalhado o artesanato dos povos indígenas. Na qual levamos imagens para a expor onde demonstrava artefatos produzidos pelos Povos Originários. A atividade prática ocorreu no refeitório da instituição escolar. Foi trabalhado a produção com a argila, para a realização do artesanato, e foi utilizado a massinha de modelar para demonstrar a diferença de manuseio entre os dois produtos, trabalhando assim também as habilidades sensoriais e motoras das crianças.

Compreendendo sobre a importância do artesanato para os povos indígenas, como pode e é utilizado, como as pinturas eram produzidas de maneira natural. Mostrando que cada tribo dos povos indígenas tem suas formas de expressar através da sua “arte” produzida, e que isso acaba por mudar as formas de preparo dos objetos produzidos por eles. Sendo assim continuando respeitando a subjetividade de cada tribo. Segundo um exemplo da indígena:

“Daiara Tukano, artista, ativista, educadora e comunicadora, diz que em sua língua Dahseyé (Tukano) não há uma palavra para “Arte”, e que esse conceito é ocidental. Isso não quer dizer que seu povo não tenha produções artísticas, mas que elas se integram à vida cotidiana.”

Aprendendo e abastecendo de informações produzidas através de artigos como o trecho citado acima propõe. Durante a execução da tarefa proposta, foram tiradas dúvidas que surgiam em meio a produção dos objetos realizados pelas crianças, perguntas do tipo “como eles faziam para aquele barro ficar duro?” e “onde eles aprenderam a fazer aquelas peças?”, entre outras.

A participação dos alunos e a imersão com a cultura indígena era notória durante o projeto, despertando assim a curiosidade e vontade de conhecer mais sobre os costumes deste povo. A fabricação efetuada pelos estudantes chamou a atenção das demais crianças e professores que passavam pelo caminho do refeitório da escola. O entusiasmo dos alunos com suas próprias produções trouxe um sentimento de orgulho deles, pois era uma atividade nova e atípica, tal desempenho provocou uma grande interação e socialização entre eles e principalmente muito aprendizado acerca dos Povos originários, em especial os artesanatos.

Além dos acessórios, artefatos para caça e pesca, dentro outros. Foi dado uma maior ênfase para como era feita cerâmica e a sua utilização. Portanto, foi exposto através de imagens alguns objetos criados com a argila e transformados em cerâmica, como por exemplo: pratos, potes, vasos, copos e urnas. Foi explanado sobre a confecção que os indígenas faziam e fazem utilizando de recursos naturais como a argila, pó de madeira e outros.

Por fim, como forma de atividade prática e utilizado como referencial de objetivo a ser alcançado, as habilidades mencionadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) “(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais” (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p. 201). E “(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.” (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p. 203). Foi dado uma porção de argila para cada criança e um modelo de pote que elas deveriam reproduzir com o auxílio dos Pibidianos responsáveis

pela aula, essa atividade teve como foco aumentar a imersão das crianças com a cultura indígena e trabalhar também as áreas motoras e cognitivas.

Considerações finais

O desenvolvimento dessa experiência despertou a curiosidade das crianças e que prontamente foram colaborativos e criativos. A técnica utilizada com o uso da argila foi significativa para retratar as diversas formas de expressão da “arte” indígena. Essas ações no processo educacional são de fundamental importância para a formação das crianças em desenvolvimento.

Portanto, esse projeto fez ainda um paralelo entre a teoria e a prática, causando assim uma grande evolução das futuras gerações e para os Pibidianos no processo de formação para a docência. Por fim se conclui que o projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas” trouxe modificações na escola dado a importância desse tema para as instituições de ensino, especificamente para as crianças do ensino fundamental.

Referências

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11645&ano=2008&ato=dc6QT S61UNRpWTcd2> . Acesso em: 24 de jun. de 2023

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018

MORO, Cesar Augusto; CASTRO, Mirella Mileidy Assunção da Luz. Daiara Tukano e as artes indígenas contemporâneas: demarcação, representatividade e resiliência. **Faces de Clio**, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 4–30, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/38804> . Acesso em: 24 de jun. de 2023.

OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE O USO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DENTRO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM UMA TURMA DE 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Maria Isabela Val de Oliveira (UESPI)

misabelavaldeoliveira@aluno.uespi.br

Melissa Maria Gomes Carvalho - UESPI

melissamariagc@aluno.uespi.br

Maria Clara Caetano Menezes - UESPI

mclaracm@aluno.uespi.br

Introdução

O presente trabalho tem como pressuposto apresentar uma atividade desenvolvida por uma dupla de pibidianas na escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos, tendo como objetivo a apresentação de lendas indígenas, evidenciando suas características, origem e a importância das mesmas dentro da cultura indígena. Visando, de acordo com a BNCC (EF15LP15) – “Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.” E a habilidade: (EF15AR25) – “Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial de cultura diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas[...].

E ainda, coadjuvando com a competência 3 da Base Nacional Comum Curricular: - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. Sendo assim, buscamos por meio da atividade, potencializar as capacidades artísticas das crianças, por meio de um exercício lúdico com diferentes metodologias. Dentre todas as atividades essa foi escolhida por ter se destacado no quesito interação, entre todas as outras essa foi a que mais chamou a atenção das crianças e promoveu uma participação efetiva de todos.

Em uma primeira análise, a atividade escolhida, contação de lendas de diversas origens indígenas brasileiras, foi a primeira instância proposta para acontecer em sala, porém mudamos de ideia e resolvemos quebrar com o tradicional, tendo em vista que nossa turma é de 1º ano, optamos por fazê-la em formato teatral. A atividade ocorreu de forma lúdica e interativa, forma a qual

Santos (2002) afirma ter se tornado um fator indispensável na aquisição de conhecimento do ser humano, por possibilitar a apreensão do conteúdo de forma mais natural:

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, expressão e construção do conhecimento (Santos, 2002, p. 12)

Diante disso, na atividade em questão as crianças foram retiradas da sala de aula e levadas a um espaço aberto onde elas ouviram atentamente a contação de lendas indígenas, feitas em um formato teatral com bonecos, depois interagiram interpretando com a nossa orientação, facilitando a aprendizagem e a construção do conhecimento. Sobre a contação de história Jordão afirma que, “a literatura precisa ser valorizada como lócus potencial para a transformação dos processos interpretativos de alunos e professores, como espaço de confronto com o legitimado”.

Portanto, o professor deve proporcionar atividade de conto e leitura para incentivar e desenvolver a prática da mesma, estimulando as habilidades cognitivas e autonomia. Possibilitando a ampliação do repertório crítico da criança. Desta forma, promover a escuta/leitura de textos indígenas na escola por crianças e jovens é de suma importância para o seu crescimento, pois além de quebrar desde cedo estereótipos implantados pelo meio social, ajuda também a retratar a cultura, histórias e costumes dos povos originários, resgatando suas crenças e tradições. Proporcionando às crianças não só um melhor desenvolvimento das habilidades de interpretação, mas também um olhar mais atento e um melhor entendimento sobre as tradições desses povos, enriquecendo sua formação e construção cultural. Como também, promovendo o conceito de respeito às diversidades culturais no nosso país e o reconhecimento das diferenças e singularidades de cada um.

Desenvolvimento

A atividade foi desenvolvida na Escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos que fica localizada em Parnaíba-PI, dia 24 de maio de 2023, em uma quarta-feira, no turno da manhã. De início levamos as crianças para o pátio para a realização de um pequeno teatro de bonecos onde contamos a lenda regional da Macyrajara, que gerou bastante inquietação e interação dos mesmos

para conosco, uns questionando, outros admirando, o que podemos compreender como um ótimo resultado para a primeira atividade, já que toda a turma participou efetivamente da contação.

Em seguida, agora na sala de aula trouxemos mais lendas sobre a cultura Indígena, dessa vez não mais regional, mas de um panorama geral. Nós as apresentamos de forma oral e também visual com figuras, imagens que em alguns casos traziam ao lado a sua lenda por escrito. A partir dessa exposição, pedimos que as crianças reproduzissem por meio de desenhos em folhas a4, algumas lendas que eles conheciam ou alguma que havia sido apresentada, utilizando seu olhar e seu entendimento sobre a cultura indígena a contar desse momento de conhecimento adquirido através de uma experiência de troca na sala durante a socialização de conhecimento preexistentes se somando agora com a contação das histórias que eles tinham acabado de escutar. Para Linete Souza e Andreza Bernardino:

A contação de história é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo (SOUZA, BERNARDINO, 2011, p.235-249).

Desse modo, a atividade de contação de lenda se faz necessária tendo em vista sua efetiva contribuição para o desenvolvimento cognitivo e o senso de responsabilidade das crianças, assim como o senso de auto expressão que é o desenvolvimento do segundo momento da atividade, quando as crianças externalizam seus pensamentos e expressões no papel. Após a produção dos desenhos e as pinturas, tiramos uma foto com eles e recolhemos os desenhos para a produção da apostila manual.

Em síntese, a atividade foi realizada em 3 momentos diferentes. No primeiro momento a contação, no segundo momento a produção dos desenhos feitos por eles e no terceiro momento a construção da apostila, que foi apresentada por eles na culminância do nosso módulo, dia 07 de junho na escola. Na execução de toda a atividade usamos bonecos de papel com palito para a

apresentação do teatro, papel A4 para a produção dos desenhos, e por último barbante e e.v.a para a estrutura da apostila.

Considerações finais

Em suma, após a culminância da atividade, percebeu-se um nítido engajamento e interesse das crianças para com a temática. Observamos que eles demonstraram certa curiosidade em conhecer mais sobre a lenda da Macyraja-ra, e sobre as demais lendas que foram apresentadas, que lhes geraram dúvidas, questionamentos e inquietações sobre a cultura dos povos originários, que como podemos perceber no decorrer do projeto era vista com um olhar muitas vezes preconceituoso, por falta de conhecimento e orientação, chegando até mesmo ter suas práticas e costumes confundidos com práticas de outras culturas, que também sofrem esse tipo de ostracismo.

Durante o projeto buscamos conscientizá-los a todo momento, sobre o respeito às tradições e costumes dos povos originários. Sempre elencando a importância da cultura indígena na construção da identidade nacional brasileira. Ao final no módulo 1º espera-se ter atingido o objetivo do programa de levar a conscientização e reflexão acerca da importância dos povos originários e sua contribuição para a sociedade que temos hoje. Pois se pararmos para analisar nossa cultura, que é resultado de uma miscigenação entre vários povos, perceberemos que a grande parte dos nossos costumes advém da cultura Indígena.

Dessa forma, as atividades desenvolvidas dentro do projeto “Nunca mais um Brasil sem nós, pela honra e valorização dos povos indígenas” foram de grande valia para a nossa formação acadêmica. Pois, através de estudos sobre a temática, se obteve um maior discernimento e entendimento a respeito da diversidade desses povos, e as pesquisas por metodologias para melhor trabalhar com o público alvo nos possibilitou um enriquecimento da nossa formação docente.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

SOUZA, L., & Bernardino, A. (2011). **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Educere et Educare – Revista de educação, 6, pp. 235-249.

THIEL, Janice Cristina. **A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n4/09.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

OS POVOS ORIGINÁRIOS E SUA CULTURA: vivências com as crianças do 4º ano da Escola Municipal Benedicto dos Santos Lima - Parnaíba (PI)

José Mailson dos Santos Sales– UESPI

Mariana Correia Pires Cruz – UESPI

Maria de Jesus Marques– UFPI

Introdução

A experiência que vivenciamos em sala de aula aplicando o projeto “Nunca mais um Brasil sem nós, pela honra e valorização dos povos indígenas” nas turmas do quarto ano do ensino fundamental da Escola Municipal Benedicto dos Santos Lima, da cidade de Parnaíba – PI, foi algo memorável para nós, foram experiências sensíveis e de grande conhecimento. O aprender e conhecer sobre uma nova cultura que estar em volta da nossa sociedade atual é algo de extremo valor e o ato de ensinar mostrou-se desafiador e necessário para contribuir com as próximas gerações de uma sociedade que visa o respeito às diversidades.

O relato se justifica devido à necessidade de valorizar, estudar e reconhecer a importância dos povos originários em nosso país. Os conteúdos aplicados e dialogados em sala de aula contribuíram para a participação ativa dos estudantes no projeto, no qual estimularam sua curiosidade com uma nova cultura e refletiram sobre a importância dos indígenas para a sociedade.

Considerando, pois a necessidade de trabalhar não apenas a cultura indígena mais outros aspectos desses povos com as turmas do quarto ano do ensino fundamental para que houvessem uma conscientização e o reconhecimento da comunidade indígena, houve uma grande preocupação com os conteúdos que seriam aplicados e de como esses momentos deveriam acontecer. O projeto visou à participação de maneira a integrar os alunos de forma colaborativa a conhecerem as vivências dos povos indígenas.

Nesse viés, o resumo expandido apresentado traz consigo destaques sintetizados através de um projeto que foi colocado em prática visando favorecer e agregar conhecimentos sobre os indígenas do Brasil, o projeto visa ser colaborativo, investigativo e descritivo.

Desenvolvimento

Os povos indígenas no país são aqueles que já habitavam no território brasileiro bem antes da chegada dos colonizadores portugueses, povos estes que apresentam uma relação de continuidade com a cultura, com a terra e os costumes, e com organização social e política de seus antepassados. A cultura dos indígenas é formada por tradições, crenças, costumes e línguas muito particulares a cada um dos povos, tendo assim uma pluralidade de costumes dentre eles. Os povos originários são a base da formação cultural, territorial e social do país, por conta disso a preservação desses povos torna-se de suma importância.

“Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura indígena. O asseio pessoal. A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau. O brasileiro de hoje, amante do banho e sempre de pente e espelhinho no bolso, o cabelo brilhante de loção ou de óleo de coco, reflete a influência de tão remotas avós. ” – Gilberto Freyre Na obra Casa-Grande & Senzala, Gilberto Freyre faz citação à importância dos povos originários para a formação da sociedade brasileira. O antropólogo, sociólogo e professor universitário contribuiu efetivamente para uma nova identidade da sociologia no Brasil.

Para a realizações das atividades do projeto com os alunos do 4º ano na Escola Municipal Benedito dos Santos Lima, foram utilizadas metodologias que focasse nas experiências de aprendizado dos alunos, buscamos maneiras de torna-los protagonista da construção de seus conhecimentos. Destaca-se que ao longo do percurso da aprendizagem sobre os povos originários, valorizando os alunos e os instigando para que eles pudessem aprender da melhor maneira possível, as táticas utilizadas durante o processo de ensino e aprendizagem foram: a sequência didática, estações de aprendizagem sobre as vivências e a cultura dos indígenas.

Foi utilizado atividades de leitura de livros escritos por autores indígenas e de textos onde o foco principal era o povo originário e a produção de pinturas e artefatos indígenas, no qual buscamos remeter o mais próximo possível as vivências das comunidades, buscando uma maneira mais adequada para que os estudantes pudessem entender de maneira leve as tradições dos povos que originaram a grande parte do nosso país.

Considerações finais

Portanto, as vivências adquiridas ao longo de projeto visam contribuir para a compreensão e a construção de um pensamento crítico, dando um olhar mais sensível as causas humanas e um olhar mais apurado para as vidas indígenas, contribuindo para a formação de futuros cidadãos que buscam uma sociedade igualitária e justa para todos.

Os povos originários necessitam de visibilidade e de uma sociedade interessada e preocupada com as origens do próprio povo, existe uma grande ânsia por trazer cada vez mais as comunidades indígenas para dentro da sala de aula, gerando empatia dos alunos para uma causa maior e autoestima para os alunos indígenas, incentivando uma educação democrática, equilibrada e justo para todos da nação brasileira.

Referências

FREIRE, Paulo. Pensador: Frases. **Educação**, Site "Pensador", 2017. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjM3OTU5/>. Acesso em: 9 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 20/08/2023.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena".

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

PEDAGOGIA TRANSVIADAS: formação de professores para uma educação que respeite as diferenças

Lucas Miguel Perfeito Rodrigues – UESPI
lucasmrodrigues@aluno.uespi.br
Prof. Dr. Ruan Nunes Silva–UESPI
ruan@phb.uespi.br

De abordagem quali-quantitativa e cunho exploratório, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a compreensão de grupos docentes universitários dos cursos de licenciatura sobre temas de gênero e sexualidade e como estão sendo abordados ao longo da formação de futuros profissionais da educação, a partir dos pressupostos teóricos dos estudos *queer*, tendo foco o contexto brasileiro e como eles conceituam gênero e sexualidade. Dessa forma, busca-se neste trabalho compreender se cursos que preparam profissionais da educação tematizam questões como identidade de gênero, diversidade e a própria base teórica supracitada – a teoria *queer*.

Os estudos de teoria *queer* apareceram em meados dos anos 1990 com o objetivo de ir contra a cultura da homogeneização dos estudos que até então só privilegiavam as vivências de gays e lésbicas. A teoria *queer* expandiu horizontes para pensar outros aspectos sexuais, ou seja, para que o olhar possa se voltar para as especificidades de cada grupo e identificação ao mesmo tempo que reforçaria as pautas que os grupos têm em comum. Para além de um termo, a aposta era que se tornaria uma política democrática que poderia abranger todas as esferas do espectro sexual e de gênero (LAURETIS, 2019).

Já no Brasil, apenas em 2001, quando Guacira Lopes Louro publica “Teoria *Queer*: uma política pós identitária para a educação” na *Revista Estudos Feministas*, inicia-se uma discussão cuidadosa de como a teoria *queer* poderia contribuir de forma pedagógica para o fim das reproduções das “verdades absolutas”, do que é ser homem e mulher (LOURO, 2000, pg. 22)

Sobre a escola, cabe destacar que, segundo um estudo de Nascimento e Meneses (2020), ela é um dos dispositivos de poder, uma vez que tem o controle sobre a vigilância e correção das sexualidades consideradas “desviantes”.

Em outras palavras, já que a escola colabora com a criação de sujeitos heterogêneos e normatizados.

Desde a sua criação, a escola foi pensada para atender as necessidades de uma população específica. Os códigos mais antigos mostravam como o grupo docente deveria cuidar do corpo e espírito de discentes, além também de citar como deveriam se portar e usar os materiais escolares. A escola separou meninos de meninas, brancos de negros, pobres de ricos, e quando foi ampliada devido ao processo de democratização da educação, manteve meios de continuar com seus padrões de garantir e produzir as diferenças dos alunos. (LOURO, 2004)

Já que a instituição escolar ainda é, infelizmente, criadora e disseminadora de uma práxis LGBTfobia que reforça “normativas de gênero” é importante para futuros profissionais da educação pensar como lidar com a população *queer*. Uma vez que o aluno é um ser com subjetividade e merece ter seu raciocínio crítico estimulado, já que pessoas formam outras, caberia a instituição de ensino superior procurar debater essas questões ao longo da formação de professores, como forma de prepará-los para a realidade do ensino básico. Como traz Fernandes (2015), “a universidade deve compreender a realidade, construir conhecimento e ajudar propor saídas”.

Além de justificar o trabalho a partir da perspectiva pedagógica, também destacamos a importância de pensar as questões LGBTQIAPN no Brasil. Segundo o Dossiê de 2021 organizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), no ano de 2021 ocorreram mortes violentas de 316 pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, sendo elas 285 assassinatos, 26 suicídios e 5 mortes por outras causas. Esses dados comprovam a realidade de como os brasileiros pensam a respeito dessa comunidade: a homofobia e a transfobia continuam enraizadas na sociedade como forma de punir quaisquer sexualidades que saiam da norma. (ANTRA, 2022)

Assim, os dados citados comprovam que um grupo específico de pessoas sofre com violência brutal por um único motivo: ser LGBTQIAPN+. Esse movimento se internacionalizou com o termo “*queer*”, e cabe destacar que o termo *queer* era utilizado como forma de humilhação a qualquer pessoa que fugisse da norma heterossexual. No português ele pode ser assemelhado como “traveco”, “sapatona” e “bixa” justamente pela característica do linguajar ofensivo e informal de sua origem. Mesmo sofrendo sérias críticas por outros membros

da comunidade, ele foi ressignificado pelos grupos em defesa dos direitos da comunidade gay em seus protestos e passeatas contra a violência (SPARGO, 2019). Nomeando nossa pesquisa de “pedagogia transviada”, reforçamos a necessidade de criar pontes entre a educação é uma prática que repense as fobias na escola. Uma vez detalhada brevemente nossa base teórica, direcionamos nossa atenção ao aspecto metodológico do trabalho.

Como citado anteriormente, desenvolvemos uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativas e cunho exploratório. Sobre isso, concordamos com Fontelles et al. (2009) quando afirmam que a pesquisa qualitativa procura entender os fenômenos complexos naturais e sociais de forma aprofundada por meio de interpretação, descrição e comparação. Contudo, Dietrich, Loison e Roupnel (2015) entendem que não é possível *não* fazer uso de uma visão quantitativa, já que ambos se complementam: enquanto a pesquisa qualitativa observa aspectos sociais, a quantitativa fornece a estatística e mostram os fenômenos que passam despercebidos. Antes de ser desenvolvida, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Piauí, por meio da Plataforma Brasil. Ela se encontra em andamento e apresentamos aqui resultados parciais.

Inicialmente, foi enviado um questionário anônimo com 11 questões para o e-mail de todos os professores dos cursos de licenciatura de uma instituição de ensino superior no estado do Piauí. Posteriormente, após duas semanas de aberto, o questionário foi fechado, as respostas enviadas a uma planilha de dados e, finalmente, iniciou-se a etapa de análise. Apresentamos aqui alguns comentários sobre os dados, destacando nosso interesse em aspectos tanto quantitativos quanto qualitativos.

Mesmo com 80% dos participantes afirmando que não possuem formação específica na área (de gênero e sexualidade), 100% dos participantes afirmaram que trabalhar com diversidade pode contribuir para o raciocínio crítico dos alunos. A mesma porcentagem (100%) pontuou que a escola e universidade são ambientes propícios para trabalhar com o tema: segundo o participante **A**, *“sim. por se tratar de um ambiente que trabalha com jovens e outras faixas etárias, pode-se promover rodas de conversa, seminários, simposio que aborde a temática em questão”*, o que é semelhante às palavras de **J**, *“Sim. De modo a estimular a consciência crítica através de leituras da produção intelectual sobre o fenômeno em questão”*. Notamos, contudo, uma diferença problemática, já que 100% dos participantes afirmam ser necessário discutir gênero e sexualidade na escola, porém, sem a formação específica, podemos

apontar, pela pergunta 8, que essa percepção não se consolida. O participante **B**, por exemplo, destaca a escola como local de reflexão, mas deseja que outros pontos de vista sejam respeitados: "*SIM. CONTANTO, QUE AS DIFERENTES OPINIÕES SEJAM RESPEITADAS*".

No final 86% dos participantes afirmaram que os temas relacionados com diversidade são transversais, e podem ser trabalhados em qualquer disciplina. O participante **F** afirma que "*Sim. Gênero e Sexualidade transversalizam quase todos os conteúdos curriculares*".

Contudo, ao responder se a universidade oferece suporte para lidar com pessoa *queer*, 86% participantes afirmaram que ela não oferece esse suporte teórico, ou seja, com base nessa análise, pode-se perceber que mesmo o tema sendo fundamental para vida enquanto cidadão dos alunos, eles não saem da universidade com suporte teórico-pedagógico suficiente para lidar com a diversidade na prática.

Para concluir, é necessário que a universidade veja o aluno como profissional que estará futuramente em salas de aula com a diversidade materializada: brancos, negros, LGBTQIAPN+, indígenas, periféricos, pessoas com deficiências. Cada um desses sujeitos necessita de um olhar específico para a sua realidade, não apenas um olhar geral, mas subjetivo para cada indivíduo. É preciso que as diversidades caminhem para além da teoria, como mostrou a análise parcial dos resultados. Muito se pontuou na importância da diversidade, mas no final compreendemos que a prática não ocorre na realidade, então o grupo docente necessita colocar no dia a dia dos futuros licenciados, a prática do ensino das diversidades, para que os futuros professores tenham capacidade teórico-pedagógica para contribuir com a diminuição das violências voltadas a pessoas *queer*.

Referências

DIETRICH, Pascale; LOISON, Marie; ROUPNEL, Manuella. Articular as abordagens quantitativa e qualitativa. Paugam, S. **A pesquisa sociológica**, p. 171-182, 2015.

FONTELLES, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista paraense de medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.

I+ no Brasil: Dossiê 2021 / Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lés-

bicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022.

LAURETIS, Teresa de. Teoria queer, 20 anos depois: identidade, sexualidade e política. **Pensamentos feministas: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 397-409

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO. Guacira Lopes. **O CORPO EDUCADO: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do; MENESES, Rafael Martins de. A SEXUALIDADE EM MICHEL FOUCAULT: INTERFACES EDUCATIVAS. In: Anais do Fórum Internacional de Pedagogia - FIPED. **Salamanca**. 2020. Disponível em:

<https://www.even3.com.br/anais/FIPEDSalamanca/291396-A-SEXUALIDADE-EM-MICHEL-FOUCAULT--INTERFACES-EDUCATIVAS>. Acesso em: 02/11/2023

PRODANOV, C.C; FREITAS. E.C. Metodologia do trabalho científico. **Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SPARGO, Tasmin. **Foucault e a teoria queer: orientações pós seculares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PIBID: oportunidade de formação continuada para os professores da educação básica enquanto supervisores do programa

Érica Fernanda Alves do Nascimento - UESPI
ericanic17@outlook.com

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID– UESPI, do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, tem entre suas metas, elevar a qualidade da formação inicial de pedagogos através da integração entre a universidade e a educação básica e da articulação entre teoria e prática. Porém, podemos destacar a possibilidade do Pibid em oferecer formação continuada aos professores da educação básica ao participarem como supervisores do programa, pois conforme ressalta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 43, inciso VIII, a educação superior:

Deve atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares (Brasil, 1996).

A formação continuada faz-se necessária na área da educação para aperfeiçoar a prática pedagógica docente em sala de aula, proporcionando ao aluno maior probabilidade em ter sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Nessa direção, Freire, destaca que:

(...) um dos programas prioritários em que estou profundamente empenhado é o de formação permanente dos educadores, pois entendo que os educadores necessitam de uma prática político-pedagógica séria e competente que responda à nova fisionomia da escola que se busca construir. (Freire, 2001, p. 80)

Como foi citado anteriormente, um dos focos principais do programa é potencializar a formação inicial dos discentes da Uespi-Teresina, contempladas no processo de seleção, com isso no decorrer do programa surgiu a seguinte

questão: será que o programa também proporcionaria melhoria à minha prática pedagógica?

Então a partir dessa problemática venho por meio desse relato de experiência como Supervisora do Pibid, descrever as impressões que tenho a respeito do Programa na escola municipal Mario Covas, priorizando a vivência diária com as alunas da Uespi, e relatar as contribuições que as mesmas e os eventos viabilizados pelo programa voltados para formação docente podem oportunizar aos professores.

Desenvolvimento

A experiência no Pibid vem desenvolvendo-se desde novembro de 2022 por meio da UESPI, Campus Clóvis Moura, sob a coordenação das professoras doutoras Isabel Cristina da Silva Fontineles e Mary Gracy Silva Lima, com a colaboração de 8 alunas selecionadas pelo Programa do segundo ao quinto período de estudo na universidade do curso de Licenciatura em Pedagogia. Ela está acontecendo na Escola Municipal Mario Covas, localizada na zona sudeste. Instituição é composta por, aproximadamente, 400 alunos do 1º ao 5º do ensino fundamental menor e 26 professores. Sua estrutura física: 16 salas de aulas, sala para professor, secretaria, sala para coordenação pedagógica, cantina, sete banheiros e biblioteca.

Durante os três primeiros meses do corrente ano as alunas foram divididas entre os 1º e 3º anos, com o objetivo de observar as aulas e oferecer apoio pedagógico às crianças, inclusive nas minhas duas turmas (2º e 3º anos). No decorrer do tempo, conforme iam conhecendo os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem, as alunas passaram a colaborar, de forma mais atuante, por meio do conhecimento que estavam obtendo na universidade.

Isto se materializou na construção de materiais lúdicos e na utilização destes durante o período em que permaneceram em sala de aula, no intuito de potencializar a aprendizagem dos alunos; enriquecendo assim, meu repertório de conhecimento em relação às atividades lúdicas.

Outro aspecto importante em que tivemos apoio das discentes está relacionado a manter-me atualizada acerca dos problemas familiares dos alunos. Deste modo, conjuntamente, procuramos acolhê-los e minimizar as consequências negativas que isso poderia trazer na realização das tarefas diárias em sala de aula. Sobre a importância do trabalho coletivo na formação, Nóvoa afirma que:

Formar não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar coletivamente em torno da resolução de problemas. A formação faz-se na 'produção', e não no 'consumo', do saber (Nóvoa, 1988, p. 129).

A formação continuada permite lembrarmos da práxis pedagógica, ou seja, da reflexão cotidiana da nossa prática com a finalidade de obtermos junto aos alunos, cada vez mais, o sucesso da aprendizagem significativa. Nessa perspectiva, o Pibid provocou-me a exercitar ainda mais o repensar das aulas, consequentemente, redirecionando e tornando-as exitosa. Ratificando isso, Freire revela:

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o "como" de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (Freire, 1983, p. 27).

O programa oferece eventos⁴ com temas relevantes, com o propósito de oferecer suporte às universitárias para atuarem com mais segurança no chão da escola. Por outro lado, podendo disponibilizar renovação e complementação na metodologia pedagógica aos supervisores.

Metodologia

A construção desse relato de experiências foi realizada a partir da minha interação com as discentes e dos eventos promovidas pelo programa, subsidiado pelas discussões de Freire (1983 e 2001) e Nóvoa (1988), sobre a formação continuada e a relevância dessas iniciativas em priorizar o processo teoria-prática das universidades com as instituições escolares.

Considerações Finais

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, na minha visão, mostra-se como instrumento de aperfeiçoamento da prática pedagógica dos professores supervisores, pois mediante a interrelação entre universida-

4 Oficina: Estratégias lúdicas em sala de aula como ferramentas facilitadoras da motivação da aprendizagem (24/07) com as doutoras Eliene Pierote, Isabel Cristina da Silva Fonteneles e Mary Gracy e Silva Lima-UESPI; Enalic - Encontro Nacional das Licenciaturas e VIII Seminário Nacional do Pibid e III Seminário Nacional do Programa Residência Pedagógica -RS e outros.

de-escola os acadêmicos absorvem conhecimentos na unidade de ensino, e ao mesmo tempo contribuem na nossa forma de ministrar aula, sendo assim viabilizando uma co-formação entre os futuros professores e a supervisora, propondo percepções diferentes de exercer a docência, nos estimulando a superar os desafios que surgem frequentemente no âmbito escolar, por conseguinte cooperando com o alunado da escola, levando-os a atingir ao máximo o seu desenvolvimento global. Assim, colaborando para uma educação de qualidade, onde as crianças possam ser agentes ativos na sociedade, buscando transformar o seu contexto quando necessário.

Agradecimentos

À CAPES pelo financiamento das bolsas. À UESPI sendo representada pelas Coordenadoras de Área, Isabel Cristina da Silva Fontineles e Mary Gracy Silva Lima, e a todo corpo docente da escola municipal Mário Covas.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº. 9.394/96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasília, 1996

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Editora Cortez, 2001. FREIRE, P. **Conscientização**, São Paulo: Cortez, 1983.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projecto Prosalus. In: NÓVOA, A.; FINGER M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

PRODUÇÃO DE COSTUMES: confeção de brinquedos e instrumentos de origem indígena

Iasmim da Silva Ferreira
Estephany de Moura Miranda
Maria de Jesus Marques Duarte

Introdução

O projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas”, contribuiu com a valorização dos povos originários do Brasil, visto que a sociedade não valoriza essa história até por desconhecer suas origens, assim pode-se perceber a relevância de trabalhar esse tema na educação permitindo ao aluno participar de forma ativa desse aprendizado por meio de uma abordagem lúdica e coletiva. Nessa perspectiva objetivamos com colaborar com o desenvolvimento pedagógico do estudante, visando o progresso tanto social quanto educacional, ampliando a sua percepção social tanto do seu local de vivência quanto do país.

O projeto executado atendeu a competência 9 da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, na qual consta: “Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promover o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas potencialidades sem preconceitos de qualquer natureza.”

Valorizar e reconhecer a história dos povos originários representa um resgate histórico de significativa importância para a construção de nossa identidade cultural. Concepções por vezes equivocadas sobre o tema foram sendo disseminadas ao longo dos anos pelas escolas com uma visão voltada para o colonialismo, ou seja, uma história contada a partir de outro olhar e não pelo próprio povo.

Metodologia (ou materiais e métodos)

A parte metodológica das aplicações faz-se necessária para uma boa execução do planejamento didático dos estagiários, necessitando as práticas estarem alinhadas de acordo da BNCC, como fonte norteadora dos objetivos de

conhecimento e as competências adquiridas ao longo de qualquer atividade. Com as práticas executadas em sala de aula, buscou-se trabalhar além da motricidade e consciência de novas culturas, o trabalho em equipe mostrou-se presente por boa parte da turma, dito isso, a afetividade evidenciada pela coletividade foi bastante notória entre os colegas.

Esta atividade foi realizada no dia 21 de Junho de 2023, na turma do 4º ano do ensino fundamental na escola Benedito dos Santos Lima como parte do projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas”. No primeiro momento, foram apresentados tipos de brinquedos e instrumentos de origem indígena, através de imagens e da oralidade. Logo após foi desenvolvida a produção de um brinquedo e um instrumento sendo esses, a peteca e o cabuletê. Foram produzidos pelos próprios alunos com os materiais que previamente foram distribuídos de forma individual, sendo esses, folhas de papel A4, balões e TNT para a Peteca e linha de crochê, discos de papelão, papel A4 e fita gomada para o Cabuletê. . Se fez posteriormente a distribuição dos materiais, logo sucedeu a explicação do passo a passo de como produzir o brinquedo e o instrumento, em seguida os alunos começaram a produção.

Durante a produção do referido brinquedo e do instrumento, cada estagiária se prontificou a auxiliar os discentes com dúvidas ou dificuldades. Dentre o total de alunos na sala, a maioria executou sem a necessidade de ajuda por parte das professoras estagiárias, no entanto, alguns tiveram dificuldades motoras na hora da construção dos objetos.

Podemos elencar que, “Aí está a importância do papel do verdadeiro educador, que precisa transformar a escola em um lugar aconchegante e amigável, prezando sempre o bem estar dos alunos.” (REGINATTO, 2013). Afirmando esse embasamento, notou-se que as atividades se fizeram prazerosas à medida em que um ajudava o outro, contribuindo significativamente para um aprendizado coletivo e afetivo.

Referencial teórico

Essa atividade despertou grande interesse dos alunos, no momento da explicação sobre os instrumentos e principalmente os brinquedos, pois alguns discentes já conheciam alguns dos objetos que foram mostrados através da

imagens e não tinham o conhecimento de que eram de origem indígena, no qual impactou diretamente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

“Foram 506 anos de dominação e, em que pesem as profecias de extinção definitiva dos povos indígenas no território brasileiro, previstas ainda no milênio passado, os índios estão mais do que nunca vivos: para lembrar e viver a memória histórica...” (BANIWA, 2006, p.18) Os povos indígenas são os habitantes originários do território brasileiro e estavam presentes aqui desde antes da chegada dos europeus no final do século XV. Existe uma grande diversidade de povos indígenas no Brasil.

Os povos indígenas contribuíram para a formação do povo brasileiro, na dança, música, arte, culinária, foram diversos os costumes e benefícios herdados dos povos originários. No entanto, foram muitas lutas, discriminações e mortes enfrentadas por esses povos para conseguir seus direitos e respeito, os indígenas são a base da formação social, cultural e territorial do país, por isso preservar esses povos é tão importante. Desse modo, foi reforçado às crianças a importância dos povos originários para toda a sociedade brasileira, foi abordado sobre o projeto e a história desses povos, além do uso dos termos corretos a serem usados.

Resultados e discussão

Essa atividade, teve como intuito, discorrer por meio da ludicidade os tipos de objetos da cultura indígena e mostrar como se fazem presente em nosso meio social. A principal ferramenta de diálogo entre o conhecimento de mundo e a experiência vivenciada fora dos domínios escolares é a brincadeira, essa que, por sua vez, no âmbito educacional propõem inúmeros benefícios para o desenvolvimento cognitivo e psicomotor de todos. Pode-se dizer que, “As aulas lúdicas devem transmitir os conteúdos, combiná-los, possibilitando que o aprendente perceba que não está apenas brincando em aula, mas que está armazenando conhecimentos” (ROLOFF, 2010). Dito isso, o enfoque no brincar aprendendo torna-se necessário e fundamental para qualquer tipo de aprendizagem, quando feito com propostas definidas e objetivos claros de conhecimento e construção do pensamento crítico do estudante.

Diante da proposta pedagógica, alinhada com o lúdico, foi possível avaliar a capacidade motora das crianças e seus discernimentos para a compreensão do tema. Além disso, no decorrer da atividade, foi possível examinar o grau de afetividade dos discentes, visto que, alguns se prontificaram de ajudar os que

estavam com um pouco de dificuldade para resolver o exercício. Como citado acima, as propostas executadas pelas estagiárias tiveram êxito, uma vez que, os discentes responderam positivamente, demonstrando prazer e domínio durante a atividade.

Considerações finais

Concluimos que essas atividades são de suma importância para aprendizagem, no processo de educação. Tanto pela valorização dos povos indígenas, quanto pela proposta de instigar os discentes a se apropriarem de suas identidades. A compreensão do tema proposto pelo projeto por parte dos alunos surpreendeu de forma positiva, uma vez que, esses conhecimento nem sempre foram trabalhados de forma que, os indígenas fossem reconhecidos como importantes agentes de construção da cultura de nosso país.

Esse conhecimento se fez importante para o entendimento dos alunos, pois a cultura indígena está presente em nosso cotidiano de diversas maneiras ou formas, principalmente na comunidade local dos estudantes, com isso, as crianças tiveram essa consciência cultural trabalhada de forma que, as atividades contribuíram para a efetivação desse saber seja repassado por elas em qualquer lugar. Portanto o projeto retratando esses povos torna-se necessário não somente em um determinado dia ou mês, e sim, em qualquer época ou ocasião, sendo aplicado sem a propagação de estereótipos sociais.

Referências

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em 20 de out. 2023.

BANIWA, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Coleção Educação para Todos, 2006.

REGINATTO, Raquel. **A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem**. Revista de educação do IDEAU, v. 8, n. 18, p. 1-12, 2013.

ROLOFF, Eleana Margarete. **A importância do lúdico em sala de aula**. X Semana de Letras, v. 70, p. 1-9, 2010.

PROJETO BRINCADAS: um regate das brincadeiras tradicionais

Lorrana Alves Dos Santos – UESPI

ladoss@aluno.uespi.br

Adryelle Victória do Nascimento Silva – UESPI

adryellevittoriadons@aluno.uespi.br

Maria Luzinete da Conceição Damasceno

marialuzinetedaconceicaodamasceno@aluno.uespi.br

Samia Cunha dos Santos

scdossantos@aluno.uespi.br

Fabricia Pereira Teles

Introdução

Este relato trata-se de uma prática pedagógica proposta pelas disciplina curricular Lúdico e Educação que faz parte do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí. A ação realizada a partir do projeto “Brincadas” tinha como intenção o desenvolvimento de atividades que consistia em lembrar ou conhecer brincadeiras que ficaram esquecidas pela sociedade no decorrer do tempo. Tal projeto teve a supervisão da professora Doutora Fabricia Pereira Teles.

O projeto se justifica em razão do cenário tecnológico atual, onde crianças e jovens se encontram cada vez mais reféns de celulares, tablets, computadores entre outros aparelhos eletrônicos. Essa dependência muitas vezes resulta no esquecimento ou na falta de conhecimento de brincadeiras e jogos que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e físico.

A atividade desempenhada, ocorreu na Escola Municipal de Educação Infantil Tia Mirtes, nas turmas do ensino infantil do III a V. A proposta na escola teve por objetivo geral sensibilizar as crianças a conhecerem com urgência as brincadeiras tradicionais esquecidas, através de encenações, envolvendo uma simulação de resgate feita por bombeiros desenvolvida pelas discentes da pedagogia. O projeto teve como intuito demonstrar a importância e praticar as brincadeiras que estão sendo esquecidas, de forma que as crianças possam vivenciar e conhecer as mais variadas brincadeiras.

As brincadeiras propostas dentro do espaço escolar se apresentam como estratégia fundamental de reconhecimento de quanto as brincadeiras antigas contribuem para o desenvolvimento e a socialização das crianças, estimula as

mesmas a se manterem ativas e menos dependentes diante da tecnologia atual. Para Vigotsky (1988), o brincar pode ser definido como uma maneira de interpretar e assimilar o mundo, pois as crianças durante as brincadeiras e jogos estabelecem relações e representações, o que leva ao desenvolvimento de capacidades sociais, cognitivas e afetivas.

Reconhece-se que a atividade teve impactos positivos, uma vez que todas as crianças participaram, embora algumas tenham demonstrado timidez em relação a algumas atividades. Contudo, com o auxílio dos alunos envolvidos, todos contribuíram de alguma forma para a realização das brincadeiras, desfrutando da experiência proporcionada e se divertindo.

Desenvolvimento

A metodologia de ensino utilizada no trabalho realizado teve como suporte a seriedade do trabalho em equipe, o interesse do grupo em resgatar as brincadeiras tradicionais, que por sua vez, não estão sendo reconhecidas, valorizadas e vivenciadas pela geração atual, e o aspecto lúdico da atividade. O mesmo proporcionou momentos que por meio de brincadeiras buscou resgatar não apenas momentos de diversão, mas também valores essenciais para o crescimento saudável das crianças e reconectar gerações, valorizando tradições culturais e fortalecendo laços familiares.

De acordo com Vergara (2009) é importante realizar trabalho em equipe porque é por meio do esforço coletivo para resolver um problema, realizar uma tarefa ou um determinado trabalho que é possível a troca de conhecimento e agilidade no cumprimento de metas e objetivos compartilhados. Isso acontece quando os membros da equipe compartilham as tarefas de forma igualitária, sem conflitos e pacificamente.

No que se refere ao aspecto de ludicidade, é válido relatar que a essência lúdica pode coadjuvar de forma significativa para a evolução do ser humano, independente da idade, contribuindo não só na aprendizagem, mas também no amadurecimento pessoal, cultural e coletivo. Compreendemos que por meio das atividades lúdicas a criança é capaz de aprender no exato segundo que vivencia o prazer, despertando também a criatividade, otimiza na construção de pensamento, tomada de decisões e no desenvolvimento das mesmas.

Antes da realização do evento Brincadas, socializamos e decidimos a melhor forma para se trabalhar com a realidade da escola naquele momento. Isto posto, efetuamos a atividade Brincadas no dia 2 de Outubro de 2023. Tivermos

que moldar algumas brincadeiras atendendo assim o local ofertado e a demanda de alunos naquela data.

Começamos posicionando uma mesa com as lembrancinhas e o nome do projeto, para que assim ficasse visível nosso interesse em fazer as crianças lembrarem ou conhecerem as brincadeiras tradicionais esquecidas. Por conseguinte, levamos os alunos para parte externa da escola, organizamos os mesmos, conhecemos e conversamos um pouco, e a partir disso começamos com as brincadeiras.

A atividade performada foi aplicada com o objetivo de desenvolver o equilíbrio dinâmico, habilidades motoras amplas, noções de espaços, ritmo e entre outros. Realizamos brincadeiras também que proporcionassem a concentração e equilíbrio dos pequenos, como “vivo ou morto”. Outra atividade realizada foi a “Dança da estátua”, trazendo e proporcionando momentos de atenção e paciência para as crianças, além de ampliar a percepção das partes e movimentos do corpo. Finalizamos proporcionando uma conversa importante a respeito das atividades realizadas em prol do conhecimento a respeito da valorização das brincadeiras tradicionais.

Considerações finais

A experiência em resgatar as brincadeiras antigas, dentro de um espaço educacional com crianças de faixa etária entre quatro e cinco anos resultou em um momento de muita ludicidade e aprendizado. A participação e a animação das crianças despertou na atividade valores únicos, sobre amizade, o cuidado e a esperança de manter a essência da infância viva, após adultos.

A experiência proposta pelo projeto teve grande relevância na nossa formação acadêmica como docente, com ele foi essencial analisar praticas que preservam o espaço lúdico e cultural, além de estimular o convívio com outras gerações. Acreditamos que as brincadeiras teve um grande impacto dentro da escola, e na vida das crianças, que não vivenciam tais atividades com frequência em seu cotidiano.

A vivência com as crianças por meio do projeto ampliou significativamente nosso conhecimento e reforçou nossa motivação para causar um impacto positivo no ambiente escolar, e somar para o futuro delas e para a sociedade como um todo no papel de professoras. Expressamos nossa gratidão aos professores pela proposta do projeto e pela orientação que nos proporcionaram, bem como

aos amigos que contribuíram na elaboração do relatório, e a todos os envolvidos.

Referências

COTONHOTO, Larissy Alves, ROSSETTI, Claudia Broetto, MISSAWA, Daniela Dalto Ambrozine. **A importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica**. Disponível em: <file:///C:/Users/lorra/Downloads/DAIANE_AMORIM.pdf >:http. Acesso em 19 out. 2023.

VERGARA, Sylvia Constant. **Gestão de Pessoas**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

RECURSOS DIVERSIFICADOS DENTRO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA: a experiência no uso combinado da musicalidade e do poema no ensino fundamental.

Melissa Maria Gomes Carvalho (UESPI)

melissamariagc@aluno.uespi.br

Isabela Val de Oliveira (UESPI)

misabelavaldeoliveira@aluno.uespi.br

Maria Luzinete da Conceição Damasceno (UESPI)

marialuzinetedaconceicaodamasceno@aluno.uespi.br

Anne Karine Veras Carvalho (UESPI)

karinnnyanne43@gmail.com

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e descrever a experiência da realização de uma atividade escolhida pela dupla de pibidianas do núcleo um do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, desenvolvida na escola municipal São Francisco dos Capuchinhos, no subprojeto de leitura do módulo dois do PIBID, tendo como principal objetivo o incentivo e a propagação da leitura, bem como do gênero poema no âmbito escolar.

A atividade proposta visava de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o desenvolvimento das habilidades EF01LP13, que apresenta em seu objetivo "Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas mediais e finais" (Brasil, 2018, p.101), e a EF12LP18 que precipua "Apreciar poemas e outros textos diversificados, observando rimas, sonoridades, jogos de palavras, reconhecendo seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento, jogo e fruição" (Brasil, 2018, p.111). Tendo em vista, a importância do desenvolvimento pleno dessas habilidades para a aquisição de avanços no processo da leitura e interpretação de textos dos mais variados gêneros.

A atividade corrobora ainda com as competências gerais três e quatro da Base Nacional Comum Curricular, sendo a três o ato de desenvolver o senso estético para reconhecer, "valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também para participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural" (Brasil, 2018, p.9). E a quatro, o ato de,

Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (Brasil, 2018, p.9).

Com isso, pretendíamos através da atividade, potencializar as capacidades artísticas, visando um desenvolvimento maior de leitura e compreensão de gêneros textuais curtos pelas crianças, por meio de um exercício lúdico com diferentes metodologias.

A princípio, a atividade proposta era a socialização do gênero textual poema de forma tradicional. Faríamos uma leitura, seguida de uma leitura em conjunto com a turma, para posteriormente o desenvolvimento de uma atividade escrita sobre a mesma. No entanto, optamos por utilizar diferentes tipos de recursos para um melhor desenvolvimento e socialização da atividade. Por exemplo, desde a utilização de recursos mais tradicionais como palitoches, folhas sulfite e tintas guaches, até mesmo o uso de recursos um tanto tecnológicos e não tão convencionais para uso em salas de aula como caixa de som e aparelho de TV. Com isso, acreditamos ter tornado a atividade, bem como, o processo de aprendizagem como um todo, um processo mais leve e divertido. Forma a qual Santos (2002) afirma ter se tornado um fator indispensável na aquisição de conhecimento do ser humano, por possibilitar a apreensão do conteúdo de forma mais natural:

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, expressão e construção do conhecimento (Santos, 2002, p. 12).

Diante disso, realizamos a socialização do poema, "As borboletas", de Vinícius de Moraes, um poema curto e de fácil compreensão que explora a expressão oral, a linguagem, a rima e o reconhecimento das cores, reproduzido através de um aparelho de som para que os alunos conseguissem ouvir com mais atenção. Durante o momento da atividade, nos chamou a atenção a tamanha interação e interesse das crianças. A metodologia escolhida para a realização

da socialização do gênero poema promoveu uma participação efetiva de toda a turma.

Ao utilizarmos a música, assim como outros meios e recursos para a aplicação da atividade, foi observado que por meio dessa, podemos incentivar a participação, a cooperação, a socialização da turma para conosco, rompendo, assim, as barreiras que atrasam a acessibilidade e entusiasmo para com o ensino, pois,

A música pode e deve ser utilizada em vários momentos do processo de ensino-aprendizagem, sendo um instrumento imprescindível na busca do conhecimento, sendo organizado sempre de maneira lúdica, criativa, emotiva e cognitiva [...] A utilização da música, bem como o uso de outros meios, pode incentivar a participação, a cooperação, a socialização, e assim destruir as barreiras que atrasam a democratização curricular do ensino (Correia, 2008, p. 127-145).

Portanto, a musicalidade no âmbito escolar se faz primordial, visto que a mesma proporciona uma melhor compreensão e motivação nos alunos, assim como novas metodologias para o desenvolvimento dos conteúdos, se caracterizando como forte meio de transmissão e de produção de conhecimento desvinculado de um ensino tradicional e monótono, capaz de possibilitar às crianças e aos professores novos instrumentos metodológicos e pedagógicos que facilitem o processo de ensino-aprendizagem.

Desenvolvimento

A atividade foi desenvolvida com uma turma do 1º ano “b”, e se deu em três momentos. No primeiro momento, na sala de aula e com todos os alunos sentados, entregamos borboletas confeccionadas com E.V.A e palitos de sorvete, borboletas essas, feitas de acordo com as cores do poema: amarelas, azuis, brancas e pretas. Cada fileira ficou com uma respectiva cor. Em seguida, usando o celular e uma pequena caixa de som colocamos a música “As Borboletas”, versão criada pela professora Moriane Anjos, e utilizando esses recursos tecnológicos começamos a socialização. Inicialmente, elas ouviram a canção atentamente, depois, repetimos a música e pedimos para que na parte em que a música citasse uma cor, o aluno que estivesse com a referida cor respondesse

ao que a canção indicava. E ao reproduzir a música novamente todos os alunos cantaram e interagiram uns com os outros.

No segundo momento, entregamos uma atividade xerocopiada para a turma sobre o poema, na qual tinham que identificar as cores de cada borboleta, algumas palavras com rima retiradas de dentro do poema e também reconhecer na palavra “borboleta” vogais, consoantes, número de letras e sílabas. Então, recebendo nosso auxílio na explicação e resolução, todas as crianças concluíram a atividade.

No terceiro momento, separamos as crianças em duplas e as levamos para as mesas do refeitório para fazermos uma atividade com pintura como forma de expressão visual da atividade. Utilizando folhas de papel a4 e tinta guache, chamamos uma dupla por vez, depois, cada um da dupla escolhia uma cor e em seguida pintamos a mão esquerda de um depois a direita do outro e os mesmos carimbavam a mão na folha em formato de borboleta, assim, cada dupla fez sua borboleta.

Considerações finais

Em síntese, essa atividade nos possibilitou novos horizontes sobre a prática pedagógica, tendo em vista a notória participação e sensibilidade da turma ao usarmos os já referidos recursos. Percebeu-se o quão importante é o uso de recursos metodológicos no ato de ensinar, recursos esses capazes de incentivar, potencializar e motivar o conhecimento dos alunos, conseguindo aguçar a curiosidade, a criatividade, noção rítmica e imaginação, além de permitir uma maior socialização. Ao combinarmos a musicalidade e o poema, se teve um maior engajamento da turma e nitidamente se notou uma melhor compreensão do conteúdo exposto, tanto no primeiro momento com a música e a socialização do poema, no qual eles cantaram e responderam corretamente todas as perguntas feitas sobre o mesmo, como no terceiro momento ao utilizarmos a pintura como forma de expressão e interpretação.

Por fim, acreditamos que a atividade conseguiu conquistar resultados satisfatórios, cumprindo os objetivos propostos e alcançando as expectativas definidas pelo projeto. Acrescendo aos alunos novas formas de conhecimento sobre o gênero textual poema e sobre manifestações artísticas. Podemos, assim, assegurar o quão rica foi essa atividade para nossa formação profissional, salutando também, nossa formação acadêmica, nos proporcionando o exercício

prático de ensinar e aperfeiçoando nosso trabalho ao utilizarmos novos recursos dentro da nossa prática pedagógica.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

CORREIA, Marcos Antonio. **A função didático-pedagógica da linguagem musical**: uma possibilidade na educação. Editora UFPR Educar, Curitiba, n. 36, 2010.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE TERESINA

Maria Helena Ferreira da Costa (UESPI)

mhfdacosta@aluno.uespi.br

Gustavo Andrade Durão (UESPI)

Gustavo.durao@srn.uespi.br

Introdução

O que impulsionou essa pesquisa foi a percepção da ausência de ilustrações, imagens e demais possibilidades figurais existentes na escola de educação infantil nos primeiros anos de 2000. Questionamentos surgiram e instigou a pesquisadora a averiguar por quais razões aquelas ausências não eram percebidas por ninguém do corpo docente daquela instituição.

Em 2001 eram apenas 07 (sete) escolas municipais de educação infantil, e no ano seguinte ampliou para 14 (catorze) unidades, crescendo a cada ano, tendo em 2019, mais de 155 (cento e cinquenta e cinco) Centros Municipais de Educação Infantil. Atualmente, em 2023 o Sistema Municipal de Teresina possui 170 (cento e setenta) Centros Municipais de Educação Infantil, englobando as escolas de tempo parcial, tempo integral, creches e educação infantil.

Desenvolvimento

No ano de 1998 Soares (2001), nos traz as Leis Básicas do Município de Teresina, a Lei nº2639/98, Capítulo II, Da Educação, o Artigo nº223, inciso VIII (currículos escolares adequados às peculiaridades do Município, à sua cultura, ao seu patrimônio histórico, artístico e ambiental), tendo por nota de rodapé a lei supracitada que vai tratar da inserção da disciplina “Valores Teresinenses”, detalhando seus conteúdos e citando que a Secretaria Municipal de Educação e Cultura será responsável por estabelecer normas para cumprimento de tal lei. Na Constituição Estadual (1989), encontraremos a inserção de “conteúdo programático sobre a História da África e Cultura Afro-Brasileira”, no currículo escolar, como bem explicou Rocha & Silva (2013), em artigo À Luz da Lei 10.639/03, Avanços e Desafios: Movimentos Sociais Negros, Legislação Educacional e Experiências Pedagógicas, quando os autores vão descrever o processo

histórico de elaboração da Lei supracitada, através de legislação existente em várias cidades pelo Brasil e dentre elas, encontra-se Teresina.

No ano de 2003 teremos a promulgação da Lei 10.639, em 2003. E ano seguinte em 2004 o parecer CNE/CP 03/2004 e a resolução CNE/CP 01/2004, além de serem aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que estabelecia a obrigatoriedade deste ensino na Educação Básica, abrangendo assim a Educação Infantil, que não havia sido contemplada na primeira versão de 2003.

Para cumprir a função de ensino e aprendizagem na educação infantil, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Teresina, então se organizou para elaborar um currículo que estivesse em consonância com o que legislava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/1996) e demais documentos, como Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI/1999) e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/1998). E a partir do ano de 2003 foram elaboradas e reformuladas várias versões curriculares, tendo a primeira o nome “Competências e Habilidades Específicas para a Educação infantil” (2003), sendo que no ano de 2008, chegaram às escolas a versão final impressa das Diretrizes Curriculares Municipais de Teresina.

Em Anexos do Decreto Municipal nº 4.739/2015, vemos no Artigo 2º, aspectos como desigualdades educacionais, cidadania e erradicação de todas as formas de discriminação (Parágrafo III, p. 69), que aqui compreendemos estarem inseridas as discriminações étnico-raciais, religiosas e de gênero.

Ainda no corpo do mesmo decreto, vemos em seu Anexo Único (Metas e Estratégias) a Meta 07 (sete), que trata da fomentação da qualidade da educação básica, através de melhorias do fluxo escolar e índices de aprendizagem, com mais de 30 (trinta) estratégias, das quais apenas a estratégia nº24 relaciona-se diretamente com a Lei 10.639/03, que garante nos currículos escolares conteúdos sobre a história e as culturas afro-brasileira e indígena e implementar ações educacionais, nos termos das Leis Federais.

Diante de tais documentos legais trazemos aqui o questionamento que irá nortear nossa pesquisa: Como se desenvolve nas instituições de educação infantil do sistema municipal de ensino de Teresina a educação das relações étnico-raciais como primeira parte da Lei 10.639/2004, que discorre sobre Educa-

ção das relações Étnico-raciais e do Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

A pesquisa ora em andamento traz como objetivo geral: Analisar como se desenvolve nas instituições de educação infantil do sistema municipal de ensino de Teresina a sistemática de ensino das relações étnico-raciais através dos conteúdos que atendam às diretrizes da Lei 10.639/2004. E nos seus desdobramentos estaremos nos debruçando sobre seus objetivos específicos: Compreender as práticas pedagógicas que envolvem a educação das relações étnico-raciais através do ensino dos conteúdos de acordo com a Lei 10.639/2004, nas instituições de educação infantil do sistema municipal de ensino de Teresina; Identificar junto às professoras o entendimento de uma educação antirracista, através de ações e relações étnico-raciais dentro das práticas pedagógicas na educação infantil; e, pesquisar em documentos como PPP e Planos anuais a inserção de conteúdos que tratam da educação das relações étnico-raciais através do ensino da cultura afro-brasileira, no âmbito das instituições de educação infantil do sistema municipal de ensino de Teresina.

De certo modo, essas novas aprendizagens que o ensino formal proporciona, provoca novas perspectivas sobre a percepção do outro, do diferente e do mundo da diversidade, considerando-se aqui que o ambiente familiar acaba sendo por desdobramento o espaço ideal de reverberação desses mesmos conteúdos, alcançando assim os pais, mães ou outros cuidadores desses alunos provocando neles uma releitura da realidade pelo viés da auto valorização e reconhecimento de nossas raízes africanas na vida cotidiana, como brasileiros, nordestinos e teresinenses.

Nessas considerações iniciais sobre as Relações Étnico-raciais em documentos oficiais da Educação Infantil de Teresina, podemos afirmar que existem muitas lacunas quanto a inserção de temáticas e ações pedagógicas, que possam dar conta de uma educação infantil antirracista, tanto em documentos oficiais, como currículos e planejamentos anuais.

Conclusão

Como etapas posteriores, na caminhada dessa pesquisa nos propõem a aprofundar estudos sobre alguns conceitos, tais como currículo, educação infantil, criança, identidade e racismo. Assim como pretendemos compreender os

percursos curriculares e como as professoras tem desenvolvidos suas práticas pedagógicas numa perspectiva antirracista.

Referências Bibliograficas

BRASIL, LDBEN. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.

NILDOMAR, da Silveira Soares. **Leis básicas do município de Teresina**: coletânea – 3. ed., rev. ampl. e atual. - Teresina: O Autor, 2001. 362p.

TERESINA. **Competências e Habilidades Específicas para a Educação Infantil**, Semec, 2003. Material Fotocopiado, 27p.

Teresina, **Proposta Curricular para a Educação Infantil.**, SEMEC, 2005. Material Fotocopiado. 20p.

TERESINA, Decreto Municipal nº4739/2015. Plano Municipal de Teresina, 03 de julho de 2015.

Teresina, **Diretrizes Curriculares do Município de Teresina**. Semec: Halley, 2008, 347p.

BRASIL. Parecer CNE/CP9/2001 - **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Brasília: MEC, 2001. BRASIL.

BRASIL. Resolução CNE/CP n.º 1/2004 - **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004. BRASIL.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: "História do bumba meu boi: a tradição da cultura indígena presente nos dias atuais"

Ana Letícia Félix Dos Santos- UESPI

Sergina Maria Barros Pereira - UESPI

Maria De Jesus Marques Duarte- UESPI

Samara de Oliveira Silva - UESPI

Introdução

Baseando-se no texto normativo a lei n 11.645, de 10 de março de 2008 que determina "que é obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio", desenvolvemos o projeto "Nunca mais um Brasil sem nós, pela honra e valorização dos povos indígenas". Na Escola Municipal Dr. João Silva Filho, foi realizado o projeto na turma multisseriada de 1º e 2º ano com crianças de faixa etária entre 7 e 8 anos, tal atividade foi orientada pelas ingressantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, no período do mês de junho 2023. O projeto objetivou ampliar a visão dos discentes em relação aos conhecimentos direcionados a etnia indígena, onde os mesmos passaram a identificá-la em alguns costumes ou tradições presentes no seu dia a dia, além que, em conformidade com a lei a cultura indígena foi explorada fora da data comemorativa do dia 19 de abril. Como base metodológica, a práxis se dividiu em duas etapas, fomentando dados que forneceram subsídios para avaliar a importância da aplicação da prática pedagógica para a turma e seus significados e reflexões para as estagiárias. A base teórica do trabalho fundamentou-se na análise da Constituição Federal de 1988, em conjunto com as contribuições de Cascudo, (1986), Freire (1996), Rosa (2002) e Almeida (2017).

Desenvolvimento

Na Escola Municipal Dr. João Silva Filho, foi realizada a atividade "lendas indígenas presente nas festividades juninas" na turma multisseriada de 1º e 2º ano, tal atividade foi orientada pelas ingressantes do programa PIBID em desenvolvimento do projeto denominado "Nunca mais um Brasil sem nós, pela

honra e valorização dos povos indígenas” realizado nos dias 15 e 22 de junho. O projeto se dividiu em duas etapas.

Sendo assim, a primeira etapa iniciou-se no dia 15 de junho, contou com a participação de 12 discentes, a atividade executada objetivou através de uma roda de conversa, resgatar o repertório cultural das crianças a respeito das lendas regionais, oportunizando aos mesmos um espaço de fala no decorrer da conversa.

Em seguida, dando continuidade ao projeto foi apresentado um vídeo sobre a lenda do bumba meu boi seguido da explicação sobre o motivo pelo qual estava sendo trabalhado aquela história, pois de acordo com Cascudo (1986), a tradição do bumba meu boi é uma manifestação cultural brasileira que se dá a partir da interação de diferentes influências culturais

Na segunda etapa, realizada no dia 22 de junho, dia de encerramento da atividade, contou com a presença de 12 educandos, baseando-se nas contribuições de Almeida (ANO), que trabalha na “perspectiva do brincar e como mesma potencializa o processo de ensino e aprendizagem”, foi desenvolvido a oficina para a confecção das miniaturas do bumba meu boi, utilizando materiais de fácil acesso e manuseio (papel cartão, tesoura, cola, e.v.a e rolos de papel higiênico).

Considerações finais

Entretanto, evidenciou-se um bom planejamento e desenvolvimento desta atividade, pois o trabalho em equipe mostrou a interação dos alunos e a receptividade pela ideia proposta pelas estagiárias, pode-se afirmar que, a realização dessas atividades são de grande relevância para os discentes, no processo de educação e aprendizagem, tanto pela proposta e objetivo principal que é a valorização dos povos indígenas, como também por incentivar as crianças a trabalharem em conjunto, experiência notória durante a execução do projeto.

Todo conhecimento adquirido se fez importante para o aprendizado dos alunos, pois sabe-se que a cultura indígena é algo muito pertinente em nosso cotidiano das mais variadas maneiras, desde a alimentação, modo de falar, e principalmente no local onde moram, as crianças tiveram essa consciência cultural, trabalhada de forma em que as atividades contribuíram para que a efetivação desse saber seja repassada por elas em qualquer lugar. Portanto, o projeto dando ênfase a esse tema torna-se necessário não somente em um

determinado dia ou mês do ano, mas sim, em qualquer ocasião, sendo desenvolvido sem estereótipos sociais, e trabalhando a quebra dos mesmos.

Referências

LIVROS infantis para trabalhar costumes, cultura e tradições dos povos indígenas. Vivescer,2022. Disponível em: <https://vivescer.org.br/obras-indigenas/>. Acesso em: 23 de abril de 2023.

SANTOS, Lara. 7 obras de arte e artistas que abordam o tema indígena. Catraca livre,2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/7-obras-de-arte-e-artistas-que-abordam-otema-indigena/>. Acesso em: 23 de abril de 2023.

LODY, Raul Giovanni da Motta (org). À mesa com Gilberto Freyre. 2. Ed. Rio de Janeiro: Senac nacional, 2009. 128 P. II. (A Formação Da Culinária Brasileira. À mesa Brasileira , 1). Publicado em parceria com a Fundação Gilberto Freyre. ISBN 78-85-7458-266-5.

ALENCAR, Francisco. História da sociedade brasileira: 2 grau/FranciscoAlencar, Lúcia Carpi Ramalho, Marcus Venício Toledo Ribeiro. – 2 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico,1985

FOLCLORE, turma do folclore. Lenda do boi bumbá. YouTube, 16 de agosto de 2018. Disponível em: <https://youtu.be/CQ7ma59SBn8?feature=shared>

ALMEIDA, Marcos Teodoro Pinheiro de. **O brincar, a criança e o espaço escolar**. In: SCHLINDWEIN, Luciane Maria; PETERS, Leila (org.). A criança e o brincar nos tempos e espaços da escola. Florianópolis: NUP, 2017. p. 39- 53.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Comum Curricular**. 2018

PACIFICO, Juracy Machado; DANTAS, Ruth de Lima; BRANDT, Aieska de Souza; Rodrigues, Marlene. Estágio Supervisionado na educação infantil: relatos e reflexões.**Educação em foco**. Belo Horizonte n. 39. p. 127-148.

ROSA, Sanny S. da. **Brincar, conhecer, ensinar**. 3 ed. São Paulo, Cortez, 2022

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessário à necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996. p. 12.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA ATIVIDADE LENDA MACYRAJARA

Marine Nunes Sousa - UESPI

Patricia Batista da Silva - UESPI

Prof Esp. Jucelia da Silva Chaves - CAIC

Prof Dr Maria Ozita de Araújo Albuquerque - UESPI

Introdução

Este relatório de experiência tem como finalidade expor as atividades que foram feitas na creche CAIC Infantil, através da bolsa de iniciação à docência (PIBID), com o tema "Nunca mais um Brasil sem nos, pela honra e valorização dos povos indígenas", por meio desse tema realizamos uma atividade participativa para as crianças do Infantil V para que elas saibam como é importante valorizar uma parte primordial da história de nosso país, e conversar sobre a importância de lutar pela preservação dessa diversidade. Esse tema tem como finalidade oportunizar a criança conhecer a si própria, fazendo questionamentos sobre os povos indígenas, de como vivem, como se alimentam, como crescem. Além dessas reflexões, também aprenderam sobre as tradições do Brasil, que apresenta uma rica cultura e diversidade.

O principal objetivo deste relato é expor as atividades que foram feitas em dupla em sala de aula com a presença da professora Teresinha, começamos com a rodinha e músicas de bom dia e logo depois fizemos uma breve apresentação com a música da Xuxa Meneguel " vamos brincar de índio", junto com uma linda coreografia na qual todas as crianças participaram, mostramos a eles como é importante valorizar os povos indígenas. Logo em seguida mostramos uma imagem de um indígena, os alunos fizeram várias perguntas sobre e contaram um pouco sobre o que sabiam dos povos indígenas dessa sensibilização.

Logo depois contamos uma história: "indiozinho e o rio voador" fizemos uma roda e contamos a eles tudo que aconteceu na história, ficaram bem interessados e cheios de curiosidade em conhecer os povos indígenas. Sobre esses momentos de interação, Paulo Freire (2004) diz: "Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção".

Desenvolvimento

Durante o período de Abril, sob a orientação da supervisora Jucelia da creche CAIC em Parnaíba PI, nossa experiência com a sala de aula foi uma jornada muito desafiadora e cheia de descobertas, esse foi nosso primeiro contato com as dinâmicas educacionais para a realização do projeto em sala de aula, para esta a caráter e chamar mais a atenção das crianças do Infantil V, fizemos um cocar colorido para a produção do cocar usamos folha de cartolina, giz de cera e cola, o cocar e um adorno de cabeça feito de penas com o suporte trançado ou tecido para cabaça usado pelos indígenas.

Sob a direção do projeto discutido nas reuniões, adotamos métodos com o intuito de engajar as crianças de maneira criativa e participativa, um exemplo notável foi uma atividade xerocada com um indígena. Onde despertou várias curiosidades nas crianças e fizeram nos questionar o por que os indígenas usavam aquilo na cabeça, por que os indígenas não usavam roupa, por que eles pintam?

Todas essas indagações e curiosidades fizeram fluir uma maravilhosa roda de conversa envolvendo nos bolsistas, a professora titular da sala e os alunos, em seguida aproveitamos para contar a importância dos indígenas no nosso país e falar o quanto eles são importantes para a nossa cultura, o quanto eles são importantes desde o início da habitação do nosso país.

Além disso para expandir o conhecimento das crianças utilizamos o método de contar as lendas, essas lendas alimentaram suas imaginações e interesse, a lenda contada por nós foi da Macyrajara que é uma lenda local Macyrajara filha do chefe botocó da tribo dos Tremembés, se apaixonou por utibã, um guerreiro da tribo rival a lenda não ilustrou apenas a paixão proibida de Macyrajara mas permitiu também que as crianças se conectarem com as suas raízes.

Considerações finais

As vivências compartilhadas em sala de aula foi uma mistura de emoção, prazer e gratidão que nos levou a refletir a importância de um educador transmitir seus conhecimentos com muita dedicação e empatia, queremos dizer que somos muito grato a Universidade Estadual do Piauí pela a oportunidade de nos permitir vivenciar essas experiências por meio do programa de iniciação à docência (PIBID) e agradecer também a nossa supervisora Jucelia da creche CAIC. Esse projeto nos proporcionou uma oportunidade muito valiosa de estar adquirindo conhecimento e experiência em sala de aula desde o início do curso,

enfrentando os problemas educacionais e nos capacitando para sermos pedagógicas capazes de superar qualquer desafio em sala de aula e oferecemos aos alunos um ensino de qualidade.

Referências

JUNIOR, ZILMAR, LIMA, KLEBER, **Macyrajara**. Parnaíba: Edição do Autor, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIADO NO ENSINO FUNDAMENTAL, SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NO 4º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL BENEDICTO DOS SANTOS LIMA - PARNAÍBA- PI

Marcus Vinicius Bevilaqua Vieira – UESPI
Angela Cristina Almeida Coutinho – UESPI
Mara de Souza Paixão – UESPI

Introdução

O projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas”, desenvolvido pelos pibidianos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, Campus de Parnaíba - PI, tem como objetivo conscientizar, respeitar e ensinar sobre os povos indígenas, visto que hoje em dia tem bastante preconceito com os povos originários, então, precisamos lidar com isso desde a base para podermos criar um país com mais igualdade e respeito, trazendo às nossas crianças a importância deles para a cultura brasileira, para o Brasil. Trabalhando de forma lúdica assuntos tão importantíssimos para a sociedade brasileira, desenvolvemos o nosso projeto na Escola Municipal Benedicto dos Santos Lima.

Diante dos agravantes números de preconceito em nossa sociedade, podemos ver que levar a conscientização sobre os povos indígenas e a sua cultura para a sala de aula, quebrou muito preconceito na mente dos alunos, pois puderam emergir e ter respeito, pois um dos pontos era esse, trazer o respeito e ensinar a importância cultural em que eles têm para a nossa sociedade. Os alunos gostaram bastante, pois, antes eles não conheciam a realidade deles, as lendas, comidas, brincadeiras e jogos desses povos originários.

“Várias escolas fantasiando, crianças, querem colocar os indígenas em um formato, dentro de uma caixinha. Indígena é aquele que mora dentro da floresta, que anda, tem vestimentas. Isso cria um cenário de um racismo porque essas crianças crescem na ideologia de um indígena do cabelo liso, dos olhos puxados, uma pele avermelhada. Nós passamos por um processo de miscigenação. Nós passamos por um processo de violência. Quantas mulheres indígenas não sofreram abusos sexuais? Tiveram a miscigenação forçada”. (DINAMAM TUXÁ. 2023). Com essa citação do indígena Dinamam vemos que eles mesmo buscam o respeito devido que perderam durante anos com o processo de colonização, com estereótipos sobre os indígenas já criados em uma sociedade colonizada pela Europa, onde os índios vivem no mato, vivem de caça, mas nunca

são vistos como pessoas que habitam uma região mais urbana, moram, vivem e se relacionam com outras culturas. E com tudo isso já criado, pré-estabelecido nas memórias das crianças, elas irão acabar crescendo com uma ideia de um “falso indígena” que seria aquele que as tradições contam em sala de aula.

Em sala de aula após a aplicação de algumas atividades, voltada a temática podemos perceber que a ideia que os alunos tinham ao longo do tempo estava sendo mudada, eles estavam compreendendo o valor da cultura deles para com a nossa. Com isso, mudando a relação de como tratar um indígena caso encontrasse um, saberiam que não precisam o tratar diferente, nem “olhar torto”, pois eles são como a gente. A evolução da aprendizagem cresceu muito com o que repassamos para eles em formas de atividades, e isso pode ter gerado até uma aproximação maior com os povos indígenas, pois muitos sabiam de brincadeiras, instrumentos musicais indígenas e comidas, porém os alunos nunca tinham visto de perto um objeto indígena e após confeccionarmos e falarmos sua utilidade, eles estavam se divertindo com a metodologia que usamos.

Desenvolvimento

No referente relatório é possível destacar as análises do projeto e os objetivos almejados que alcançamos com sucesso e satisfação com as aplicações das atividades sobre os povos indígenas. Observamos que os alunos do 4º ano da Escola Municipal Benedito dos Santos Lima se deslumbraram nas confecções de petecas indígenas, com o qual se tornou uma das principais obras realizadas com as crianças.

Os materiais utilizados foram garrafas Pets, reaproveitando a reciclagem e contribuindo para o meio ambiente. Os alunos se empolgaram com a determinação a cada instruções das atividades até a conclusão final. Porém, ambos foram essenciais para a valorização da cultura indígena, sendo um incentivo às crianças ainda na infância reforçando a importância de valorizar e respeitar os povos originários, no entanto, os estudantes se extasiaram com os chocalhos sendo a principal representação das danças culturais. Na primeira semana preparamos aos educandos, exercícios que pudessem avaliar a escrita e a interpretação textual com perguntas relacionadas aos indígenas. No momento, todos responderam à temática, porém, pode se observar a dificuldade de compreensão de alguns alunos. A necessidade de trabalhar a escrita é fundamental praticar o vocabulário e a aprendizagem. No mesmo dia repassamos algumas folhas para pintura que indicavam as diversas pinturas corporais indígenas, todos os alunos pintaram. A atividade que foi importante

para a integração social se deu diante das lendas indígenas, com o qual os reunimos em um círculo e contamos histórias, após, usaram a imaginação, sendo autores da sua própria história.

O projeto teve a finalidade de contribuir para o desenvolvimento dos estudantes no âmbito escolar a conscientização de todos da necessidade de valorizar a cultura dos povos originários e a importância da existência como seres iguais perante a sociedade.

Considerações finais

No projeto escolar: “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas”, não aprendemos apenas como lidar com as características de cada crianças, mas como lecionar de maneira eficaz e produtiva aos discentes. A sala de aula foi tudo para a minha experiência, se antes tinha alguma vontade de desistir do curso, esse período fazendo o Pibid, e participando desse projeto mudou a minha visão. A sala de aula foi um lugar de se conhecer como pedagogo, pois vimos os desafios, como organizar tudo, como planejar uma atividade, correr atrás dos materiais necessários para que a aula pudesse acontecer. Lidar com cada aluno, é cuidar de um universo em construção e saber lidar com crianças às vezes é fácil e às vezes não, ainda mais para repassar um conteúdo para eles.

Mas como havíamos falado, além do aprendizado em sala de aula como pedagogo, o assunto do projeto “honra e valorização dos povos indígenas” nos mostrou bastante conhecimento de uma cultura, de um povo tão rico, tão incrível, e a gente aprendeu a respeitá-los mais ainda, e não apenas as crianças, mas também nós pedagogos aprendemos sobre a importância deles para o nosso Brasil, para muitas características que ainda estão inseridas no contexto contemporâneo brasileiro e como isso nos torna tão enriquecedor culturalmente.

A experiência com todos os nossos colegas de faculdade, também foi muito enriquecedor, pois compartilhamos de muitos desafios como, a primeira vez em uma sala de aula como professores, a primeira vez projetando um trabalho, e como um trabalho em equipe podíamos buscar ideias um com o outro, e não só um com o outro, mas com o supervisor que estava nos auxiliando também. E essa troca de ideias, experiências, pois cada sala tem alunos diferentes, e ver como cada um lida com tais alunos, nos traz uma ideia de como podemos fazer,

ajudando e tudo mais. E sem falar que muitos projetos a gente pegava um pouco do outro para desenvolver um projeto mais completo, bem mais elaborado.

No decorrer do projeto nos trouxe resultados excelentes, conscientizando a escola, os alunos e os professores, abrangendo toda a instituição sobre valores culturais dos povos originários. As experiências que adquirimos, aumentou muito o nosso conhecimento sobre eles.

O participar do programa visou aprimorar novos conhecimentos e nos capacitou para o contexto aplicados em sala. Todos os momentos que presenciávamos nos fez identificar com a vida do discente, a vivência pedagógica nos prepara para o futuro, permitindo nossa permanência no curso.

Ao adentrar na sala de aula e presenciar a realidade que o educador enfrenta a cada desafio de preparar o indivíduo para a sociedade, mesmo que de modo precoce, nos fez compreender como é ser professor. Através do PIBID, foi possível verificar como funciona as práticas pedagógicas, um incentivo acadêmico aos discentes de licenciaturas.

Referências

Dia dos Povos Indígenas: educação contra estereótipos e preconceitos. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-04/dia-dos-povos-indigenas-educacao-contra-estereotipos-e-preconceitos>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: explorando a origem, os cordelistas e a cultura popular através da leitura e criação de cordéis pelos alunos

Maria de Jesus Nascimento Galeno (UESPI)

mdejesusng@aluno.uespi.br

Lorranny de Fatima Souza Barros (UESPI)

lorrannydefatimasouza@aluno.uespi.br

Samara de Oliveira Silva (UESPI)

samara@phb.uespi.br

Introdução

O cordel é um gênero literário que foi trazido ao Brasil pelos colonizadores na época do trovadorismo medieval, por volta do século XII, e se popularizou como literatura principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país. O projeto “ Ler a palavra é ler o mundo” teve o intuito de aprofundar a leitura entre os estudantes para que possam se tornar leitores críticos e autônomos. Dessa forma destacar a relevância de explorar e apreciar a cultura popular como um meio eficaz para combater o preconceito associado às diferentes falas regionais. Isso nos ajuda a entender a importância da temática, incentivando o respeito e a valorização da diversidade linguística em nosso país. Segundo Silva (2008, p.17 apud CARDOSO, 2012, P 5):

A importância da cultura popular (...) advém, principalmente, da descoberta de que ela nos oferece formas de aprendizagem e ensinamentos menos utilitários e instrumentais do que os disponibilizados em geral por nossas escolas. A cultura popular, portanto concebida como um sistema de conhecimentos, sentidos e significados, seria capaz de resgatar para a escola no processo educacional, toda a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, a vida e a condição humana.

Dessa forma, é relevante ressaltar a importância de reconhecer e incorporar o cordel no processo educacional, para que a escola possa trabalhar as diversas formas de compreender o mundo e enriquecer o ensino. Isso também enfatiza a riqueza cultural do Brasil e o cordel, enquanto parte das manifesta-

ções populares, desempenha papel fundamental na construção da identidade cultural do país.

Considerando isso, este trabalho é um relato de experiência sobre o uso da literatura de cordel em sala de aula. A atividade desenvolvida teve o intuito de apresentar o cordel e os cordelistas nordestinos que fazem parte desse gênero literário, afinal a seleção desse gênero em sala de aula oferece a oportunidade de incorporar desenhos, como as xilogravuras, que são uma forma de arte gráfica envolvendo a criação de imagens gravadas em madeira.

A técnica artística da xilogravura tem origens antigas e é caracterizada pelo uso de um bloco de madeira entalhada com a imagem desejada, em que as áreas não entalhadas representam as partes em branco da imagem. Para criar uma xilogravura, a madeira entalhada, entintada e, em seguida, pressionada contra uma superfície de papel ou tecido para transferir a imagem, contribuindo para que o aprendizado seja mais envolvente e cativante aos alunos. Isso resultou em um maior entusiasmo e interesse pela matéria.

Esta proposta pedagógica teve como objetivo dar visibilidade a literatura de cordel aprimorando a oralidade e o conhecimento dos alunos no que tange ao processo de ensino-aprendizagem. A metodologia utilizada foi a exposição de folhetos de cordéis nas aulas de Língua Portuguesa, mostrando a diversidade de temas utilizados pelos cordelistas, a leitura em voz alta para aprimorar a oralidade e a elaboração de um cordel feito pelos próprios alunos em sala de aula.

Desenvolvimento

As atividades ocorreram na Escola São Francisco dos Capuchinhos nos dias 25 (vinte e cinco) e 27 (vinte e sete) de setembro de 2023, envolvendo uma turma do quinto ano do ensino fundamental. Começamos a exploração no dia 25 com uma aula introdutória dedicada à origem da literatura de cordel no Brasil. O objetivo era proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda da história e do contexto cultural dessa forma de expressão literária. Além disso, discutimos o papel fundamental dos cordelistas na criação e disseminação dessas narrativas populares, enfatizando a significativa contribuição desse gênero para a rica tapeçaria cultural brasileira.

Após a introdução à história, avançamos para a leitura de alguns textos que reforçaram os aspectos históricos já abordados. Um destaque dessa etapa foi a análise do cordel intitulado "Um caso bem estranho," escrito por Isabel

Cristina S. Soares. Com a leitura, trabalhamos em sala de aula os elementos literários, e abrimos uma roda de conversa para proporcionar aos alunos a oportunidade de falarem sobre a história presente nele. Na sequência, formulamos perguntas de interpretação para incentivar os alunos a refletir sobre a temática que acabaram de ler. Isso permitiu uma análise mais aprofundada das histórias e dos personagens no contexto dos cordéis. Além da abordagem teórica sobre a história e a importância dos mesmos para cultura brasileira, também foi apresentado os folhetos “O encontro de Lampião e Chico Anísio na porta do céu” de João Peron e “Descobrimento e Africanização do Brasil” de Martins Soares. Essa parte da atividade foi especialmente valiosa, pois permitiu que os alunos tivessem contato com os cordelistas da região Nordeste. Essa experiência prática e direta com os cordelistas locais serviu para aproximar os alunos da tradição cultural do nordestina, e promover um entendimento mais profundo e pessoal da literatura e sua relevância na construção da nossa sociedade.

No segundo dia da nossa atividade, em 27 de setembro, adotamos uma abordagem prática para explorar a criação de cordéis com os alunos. O objetivo era envolvê-los diretamente na produção de poemas de cordel, para que dessa forma eles experimentassem o processo criativo por si mesmos. Nesse dia, os alunos foram organizados em grupos pequenos com 5 a 6 estudantes, no máximo, em cada equipe. Cada grupo recebeu a tarefa de desenvolver seus próprios poemas de cordel com temas de sua escolha. Essa metodologia de trabalho em equipe estimulou a criatividade e a colaboração entre os alunos, permitindo que compartilhassem ideias e concebessem seus interesses e perspectivas.

Reconhecendo o tempo limitado para concluir a atividade, foi fornecido aos grupos um modelo em branco do formato tradicional de cordel para agilizar o processo. Além disso, para enriquecer a experiência, utilizamos materiais como EVA, que é um polímero emborrachado, flexível, com propriedades adesivas e componentes à prova d'água, e tinta guache para a criação de xilogravuras que seriam aplicadas nas capas dos cordéis. Como dito anteriormente, as xilogravuras são uma característica icônica dos cordéis e representam uma tradição importante na produção dessas obras.

Essa etapa prática permitiu que os alunos experimentassem o processo de criação de cordéis em primeira mão. Eles puderam explorar temas de sua preferência e expressar suas ideias de maneira criativa, reforçando a compreensão da estrutura e da narrativa típica dos cordéis. Além disso, a utilização

das xilogravuras agregou um aspecto artístico e visual à atividade, realçando a importância da representação gráfica nas obras de cordel.

Ao final da atividade, tivemos a oportunidade de apreciar o trabalho dos grupos, que produziram seus próprios cordéis em um curto período de tempo. A criatividade e a dedicação dos alunos foram evidentes em cada um dos livretos criados. Este exercício prático contribuiu significativamente para o entendimento mais profundo da literatura de cordel e para a valorização da expressão artística e cultural.

Considerações finais

Ao final da atividade, os grupos apresentaram seus próprios cordéis que nos temas falavam desde bullying, vivências nordestinas, o amor pela escola e a seca, demonstrando criatividade e dedicação. Esta experiência prática contribuiu significativamente para o entendimento mais profundo da literatura, para a valorização da expressão artística e cultural e aprimoramento da oralidade. A atividade destacou a importância de uma abordagem prática e teórica para o ensino da literatura, incentivando a criatividade dos alunos, promovendo uma compreensão mais profunda da literatura de cordel e estabelecendo um vínculo cultural com a tradição nordestina.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade e a coordenação do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) por nos oferecer todo o suporte necessário para que essa atividade se realizasse.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso 11 out. 2023.

ACESSABER. **Interpretação de texto: Literatura de cordel** - 5 ano. Disponível em: <https://acessaber.com.br/atividades/interpretacao-de-texto-literatura-de-cordel-5o-ano-2/>. Acesso em: 11 out. 2023.

CARDOSO, Gislaine da Silva *et al.* **Literatura de cordel como recurso pedagógico que estimula a linguagem e criatividade da criança pequena**. Anais IV FIPED...Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/243>. Acesso em: 19 out. 2023.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: INTRODUÇÃO À CULTURA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.

Luzia de Oliveira Marques – UESPI
Izabelle Cristiny Rodrigues Menezes – UESPI

Introdução

No período entre abril e julho de 2023, na Escola Municipal Dr. João Silva Filho, localizada na comunidade de Pedra do Sal, na cidade de Parnaíba-Piauí, foi realizada uma experiência significativa com o objetivo de introduzir e valorizar a cultura indígena brasileira no contexto educacional. A iniciativa surgiu do subprojeto no Pibid intitulado “ Nunca Mais um Brasil Sem Nós: Pela Honra e Valorização dos Povos Indígenas ” e da necessidade de proporcionar uma compreensão mais profunda sobre a rica herança indígena que permeia as atividades cotidianas das crianças dessa comunidade.

A comunidade da Pedra do Sal é constituída por muitas famílias vivendo da pesca e da atividade artesanal, atividades intrinsecamente conectadas à cultura indígena brasileira. Contudo, é perceptível que, apesar da riqueza das suas próprias tradições, os alunos desta escola frequentemente não reconhecem a profundidade da identidade cultural que os envolve.

A valorização da cultura indígena brasileira desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente da rica diversidade cultural que compõe nosso país. Nesse contexto, diversos teóricos têm ressaltado a importância de reconhecer e celebrar as tradições, conhecimentos e contribuições dos povos indígenas para a formação da identidade nacional e para a compreensão das relações humanas com o meio ambiente.

Autores como Daniel Munduruku, por exemplo, destacam a necessidade de incorporar a perspectiva indígena no âmbito educacional, especialmente nas escolas. Através de suas obras literárias e ativismo, Munduruku enfatiza como a literatura e a pedagogia podem se unir para transmitir aos jovens a riqueza cultural das comunidades indígenas. Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também ressalta a relevância de incluir conteúdos que promovam o entendimento e respeito pelas culturas indígenas, contribuindo para uma educação que abrange valores de pluralidade e tolerância. A partir disso, espera-se

fornecer as bases conceituais necessárias para a compreensão do propósito e importância deste projeto de valorização da cultura indígena brasileira.

É nesse contexto que o projeto ganhou vida, com o propósito central de não apenas apresentar, mas também celebrar a cultura indígena. Diante disso, nossa missão foi clara: despertar a compreensão e a apreciação da importância da cultura indígena na história do Brasil, valorizando as vivências do cotidiano, como parte importante dessa cultura.

Desenvolvimento

O processo começou com a avaliação do conhecimento prévio das crianças em relação à cultura indígena. Esse ponto nos permitiu entender o ponto de partida das crianças e adotar as abordagens de acordo com as suas compreensões e experiências. Em seguida, uma das etapas cruciais consistiu em compartilhar lendas significativas da cultura indígena, tais como as lendas do Guaraná, da Mandioca e do Milho. O intuito era estabelecer uma ligação entre essas narrativas e as atividades do dia a dia da comunidade, destacando como elementos da cultura indígena estão presentes nas práticas das crianças, além da criação de desenhos inspirados por essas histórias, buscamos reforçar a mensagem de que a cultura indígena é um componente essencial da identidade nacional.

Iniciamos as atividades com os alunos do 5º ano do ensino fundamental, apresentando figuras que representavam três lendas indígenas específicas. A primeira lenda a ser contada foi a lenda do Guaraná, uma história do Norte do Brasil que explica a origem desse fruto. Em seguida, exploramos a lenda da Mandioca, uma raiz bem presente na comunidade, e finalizamos com a lenda do milho, enfatizando a conexão entre elas e o cotidiano das crianças. Após a contação das lendas, realizamos uma roda de conversa para discutir detalhes das histórias e como as crianças compreenderam oralmente as narrativas. Concluímos as atividades com os alunos criando desenhos inspirados na lenda que mais os cativou.

Em uma segunda etapa, apresentamos a proposta da dramatização de uma das lendas, e as crianças escolheram a lenda do Guaraná para essa representação. A dramatização seria uma forma de repassar o conhecimento para outras turmas. Os ensaios foram ministrados em dois momentos distintos dentro da escola, após os intervalos do lanche e bem-sucedidos. As sete crianças que se propuseram participar dos ensaios demonstraram grande empenho durante o processo. Uma das crianças representaria o menino, outra o pai do menino ,

outra a mãe do menino, outra o Deus Tupã, outra o Jurupari, o espírito do mal, e as outras duas seriam os demais componentes da tribo. A apresentação foi realizada no pátio da escola, permitindo que alunos de outras turmas, além do 5º ano, também participassem dessa experiência enriquecedora.

Considerações finais

Ao longo da experiência, o projeto se desdobrou evidenciando os momentos em que a conexão entre as atividades cotidianas das crianças e a cultura indígena tornou-se clara. Com histórias reais, testemunhos e conquistas, esperamos ilustrar o poder transformador de valorizar uma herança cultural muitas vezes esquecida. Mais do que uma mera introdução, nossa jornada buscou instigar uma transformação profunda na percepção e reconhecimento da cultura indígena, tornando-se um testemunho do papel essencial que desempenha na construção da nossa identidade coletiva como brasileiros.

Além de propor uma jornada de descoberta e reflexão em trazer para o ambiente escolar a riqueza da cultura indígena, não apenas como um tópico a ser estudado no dia 19 de abril, considerado o dia dos Povos Indígenas, mas como uma oportunidade para promover a relevância de reconhecer e valorizar essa herança cultural. Retrata ainda a importância do compromisso em construir uma educação mais abrangente, sensível e verdadeiramente representativa, na qual a cultura indígena brasileira seja reconhecida, respeitada e celebrada por todos os membros de nossa comunidade escolar.

A experiência foi marcada por momentos agradáveis e interativos, nos quais as crianças se envolveram ativamente na exploração das lendas e na conexão com suas próprias vivências. Um aspecto essencial foi a etapa de expressão artística, na qual as crianças foram convidadas a desenhar a lenda que mais as cativou e compreenderam. Outra etapa memorável do projeto foi a seleção de algumas crianças para a dramatização da lenda do Guaraná. Isso permitiu trabalhar não apenas a compreensão das narrativas, mas também a oralidade, a cooperação e a coletividade entre os alunos. A apresentação da dramatização para outras turmas aconteceu de forma lúdica e interativa, envolvendo toda a escola na jornada de valorização da cultura indígena.

Diante do exposto, os objetivos do projeto “Nunca Mais um Brasil Sem Nós: pela honra e valorização dos povos indígenas” foram observados ao longo da experiência no Pibid. O aprendizado e competências desenvolvidas durante o projeto influenciarão positivamente a futura prática profissional dos bolsis-

tas, incluindo tanto conhecimentos específicos sobre a cultura indígena quanto habilidades gerais, como trabalho em equipe, comunicação e sensibilidade cultural. Não apenas no âmbito acadêmico, mas também como uma contribuição para a sociedade ao sensibilizar e conscientizar as pessoas sobre a importância da valorização dos povos indígenas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

LIVROS infantis para trabalhar costumes, cultura e tradições dos povos indígenas. Vivescer, 2022. Disponível em: <https://vivecer.org.br/obras-indigenas/>. Acesso em: 23 de Abril de 2023

SANTOS, Lara. 7 obras de arte e artistas que abordam o tema indígena. Catraca livre, 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/7-obras-de-arte-i-artistas-que-abordam-o-tema-indigena/>. Acesso em: 23 de Abril de 2023.

LODY, Raul Giovanni da Motta(Org.). À mesa com Gilberto Freyre.2. ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009. 128 p.II.(A Formação da Culinária Brasileira. à Mesa Brasileira, 1). Publicado em parceria com a Fundação Gilberto Freyre. ISBN 978-85-7458-266-5.

Alencar, Francisco. História da sociedade brasileira: 2º grau/Francisco Alencar, Lúcia Carpi Ramalho, Marcus Venício Toledo Ribeiro.-2ºed.-Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

A Lenda da Mandioca. Youtube, 17 de Abr. de 2021. Disponível em: https://youtu.be/_61zthBbsc0. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

A Lenda do Milho. Youtube,15 de abr. de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/Z41c2eW8kHw>. Acesso em 13 de jun. de 2023.

A Lenda do Guaraná. Youtube, 3 de nov. de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/AxZhe30m5GM>. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

Grupo Editorial Global. Biografia de Daniel Munduruku. Grupo Editorial Global. Disponível em: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=1000#:~:text=Autor%20de%20Hist%C3%B3rias%20de%20%C3%ADndio,Jovens%20na%20quest%C3%A3o%20da%20toler%C3%A2ncia>. Acesso em: 07 de junho de 2023.

RESGATANDO VALORES, CULTURA E IDENTIDADE DOS POVOS ORIGINÁRIOS NO MEIO ESCOLAR

Vitória Shuyane Rodrigues da Silva Fernandes – UESPI

Marcos Francisco da Silva Lima – UESPI

Introdução

O projeto que tem como tema “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas” tem como intuito despertar a conscientização para a luta do reconhecimento desses povos que ainda sofrem, de certo modo, uma repressão social. Apesar do esforço de fazer reconhecida essa cultura nos tempos atuais ainda há grandes dificuldades no que diz respeito a inserção dos mesmos na sociedade, visto que, grande parte da população é composta por descendentes de povos indígenas. Sua presença é praticamente nula em cargos de alto escala como, meio político, econômico, jurídico entre outros. Esse movimento de discriminação começou desde a chegada dos colonizadores portugueses no ano de 1500, provocando uma segregação étnica e aculturação desses povos. Esse processo que ocorre até os dias atuais é reflexo do Movimento Antropofágico vivido pelos portugueses. Diante desse cenário, é de suma importância o estudo desse assunto, uma vez que entender e dar voz a esses povos é uma das maneiras de reparar o mal causado no passado.

Desenvolvimento

A Escola Municipal Dr. João Silva Filho, situada na zona rural de Parnaíba, durante um projeto desenvolvido pelo PIBID – Programa com Bolsa de Iniciação à Docência. Seguindo essa linha de raciocínio e pensando no contexto atual em que a escola está inserida, buscamos, mediante do tema proposto trazer uma experiência de forma plena com conhecimentos que servirão para o desenvolvimento dos alunos fazendo-os conhecer melhor a história e o que esses povos passaram. Estiveram envolvidas nesse projeto as turmas de primeiro ao quinto ano, sendo 1 e 2, 3 e 4 salas multisseriadas, tornando assim o planejamento mais minucioso para que o conteúdo pudesse atingir toda a turma. Com o objetivo de tornar o momento de aprendizagem mais proveitoso, as propostas das

atividades eram mais dinâmicas buscando dessa maneira uma maior participação de toda a turma.

Em relação ao conhecimento dos discentes em relação aos povos indígenas provou que houve um esquecimento sobre os valores, cultura e costumes deixados por esses povos. É certo dizer que, apesar de serem poucas, ainda há quem lute pelos direitos iguais para os indígenas. O artigo 231 da Constituição Federal de 1988 diz

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Seguindo essa linha de raciocínio e observando o cenário pela qual vivemos, é notório observar a mudança de hábitos desses povos, muitas vezes por pressão social para que possam se encaixar nos modos da sociedade e estereotipando comportamentos e costumes e assim mudando praticamente toda sua forma de vestir, a forma de falar e até mesmo seus valores.

Prática essa que vai sendo passado de geração em geração e chegando até às crianças. Começa a ser normalizado para elas que o indígena deve passar pelo processo de aculturação e desse modo, começam a enxergá-los não como pessoas e sim como máquinas que podem ser manipulados. É necessário a mudança de pensamento para que as crianças desde cedo compreendam a importância da existência desses povos. Fazer valer o artigo 231 da Constituição Federal e a luta das pessoas que se engajam por essa causa na valorização e normalização da cultura indígena.

No decorrer do projeto utilizamos da observação, um dos objetos principais para a prática do mesmo. Através dela foi possível evidenciar fatores importantes para o desempenho do objetivo, que foi proporcionar um novo olhar nos educandos para que eles desenvolvam um senso crítico a respeito da realidade dos povos nativos. Para que isso ocorresse, foram trabalhadas diversas áreas do aluno como, o visual, a oratória, cognitiva e sociointerativa. Mediante a isso

utilizamos diversos métodos para corroborar com o andamento do projeto, tais como: roda de conversa; ilustrações; atividades lúdicas; práticas.

Para a roda de conversa foi apresentado o tema com o auxílio de ilustrações e indagado sobre o que as crianças conheciam sobre os povos nativos e como eles influenciam o cotidiano delas, pois elas vivem em um ambiente no qual as presenças de atividades de origem nativas são muito marcantes, como por exemplo a pesca. Utilizando disto e do momento vivido, os festivais juninos, aproveitamos para falar sobre os alimentos presentes na cultura indígena e que foram introduzidos nessas festas e, por consequência, na nossa região, tais como, o peixe, a mandioca, o milho, o amendoim entre outros. Para tornar o momento mais lúdico usamos de lendas indígenas para falar sobre o assunto, logo em seguida foi proposto uma produção de desenhos sobre os alimentos que mais chamaram atenção deles para logo depois relatarem para a sala sobre o que produziram e o que aprenderam.

Após ser discutido e reforçado quais os alimentos e a importância de sabermos a origem deles, convidamos os alunos a produzirem um bolo de milho, que é um dos principais alimentos típicos dos nativos, este sendo cultivado desde muito tempo perpetuando até os dias atuais. Participaram de forma ativa do preparo, pois, durante esse momento íamos chamando um a um para ir colocando um ingrediente do bolo, depois de pronto foi feita a degustação.

No último dia de projeto selecionamos três alunos para relatar tudo aquilo que vivenciaram e aprenderam durante as aulas. Foram feitas perguntas relacionadas ao tema e eles relataram com suas palavras as experiências vividas em sala de aula.

Considerações finais

No decorrer do projeto, buscamos envolve-los em outras atividades direcionadas ao tema. Nossa prioridade foi sempre mostrar e valorizar as tradições e a grande relevância que os nativos implementaram na nossa sociedade, sua cultura, meio de vida e suas particularidades que influenciaram diversos costumes que hoje fazem parte de nosso cotidiano.

No nosso primeiro encontro com a turma percebemos que tinham pouco conhecimento sobre a cultura indígena e sobre o quanto contribuíram para a formação da nossa sociedade. Uma das dificuldades percebidas foi em relação ao entendimento sobre o período da piracema, que é a época que acontece a desova dos peixes que não se deve pescar, porém, muitos infelizmente não res-

peitam esse tempo. Em relação a isso, a maioria não tem o conhecimento sobre a origem desse costume que já era praticada pelos indígenas, causando dessa maneira, um desequilíbrio ambiental.

Mediante isso, pudemos pensar e elaborar da melhor maneira possível estratégias que pudessem ser atrativas e que contribuíssem para o melhor entendimento e desenvolvimento sobre o tema. Após ser trabalhado as metodologias, percebemos que eles mudaram sua visão sobre a importância dos povos nativos e sua influência na vida da civilização moderna. Foi observado por meio da fala deles ao serem perguntados sobre o que aprenderam, demonstrando terem adquirido consciência em relação a valorização e honra dos povos indígenas.

Referências

WERÁ, K. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. 2 edição. Editora Peirópolis, 8 de dezembro de 2020.

MANDURUKU, D. **Coisas de índio**: versão infantil. 3 edição. Editora Callis, 1 de fevereiro de 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: fortalecendo a formação docente e enriquecendo o ensino de ciências na educação básica – um relato de experiência

Maria Edilane Santos de Sousa – UESPI

Michelle Leidiane dos Santos Holanda Almeida – UESPI

Filipe Augusto Gonçalves de Melo – UESPI

Introdução

A residência pedagógica é um programa de bolsas que possibilita aos graduandos em cursos de licenciatura adquirirem vivência como professores em salas de aula. Esse programa está em consonância com a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, com o objetivo de fortalecer a formação prática nos cursos de licenciatura e estabelecer uma estreita ligação entre a Educação Básica e o Ensino Superior (BRASIL, 2019).

Assim, torna-se evidente a relevância do programa no aprimoramento da formação docente. Nesse contexto, este trabalho relatará a experiência vivenciada no programa em uma instituição de ensino estadual de Educação básica, onde foram desenvolvidas atividades práticas em sala de aula como ferramentas de ensino para proporcionar uma compreensão mais aprofundada aos alunos.

De acordo com Freire (1997), entender uma teoria requer experimentá-la na prática. Portanto, ao incorporar atividades práticas, as aulas se tornam mais envolventes e agradáveis, possibilitando que os alunos utilizem, por vezes, dispositivos inovadores, que muitos deles desconhecem, o que torna o processo de ensino-aprendizagem mais significativo. Por esse motivo, eram sempre utilizadas em sala de aula atividades práticas, jogos educacionais e vídeos, para auxiliar os alunos no processo de aprendizagem.

Com base no exposto, na Escola Padre Vieira, as aulas eram sempre complementadas com atividades adicionais, com o propósito de ajudar os alunos a consolidar o conteúdo apresentado em sala de aula e facilitar a aprendizagem. O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência adquirida durante a participação no segundo módulo do programa Residência Pedagógica. As atividades práticas e dinâmicas realizadas em sala de aula tinham como meta

despertar o interesse dos alunos pelos tópicos abordados, além de proporcionar uma aprendizagem significativa.

Desenvolvimento

A escola do relato de experiência foi a Unidade Escolar Padre Raimundo Jose Vieira, localizada na cidade de Parnaíba – PI, a escola possui turmas do 6º ano ao 9º ano, tanto pelo turno da manhã como pela tarde.

As aulas foram ministradas para a turma do 8º ano B, no período da manhã, nas segundas-feiras e sextas-feiras, com duração de 1 hora. A turma era composta por aproximadamente 35 alunos. Os temas abordados incluíram:

Sistema respiratório

Habilidade: EF05CI06 - Selecionar argumentos que justifiquem por que os sistemas digestório e respiratório são considerados corresponsáveis pelo processo de nutrição do organismo, com base na identificação das funções desses sistemas.

Reprodução sexuada e assexuada em animais, reprodução sexuada e assexuada em plantas

Habilidade: (EF08CI07) - Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.

Adolescência, puberdade e sistema endócrino

Habilidade: (EF08CI08) - Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.

Reprodução humana

Habilidade: (EF08CI10) – Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção.

Esses temas estão relacionados às competências da BNCC contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento e da compreensão dos processos biológicos relacionados à reprodução, crescimento e desenvolvimento dos seres vivos, incluindo os seres humanos. Em sala de aula, foram realizadas atividades teóricas, práticas e jogos didáticos. As aulas tinham um formato expositivo e dialógico, com conteúdo apresentado por meio de slides e no quadro e em

vídeos. Essas atividades estão relacionados as competências e habilidades da BNCC, como por exemplo a EF01CI02 que consiste em: Localizar, nomear e representar graficamente (por meio de desenhos) partes do corpo humano e explicar suas funções, também a Habilidade (EF02CI04) - Descrever características de plantas e animais (tamanho, forma, cor, fase da vida, local onde se desenvolvem etc.) que fazem parte de seu cotidiano e relacioná-las ao ambiente em que eles vivem.

As atividades práticas enfocaram os tópicos do sistema respiratório e reprodução em plantas, enquanto os demais assuntos foram abordados por meio de jogos didáticos e atividades complementares. A aula prática sobre o sistema respiratório foi realizada após a explanação do conteúdo, na biblioteca da escola, os alunos foram divididos em duplas, e cada dupla recebeu balões, garrafas e canudos. Os alunos receberam instruções para criar um modelo de pulmão artificial, seguindo as orientações fornecidas.

Cada dupla iniciou a montagem dos pulmões, embora nem todos tenham conseguido concluir com sucesso, devido a cortes inadequados nas garrafas ou nos balões. Após a conclusão da prática, os alunos puderam observar o funcionamento dos pulmões artificiais e identificar os órgãos envolvidos na respiração, explicando o processo respiratório.

Outra prática realizada em sala de aula abordou o tema sobre a reprodução das plantas. Essa atividade ocorreu na sala de vídeos da escola e foi realizada individualmente. Cada aluno recebeu uma flor e uma folha de papel contendo os nomes das partes da flor em um quadrado, onde os alunos deveriam colocar no quadrado a parte da flor solicitada. Os discentes foram instruídos a desmontar a flor, retirando suas diferentes partes, e, em seguida, colar cada parte da flor no local indicado na folha. Durante a atividade, os alunos removeram as pétalas, as sépalas, as partes femininas e as partes masculinas da flor, colando-as em seus devidos lugares. Com essa prática, os estudantes puderam examinar de perto as partes reprodutivas masculinas e femininas das plantas e, ao concluir o trabalho, cada um teve a oportunidade de explicar o funcionamento do processo reprodutivo das plantas.

Além das práticas, foram aplicadas atividades educacionais em sala de aula, incluindo palavras-cruzadas, caça-palavras, mapas mentais, jogos de bingo personalizados relacionados aos temas abordados e questionários. Todas essas atividades tinham o propósito de aprimorar o processo de ensino e garantir que os alunos pudessem adquirir um entendimento claro dos assuntos estudados.

Considerações finais

As atividades realizadas em sala de aula tinham o propósito de proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda dos temas abordados nas aulas. Os alunos demonstraram um alto nível de envolvimento nas atividades em sala de aula, realizando e concluindo as tarefas, esclarecendo dúvidas e compartilhando seus comentários. No entanto, as faltas de alguns discentes representaram um empecílio, já que nem todos puderam participar das atividades.

O programa de residência pedagógica está desempenhando um papel fundamental no processo de formação do residente docente, permitindo que adquiram experiência como professores e compreendam os desafios enfrentados na docência, aprendendo a superá-los. Portanto, o programa de residência pedagógica está contribuindo significativamente tanto para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos quanto para a formação dos docentes.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. (2019). Portaria nº 259, de 17 dezembro de 2019. **Dispõe sobre o regulamento do Programa de Residência Pedagógica e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)**. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-259-de-17-dezembro-de-2019-234332362>

CANTO, E. L.; CANTO, L, C.. **Ciências Naturais Aprendendo com o Cotidiano**. 6ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

FREIRE. P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

**SOCIALIZAÇÃO DO PROJETO “NUNCA MAIS UM BRASIL SEM NÓS:
pela honra e valorização dos povos indígenas.” nas turmas do 1º e 5º
ano da escola municipal Maria das Graças Lopes Bezerra no município
de Parnaíba-Piauí**

Lucas Henrique dos Santos Martins – UESPI

Luiz Gonzaga de Carvalho Neto – UESPI

Introdução

A educação é algo primordial para as pessoas, pois com ela se faz mudanças importantes nos sujeitos envolvidos, seja eles docentes ou discentes. Independentemente do lado que se esteja, é algo que proporciona o avanço intelectual e posteriormente, moldam indivíduos para uma convivência harmônica dentro desse meio social. É um direito de todos os brasileiros perante a Constituição Federal de 1988, quando cita em seu Artigo 205 que

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, Art. 205).

Todavia, para que aconteça a educação, o professor(a), profissional da educação é fator preponderante, já que proporciona ações efetivamente significativas para a sociedade, formando primeiramente estudantes, visando o desenvolvimento educacional, pois é essencial para o avanço dos indivíduos e posteriormente, a construção em si do ser humano para uma convivência harmônica dentro desse meio social.

Cury (2003), expressa bem a importância do educador quando cita que

Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos (CURY, 2003, p. 65).

A atuação do profissional docente é a base para essa formação de pessoas. Gradualmente, essas ações sobre o aprendizado dos estudantes irão proporcionar conhecimentos para que os mesmos consigam atingir um saber intelectual e também, obter um pensamento crítico sobre essas práxis. Todos esses atos, também são imprescindíveis para que o educador seja moldado, pois também está em incessante mudança.

Sobre o objetivo do presente descrição foi de explicar a sociedade como um todo o trabalho realizado pelos estagiários para obtenção de nota referente a disciplina de estágio supervisionado obrigatório em ensino fundamental do VIII bloco do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí.

O experimento do estágio curricular proporciona ao discente que está prestes a se tornar um profissional titulado como professor (a), colocar em exercício o que foi aprendido ao longo da jornada acadêmica, entrelaçando teoria e prática. Libâneo (2001), corrobora a importância do estágio curricular obrigatório quando cita que

O conhecimento adquire uma intencionalidade para a práxis. Não simplesmente para ser aplicado a ela, mas também para responder a situações ainda inéditas. Cria-se uma capacidade criativa de articulação entre conhecimento e prática, entre saber e ação, de modo que ambos se alimentam mutuamente. A prática modifica o conhecimento, e este, por sua vez, gera sempre novas práticas. Cria-se, assim, a atitude mental de sempre pensar o conhecimento em sua prolongação prática, e a prática em seu caráter cognitivo (LIBÂNEO, 2001, p.50).

É válido para que o discente visualize o aprendizado com o planejamento feito para a aplicação do que foi proposto e nessa perspectiva, ainda adequar-se com diferentes pessoas, personalidades e culturas. Assim, obtendo uma junção de pontos que regem a prática docente na realidade e sua totalidade. Com isso, desenvolvimento de atos desse tipo fazem com a experiência adquirida, se torne um trabalho eficaz para aconteça a própria construção pessoal do perfil de educador terá em um futuro próximo.

Desenvolvimento

A vivência do estágio curricular supervisionado obrigatório teve-se dentro da perspectiva de duas séries neste relato, sendo no 1º e 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Maria das Graças Lopes Bezerra no município de Parnaíba-PI, advindo em seguida algumas atividades realizadas.

Iniciando o detalhamento das atividades realizadas, será retratada a regência do 5º ano, no dia 06/06/2023. O professor marcou com os alunos uma visita escolar, no museu do mar Delta do Parnaíba, onde retrata fortes vestígios dos povos originários locais, bem como a comunidade do Delta, que pratica e fortifica em suas regiões atividades derivadas dos indígenas e também, suas características e dedicações por meio das nomeações de objetos. Com isso, em primeiro momento na escola o professor pediu para que os alunos copiassem as regras do Museu e explanou sobre elas, logo depois dividiu a turma em dois grupos e pediu a produção de dois cartazes sobre tudo que tinham aprendido sobre o projeto que seria apresentado por eles no último dia de aula. Finalizado os cartazes os professores e a direção da escola levaram todos ao Museu, que chegando lá foi apresentado e mediado pelo professor estagiário aos alunos, destacando e dando ênfase na cultura indígena presente naquele local. Aconteceu ainda uma visita em uma sala dedicada a conservação e conscientização das tartarugas, que estava em exposição no museu, concluído a visita os alunos ao Museu.

Sobre o que foi realizado no 1º ano, elucida-se o ocorrido no dia 07/06/2023. O assunto sobre "Fontes Sonoras – Curiosidades Indígenas". Foi introduzido aos estudantes a temática da aula foi apresentada a eles o Kabuletê, instrumento indígena que também serve de brinquedo. Foi exibido para eles um exemplar feito antecipadamente ao dia da aula, foi repassado aos alunos alguns materiais como papelões, palitos de churrasco, miçangas, linhas e cola para que eles pudessem produzir os próprios exemplares de Kabuletê e depois, focarem no som que é produzido pelo item (seja com o movimento rápido, seja com o movimento devagar do item).

Quanto o que foi detalhado nas ações acima, a práxis e a troca de saberes da relação entre educador versus educando. Paulo Freire (2003) cita que o discente deve admitir-se como tal e conseqüentemente, o docente deve viabilizar

o trabalho conjuntamente dos sujeitos para oportunizar o conhecimento, já que instruir a aprender acarreta autorreconhecimento.

Dessa forma, trazendo aos discentes atividades que os envolvessem, o aprendizado tornou-se dinâmico e significativo. Consequentemente a prática docente acabou sendo efetiva, já que trouxe possibilidades de aprendizado e ressignificação para ambos os lados.

Considerações finais

É fato a importância do estágio curricular obrigatório para a formação do docente. Cria-se experiências que são levadas para uma vida como aprendizados, erros e acertos que só essa vivência proporciona.

É necessário que sempre aconteça a reflexão em todas as ações, já que só com essa prática de análise constante é que pode acontecer uma melhora efetiva das metodologias adotadas. O estudo, planejamento e a prática não possui a garantia aconteça tudo como foi visado pelo docente. Mas a preparação é fator importante para que possa se sobressair de algum contratempo que venha a surgir.

A teoria deve ser presente para que haja embasamento na prática docente, pois é nela que acontece o suporte necessário para obtenção de ideias e daí, coloca-las em prática em um espaço escolar. O fato é que fazer educação é algo fascinante e difícil, pois quando acontece a transformação do estudante com o saber proporcionado/adquirido é algo extremamente satisfatório.

No geral, todo o planejamento foi cumprido como previsto. Porém, com o desenvolvimento das práticas pedagógicas houve uma ideia de como fazer uma ação aprimorada, que o tempo fosse melhor aproveitado e consequentemente, um ganho de qualidade teria acontecido. Mas, somente com a prática é que pode-se obter uma real noção. No mais, tudo foi feito com êxito.

As dificuldades como anteriormente mencionadas foi como se portar nesse meio. Pois, existe o período de ambientação que pode ser rápido ou prolongado. Mas, como o docente deve ter paciência, havendo um planejamento brevemente feito com calma e se pensando bem, as dificuldades foram superadas.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccib>

vil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 16 de out. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em 18 de out. 2023.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha práxis.** 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola.** Goiânia: Alternativa, 2001.

TECNOLOGIA À SERVIÇO DA EDUCAÇÃO: visitando o Museu Nacional

Jeyla Sousa do Nascimento (UESPI)
j.sousa.do.nascimento@gmail.com.br

Carlos Xavier da Silva (UESPI)
luiscxdas@aluno.uespi.br

Wiliana da Cunha Cordeiro (UESPI)
Wilianac@aluno.uespi.br

Valéria Sousa de Araújo (UESPI)
waleryval@hotmail.com

Introdução

O Relato de Experiência apresenta uma atividade desenvolvida, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID) do Curso de Pedagogia de Parnaíba, no âmbito do projeto “Nunca mais um Brasil sem nós, pela honra e valorização dos povos indígenas”. Desenvolvido na escola Benedito dos Santos Lima em parceria com a Universidade Estadual do Piauí (UESPI). A atividade proposta teve como público alvo os alunos do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental através de visitação online ao Museu Nacional.

Desse modo, a atividade se fez necessária não só para promover um momento de contato online entre alunos e os artefatos e materiais presentes no museu, mas sim, o real valor cultural, histórico e social que todo o conjunto de obras dos povos originários significam para a construção identitária do nosso país, proporcionando uma integração cultural significativa entre os saberes e os vestígios históricos desses povos. Com o intuito de conhecer e valorizar o patrimônio cultural, teve como objetivo promover através da tecnologia, uma experiência aos alunos ao Museu Nacional, expondo artefatos de diferentes culturas indígenas. Com isso, constatamos a importância do acesso as tecnologias que proporcione a interação com a história dos povos originários através de artefatos de culturas indígenas, onde visava proporcionar e reconhecer a importância desses povos.

Desenvolvimento

A realização da atividade da visita online ao desenvolvida na referida escola em 15 de junho de 2023, no turno da manhã na biblioteca da própria instituição, utilizamos data show, dividimos a turmas de 3º ao 5º ano, em 2 grupos com 15 minutos de apresentação para cada. A sala da biblioteca foi ambientada para proporcionar uma experiência de conexão dos alunos com a atividade proposta que ocorreu por meio da tecnologia. Os alunos tiveram oportunidade de conhecer artefatos produzidos por diferentes etnias brasileiras e quais suas finalidades, bem como sua estética visual.

Destacamos frente aos alunos a importância da arte Plumária de etnias como a dos Karajás, além das tradicionais pinturas com cerâmica, sendo que os Karajás detêm um saber peculiar com a sua arte. No museu também é apresentado o raheto, grande cocar ornamentando de penas de urubu, periquitos, coelho branco e rosa que são utilizados por indígenas solteiros em festas realizadas pela tribo, sendo assim, os mesmos poderiam apreciar toda essa cultura, neste momento único de oportunidade aos alunos que estão inseridos fora dos grandes centros.

A realização da atividade da visita online ao museu despertou bastante interesse e perguntas dos alunos sobre os artefatos, percebemos que para muitos devido a sua idade, foi um de seus primeiros momentos diante de imagens de tais artefatos e também de um museu. Durante todo o momento deixamos evidente o quanto é necessário manter os valores das culturas indígenas, e ressaltando que seus valores são de grande importância para nossa sociedade contemporânea. Encerramos distribuindo cartilhas com links da visita online ao Museu Nacional para os alunos acessarem quando quiserem.

Segundo Filatro e Cavalcanti (2018, p. 138):

A educação de ambientes imersivos para fins educacionais aponta para um potencial inovador claramente disruptivo. Esse potencial advém da possibilidade de transportar virtualmente estudantes e profissionais para locais diferentes, a fim de explorarem conceitos, processos, fenômenos e circunstâncias de maneiras variadas, engajadoras e motivadoras.

Diante disso, foi determinante a escolha da atividade, entendendo que a tecnologia propicia o contato e a imersão em ambientes culturais. Tendo em vista, que esses espaços contribuem e são essências para a formação social dos

indivíduos e de grande impacto na formação cidadã dos alunos, visto que não é só transmitir conteúdos, mas levar os conteúdos que modifique perspectivas e acrescente mais em suas bagagens culturais, explorando a tecnologia para aplicação de metodologias que facilite a compreensão dos assuntos.

Considerações finais

Conclui-se que a atividade da visita online ao museu despertou bastante interesse e perguntas dos alunos sobre os artefatos, tanto quanto o conhecimento sobre a cultura indígena como pela possibilidade do uso da tecnologia em sala de aula. Observa-se ainda que, quanto ao uso e disponibilidade de ferramentas tecnológicas acessíveis, surge mais a necessidade de trabalharmos com essa modalidade.

Logo, compreendemos que mesmo em pleno séc. XXI, podemos dizer que propostas pedagógicas como a visita online são inovadoras. Dada a importância da utilização das tecnologias em sala de aula. Segundo Cavalcante, 2016:

A adesão escolar precisa estar suscetível no que se diz respeito às tecnologias educacionais, objetivando uma educação de qualidade e informatizada, para isso é preciso rever as diretrizes curriculares abordando a inclusão digital, uma vez que a internet desenvolve diversas aptidões no tocante ao ensino aprendizagem do educando.

Portanto, a escolha da atividade proposta busca se utilizar das possibilidades que a tecnologia proporciona afim de superarmos desafios e limitações do espaço da sala de aula, alcançando e facilitando a melhor compressão e acesso ao conhecimento frente aos alunos. Diante disso, consideramos indispensável a introdução das tecnologias já existente como aliada ao ensino e a aprendizagem dos alunos possibilitando maior compreensão sobre temáticas como a do Projeto “Nunca mais um Brasil sem nós, pela honra e valorização dos povos indígenas” onde torna possível a interação e a compreensão dessas culturas. Tornando possível o conhecimento que resulta na valorização da história de um povo.

Referências

FILATRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina Costa. **Metodologias inova-ativas na educação presencial, a distância e corporativa**. São Paulo: Saraiva. 2018.

MUSEU NACIONAL, 2023. Disponível em <https://artsandculture.google.com/project/museu-nacional-brasil?hl=pt-BR>>. Acesso em: 23 de junho de 2023.

Marília Daniela. A. DIAS, G. A; CAVALCANTI, R. de. A. **As tecnologias da informação e suas implicações para a educação escolar:** uma conexão em sala de aula. Revista de Pesquisa Interdisciplinar, v. 1, ed. especial, p. 160-167, 2016.

TEORIA E PRÁTICA: EXPERIÊNCIAS FORMADORAS A PARTIR DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Aline Teles de Carvalho Pinto – UESPI

alinepinto@aluno.uespi.br

Gabriele Rodrigues – UESPI

gabrielearaujo@aluno.uespi.br

Fabricia Teles – UESPI

fabriciateles@phb.uespi.br

Introdução

A formação profissional é obtida por meio de um processo, o qual perpassa por um conjunto de experiências que incluem o aprendizado por meio de teorias e atividades práticas. No entanto, a formação docente não é findada com a conclusão de um curso de licenciatura, pois ao longo de seu exercício da profissão, o professor passa por vivências contínuas que aprimoram ou estagnam sua performance profissional. Pacheco et al. (2017, p. 333) conceitua o papel docente na sociedade da seguinte forma:

O docente é um sujeito constituído por relações, relações entre professor e aluno, escola e sociedade, teorias e práticas pedagógicas, entre outras. Estas efetivam de forma significativa o processo de formação do professor, fazendo com que este tenha condições de desenvolver seus conhecimentos e saberes epistemológicos, sendo assim norteado para desempenhar com propriedade e competência sua função educacional.

O Programa Residência Pedagógica (PRP) é um programa federal, aplicado em Instituições de Ensino Públicas (IES) onde possibilita que o acadêmico integrante de cursos de Licenciaturas, desenvolva práticas pedagógicas com o auxílio de um preceptor, esse, corresponde a um professor ativo na rede regular de ensino público da cidade em questão. O preceptor tem a função de ajudar o estudante a elaborar planos de aulas e auxiliá-lo no planejamento e execução de projetos de intervenção escolar.

Desta maneira, o programa oportuniza ao aluno ainda em formação inicial docente viver experiências apenas possíveis por meio do exercício docente *in loco*, ou seja, realizando atividades educativas no âmbito escolar. Durante o PRP, o estudante assume a liderança de uma sala de aula por meio da realiza-

ção de regências individuais, onde o professor titular atua supervisionando as ações pedagógicas do estagiário.

Diante deste contexto formativo, por meio das reflexões de acadêmicas/residentes do curso de Pedagogia, surgiu o seguinte questionamento: qual o impacto proporcionado pelas atividades realizados pelo Programa Residência Pedagógica para a formação inicial docente?

Desta forma, o presente texto tem o objetivo de apresentar, brevemente, experiências do PRP Pedagogia de duas residentes em uma escola formadora, na cidade de Parnaíba.

Desenvolvimento

O programa residência pedagógica busca aprimorar as competências do futuro educador e prepará-lo para a sala de aula a partir de experiências práticas na escola. Nessa experiência o aluno residente desenvolve estratégias necessárias para aproximar a teoria aprendida no curso, da prática docente.

A partir disso, o programa exerce uma grande importância na qualificação desse aluno uma vez que permite que o residente adquira conhecimento através da sua experiência em sala de aula. Com isso o aluno não apenas desenvolve novas metodologias de ensino e aprendizagem, como desenvolve novas reflexões através da sua prática.

Na Portaria nº 259/2019 instituída pela CAPES em 17 de dezembro de 2019, é apresentado em seu Art. 5º, os objetivos do programa, sendo eles:

- I - Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, conduzindo o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente;
- II - Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de licenciatura às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC);
- III - Fortalecer e ampliar a relação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as escolas públicas de educação básica para a formação inicial de professores da educação básica; e
- IV - Fortalecer o papel das redes de ensino na formação de futuros professores (BRASIL, 2019, p. 111).

Em uma duração de dezoito meses, o programa garante a participação ativa do residente nas atividades desenvolvidas na escola, tais como períodos de observação e regência em sala de aula, orientadas pelo o preceptor, o qual é responsável por acompanhar o aluno na elaboração de projetos e planos de aula.

Dessa forma, o aluno residente conta com a ajuda de um profissional para o desenvolvimento de recursos e metodologias necessárias para a experiência em sala de aula, com intervenções pedagógicas, e o apoio do professor titular da sala.

Com isso, é possível destacar que o programa exerce uma grande importância na formação inicial do professor, proporcionando ao futuro docente a experiência de se relacionar profissionalmente com outros professores, e de questionar também suas práticas, construindo uma perspectiva que fará o residente construir sua identidade docente.

Na experiência vivenciada pelas alunas do oitavo período de pedagogia, Aline Teles de Carvalho Pinto e Gabriele Rodrigues Araujo, da Universidade estadual do Piauí, o estágio foi realizado na Escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos. A instituição é reconhecida na cidade de Parnaíba pelo comprometimento com a educação e pela boa qualidade de ensino oferecida pelos professores e equipe administrativa da escola, com isso, o estágio proporcionou às residentes a oportunidade de vivenciar a rotina escolar e compreender as dinâmicas pedagógicas que contribuem para o processo educativo das crianças.

Foi desenvolvido no decorrer da experiência, aulas para as turmas do 4º ano do ensino fundamental, com crianças de 9 a 11 anos, em que neste ciclo, estão consolidando habilidades de escrita, leitura e matemática básica. O programa residência pedagógica do curso de Pedagogia, no seu subprojeto, organizou e implementou na escola o projeto pedagógico denominado: "Nunca um Brasil sem nós" relacionado ao estudo da cultura indígena.

O projeto teve como objetivo promover para as crianças a possibilidade de conhecer melhor a sua própria história, valorizando a diversidade cultural, possibilitando um ensino baseado na preservação e valorização desses povos, conhecendo melhor sua origem, influência e importância.

Dessa forma, a experiência vivenciada pelas residentes, contribuiu para aperfeiçoar as práticas pedagógicas, além de ter oportunizado às estudantes

repensar sobre as melhores metodologias a serem aplicadas de acordo com o perfil da sua turma, além de explorar o ambiente escolar e se sentir parte dele.

Considerações finais

Com base no que foi apresentado sobre o PRP, é possível concluir que, a experiência promovida pelo programa é essencial na construção de um bom educador. As contribuições aqui apresentadas evidenciam a importância da prática na efetivação do conhecimento pedagógico.

O programa permite que o discente aprimore sua visão de mundo e construa um ponto de vista crítico sobre as mais variadas realidades apresentadas pelas escolas a partir das vivências dos residentes.

A participação das residentes Aline Teles de Carvalho Pinto e Gabriele Rodrigues Araujo no programa foi fundamental na superação de suas próprias barreiras e dificuldades, contribuindo para a formação profissional das mesmas e amadurecendo suas perspectivas sobre a prática docente.

Referências

DE SOUZA PACHECO, Willyan Ramon; DA SILVA BARBOSA, João Paulo; FERNANDES, Dorgival Gonçalves. A relação teoria e prática no processo de formação docente. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 2, n. 2.0, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Gabinete. **Portaria nº 259, de 17 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre o regulamento do Programa de Residência Pedagógica e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Diário Oficial da União, Brasília, 12 de dezembro de 2019, seção 1, p. 111-115. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-259-de17-dezembro-de-2019-234332362> Acesso em: 26 outubro 2023.

EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL PELO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGOGIA

Krysna Helen Assis de Paula – UESPI
krysnnapaula@aluno.uespi.br

Introdução

O ato de planejar se tornou uma das atividades fundamentais em toda área de atuação na sociedade, extrapolando até mesmo para nossa vivência cotidiana. Em corroboração a isto, Klosouski (2008) afirma que: A ação de planejar faz parte da história do homem, pois, a vontade de transformar.

Aspirações em realidade objetiva é uma preocupação que acompanha a maioria das pessoas. Pensar e planejar são atos que agem concomitantemente. Ao iniciar o dia, o homem pensa e distribui suas atividades de acordo com o seu tempo e com suas necessidades: o que irá fazer, como fazer, para que fazer e com o que fazer. Nas mais simples ações humanas do dia-a-dia, quando o homem pensa de forma a atender seus objetivos, ele está planejando, sem necessariamente registrar de forma técnica as ações que irá realizar durante o dia. (2008, p.02)

O processo de elaboração do projeto de intervenção que teve como temática a luta pela valorização dos povos originários recebeu o título “Nunca mais um Brasil sem nós. Pela honra e valorização dos povos indígenas”. A construção do projeto ocorreu no ensino fundamental, de forma colaborativa entre os graduandos participantes do projeto Residência Pedagógica que foram alocados na instituição educacional São Francisco dos Capuchinhos e Escola Municipal Caio Passos e suas respectivas preceptoras.

Desenvolvimento do projeto

A primeira atividade realizada para o desenvolvimento do projeto foi uma reunião, para estabelecer o material teórico que fundamentou e justificou a necessidade de levar para escola a temática relacionada aos povos originários, em seguida foi pensado em que assuntos deveriam ser explorados no período de aplicação do projeto de intervenção levando a seleção destes assuntos; dança,

linguagem, vivência atual, direito, diversidade, comidas, cultura, artesanato, costumes (tradições) dos povos indígenas.

A segunda parte do projeto consistiu no recolhimento de recursos pedagógicos, onde os estagiários obtiveram material que seria utilizado na aplicação das atividades, os materiais adquiridos foram; argila, palha, papel A4, garrafas pets, cartolinas, pincéis, papelão, EVA, cola, palitos entre outros.

Em sequência reuniões aconteceram presenciais e online foram fundamentais para relatos de atividades realizadas e assim, poder compartilhar o que deu certo e que precisava melhorar, pois a troca de experiências servia para acrescentar ideias valiosas. Com isso a realização do projeto no ensino fundamental, aconteceu na turma do terceiro na escola Capuchinhos, e realizou-se nos meses de maio e julho. Em seguida houve importantes momentos para a socialização e debates sobre quais dinâmicas e brincadeiras sobre o tema do projeto os povos indígenas, e que é de suma importância trazer maneiras de interação e aprendizagem para os alunos. Por fim os relatos serviam para os discentes e docentes pudessem avaliar os planejamentos realizados.

Uma das atividades elaboradas foi sobre grafismo indígena que teve resultados excelentes, pois os alunos puderam usar rolos de papel higiênico e reproduzir uma arte através do desenho, logo após uma explicação e demonstração de vídeos e imagens da cultura indígena sobre o grafismo, que é uma maneira que eles demonstram sentimento, pensamento e informações sobre seu povo ou sua tribo.

Considerações finais

Os meses que estiveram presentes na escola foi de suma importância para a construção profissional e acadêmica, pois a importância do estágio no ensino fundamental para a formação docente é essencial, além de aliar a teoria à prática aprendida na licenciatura, logo foi possível aprender sobre estratégias para facilitar o desenvolvimento das aulas, e metodologias que melhor se adequam a turma

Em suma cada escola tem as suas peculiaridades e diferenças, e com isso é primordial procurar meios e métodos para alinhar o projeto diante o nível de aprendizado que a turma está, para Ibernón (2007), os futuros professores e professoras também devem estar preparados para entender as transformações que vão surgindo nos diferentes campos e para ser receptivos e abertos a con-

cepções pluralistas, capazes de adequar suas atuações às necessidades dos alunos e alunas em cada época e contexto.

Visando a execução do projeto na escola, os métodos foram aplicados de forma dinâmica, participativa e colaborativa com os alunos e a professora titular, pois a turma se empenhou nas atividades e sempre esteve disposta a compreender e tirar as dúvidas que tiveram, além de mostrarem bastante entusiasmo ao decorrer das aulas.

Referências

KIOSOUSKI, SCORSIM. **Planejamento de ensino como ferramenta básica do processo de ensino aprendizagem**. Revista Unicentro, ed.5.2008. Disponível em: [/storage/emulated/0/Download/Klosouski_Planejamento_de_Ensino.pdf](#). Acesso em: 27 Jun de 2023. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. (orgs.). **Estágios Supervisionados na Formação Docente**. São Paulo: Cortez, 2014.

TRABALHANDO COM ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA AJUDAR A COMBATER COM A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA- EXPERIÊNCIA NA ESCOLA BENEDICTO DOS SANTOS LIMA

Waldira Andreina Reis– UESPI

Michelle Martins de Oliveira – UESPI

Rosangela Caralho de Araujo – UESPI

Samara de Oliveira Silva – UESPI

Introdução

O presente relato busca evidenciar experiências vividas por graduandas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Parnaíba (PI) participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na Escola Municipal Benedito dos Santos Lima.

A nossa inquietação para aprofundar a discussão sobre indisciplina na sala surgiu a partir das observações em atuação como bolsistas do PIBID. Dada turma do primeiro ano do ensino fundamental, do turno manhã, que a indisciplina é um dos elementos fortemente presente no âmbito da sala de aula, sendo um dos fatores que dificultam o processo de ensino e aprendizagem.

A indisciplina nos anos iniciais, é um problema recorrente dentro das escolas de educação básica. Tendo em vista que, as crianças estão em processo de aprendizagem de múltiplas formas. Dentre os diversos fatores que podem favorecer a indisciplina em sala de aula abordamos a atitude que a professora adota ao lidar diariamente com tais situações, para isso, o estudo exige uma pesquisa mais aprofundada.

O objetivo central desta pesquisa teve como foco a mediação e elaboração de estratégias emergenciais que poderiam ser adotadas para intermediar e identificar eventuais problemas entre a família, os alunos e professores, para tornar o espaço educacional acessível à aprendizagem de qualidade, dessa forma, traçamos intervenções que nortearam esse trabalho, buscando evidenciar as dificuldades de aprendizagem das quais poderiam estar sendo potencializadas pela indisciplina dos alunos.

Na presente pesquisa foi-se necessário adotar o método de observação dentro da sala de aula para que, assim, as pesquisadoras reunissem os dados acerca do comportamento dos alunos e, com isso, identificar as possíveis cau-

sas relacionadas à indisciplina presente na vida diária escolar. Utilizamos jogos e brincadeiras com intuito de observar uma dinamicidade diferente em sala, além de contação de histórias e momentos de rodas de conversas para fortalecer a relação entre professor e aluno.

Desenvolvimento

Para uma maior compreensão sobre esse assunto, precisamos entender primeiro o que é disciplina. De acordo com Parrat-Dayana (2015), a disciplina é um conjunto de regras e obrigações estabelecidas por um grupo social, e aqueles que não as seguem poderão estar sujeitos às consequências.

No contexto escolar, esse conjunto de normas de conduta, conhecida como disciplina, tem como principal objetivo manter a ordem dentro da escola para possibilitar uma aprendizagem significativa. A indisciplina é um fenômeno que pode ocorrer em algum momento do processo de desenvolvimento de todo ser humano. No entanto, no ambiente escolar, as crianças vão tomando consciência do que é certo e errado, a depender das regras estabelecidas nas Instituições escolares.

É nesse sentido, que a quebra de regra é considerada indisciplina escolar, podemos entender a indisciplina como a não aceitação dessas regras e obrigações estabelecidas. Aquino (1996), argumenta que a indisciplina pode se manifestar tanto por um indivíduo quanto por um grupo e, se caracteriza por comportamentos inadequados e falta de cooperação.

Esta é uma falha em cumprir as normas e padrões de comportamento esperados de um aluno, ou grupo de alunos. De acordo com as observações realizadas, o relato da professora da turma do primeiro ano, turno manhã, denomina indisciplina, como um conjunto de fatores relacionados à falta de respeito, desobediência às regras e falta de limites por parte da família e acrescenta que, a desestruturação das famílias e a falta de acompanhamento familiar foram apontados como os principais fatores que influenciam a falta de disciplina.

Durante a observação, também registramos que, a condição emocional do professor interfere diretamente na dinâmica da sala, quando o professor se apresenta estressado e com pouca organização didática, torna-se um agravante

das condições negativas do ambiente escolar, tornando-se mais presentes situações de violência física empurrões entre os alunos, gritos e desvio de atenção.

A consequência se agrava no atraso escolar, dificuldades no processo de escrita e leitura, onde uma grande parte dos alunos acabam por desconhecer vários fonemas e grafemas. Levando em consideração as análises das observações realizadas na respectiva da turma, constata-se que, o agravamento da indisciplina se enraíza em vários aspectos, como a falta de atenção dos alunos, o desrespeito aos professores e com os colegas, a desorganização e pouca higiene para manter a sala organizada, e até mesmo, em violência física entre as crianças, além da deficiência metodológica da professora em conduzir a rotina em sala, deixando de lado a acolhida, exigindo tarefas logo nas primeiras horas da manhã, onde a maior parte dos alunos se encontravam dispersos e sem motivações para atender os comandos determinados pela professora da sala.

No entanto, para diminuir a indisciplina no ambiente escolar, principalmente em sala de aula, procuramos estabelecer rotinas de conversas com as crianças, além de elaborarmos jogos e brincadeiras que tinham como foco a introdução de regras e normas, a princípio apenas nos momentos das brincadeiras que logo passaram por ser uma rotina da sala, onde os próprios alunos acabavam por entender que, brincadeiras maldosas, desobediência, palavrões e agressões não seriam, de certa forma, recompensados.

Considerações finais

Com a realização desse estudo, observou-se que a indisciplina escolar é um fenômeno ocasionado por diversos fatores e, que pode dificultar o processo de aprendizagem levando a consequências mais graves, entre elas, o fracasso escolar dentre as causas da indisciplina, a falta de acompanhamento da família, uma pequena parcela dos pais tinha como hábito levar ou buscar seus filhos na escola, dos poucos que tinham esse compromisso, acabavam por não questionar a professora sobre o desempenho escolar, mas sempre acabavam por questionar o comportamento, dessa forma o aluno entende que o mau comportamento chama a atenção dos pais que muitas vezes demonstram interesse na vida escolar do aluno por motivos negativos, contribuindo negativamente no ambiente escolar.

Notamos que quando existe uma boa interação entre a família e a escola, os resultados se manifestam positivamente no comportamento no contexto escolar e, conseqüentemente, melhoram o convívio social fora da escola também.

A disciplina e regras bem estruturadas aplicadas no ambiente escolar é uma das intervenções que a professora acabou por tomar visando a melhoria no processo de ensino aprendizagem. Constatou-se ainda que, a escola, paradoxalmente pode ser um ambiente favorável a atos indisciplinados, este trabalho, é limitado pelas questões elucidadas do fenômeno indisciplinados presentes em sala de aula, pois entende-se que, a indisciplina, requer muito tempo de estudo para identificar-se as inúmeras possibilidades que podem afetar negativamente cada criança.

Concluímos que a problemática é necessária, sem deixarmos de lado estudos acerca do assunto, explorando todas as dimensões e/ou ações que a escola pode adotar em conjunto com os pais e professores para que se estabeleçam estratégias que visem amenizar as relações conflituosas do ambiente escolar. Portanto, os objetivos foram alcançados parcialmente, já que se entende que essa temática é inesgotável e sempre surge um novo contexto, uma nova causa a ser estudada e uma nova estratégia a ser adotada.

Referências

AQUINO, Julio Groppa (Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 16 ed. São Paulo: Summus, 1996.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. Tradução de Elzon Lenardon. – São Paulo: Summus, 1994.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

TUMELERO, N. **Normas da ABNT: como fazer a formatação de trabalhos acadêmicos da maneira correta**. Disponível em: <<https://blog.mettzer.com/normas-abnt/>>. Acesso em: 27 out. 2023.

VALORIZAÇÃO DA ARTE E DA CULTURA INDÍGENA ATRAVÉS DA PINTURA CORPORAL

Francisca Leandra de Carvalho Barros (UESPI)
fleandradecarvalhobarros@aluno.uespi.br

Gabriele Silva Lima (UESPI)
gabrielesilvalima@aluno.uespi.br

Thays Souza Nunes dos Santos (UESPI)
thayssndoss@aluno.uespi.br

Márcia Maria Miranda Cabral de Carvalho (UFPI)
prof.marciacabral@hotmail.com

Introdução

O Relato de Experiência apresenta e descreve a atividade desenvolvida na escola CAIC-EDUCAÇÃO INFANTIL da cidade de Parnaíba (PI), com a turma do infantil IV, por discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí. A atividade realizada na vivência compartilhada para exposição neste relato foi a atividade de Pintura Corporal.

A iniciativa parte da necessidade de valorização da arte, da cultura, história e memória dos povos indígenas, mostrando o motivo pelo qual eles pintam o corpo, além de apresentar as cores que são utilizadas e de onde são extraídas. Feitas normalmente de elementos naturais, como urucum e jenipapo, as pinturas podem se manter durante dias na pele.

O trabalho realizado tem como objetivo apresentar às crianças um pouco da cultura dos povos indígenas, fazendo-as saber a importância que esses povos têm no nosso país e a contribuição que dão a nossa cultura, para que assim elas possam valorizá-los.

Por meio das pinturas corporais, os indígenas carregam no corpo e no rosto a identidade cultural de sua comunidade. As pinturas são as marcas de muitas etnias e são diferentes para cada ocasião. A riqueza estética e a diversidade da pintura indígena, são impressionantes. Sendo diferentes os sentidos das pinturas feitas em homens e mulheres.

Trabalhamos seguindo a Base Nacional comum curricular (BNCC), no que tange os seis direitos de aprendizagem para a educação infantil, conviver, brin-

car, participar, explorar, expressar e conhecer-se. A atividade escolhida entre as oito realizadas com as crianças do Infantil IV da escola pública municipal CAIC- EDUCAÇÃO INFANTIL, foi sobre a cultura da pintura corporal indígena, onde levamos para dentro de sala de aula relatos sobre a identidade cultural de cada povo indígena, de uma forma criativa e lúdica para melhor entendimento das crianças.

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou formação crítica do educando, quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade. (DALLABONA; MENDES, 2004, p. 107).

Percebe-se então, a importância de se trabalhar o lúdico na educação infantil, é o aprender brincando. E a tinta é algo que chama logo a atenção das crianças, foi uma atividade de grande êxito, em que a expressão de felicidade no rosto das crianças foi satisfatória.

As tintas escolhidas para trabalharmos foram vermelho, branco e preto, cores nas quais são encontradas facilmente por esses povos na natureza, por meio de frutas e calcário que se encontra na terra. “Muitas pessoas fazem pinturas, porque acham bonitas, mas nem sempre as pinturas bonitas significam alegria. Muitas vezes significa luto, tristeza e passagem.” (PUTIRA apud ROCHA, 2019, P. 1) A arte indígena brasileira é composta por tudo que é produzido pelos povos indígenas e representa a cultura e tradição dos mesmos. Manter esse ritual vivo é de grande importância para cultura brasileira.

Desenvolvimento

Decidimos então relatar a experiência que tivemos sobre a pintura corporal, a atividade foi realizada no dia 25 de maio de 2023, iniciamos com a acolhida das crianças e logo após apresentamos a atividade que iríamos realizar no dia, onde as crianças de imediato demonstraram grande empolgação, explicamos a princípio sobre a origem de cada tinta, que são extraídas de frutas como jenipapo para a tinta preta, urucum para a tinta vermelha, o açafrão para a amarela e o calcário que é extraído da terra para a tinta branca.

Arte na pele, a pintura corporal não é apenas uma questão estética, ou apenas para proteção contra insetos e raios solares. Cada povo retrata sua identidade cultural por meio de traços que revelam toda uma simbologia. Há pinturas específicas para festividades, para identificação das famílias, para apontar o estado civil ou o status social. É possível identificar os povos do Tocantins somente pela observação das pinturas (FONTES, 2021, p. 1).

Falamos também que cada pintura tem um significado e é a identificação de cada tribo, existem pinturas que expressam cada tipo de sentimento, luto ou rituais das mesmas. Geralmente, a pintura é realizada pelas mulheres da tribo, em dias normais a pintura se caracteriza como simples já em dias de comemorações é usado pinturas mais elaboradas e detalhadas.

Depois da explicação demos início a pintura, nesse dia foram para a escola apenas 12 crianças e apenas 1 não aceitou participar da atividade. Fizemos traços semelhantes aos usados pelos povos indígenas, porém, diversificando de uma criança para outra, alguns diziam como queriam, pois levamos algumas imagens impressas de crianças indígenas para eles verem. As crianças adoraram vê o resultado, mas, ficavam perguntando se a tinta iria sair, logo após veio o recreio e muitos suaram fazendo com que a tinta escorresse, os mesmos chegaram a pedir para retirarmos as pinturas para quando seus pais chegassem os vissem caracterizados.

Considerações finais

Diante de tudo que foi relatado e de toda a experiência vivenciada nesta atividade, podemos perceber que houve uma troca enorme de aprendizado, nós aprendemos ao estudar e analisar a melhor maneira de como fazer uma atividade em que as crianças de apenas 4 anos de idade possam entender a importância daquela pintura que ela vê no corpo do povo indígena. Em todas as atividades que foram trabalhadas com as crianças conseguimos trabalhar com a socialização, a ludicidade e o envolvimento delas. No entanto, a atividade da pintura corporal foi uma atividade muito prazerosa e que se repetida em séries seguintes, ficará para sempre na memória das crianças a essencialidade dessa pintura para esses povos. Eles irão lembrar que os indígenas só utilizam o que podem extrair da natureza e o verdadeiro significado da pintura corporal para eles.

Essa atividade contribuiu para o entendimento das crianças sobre o incontestável significado da pintura corporal para os povos indígenas, para que ela

compreenda que não é só estético. E que os traços que esses povos utilizam têm um sentido e significado, representa tristeza ou alegria.

As pinturas diferem de acordo com a tribo e que não são todas as cores que eles utilizam, pois nem todas elas podem extrair da natureza, o azul por exemplo é uma cor que não existe na pintura corporal desses povos. Fazer a pintura nas crianças foi o diferencial da atividade, pois não ficou apenas na teoria, mas também na prática, na brincadeira.

É de suma importância que se trabalhe desde das séries iniciais a valorização da arte e da cultura indígena, para que haja uma desconstrução preconceituosa da sociedade em relação a esses povos. Esta atividade foi mais uma que muito contribui para nossa formação docente, e as crianças são responsáveis pelo nosso crescimento profissional.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schmitt. O Lúdico na Educação Infantil: Jogar, Brincar, uma forma de educar. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**. Santa Catarina, Vol. 1, n. 4, p. 107-112, jan/mar 2004. Disponível em: <https://www.inesul.edu.br/doc1311627172>. Acesso em 21 ago 2023.

FONTES, Seleucia. Governo do Tocantins evidencia a simbologia da pintura corporal indígena que revela a identidade cultural dos povos ancestrais. Governo do Tocantins, 2021. Disponível em: <https://www.to.gov/noticias/governo-do-tocantins-evidencia-a-simbologia-da-pintura-corporal-indigena-que-revela-a-identidade-cultural-dos-povos-ancestrais/10xx97y6k2n>. Acesso em 21 ago. 2023.

ROCHA, Rebeca. **Pinturas corporais indígenas são marcas de identidade cultural**. Portal UFPA, 2019. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/9573-pinturas-corporais-indigenas-sao-marcas-de-identidade-cultural>. Acesso em: 24 jun. 2023.

VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA ATRAVÉS DAS PINTURAS CORPORAIS E GRAFISMOS: uma experiência pedagógica de sensibilização e aprendizado significativo

Lorranny de Fatima Souza Barros (Uespi)

lorrannydefatimasouza@aluno.uespi.br

Maria de Jesus Nascimento Galeno (Uespi)

mdejesusng@aluno.uespi.br

Introdução

As pinturas corporais e os grafismos tem uma grande importância na cultura de diversos grupos étnicos, podendo representar diversos significados ou rituais. Segundo Ribeiro:

Os índios foram os primeiros habitantes do território brasileiro. São formados por povos diferentes, com hábitos, costumes e línguas diferentes. A pintura corporal para os índios têm sentidos diversos, não somente na vaidade, ou na busca pela estética perfeita, mas pelos valores que são considerados e transmitidos através desta arte. Entre muitas tribos a pintura corporal é utilizada como uma forma de distinguir a divisão interna dentro de uma determinada sociedade indígena, como uma forma de indicar os grupos sociais nela existentes, embora existam tribos que utilizam a pintura corporal segundo suas preferências. (Ribeiro, 2012, p. 15)

O projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas” teve o intuito de conscientizar e promover às crianças e o meio escolar, uma visão mais ampliada sobre a importância da cultura dos povos indígenas e incentivar o respeito pela cultura e costumes étnicos desses povos. A atividade escolhida para o relato foi a confecção de cartazes sobre grafismos e pinturas indígenas. Buscamos levar um vídeo do youtuber Wariu, da etnia Xavante, no qual ele mostrava alguns exemplos de pinturas e grafismos de diferentes etnias, seus significados e sua importância nas culturas dos povos originários também levamos alguns roteiros de atividades sobre essas etnias para cada grupo do trabalho.

A atividade teve o intuito de apresentar essas pinturas e grafismos pela visão de um indígena que está diariamente inserido naquele ambiente, dessa

forma mostrando com mais clareza para as crianças a importância desses desenhos para esses grupos étnicos. Como escolhemos essa atividade que envolvia desenho, sentimos as crianças muito mais envolvidas e interessadas na atividade. Sobre isso, Freire (1990) discorre que:

Na medida que a prática escolar considerar a expressão artística como algo substantivo, como algo tão necessário quanto saber matemática, para a vida; no momento em que a escola testemunha isso ao aluno, no momento em que respeita a expressividade criadora do aluno, em que a escola respeita as práticas fazedoras de boniteza dos meninos e das meninas. (FREIRE, 1990, s/n apud LEITE, 2021, p. 93)

Destaca-se que as ações pedagógicas voltadas para a utilização de diferentes formas colabora para o aprendizado de forma significativa, para além das “práticas fazedoras de boniteza” na escola que despertou para novos valores e compreensão de mundo das crianças.

Desenvolvimento

A atividade foi realizada na Escola São Francisco dos Capuchinhos, dia trinta e um (31) de maio de dois mil e vinte três (2023), em uma turma de quinto ano, no qual as crianças têm por volta dos onze (11) ou doze (12) anos. A atividade se iniciou com a apresentação do vídeo “Pinturas indígenas e seus significados” do youtuber Wariu, da etnia Xavante, no qual ele explica sobre os grafismos de diferentes etnias, onde expõe a importância e ocasiões em que são usadas e todo o contexto dessa tradição. Também foi utilizado um roteiro simples com alguns grafismos de algumas etnias e seus significados dentro delas para auxiliar melhor as crianças na elaboração dos cartazes.

Em seguida abrimos um diálogo com a turma sobre alguns pontos do vídeo e buscamos também relembrar alguns textos que foram passados em atividades anteriores que reforçaram o tema das pinturas corporais indígenas, buscando, dessa forma incentivá-los a participar, interagir e falarem sobre pontos entendidos por meio desses materiais que expomos nas atividades sobre o tema. Planejamos a atividade para que ela ocorresse em grupos para incentivar uma aprendizagem colaborativa, na qual os membros têm a oportunidade de compartilhar conhecimentos, experiências e perspectivas diferentes.

A atividade promoveu um ambiente de aprendizagem colaborativa, no qual cada pessoa contribui com suas habilidades. Antes de iniciar os desenhos, as

crianças revisaram cuidadosamente o roteiro da atividade. Se concentraram na compreensão das instruções e nas orientações fornecidas, garantindo que todos estivessem na mesma página, e quando tinham dúvidas faziam questão de nos chamar para resolvê-las. Essa etapa foi crucial para assegurar que cada grupo estivesse ciente das expectativas e dos objetivos da atividade.

Com os roteiros frescos em suas mentes, as crianças começaram a dar vida aos desenhos. Eles pegaram as cartolinas, lápis de cor, canetas e outros materiais, demonstrando entusiasmo e empenho em cada traço. À medida que avançavam no processo criativo, era visível a concentração em seus rostos, bem como as conversas e trocas de ideias que surgiam naturalmente dentro dos grupos. Os grupos trabalhavam em ritmos diferentes, alguns avançando rapidamente e outros tomando um tempo adicional para aprimorar cada detalhe.

Essa etapa do processo foi fundamental para consolidar as reflexões e discussões anteriores, permitindo que as crianças expressassem sua compreensão e criatividade por meio dos desenhos. Foi um momento enriquecedor, no qual os estudantes puderam aplicar o que aprenderam e mergulhar em um processo artístico coletivo, reforçando não apenas suas habilidades artísticas, mas também o espírito de trabalho em equipe e colaboração.

Considerações finais

A intenção pedagógica desta atividade foi propagar a cultura indígena acreditando que seja de grande importância para os conhecimentos existentes em nossa história. Ao abordarmos o tema dos grafismos indígenas, sentimos a responsabilidade de fornecer às crianças informações precisas e autênticas. Para isso, empenhamo-nos em pesquisar o máximo de conhecimento, recorrendo a fontes confiáveis e procurando conteúdos produzidos por indígenas. Essa abordagem nos permitiu obter uma compreensão mais aprofundada sobre os grafismos, suas origens, significados para a cultura e importância dentro das comunidades indígenas.

Nossa busca por informações confiáveis foi motivada pelo desejo de honrar e valorizar a cultura, evitando apropriações indevidas ou estereótipos. Ao consultar fontes e conteúdos criados por membros das próprias comunidades indígenas, pudemos adquirir uma visão mais autêntica e sensível da riqueza cultural expressa nos grafismos.

Esse processo de pesquisa e preparação exigiu dedicação e tempo, mas foi fundamental para embasar nosso trabalho como docentes e garantir que fosse

transmitido às crianças informações corretas. Além disso, essa abordagem nos permitiu enriquecer nosso próprio conhecimento e apreciação pela cultura indígena, abrindo espaço para uma maior valorização das contribuições e saberes dos povos originários. Os resultados observados na realização da atividade demonstraram uma participação ativa e um engajamento significativo por parte das crianças. Eles se mostraram receptivos e abertos a refletir sobre o verdadeiro significado e a importância das pinturas para os povos indígenas.

Podemos constatar por meio dessa atividade que os estudantes conheciam pouco sobre o real significado das pinturas e grafismo indígena e carregavam ainda muitos estereótipos.

A atividade trouxe uma importante reflexão sobre o entendimento da diversidade de pinturas e seus significados entre as diferentes etnias indígenas. Dessa forma podemos concluir que o tema é um instrumento de reconhecimento quanto ao referencial da cultura indígenas. Sendo de suma importância trazer para dentro das escolas esse conhecimento sobre a cultura dos povos originários.

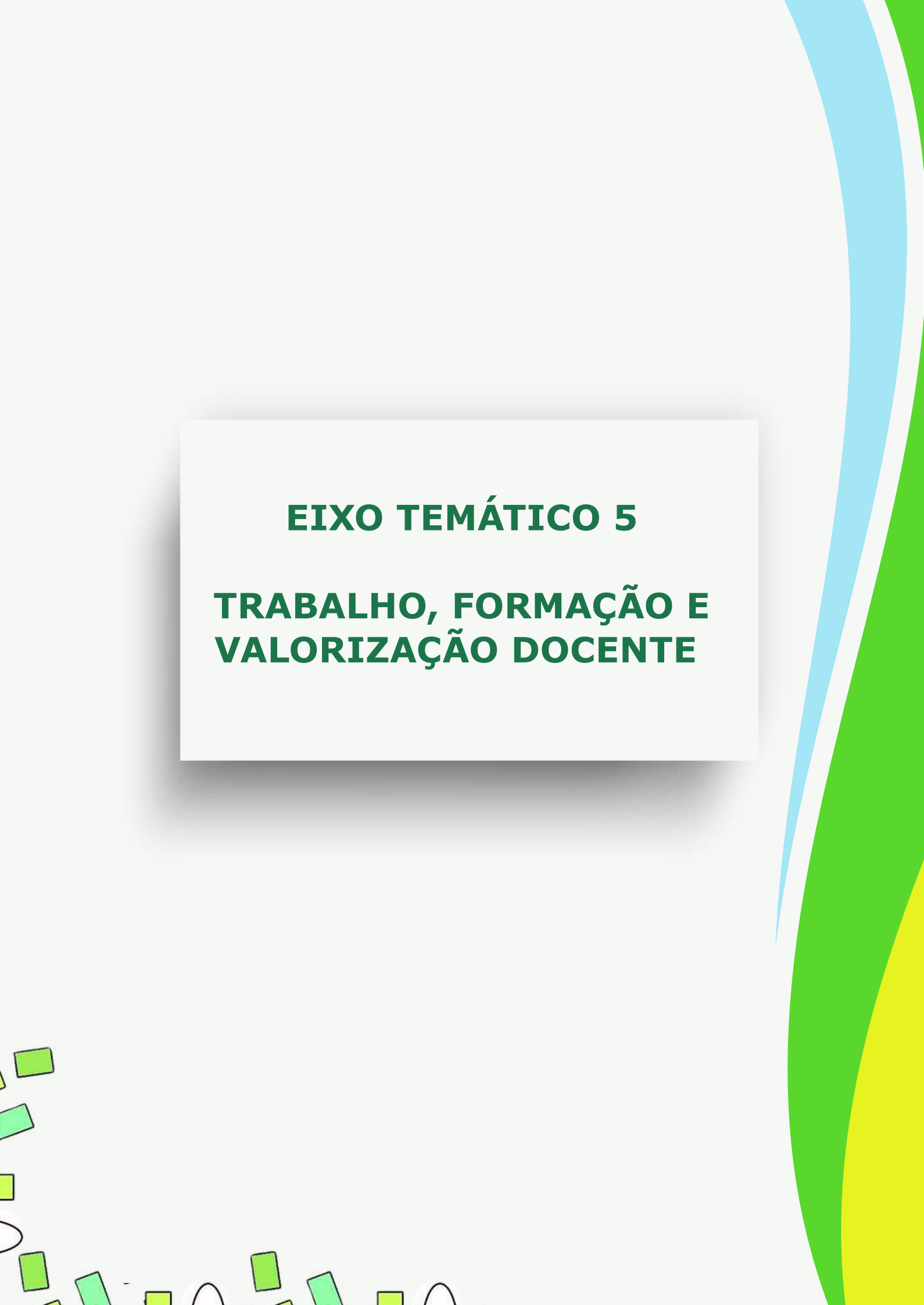
Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso 15 out. 2023.

LEITE, Álvaro P. Paulo Freire e arte educação: Considerações sobre a estética freireana e a arte na educação/formação. **Educação, Sociedade & Culturas**, [S. l.], n. 54, p. 85–103, 2021. DOI:10.34626/esc.vi54.51. Disponível em: <https://www.up.pt/revistas/index.php/esc-ciie/article/view/51> . Acesso em: 15 out. 2023.

RIBEIRO, Maristela Maria. **GRAFISMO INDIGENA: INFLUÊNCIA GRAFISMO CORPORAL**. Brasília, 2012.

WARI'U. **Pinturas indígenas e seus significados**. YouTube, 24 nov. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vWmZKwS_tWM>. Acesso em: 31 de maio, 2023.



EIXO TEMÁTICO 5

TRABALHO, FORMAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOCENTE

A IMPORTÂNCIA DO DEBATE E CONSCIENTIZAÇÃO DAS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING: um relato de experiência do programa residência pedagógica

Maria Luiza Sousa Santos (UESPI)

Email:marialsantos@aluno.uespi.br

Gisele de Brito Delfino (UESPI)

Email:giseledelfino@aluno.uespi.br

Thiago Costa dos Santos (UESPI)

Email:thiagoc4002@gmail.com

Filipe Augusto Gonçalves de Melo (UESPI)

Email:filipe.melo@phb.uespi.br

Introdução

A Escola, representa um espaço fundamental para a educação formal e o desenvolvimento intelectual, socioemocional dos indivíduos, pois desempenha um papel crucial na formação de valores, habilidades e competências essenciais para a participação ativa na sociedade (SMITH, 2019; SILVA, 2019;). No entanto, estas enfrentam frequentemente cenários de violência, representando um desafio complexo que requer uma abordagem multidimensional para garantir um ambiente seguro e saudável (SANTOS, 2016; RODRIGUES,2019;). Tal realidade prejudica não apenas o âmbito educacional, mas também o desenvolvimento social e emocional dos estudantes.

Dessa maneira, o *bullying*, pode se manifestar como qualquer tipo de agressão, física, verbal, social ou psicológica, beirando até mesmo manifestações de exclusão e discriminação, causando danos à vítima de maneira intencional e repetitiva, em diversos fatores, como dinâmicas familiares, influências sociais e problemas emocionais (ALMEIDA, 2018; RODRIGUES, 2018; MARTINS, 2020;). Suas consequências apresentam impactos significativos no bem-estar emocional e no desempenho acadêmico dos estudantes, pois a exposição a este pode contribuir para o desenvolvimento de outros problemas, como os transtornos alimentares, devido ao efeito negativo na auto-imagem e na autoestima das vítimas (MENDES, 2018; SANTOS, 2020;)

No cerne desse local de aprendizagem, o professor, desempenha funções essenciais na moldagem do conhecimento, guiando os alunos na jornada de

descoberta e compreensão do mundo ao seu redor, sendo um agente transformador na formação integral dos alunos (OLIVEIRA, 2018; SANTOS, 2020;).

Por enfrentar tamanhos desafios, educação brasileira sofre momentos de horrores, entre massacres e casos de violência diários, onde o medo tem assolado o corpo escolar fazendo com que a escola, acabe se tornando palco para o terror. Nesse contexto, surge a BNCC (Brasil, 2018), definindo como competência, a mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana. Para isso, apresenta-se esse relato que teve como aspecto principal, contemplar as competências gerais de número 8, 9 e 10 que discorrem sobre a importância de escutar e orientar os alunos nas mais diversas situações, para que possam compreender-se na diversidade humana e reconhecer suas emoções e as do próximo, com autocrítica e capacidade para lidar com elas, exercitando a empatia, o diálogo, e entre outros, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro.

Ademais, representa o panorama de resultados obtidos em uma palestra acerca do impacto do *bullying*, em forma de brincadeiras depreciativas, nas dimensões emocionais e psicológicas de alunos do ensino fundamental, que foi ministrada no Programa Residência Pedagógica pelos alunos-residentes do subprojeto de Biologia da Universidade Estadual do Piauí *Campus* Parnaíba.

Desenvolvimento

A palestra foi dirigida por três residentes da tarde, sob orientação da preceptora e aplicada em três turmas do 8º ano do ensino fundamental, na Unidade Escolar Padre Raimundo José Vieira, localizada no município de Parnaíba-PI. No primeiro dia de observação na turma do 8º ano C, surgiu a ideia de realizar uma palestra enfatizando a temática do *bullying*, pois haviam alunos chorando devido comentários maldosos dos colegas, além de muitas zombarias. Problemas semelhantes foram surgindo no decorrer dos dias, com isso, colocamos a ideia em prática na tentativa de minimizar esses problemas.

Iniciamos pela dinâmica do espelho, onde os alunos eram convocados, um por vez, para olhar dentro de uma caixa que possuía um espelho, e falar duas características físicas que lhes agradava e que não gostavam da pessoa que era vista, sem revelar para aos outros quem ela era. Tivemos uma surpresa quando uma aluna que ao olhar falou que não merecia viver com os olhos marejados, a acolhemos e tentamos conversar com ela, que por sua vez não quis dialogar e assim seguimos com a dinâmica. Após todos os alunos terem participado, hou-

ve uma breve fala sobre empatia, os alertando sobre brincadeiras depreciativas que eram praticadas com os colegas e os orientando a respeitar as diferenças. Então, seguimos adiante, apresentando informações e possíveis causas de três transtornos alimentares: Anorexia nervosa, Bulimia e Compulsão alimentar.

Após a finalização da palestra, convidamos a aluna novamente para conversar, mas ela se negou, no entanto, logo depois, dois alunos nos procuraram e relataram que o motivo que deixou a colega cabisbaixa foi uma “brincadeira” que havia ocorrido no dia anterior, no intervalo, na qual eles escreveram coisas cruéis sobre a aluna em questão, que não a agradaram. Descobrimos, então, que outros alunos também fizeram o mesmo com outros colegas e a partir disso, conversamos com eles, e orientamos os mesmos para que fossem pedir desculpas a todos aqueles que haviam magoado.

Considerações Finais

Vivemos em uma realidade onde pensar no *bullying* no ambiente escolar e buscar ações que tentem amenizá-lo é uma questão urgente pois suas consequências têm se alastrado violentamente por toda a nossa sociedade, transformando nossas crianças e adolescentes em meros instrumentos, os deixando a mercê do ódio que se propaga por todos os cantos. De uma forma geral, o debate acerca da temática dos transtornos alimentares e o *bullying* nas escolas faz-se necessário pois segundo Rodrigues et al. (2021) este o principal local de ocorrência dessa violência e por isso o corpo escolar deve estar atento e preparado para elaborar estratégias que incluam a participação de familiares, professores e profissionais de diversas áreas para a promoção do convívio saudável.

Apesar de termos alcançado nosso objetivo, esta temática ainda se faz urgente, por isso é necessário uma maior ênfase acerca dessas questões e também a tomada de ações por meio dos governantes, com a criação de políticas públicas que venham ajudar a reduzir os índices desse mal, visando uma melhora na qualificação dos profissionais da educação, para que estes estejam aptos a lidar com esses problemas e dessa maneira possam orientar seus alunos.

Para concluir, destacamos a importância do Programa Residência Pedagógica como uma forma de propiciar uma maior visão acerca dos temas abordados e promover vivências que mudaram nossa visão profissional, além de explicitar debates acerca de valores fundamentais de mútuo respeito, empatia, solidariedade e comunicação, entre todos os envolvidos na vida escolar, principalmente os alunos.

Referências

- ALMEIDA, Maria. **Bullying na Escola: Compreensão e Intervenção**. Editora XYZ, 2018.
- ALMEIDA, Maria. **O Papel da Escola na Formação Integral dos Indivíduos**. Editora XYZ, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- MARTINS, Carlos. **Violências nas Escolas: Impactos e Estratégias de Prevenção**. Editora ABC, 2020.
- MENDES, Ana. **Bullying e Violência Escolar: Impactos e Desafios**. Editora XYZ, 2018.
- OLIVEIRA, Ana. **O Papel do Professor na Moldagem do Conhecimento**. Editora ABC, 2018.
- RODRIGUES, Carla. **Desafios da Violência Escolar na Atualidade**. Editora ABC, 2019.
- RODRIGUES, Delbana Pereira et al. Implicações do bullying na saúde mental de adolescentes obesos: revisão integrativa. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 25, n. 1, abr. 2021. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/71337/43598>. Acesso em: 19 out. 2023.
- SANTOS, Maria. **Desafios da Violência Escolar: Uma Abordagem Multidimensional**. Editora ABC, 2016.
- SANTOS, Pedro. **A Importância do Professor no Contexto Escolar**. Editora XYZ, 2020.
- SILVA, Ana. **Bullying e Violência Escolar: Impactos e Estratégias de Intervenção**. Editora XYZ, 2019.
- SILVA, Joana. **O Papel da Escola na Formação de Valores e Competências**. Editora ABC, 2019.
- SMITH, J. (2019). **A importância da escola na formação educacional**. Editora ABC.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM ALTOS – PI DURANTE A PANDEMIA: relato de experiência

Thathyany Freitas Miranda (UFPI)

Especialista em Metodologia do Ensino (UFPI0 e em ABA (FAEME)

Professora de educação básica em Teresina e em Altos (PI)

thathyanyfm@gmail.com

Introdução

Sabe-se que durante a pandemia do Covid-19, enfrentamos desafios relacionados à educação. Além de aprender a ministrar e preparar suas aulas remotas, os professores precisavam aprender a usar as redes sociais entre outros aplicativos para participarem de formações. Este trabalho tem como objetivo sintetizar uma experiência em formação de professores durante a pandemia para aqueles que ministravam aulas nas turmas de Educação de Jovens e Adultos na cidade de Altos (PI) em 2021.

A tecnologia sempre foi nossa aliada e há cerca de três anos tivemos que tê-la como “parceira” dentro do processo de ensino-aprendizagem para que os alunos e demais professores pudessem interagir e continuar a educar de maneira que a sociedade não fosse prejudicada. Como questão norteadora temos: Quais os fatores positivos e negativos teve a formação de professores da EJA durante a pandemia? A partir desse propósito, pretendemos analisar como as formações foram realizadas durante o ano de 2021 no município de Altos (PI) e ponderar sobre os impactos das formações durante as aulas remotas durante o período da pandemia do Covid-19.

As reflexões têm como referencial teórico autores como: Nóvoa (2009), Moran (2013), Souza e Carvalho (2021), dentre outros que contribuíram e ainda colaboram na compreensão da formação de professores dentro e fora do contexto da pandemia. Em seu artigo “Para uma formação de professores construída dentro da profissão”, Nóvoa (2009, p. 4) afirma que

Não se trata de adoptar uma qualquer deriva praticista e, muito menos, de acolher as tendências anti-intelectuais na formação de professores (Nóvoa, 2008). Trata-se, [...] de abandonar a ideia de que a profissão docente se define [...] pela capacidade de transmitir um determinado saber.

Esse desenvolvimento profissional acontece no cotidiano das aulas durante a troca de experiências com outros colegas e em situações vividas na sua própria rotina. O professor deve ser capaz de favorecer uma prática pedagógica mais consciente, competente, atualizada e próxima da realidade vivida e para isso independente do contexto em que se encontra, buscar novos meios de se aperfeiçoar e tornar a educação mais significativa.

Por conta da pandemia, muitos meios inovadores surgiram e voltaram a ser utilizados para que as formações se tornem ações mais práticas e tenham significado dentro do processo de aprendizagem. A formação dos professores da EJA no município de Altos (PI), pretendia dar aos professores uma base consolidada e ao mesmo tempo, propor meios para que suas aulas acontecessem com o público-alvo de cada comunidade escolar cujas interações fossem as mais próximas da realidade.

Desenvolvimento

O relato de experiência aqui apresentado teve como universo de pesquisa as formações continuadas dos professores da EJA no município de Altos (PI), contemplando cerca de 16 professores da rede municipal. As formações aconteceram de forma remota, no turno noite, mensalmente e com duração de até 4h com direito à certificação de 40h no final do ano.

Tal pesquisa tem cunho qualitativo, bibliográfico e de relato de experiência narrativa para atender as demandas deste Seminário. Qualitativa porque segundo Ludke e André (1986, p. 11), “o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...]”. O que facilita a análise dos dados e uma reflexão mais assertiva dentro da pesquisa. Bibliográfica porque se reporta às pesquisas e consultas de livros ou documentações escritas no intuito de ampliar os conhecimentos teóricos acerca do assunto abordado. E relato de experiência porque conforme Daltro e Faria (2019, p. 224), temos “[...] mais uma possibilidade de criação de narrativa científica, especialmente no campo das pesquisas capazes de englobar processos e produções subjetivas [...]” e consequentemente, dar mais validade ao trabalho visando contribuir com as práticas existentes de formação de professores e oportunizar novas reflexões sobre tal temática.

As formações continuadas aconteceram através do *Google meet*, no turno noite para contemplar todos os professores. Para cada encontro tínhamos uma

pauta que seguia uma sequência: acolhida, temática, informes gerais, planejamentos, frequência e agradecimentos.

Como bem explicita Souza e Carvalho (2021, p. 2),

[...]neste tempo de pandemia de Covid-19, tais preocupações têm aumentado exponencialmente, devido à necessidade de efetivação de um ensino de qualidade por parte dos professores (mesmo diante das adversidades), tendo em vista que o ensino remoto, na maior parte dos casos, está sendo realizado por meio dessas tecnologias, devido ao distanciamento social que este momento pandêmico exige.

Isso se tornou uma realidade e uma prática desde 2020 durante as formações continuadas entre outras situações educacionais. Os aplicativos se aperfeiçoaram, jogos foram criados e modificados e o processo educacional se mostrou adaptável e flexível diante das demandas que surgiram para que a aprendizagem fosse garantida.

Os desafios da pandemia resultaram em mudanças no domínio das capacitações docentes. Buscava-se proporcionar momentos em que os professores pudessem interagir com suas reflexões ao mesmo tempo que objetivávamos tornar esse momento mais acolhedor e menos estressante dentro da vida de cada participante. Dentre os temas abordados tivemos: EJA durante a pandemia, Competências socioemocionais durante a pandemia, Ensino híbrido e EJA, Saúde mental em tempos de pandemia e Autoestima como mecanismo de sucesso pessoal e profissional.

As dificuldades foram o acesso ao aplicativo *Google meet* pois boa parte do público-alvo nunca tinha utilizado e acesso à internet de qualidade. Já como pontos positivos tivemos as discussões sobre as temáticas citadas e a troca de experiências que cada professor tinha durante as aulas e que compartilhavam sugestões e atividades durante os encontros. Diante disso, Moran (2013) afirma que as práticas pedagógicas digitais sejam ressignificadas modificando o ensino pois para ele

Com ou sem tecnologias avançadas podemos vivenciar processos participativos de compartilhamento de ensinar e aprender (poder distribuído) por meio da comunicação mais aberta, confiante, de motivação constante [...] num processo dinâmico e amplo de informação inovadora [...]

Conforme os relatos dos professores, as práticas digitais tinham um certo entrave pois a maioria dos alunos não possuíam acesso à internet e consequentemente não participavam ativamente das aulas, acarretando uma certa desmotivação entre os professores e nos próprios alunos. No entanto, aqueles que conseguiam relataram que os alunos sentiam-se acolhidos, motivados e a aprendizagem pode ser compartilhada. No final do ano, tivemos relatos mais positivos o que nos reporta à fala de Moran em relação ao compartilhamento entre ensinar e aprender.

Considerações finais

Buscamos mostrar um pouco da realidade no município de Altos em relação à formação de professores durante a pandemia em 2021. Evidenciamos uma nova forma de capacitar os professores e proporcionar reflexões sobre suas práticas pedagógicas, além de compartilhar os pontos positivos e negativos que vivenciaram durante o ano.

Destacamos a carência no uso de tecnologias e o acesso aos aplicativos, que apesar dos avanços a sociedade não consegue acompanhar. Por isso, podemos concordar quando Gatti (2003, p. 10) cita Gervais e Jovchelovitch (1998) afirmando que “crenças e práticas são construídas num contexto de interação e negociação social constantes, em que o compromisso com a identidade social, normas grupais e tradições culturais têm um papel central”, propiciando convívios e interações de modo significativo e com novas práticas.

Referências

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v.19, n.1, p. 223-237, 2019. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/4518/451859860013/451859860013.pdf>. Acesso em 20 out. 2023.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, v.5, n.31, 1986. Disponível em <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/download/1971/1710>. Acesso em 20 out. 2023.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. *In*: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. 13. ed. São Paulo: Papirus, 2013. p. 11-65.

NÓVOA, A. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Revista Educacion, 2009. Disponível em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf. Acesso em 20 out 2023.

SOUZA, J. B. de; CARVALHO, T. dos S. Formação de professores para o uso de tecnologias digitais: Um relato de experiência no Colégio Estadual Professora Luzia Carvalho Silva. **Research, Society and Development**, v.10, n.4, 2021. Disponível em <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14156>. Acesso em 19 out. 2023.

FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR ATRAVÉS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: uma experiência de regências individuais na Educação Infantil

Nycolle Brenda de Carvalho Veras – UESPI

Fabricia Pereira Teles – UESPI

Patricia da Silva Santos – SEDUC

Introdução

O presente relato se trata de uma experiência do primeiro módulo do Programa Residência Pedagógica, do Edital UESPI/PREG Nº 044/2022, do curso de Pedagogia, que foi realizado na etapa da Educação Infantil na Escola Municipal Albertina Furtado Castelo Branco, na cidade de Parnaíba, Piauí. Em um de seus artigos, Nóvoa (2015) afirma que a formação dos estudantes se faz, no campus e fora do campus, em ligação com estes problemas, estudando, refletindo e intervindo na cidade e na sociedade. Com isso, podemos dizer que a teoria da universidade e a prática do ambiente em que ele é inserido para realizar as ações pedagógicas, se completam, obtendo uma aprendizagem de sucesso.

No artigo 1º da Lei de Diretrizes e Base da Educação (1996) cita que “a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério” (Brasil, 1996). Assim como a teoria que aprendemos em sala de aula em um curso de graduação, os programas de formação docente são de extrema importância para os acadêmicos.

Como uma política de formação inicial de professores, o Programa de Residência Pedagógica existe constituindo uma parceria entre as Universidades Públicas Federais e Estaduais e as escolas de educação básica do país.

O Programa Residência Pedagógica destina-se aos acadêmicos dos últimos períodos dos cursos de licenciaturas, colocando o licenciando dentro da sala de aula, capacitando-o para atuar como professor(a). Brasilino (2017, p. 32) fala que:

O currículo no Ensino Superior é vasto, com numerosas disciplinas teóricas e outras que relacionam a teoria com a prática, mas poucas disciplinas permitem que os alunos tenham um contato contínuo ou mais aproximado com seu futuro campo de atuação.

Nessa perspectiva, o programa existe com o objetivo de proporcionar ao discente ir além das disciplinas da universidade, se tratando de suas práticas pedagógicas e da produção científica, uma vez que, além de atuarem em salas de aula, o residente é também incentivado a realizar pesquisas.

O trabalho relata uma experiência vivida por uma acadêmica de Pedagogia atuando em sala de aula da Educação Infantil pela primeira vez como professora regente. O trabalho objetiva apresentar as metodologias usadas nessa etapa, bem como as dificuldades enfrentadas e aprendizagens garantidas pela discente.

Desenvolvimento

A prática na escola de Educação Infantil teve início em outubro de 2022 em uma turma do infantil 4, com crianças de 4 e 5 anos de idade, no turno da tarde, no qual a aula iniciava às 13:00 e finalizava às 16:45, e foi realizada em três etapas, sendo elas: observação, regência compartilhada e regência individual. Foram duas aulas de observações, cinco regências compartilhadas e quatro regências individuais.

Nos dois primeiros dias na turma, realizei as observações, onde fui apenas para observar as aulas e o ambiente. No momento do recreio, aproveitei para colher alguns dados referentes à escola, analisando também o Projeto Político Pedagógico (PPP). Após os dias de observação, iniciaram as regências compartilhadas e, durante esse período, ajudava a professora da turma no que fosse necessário, sem precisar de planejamento da minha parte.

Após as regências compartilhadas, realizei as quatro individuais, nas quais me tornei a professora titular da turma. As aulas iniciavam com o momento da rodinha, onde todos sentavam ao chão, cantávamos músicas de saudação e boa tarde e em seguida apresentava o calendário, mostrando o dia e o mês referente e realizava a chamadinha, cantando uma música na qual chamava todos os alunos da turma. Após isso, eu apresentava o conteúdo do dia.

O primeiro dia de regência individual aconteceu em 22 de novembro de 2022, com o conteúdo letra w. Nesse dia, realizei a contação da história do *Peter Pan* com o uso de uma caixa mágica e de palitoques dos personagens que teve como objetivo apresentar a letra W, através da personagem chamada *Wendy*. Após esse momento, apresentei aos alunos a letra W feita de E.V.A, pronunciando o nome da letra e em seguida expliquei que a referente letra

possui dois sons, o som da vogal *U* e o som da consoante *V*, apresentando-os e pedindo para que os alunos repetissem. Após isso, fiz uma atividade na qual os alunos passaram o lápis, usando a parte que não risca, na letra *W*, de um por um, seguindo a ordem dos alunos na rodinha. Para finalizar, foi realizada uma atividade no livro de caligrafia referente a letra *W*.

A segunda regência aconteceu no dia 24 de novembro de 2022, no qual introduzi o conteúdo com uma música sobre a letra *Y*, apresentando, através de cartões, imagens cujo os nomes começavam com a respectiva letra. Apresentei a letra de um modelo feito de E.V.A pronunciando e pedindo que os alunos repetissem. Logo após, ainda na rodinha, distribui para cada aluno uma ficha contendo quatro imagens com seus respectivos nomes em que eles identificaram quais dessas palavras possuíam a letra *Y*. Distribui para cada aluno uma tesoura, e pedi para que eles recortassem de suas fichas apenas as figuras que começam com a letra *Y* e em seguida produzimos um cartaz no qual os alunos colaram as imagens recortadas. Após isso os alunos realizaram uma atividade no livro de caligrafia e, no fim da aula, entreguei massinha de modelar para eles fazerem a letra.

A terceira regência individual aconteceu no dia 28 de novembro de 2022 no qual fiz com os alunos um circuito motor com o objetivo de revisar as letras *K*, *W* e *Y*. Nessa atividade, trabalhei também a coordenação motora ampla e fina, o equilíbrio, a concentração e a atenção. Coloquei ao chão um circuito feito de TNT, letras de papel e fitas adesivas e, ao final dele, três caixas para cada uma das letras. Cada aluno, por vez, sorteou uma palavra em que uma das letras estava destacada, dessa forma o aluno seguia o circuito da respectiva letra seguindo o caminho da letra da palavra sorteada (*K*, *W* ou *Y*) e ao final do circuito, o aluno encontrava três caixas, uma para cada letra, nas quais ele colocava a ficha, acertando, na caixa correspondente a da palavra. Com as fichas usadas na atividade do circuito, os alunos montaram um cartaz. Foram divididos três espaços na cartolina, um para cada letra, e os alunos colocaram a ficha no espaço adequado.

A quarta e última regência compartilhada aconteceu no dia 29 de novembro de 2022 no qual fiz a contação da história da Baleia Belina, do livro didático, e usei palitoches para que o momento ficasse mais lúdico e atrativo para as crianças. Em seguida, dialoguei com os alunos, fazendo perguntas sobre a história. Após isso, os alunos foram para suas carteiras realizar a atividade no livro sobre a Baleia. No último momento da aula entreguei a cada aluno uma folha de papel para que eles fizessem um origami de baleia com a ajuda da pro-

fessora e da auxiliar. Nesse dia, a aula encerrou uma hora mais cedo, para que os alunos participassem do ensaio da apresentação de fim de ano.

Todos os conteúdos das regências individuais estavam de acordo com o planejamento anual da escola feito pelas professoras e com a Base Nacional Comum Curricular. De acordo com a BNCC, na educação Infantil, "as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências" (Brasil, 2018, p. 44), o que significa dizer que a prática pedagógica desenvolvida procurou alinhar os campos de experiências e a especificidade da criança.

Considerações finais

Esse período de práticas na sala de aula da educação infantil me proporcionou muito aprendizado, pois pude ter conhecimento de como acontece uma aula nessa etapa, como os momentos são divididos e, além disso, me despertou ideias de métodos e atividades a serem trabalhadas futuramente.

Durante esses dias de regências individuais, tive algumas dificuldades, como o controle da turma e do tempo para a realização das atividades, porém, esses momentos de aprendizados se tornaram importante para mim, uma vez que, pude ver como e em quê eu poderia mudar para melhorar mais a minha prática pedagógica.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

NOVOA, Antônio. Em busca da Liberdade. A pedagogia universitária do nosso tempo. **Rev. REDU**, v. 13, p. 21-34. jan/abril. 2015. Disponível em: <https://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/138194/N%C3%B3voa?sequence=1>

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASILINO, Cláudia. **Diálogos e Práticas na Formação Inicial de Professores**: experiências no PIBID de Pedagogia da UESPI. São Paulo: Garcia Edizione, 2017.

INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO RESIDÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DOCENTE

Augusto César Veras Vieira – UESPI

Tamiris Viana da Cruz – UESPI

Fabrcia Pereira Teles – UESPI

Introdução

O presente texto trata-se de um relato de experiência que tem como foco principal, apresentar as reflexões tecidas por dois discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - campus Prof.^o Alexandre Alves de Oliveira, durante as regências individuais realizadas no primeiro módulo do Programa Residência Pedagógica.

As atividades foram realizadas em uma escola vinculada ao Programa Residência Pedagógica, financiado pela CAPES. O Programa oportuniza aos acadêmicos dos cursos de licenciatura uma formação inicial mais consistente, de maneira dinâmica permite a vivenciar a docência com mais precisão (NÓBREGA, 2020).

As atividades ocorreram nas salas do infantil IV e infantil V no turno matutino, em uma instituição do município de Parnaíba- PI, no período de 17 a 22 de novembro de 2022. A escolha do recorte a ser aprofundado, deve-se ao fato de que os momentos dedicados ao planejamento e aplicação na Educação Infantil, colaboraram para que os autores conhecessem a fundo esta etapa da educação básica.

Para mais, compreendemos assim, algumas complexidades que são necessárias serem levadas em consideração, durante o trabalho docente exercido dentro da respectiva área, no que diz respeito tanto a elaboração dos planos de ação quanto a sua execução durante as aulas.

Sendo assim, este relato busca acentuar a importância da ação prática nos cursos de formação de professores e também objetiva relatar aspectos gerais das regências individuais e, evidenciar pelo prisma dos autores, a importância de uma formação mais consolidada para futuros professores em desenvolvimento.

Nessa esteira, o Programa Residência Pedagógica visa aperfeiçoar as ações práticas dos docentes em formação contribuindo para construção identitária

dos futuros professores ao vivenciar à docência na prática por meio de regências individuais.

Na experiência de ministrar aulas tornou possível atrelar as bases teóricas aprendidas ao decorrer do curso com a prática docente vivenciada cotidianamente. A respeito dos procedimentos metodológicos, foram planejadas e executadas quatro regências individuais, de acordo com os conteúdos repassados previamente pelas professoras titulares dos infantis IV e V.

Desenvolvimento

O Programa Residência Pedagógica do curso de Pedagogia promoveu a priori capacitações e reuniões que forneceram aos residentes uma interação e troca de saberes que foram fulcrais para que as ações pedagógicas que iriam ser realizadas fossem executadas com êxito. Todas as ações pedagógicas realizadas nas regências foram embasadas em pesquisas em livros didáticos, sites e documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Ao decorrer das regências individuais as temáticas trabalhadas foram: letras do alfabeto com foco na consciência fonológica, o dia da consciência negra, sequência numérica e meios de comunicação e sua importância para a sociedade atual, dentre outros conteúdos.

Visando o sucesso no trabalho com os respectivos conteúdos, os residentes utilizaram da ludicidade para apoiar suas práticas pedagógicas. Luckesi (2002), enfatiza que uma atividade lúdica colabora para uma experiência profunda consigo mesmo e de envolvimento completo. Desta forma, com o intuito de se ter êxito no processo de ensino-aprendizagem é fundamental que o educador esteja capacitado a utilizar recursos lúdicos para auxiliar suas intervenções pedagógicas, uma vez que, tais mecanismos têm potencial de prender a atenção das crianças, permitindo assim facilitar seu aprendizado.

As regências também se mostraram como oportunidade para momentos que permitissem ações relacionadas ao desenvolvimento da coordenação motora dos estudantes. Oliveira (2008) discorre que muitos são os déficits deixados pela falta do desenvolvimento da coordenação motora fina, e essa deficiência pode interferir na vida adulta dos sujeitos. Afinal, a exploração dos movimentos corporais no início da trajetória escolar, auxiliam para o desdobramento de habilidades que venham a colaborar para as vivências do sujeito durante toda sua vida.

Descrição das regências

Na primeira regência realizada no dia 17/11/2022, foi trabalhado na sala do infantil IV a revisão dos numerais (1-18) e a apresentação do número 19, onde houve a utilização de um cartaz em E.V.A com a representação de 19 formas de sorvete, além do próprio numeral, permitindo assim a contagem coletiva. Na sala do infantil V, na regência foi tratado sobre sequência numérica, para isso o recurso pedagógico utilizado foi "a cobrinha numérica" que consistiu em uma sequência específica de números para que as crianças as identificassem.

Na segunda regência do dia 18/11/2022 os conteúdos ministrados foram: no infantil IV, o tema "água" e no infantil V, a revisão de letras do alfabeto. No infantil IV os educandos tiveram a oportunidade de dialogar sobre a utilização da água em seu dia a dia, além de construir seus próprios bonecos com base em moldes que representavam gotas de água. Já o recurso pedagógico utilizado no infantil V foi uma atividade de colagem que visou que os alunos procurassem em revistas e livros palavras que tivessem em sua composição as letras estudadas.

Na terceira regência individual que ocorreu no dia 21/11/2022 foi trabalhado na sala do infantil V, o Dia da Consciência Negra. A atividade realizada foi a leitura do livro "A menina bonita do laço de fita" de autoria de Ana Maria Machado e como atividade prática ocorreu a confecção da personagem principal.

No infantil IV, por sua vez, a regência foi dedicada a apresentação da letra "V" para as crianças, com os objetivos de que elas conseguissem reconhecer a letra e identificar seu som nas palavras. A prática de ensino consistiu na exploração da música de acolhida, visando a identificação de animais que comesçassem com a letra V. O trabalho explorou a consciência fonológica de maneira lúdica articulando as noções de alfabetização via letramento.

A última regência nos infantis ocorreu na data de 22/11/2022. Na sala do infantil V houve um trabalho sobre os meios de comunicação. A temática foi introduzida com a leitura do livro de Ilan Brendan, logo após houve a atividade de um jogo da memória no qual os alunos foram divididos em grupos.

No Infantil IV ocorreu a revisão dos numerais (1-19). A priori houve a atividade "Passa bola". Uma bola estava passando de mão em mão, enquanto todos estavam dizendo a seguinte frase: "Passa bola, passa bola, passa bola sem parar. Quem ficar com a bola vai ter que fazer o que eu mandar." No momento que a frase era encerrada, aquela criança que estava com a bola, teria que ir para

o centro do círculo e executar um comando (pular, bater palmas etc...) X vezes, a contagem era realizada pelas outrascrianças.

Diante do exposto é possível afirmar que a profissão de educador possui diversas facetas. Hodiernamente é necessário que os docentes detenham conhecimentos variados, a sociedade encontra-se em constante mudança e é necessário que o educador, reflita criticamente sobre as necessidades atuais. Nessa conjuntura os residentes buscaram se distanciardas práticas pedagógicas tradicionais, que ainda estão endossadas no sistema educacional brasileiro, propondo uma prática antenada com as demandas atuais.

Considerações finais

Destarte podemos concluir que a experiência adquirida durante o primeiro módulo do programa Residência Pedagógica foi primordial para a nossa formação profissional. Nem sempre os cursos de formação de professores fornecem o aparato suficiente para contemplar todas as informações. Com isso, a prática escolar nos permitiu ampliar os horizontesno que consiste aos nossos próprios métodos e escolhas na docência. Conseguimos identificar que há uma necessidade de inovação nos métodos de ensino voltados para a etapa da Educação Infantil. De fato, é necessária a presença constante do lúdico e do brincar na Educação Infantil. Essas escolhas metodológicas foram privilegiadas nas regências dos autores.

Referências

KISHIMOTO, Tizuka Morchida et al. **Jogo, brinquedo, brincadeira e aeducação**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. **Ludicidade**: o que é mesmo isso, p. 22-60,2002.

NÓBREGA, Evangelita Carvalho da. Ações afirmativas integradas com o programa Residência Pedagógica no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Parnaíba (PI). In: Brasilino, Cláudia Virgínia Albuquerque Prazim; Silva Samara de Oliveira (org.). **Educação em foco**: diálogos sobre pesquisa em educação. Parnaíba: Acadêmica editorial, 2020. p. 49-68.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade**: educação e reeducaçãonum enfoque psicopedagógico. 13ª ed, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

O PERFIL DOS GESTORES ESCOLARES DA REDE MUNICIPAL DE PICOS - PI: o gênero e suas retribuições

Isnayane Thayse Ferreira⁵
Dr. Romildo De Castro Araújo⁶

Introdução

Nas recentes reformas educacionais no Brasil, há uma tendência à superidealização da educação, sendo a gestão escolar central nesse processo. A ênfase é colocada na busca de uma transformação radical no conceito de educação, no apoio a sistemas de gestão educacional focados na autonomia das instituições escolares.

Os debates sobre o gênero na educação são raros. A complexa seleção de gestores nas diferentes redes escolares requer atenção. A ausência de uma norma nacional uniforme para a seleção de gestores pode perpetuar o preconceito de gênero. Isto requer uma análise detalhada das práticas de seleção em diferentes redes para compreender como contribuem para a disparidade de gênero na liderança. Este trabalho compartilha análises sobre gestores de 14 escolas urbanas de Picos-PI e examina seus perfis com base em dados socio-culturais coletados por meio de estudos e entrevistas.

É apropriado enfatizar que os gestores são responsáveis em marcam o ritmo das atividades escolares e criam uma atmosfera de aprendizado. Dentre essas atribuições temos a organizacional, que “refere-se aos princípios e procedimentos relacionados à ação de planejar o trabalho da escola, racionalizar o uso dos recursos (materiais, financeiros, intelectuais) e coordenar e avaliar o trabalho das pessoas, tendo em vista a consecução de objetivos” (LIBÂNEO, 2012, p. 436).

A situação das mulheres gestoras na rede municipal de Picos reflete os problemas de gênero no mercado de trabalho e a luta histórica das mulheres por espaços sociais iguais. Existe uma disparidade salarial entre homens e

⁵ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB), em Picos- PI. Email: isnayaneferreira@ufpi.edu.br;

⁶ Professor orientador: Doutor em Educação, Professor da Universidade Federal do Piauí – UFPI, araujo_romildo@hotmail.com.

mulheres, o que indica discriminação de gênero na sociedade. A visão predominante na rede é que as mulheres gestoras estão mais bem adaptadas à educação infantil e primária, refletindo uma ideia profundamente enraizada de cuidado na escola. Além disso, os gestores que não fazem parte do quadro permanente recebem salários mais baixos.

O trabalho tenta apontar esses conflitos de gênero na gestão escolar e como a desvalorização das mulheres gestoras afeta o desenvolvimento do ensino. A consideração da responsabilização perante os intervenientes escolares, incluindo os seus gestores, é essencial para a aspiração de uma escola pública de qualidade e equidade. O artigo trata da metodologia, do referencial teórico e da análise de dados como uma primeira reflexão sobre o tema do gênero na gestão escolar, ainda incipiente no mundo acadêmico.

Desenvolvimento

Esta pesquisa examina a intersecção entre liderança escolar, questões de gênero e compensação financeira em equipes de gestão escolar urbana em Picos. Autores como Paro, Lück, Libâneo, Oliveira, Toschi, Gadotti, Almeida, Menicucci e Biroli contribuem para uma análise crítica desta complexa dinâmica. Os resultados da investigação mostram que a desigualdade de gênero e a desvalorização do trabalho não se limitam à educação e afetam a classe trabalhadora como um todo.

A investigação mostra também que as disparidades salariais entre homens e mulheres persistem, com as mulheres a ganharem em média 78% do que os homens ganham. Os salários dos gestores das escolas municipais de Picos são relativamente baixos, com a maioria ganhando de 1 a 2 salários mínimos. A grande maioria dos gestores na região são mulheres, refletindo a média nacional de 80,7% de mulheres na educação. Em resumo, esta investigação destaca a necessidade de abordar questões de igualdade de gênero e desenvolvimento profissional neutro em termos de gênero na liderança escolar e no sistema educativo.

Considerações finais

Este estudo destaca a importância de analisar o perfil das mulheres gestoras nas escolas urbanas de Picos, Piauí, à luz das lutas históricas das mulheres pela igualdade de gênero na sociedade. Apesar dos progressos na representação

das mulheres em cargos de liderança, persistem problemas relacionados com as normas de gênero, que afetam a desvalorização da profissão e a representação insuficiente dos homens na gestão da educação.

A pesquisa destaca que a desvalorização da profissão docente, especialmente no que diz respeito à liderança escolar, está enraizada em estereótipos de gênero que associam a educação ao amor e ao cuidado, percebidos como atributos femininos. Isto mostra como as estruturas sociais desiguais continuam a afetar a educação e a representação das mulheres.

Os dados coletados na pesquisa revelam também que o avanço na educação das mulheres está relacionado à luta por reconhecimento e à visão sexista da educação, bem como aos interesses do mercado capitalista. Além disso, a exploração do trabalho das mulheres é um aspecto importante que emerge destas considerações.

Como educadores, somos chamados a buscar novas abordagens e ações para criar um sistema educacional mais justo. A governação escolar, as questões de gênero, a política de educação pública e a desvalorização da profissão docente são questões complexas e interligadas que continuam a exigir a nossa atenção e esforços para promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. Notas sobre a mulher contemporânea no ensino superior. *Mal-Estar e Sociedade*, ano II, n. 2, Barbacena, p. 91-106, jun. 2009. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/13>. Acesso em: 28/03/2023

BRASIL. Ministério da Educação. **INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP)**. Censo Escolar, 2021. Brasília: MEC, 2022. <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/pesquisa-revela-dados-sobre-profissionais-da-educacao>. Acesso em 28/03/2023

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira** (Inep). Censo da Educação Básica 2022: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2023.

BRASIL. IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Padrão de vida e distribuição de rendimentos. Censo de 2022.

Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 28/03/2023

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Resumo Técnico: Censo da Educação Básica Estadual 2020 [recurso eletrônico].- Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021.

BIROLI, Flávia. **"Gênero e Política: A Participação Política das Mulheres."** Editora da Universidade de Brasília, 2002.

GADOTTI, Moacir, 1941 - **Escola cidadã/ Moacir Gadotti**, 4.ed - São Paulo: Cortez, 1997. - (Coleção questões da nossa época; v. 24)

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002 RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 18. ed. rev. ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

LIBÂNEO, José carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização/** José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira, Mirza Seabra Toschi - 10.ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2012.

LÜCK, Heloísa. **Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores**. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p. 11- 33, fev./jun. 2000

LÜCK, H. **Gestão Educacional: uma questão paradigmática**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010

MENICUCCI, Eleonora. **O golpe e as perdas de direitos para as mulheres**. O golpe na perspectiva de gênero. Salvador: Edufba, p. 65-73, 2018.
MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PARO, Vitor Henrique. **A utopia da gestão escolar democrática**. Cadernos de pesquisa, n. 60, p. 51-53, 1987.

RICHARDSON, Roberto Jarry, **Pesquisa social: métodos e técnicas** / Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres ... (et al.). -. 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo Atlas, 2012.

PROJETO “NUNCA MAIS UM BRASIL SEM NÓS”: PELA HONRA E VALORIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS: experiências do residência pedagógica

Luana de Pinho Veras – UESPI

Fabricia Pereira Teles – UESPI

Introdução

O Programa Residência Pedagógica é uma iniciativa voltada para a formação inicial de professores, oportunizando aos acadêmicos dos cursos de licenciaturas, a vivência da profissão, de forma dinâmica, conhecendo a escola com mais precisão, desenvolvendo habilidades de um professor reflexivo e atuante.

Machado e Castro (2019), em seu estudo, avaliam o Programa Residência Pedagógica como um ponto importante dentro do processo formativo de futuros professores e apontam que as experiências adquiridas no contexto de vivência escolar são os destaques do programa. Pensando nisto, vê-se a importância e a significação dessa experiência inicial dos futuros professores no ambiente escolar na construção da sua identidade docente enquanto profissional da educação.

O presente trabalho apresentara as experiências vivenciadas durante o programa Residência Pedagógica, realizado durante os meses de maio e junho de 2023, na Escola Municipal São Francisco dos Capuchinhos, localizada na Av. São Sebastião, 891- Parnaíba- PI, desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental, na faixa etária de 6 a 10 anos de idade, especificamente na turma do 3º ano do ensino fundamental. Durante este período, as rotinas e regências nos possibilitaram adentrar na realidade de uma sala de aula de Ensino Fundamental, e iniciar nossa experiência profissional. Com isso, nosso objetivo enquanto acadêmica/residente, foi conhecer de perto como funciona a educação dentro do ambiente escolar e quais as maiores dificuldades que encontramos pelo caminho.

A experiência nos fez perceber o quanto precisamos aprender para proporcionar aos alunos um ensino de qualidade, pois independente das adversidades, nosso dever como professores(as) é proporcionar ao estudante, aprendizagens relevantes para vida a partir de um bom apoio pedagógico, e com isso ele possa se desenvolver de maneira satisfatória em seu processo de ensino-aprendizagem.

Desenvolvimento

Durante as atividades realizadas pelos residentes enquanto estagiários, foi trabalhado o projeto “Nunca mais um Brasil sem nós: pela honra e valorização dos povos indígenas”. Durante as aulas desse projeto, levamos a cultura indígena para sala de aula e sua importância para nossa cultura e para nosso país.

Foram 10 regências individuais, 5 regências compartilhadas e 2 dias de observações. Em cada aula levamos temas diferentes para serem trabalhados com as crianças, entre eles estão: cultura indígena, comidas típicas, vestimentas, danças, rituais, artesanato, dentre outros, sempre mantendo a ludicidade e trazendo a importância de sua cultura. Deve-se destacar a importância de respeitar as diferentes culturas e valorizar o conhecimento tradicional dos povos originários no qual, muitas vezes é subestimado ou ignorado. Ressaltando a necessidade de medidas concretas para promover a inclusão e o desenvolvimento das comunidades indígenas, baseando-se em uma análise profunda dos fatos e experiências desses povos.

Ao decorrer das aulas, enquanto residentes, enfrentamos inúmeros desafios que foram superados. Dentre eles, aprendizagens pedagógicas acerca do domínio da turma, o receio ao assumir a sala pela quantidade de alunos, pois o ambiente era muito pequeno e com um elevado número de crianças. As crianças até obedeciam, mas logo se dispersavam. Era necessário estar a todo o momento pedindo atenção, mas com o auxílio da professora titular, aos poucos ganhamos a confiança dos alunos, e as crianças perceberam que estávamos ali como professora e não como uma ajudante da professora. O projeto contribuiu para meu aprendizado, possibilitando conhecer melhor sobre minha própria história e cultura, uma vez que nossos costumes e tradições são heranças deixadas por nossos antepassados, e conhecê-la nos possibilita um maior modo de preservação e valorização, já que a ideia do projeto é justamente visar o conhecimento dos povos indígenas e como podemos preservar toda essa história.

Considerações finais

Diante de tudo que foi exposto, a experiência no Programa Residência Pedagógica, foi de extrema importância para a iniciação à docência.

Isso porque, pelas vivências em sala de aula, aprendemos como é a realidade das escolas de nossa cidade, vimos a importância de se ter bons profissionais atuando na educação, a importância de compartilhar saberes e acreditar no potencial das crianças, o poder do diálogo e respeito para com elas durante

as aulas, procurando sempre dar o máximo de si na busca pela melhor forma de ensinar. Apesar de termos encontrados diversas dificuldades, é sempre importante estudar ao máximo, para poder encontrar clareza diante das adversidades que se apresenta durante nossa jornada educacional.

O programa nos proporcionou entender que estamos sempre em constante processo de aprendizagem, foi no chão da escola que percebi a possibilidade de utilizar os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade, assim passando para a prática, procurando fazer uma reflexão depois de cada aula. Enfim ao buscar melhorias e transformações ao longo do estágio, vi também o quanto é importante conhecer a realidade dos alunos e com eles construir uma proposta de formação profissional alinhada aos interesses das crianças.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

MACHADO, Lucas Vieira; CASTRO, Amanda. Uma experiência do Programa Residência Pedagógica com a abordagem da teoria das inteligências múltiplas. **Anais Seminário de Integração e Socialização de Pesquisas e Práxis Pedagógica em Matemática**, v. 1, 2019.

RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PARNAÍBA-PI

Maria dos Navegantes Pereira de Oliveira Carneiro -UESPI
Fabricia Pereira Teles –UESPI

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo relatar as vivências experienciadas durante o estágio no Ensino Fundamental na Escola Municipal Mário Reis, localizada na cidade de Parnaíba-PI, no ano de 2019. O estágio fez parte do Projeto de Residência Pedagógica do subprojeto do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. O programa, em suas diferentes edições, tem a perspectiva de possibilitar aos acadêmicos das licenciaturas a vivenciar a prática do Estágio Supervisionado em uma escola formadora com a supervisão de um professor(a) titular. O subprojeto Pedagogia teve como proposta o conhecimento da realidade escolar, voltada à análise e intervenção tanto em relação à Educação Infantil quanto ao Ensino Fundamental.

A escola-campo citada fica situada na Avenida Leonardo de Carvalho nº 6210, km 07 da Br 343 no bairro Floriópolis. Funciona nos turnos manhã, tarde e noite nas etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental menor e modalidade EJA (Educação de Jovens e adultos). No campo da pedagogia o papel do estágio nas escolas em suas diferentes etapas possibilita um conhecimento mais realista das dificuldades e conquistas da escola escolhida para adentrarmos a prática do estágio. De acordo com Pimenta:

No estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional (PIMENTA, 2004, p. 43).

A prática do estágio é um momento crucial na formação dos graduandos, pois é o momento que este tem contato com a realidade escolar, fazendo com que as teorias estudadas na Universidade sejam ajustadas e verificadas na prática docente. Se entendermos o processo educativo a partir da compreensão

das práxis educativas, chegaremos à conclusão que os elementos teoria e prática são indissociáveis, uma vez que o estágio é o momento onde podemos fazer nossas reflexões e modificações, munidos pelas diversas tendências educativas do campo de estudo da pedagogia. Konder apresenta práxis, como sendo:

[...] a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática (KONDER, 1992, p. 115).

É importante acentuar a práxis como uma ação social que possui uma intencionalidade, visando garantir uma transformação da realidade, por isso é ação- reflexão-ação. A seguir, um recorte da experiência vivida no estágio durante a participação no Programa Residência Pedagógica.

Desenvolvimento

Em relação ao primeiro contato com a escola pude perceber como ela tem buscado desenvolver uma educação de qualidade. Percebe-se que a dinâmica organizacional da escola é pensada e planejada por todos os funcionários. Algo que chamou atenção é que os funcionários dos serviços gerais e vigias participam dos planejamentos da escola e isso é um ponto muito positivo, pois se percebe o quanto a gestão escolar entende e compreende que todos os funcionários fazem parte desse processo educacional.

Apesar do espaço físico da escola ser pequeno, isso não implica na dinamização do processo de ensino-aprendizagem. Os professores são receptivos com os estagiários e buscam nos auxiliar da melhor forma possível. As crianças desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental têm internalizado as regras, direitos e deveres que a escola lhes coloca e que considera importante para que de fato a educação aconteça.

O período de observação em sala de aula foi de suma importância para que pudéssemos acompanhar e entender a dinâmica das aulas. Presenciei de que maneira se dava rotina da turma, a forma como a professora desenvolve suas aulas. Foi um período do qual podemos conhecer com calma cada um dos alunos e suas particularidades. É um momento que possibilita aos estagiários

observar os alunos na perspectiva de ver quais as potencialidades e dificuldades que os mesmos apresentam, pois é a partir disso que podemos planejar e elaborar as atividades desenvolvidas no período de regência. Além disso, durante a regência compartilhada foram realizadas atividades para auxiliar a professora na organização da sala de aula, receber os materiais dos alunos, a participação na rotina e na construção das regras da sala, auxiliar na aplicação das atividades na semana diagnóstica da escola para poder saber como está a aprendizagem dos alunos para assim saber por onde começar o trabalho.

Durante o período de regência compartilhada pude auxiliar nas atividades desenvolvidas em sala de aula, assim como auxiliando os alunos nas atividades propostas pela professora e colocando nomes dos alunos nos livros e etc. Esse foi um momento importante para que eu pudesse ver como de fato a regência acontece. Pude aprender sobre como agir em determinadas situações, como trabalhar com dificuldades de aprendizagem, metodologias e estratégias de ensino que se adequam melhor a cada conteúdo e turma, aprendemos como resolver conflitos, como estabelecer uma relação de confiança. Enfim, a experiência foi muito produtiva e enriquecedora.

Considerações finais

O estágio no curso de pedagogia constitui momento de suma importância para nossa formação como futuros profissionais da educação, pois é por meio dele que vivenciamos uma valiosa experiência dentro do contexto da sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Dessa vivência foi possível ver e perceber os pontos positivos e negativos da profissão do pedagogo, assim como os desafios enfrentados diariamente para buscar desenvolver seu trabalho, juntamente com a gestão escolar. O período que vivenciei foi enriquecedor, pois neste tempo dentro da sala de aula pude acompanhar como ocorre o planejamento, a rotina e o desenvolvimento de atividades dentro de uma escola.

A escola Municipal Mário Reis busca trabalhar de maneira dinâmica, sempre preocupada com a qualidade da educação que está dando aos seus alunos. Assim como toda instituição de ensino e precisamente dentro do contexto da sala de aula de ensino fundamental a escola é um espaço que requer cuidado, organização, planejamento para que possa atender um público que traz consigo uma bagagem bem diversa. As aprendizagens nesse período foram muitas, desde aprender a conviver com crianças que trazem uma diversidade de conhe-

cimento, de experiência de vida e de convívio social, também aprendemos que é preciso chegar de coração aberto para receber a quantidade de afetos que as crianças nos dão e que é preciso saber retribuir.

Para tanto, é indispensável que o professor(a) possa no decorrer de sua prática, desenvolver os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia, mas sendo importante que esteja havendo uma reflexão a partir da realidade do aluno.

Referências

PIMENTA, S. LIMA, M.. **Estágio e Docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: um panorama da realidade do ensino médio

Thiago Costa dos Santos – UESPI

Maria Luiza Sousa Santos – UESPI

Filipe Augusto Goncalves de Melo – UESPI

Introdução

A escola, é a instituição responsável por transmitir conhecimento e habilidades, além de promover o desenvolvimento de competências críticas e criativas nos indivíduos, preparando-os para se tornarem cidadãos ativos e conscientes na sociedade, também é reconhecida como o principal local de ensino, fornecendo um ambiente estruturado e orientado para facilitar a aprendizagem dos alunos (LUCKESI, 2011; DEMO, 2012), no entanto, de acordo com MORTATTI (2006), o processo de ensino requer não apenas um ambiente propício ao aprendizado, mas também materiais didáticos e recursos pedagógicos que possibilitem a construção do conhecimento de forma significativa pelos alunos, BORTONI-RICARDO (2011), ainda reforça que, frequentemente, o livro didático se apresenta como o principal recurso de estudo e referência para os alunos, sendo muitas vezes a única fonte de acesso ao conhecimento formal, e que sem ele o aluno torna-se um receptáculo passivo de informações, como mencionado por FREIRE (1978).

Partindo destes princípios, o livro didático adquire significado e relevância através da mediação ativa e crítica do professor, segundo MORTATTI (2005), que o utiliza como uma ferramenta essencial no processo de ensino-aprendizagem, mediação essa que GATTI (2009), defende como reflexo de uma formação sólida e reflexiva, que integra teoria e prática e estimula o desenvolvimento de uma postura docente comprometida e responsável, nesse viés é bordado que a integração entre teoria e prática, consistente no processo formativo dos educadores, é essencial para o desenvolvimento de um conhecimento sólido e de habilidades qualificadas, e que essa relação promove uma compreensão aprofundada e uma atuação mais eficaz no contexto educacional (PIMENTA, 2014; FREIRE, 2019).

Justificativa e Objetivo

Para FREIRE (1996), a eficácia educacional é alcançada por meio de uma gestão educacional eficaz, que garante a utilização adequada do livro didático como uma ferramenta essencial no processo de ensino- aprendizagem, porem quando essa a gestão educacional não atinge padrões de qualidade desejáveis, conforme MARZANO (2007), cabe ao professor assumir a responsabilidade de introduzir métodos de ensino eficazes e inovadores para garantir o progresso dos alunos.

Com isso, o presente trabalho tem por intuito apresentar o relato de experiência vivenciado na instituição CETI (Centro de Ensino de Tempo Integral) – Polivalente Lima Rebelo, durante o decorrer do módulo 2 no Programa Residência Pedagógica do Subprojeto de Biologia da Universidade Estadual do Piauí *Campus* Parnaíba, tendo como foco principal a ênfase em como a indisponibilização de livros didáticos, pode ocasionar uma deficiência em alunos de 3º Ano do Ensino Médio.

Desenvolvimento

No período que antecedeu o inicio da regência do segundo módulo do programa Residência Pedagógica, ocorreu o período de observação na escola, que teve a duração de 2 semanas, na qual cada um dos residentes se fez presente nas aulas de biologia, em suas devidas turmas anteriormente escolhidas, acompanhando, com o intuito de fornecer aos residentes o seu primeiro contato, a metodologia da preceptora nas mesmas, também, para que obtivessem um panorama geral de como as suas futuras turmas funcionam. Durante esse período observou-se que as turma, não faziam uso de nenhum livro didático tanto voltado para a matéria de biologia, como para qualquer outra matéria, tendo os conteúdos ministrados pelo uso do quadro branco e de slides. Após este primeiro contato, deu-se início a fase de aulas, onde o primeiro assunto a ser ministrado foi alterações cromossômicas, tendo síndromes como tema transversal, onde para que se obtivesse um retorno positivo a respeito do assunto, se fez necessário um conhecimento prévio, dos alunos, sobre os conceitos fundamentais de genética, hereditariedade, DNA e principalmente da definição de cromossomo, definições essas nas quais os alunos deixaram muito a desejar, pois muitos relataram que não se recordavam de terem estudado tais conceitos

e a falta de acesso aos livros dificultou uma breve revisão do assunto ainda em sala de aula.

Portanto, como tentativa de amenizar os prejuízos sofridos pelos alunos, por falta de materiais didáticos adequados, houve a tomada das seguintes ações: Em primeiro plano, era realizado debates 15 minutos após o início da aula, com o intuito de tentar mensurar o conhecimento dos mesmos sobre o determinado tema e também para realização revisões de tópicos passados que seriam de grande valia para o assunto a ser ministrado, caso fosse necessário.

Em segundo plano, foi realizado o uso de ferramentas de rede sociais como uma solução prática e mais acessível, tanto para os alunos como para o residente, e foi criado um grupo no Whatsapp com os mesmos, onde semanalmente eram repassados capítulos de livros, com linguagem acessível a todos, que abordavam o assunto que seria trabalhados no decorrer da semana, com isso, alguns faziam impressões, outros acompanhavam pelo celular ou faziam anotações e resumos para discutirem em sala de aula.

Além do métodos citados anteriormente, também foram realizadas aulas expositivas para os alunos, fazendo uso de slides, além do quadro branco, e aulas práticas no laboratório da instituição, no qual após a aplicação de todos os métodos, os alunos mostraram um bom desempenho nas aulas, possuindo além do suporte a supervisão da preceptora.

Considerações finais

O segundo módulo do programa Residência Pedagógica, permitiu compreender a atual situação do ensino médio, no qual tal realidade é evidenciada por PACHECO (2018), destacando que muitos alunos concluem o ensino médio sem a preparação necessária para o ensino superior, além disso, MOREIRA (2015) ressalta a falta de materiais didáticos apropriados como um fator contribuinte e que os professores devem avaliar o nível de seus alunos para aplicar estratégias que impulsionem seu progresso.

Visto que os livros didáticos servem como uma importante ferramenta, utilizada por alunos e professores, auxiliando no entendimento dos conceitos e teorias relevantes em seu nível de ensino, o presente trabalho visa trazer um alerta sobre a atual situação de ensino, tanto em escolas de ensino médio, como também as de ensino fundamental, no que diz respeito a recursos e estratégias complementares de ensino, e dessa forma procurar medidas de reduzir os prejuízos em termos de transmissão de conhecimento aos estudantes.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 7ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 18ª ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, Bernardete Angelina. **Formação de professores para o ensino fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARZANO, R. J. *The Art and Science of Teaching: A Comprehensive Framework for Effective Instruction*. 2007.

MOREIRA, A. F. B. **Aprendizagem Significativa: A Teoria de David Ausubel**. 2015.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Geografia e prática de ensino**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **O livro didático de geografia em questão**. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PACHECO, J. M. **Políticas Públicas de Educação no Brasil: Desafios e Perspectivas**. 2018.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA COMO FERRAMENTA IMPULSIONADORA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Maria de Jesus Miranda Nunes⁷ - UESPI

Patrícia da Silva Santos⁸-UESPI

Fabricia Pereira Teles⁹-UESPI

Introdução

O presente relato, apresenta experiências vivenciadas no âmbito do Programa Residência Pedagógica-RP do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, tendo como escopo as experiências significativas nas vivências dentro do RP. O RP tem como objetivo induzir as licenciaturas a promoverem mais espaços para a realização de atividades pedagógicas práticas. O aspecto central do RP é a imersão do licenciando na escola de educação básica (Nascimento, p.29, 2020).

O programa ocupa um lugar de grande importância no âmbito das licenciaturas nas instituições públicas, visto que, no eixo das possibilidades que o mesmo fomenta está cada vez mais em evidência o quanto coopera na formação inicial docente contribuindo para uma formação mais crítica e reflexiva.

O RP representa um diferencial importante nos cursos de licenciatura, pois o fato de atrelar a teoria com a prática, a oportunidade de vivenciar e de aprender com os professores titulares de sala de aula, a rotina, o ensino e a aprendizagem e ainda as trocas mútuas através dos desafios e aprendizagens configuram um diferencial significativo na formação docente.

A formação inicial de professores, é de grande importância no cenário educacional sendo importante ampliar as possibilidades de campos de experiências para os licenciandos, e é consenso entre pesquisadores da área sobre a

7 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, bolsista Residência Pedagógica.

8 Professora da Rede Municipal de Ensino E.M. P. Albertina F. Castelo Branco-CAIC-Infantil-Supervisora do RP.

9 Professora Orientadora do subprojeto Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí. Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

relevância de programas que possibilitam esse contato imediato com a sala de aula, como é neste caso o PRP.

Conforme Freire (1996) um saber que um educador não pode duvidar nunca em sua prática pedagógica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo, que está em constante transformação.

A construção da formação docente torna-se, portanto, uma temática que deve ser dialogada tanto nas universidades quanto nas instituições escolares, é importante refletir sobre os caminhos, sobre como vem ocorrendo esse processo, para que assim se torne possível delinear os acertos e os entraves nessa trajetória.

Ensinar é compartilhar as dificuldades do aprendiz, analisá-las, entendê-las e sugerir soluções. Como, a cada momento, um individuo está numa situação histórica diferente da construção da sua vida e de seus conhecimentos, a cada momento o ensinar é diferente (Cagliari, p.69, 1998). Assim evidencia-se o quanto PRP/Capes é um diferencial nos cursos de licenciatura na formação de professores. Neste sentido justifica-se a importância em relatar experiências significativas nesse processo. Assim têm-se como objetivo proposto, analisar as contribuições para a formação inicial de professores, além da importância do Programa Residência Pedagógica no cerne da formação docente do curso de pedagogia.

Desenvolvimento

O relato descrito aponta para experiências vivenciadas no âmbito do Programa Residência Pedagógica, ocorridas em 01(uma) escola pública da rede municipal de ensino, sendo está de educação infantil. No que concerne ao desenvolvimento das atividades, todas foram planejadas tudo sob a orientação da coordenadora geral do programa da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, (docente orientadora) e da preceptora do RP.

As metodologias escolhidas foram realizadas com base na modalidade e turma a qual estava sendo desenvolvida as atividades, levou-se ainda em conta o uso de recursos pedagógicos confeccionados, com base nos objetivos propostos. Todas as vivências citadas ocorreram a partir de planejamentos, observações, reflexão e construção de planos para assim obter um melhor resultado

nas regências e no desenvolvimento da ação pedagógica e foram desenvolvidas no âmbito das turmas do Infantil IV.

Para um melhor preparo para cada aula foi também realizado, consultas e leituras de teóricos e da Base Nacional Comum Curricular-BNCC, levando em conta as suas orientações. Conforme o Referencial Curricular Nacional (2018), para a Educação Infantil é importante nas situações de aprendizagem que as atividades venham a adquirir um sentido importante para as crianças, sendo importante que as mesmas possam construir novos conhecimentos a partir dos que já se tem e interagindo com novos desafios.

A finalidade principal de todas as atividades realizadas foi vivenciar a prática pedagógica a partir do contato direto com a sala de aula, através de todas as ações realizadas e assim iniciar o processo de aquisição de conhecimentos práticos na docência.

Os primeiros contatos com a turma, deu-se a partir da observação e de aulas compartilhadas. Essas etapas foram gratificantes e possibilitaram a aquisição de conhecimentos importantes para o planejamento das regências individuais. Será apresentado a seguir o delineamento de algumas atividades realizadas no RP.

Um dos conteúdos explanados nas regências em sala de aula foi a letra “K”, onde deveria ser possibilitado que as crianças notassem a presença desta letra no dia-a-dia. A priori foi um conteúdo que senti um pouco de receio pois em um primeiro momento considerei complicado de trabalhar sobre a mesma com crianças de (4 e ou 5 anos). Contudo, partindo para momentos de reflexão e a partir de pesquisas constatou-se que era possível desenvolver atividades com objetos da rotina das crianças e assim foi utilizado recursos variados que fossem comuns para as crianças.

As crianças ficaram animadas em notar que a letra K era presente em suas rotinas, que ia desde quando consumiam alguns alimentos como: Kiwi, ketchup, ou até quando viam algum veículo como uma *Kombi* trafegar pelas ruas, elas observaram através de imagens, associações de recursos confeccionados com papelão, etc. Um dos pontos onde as crianças mais demonstraram empolgação foi quando perceberam que dentre as crianças tinha uma aluna que o nome começava com a letra “K”, foi interessante, visto, que até mesmo a aluna

citada, até ali ainda não tinha notado que a letra inicial do seu nome iniciava com a letra “K”.

Outros conteúdos trabalhados no âmbito do PRP, foram o número 19 e 20, logo, foi feita sensibilização com a utilização de instrumentos e movimentos com o corpo todo, onde se trabalhou a contagem dos números, a partir de gestos repetidos como batidas de palmas, pulos, ainda com o uso de objetos como o chocalho trabalhando a contagem de números, etc. Saberes como estes são importantes para toda a vida, e na educação infantil é necessário utilizar diferentes abordagens como o uso de movimentos e de instrumentos se promove também nas crianças momentos lúdicos de aprendizagem e de construção de novos conhecimentos a partir do brincar.

Nesta proposta de atividade com o número “19 e 20” foi utilizado materiais pedagógicos como: um “lindo porco espinho” de madeira cada espinho que o mesmo possuía eram enumerados e assim todos as crianças foram convidadas a preencher os “espinhos” do porco espinho em uma sequência do 1 ao 20. As crianças ficaram muito animadas e queria repetir a sua vez a todo momento, assim foram preenchendo cada espinho e realizando a contagem dos números de forma coletiva.

Outra atividade desenvolvida foi o uso de uma “galinha” colorida, acompanhadas de ovos, a proposta foi uma atividade de colagem de ovos, aos quais os alunos a priori pintaram os mesmos e em seguida foram instigados a fixá-los em uma fita que tinham recebido de forma individual, fita está que era em tamanho grande, nesta colaram os ovos e assim formaram os números trabalhados na aula o 19 e 20.

Considerações finais

Todas as atividades descritas foram de grande importância no processo de formação docente na aquisição de saberes necessários ao processo inicial de formação. No que tange a contribuição adquirida e na troca benéfica entre escola e universidade, foram vivências satisfatórias e acrescentaram pontos positivos na formação inicial. As vivências, os anseios, as conquistas, além de todas as reflexões e criticidades feitas antes e depois de cada regência, cooperaram de forma significativa.

As ações desenvolvidas, foram de grande valia nesse processo inicial, pois, o PRP permitiu a oportunidade de atrelar a teoria com a prática, sendo, portanto, sinônimo de eficácia no âmbito das licenciaturas, pois, oportuniza aos dis-

centes uma gama infindável e significativa de saberes essenciais na formação docente.

Referências

BRASIL.Ministério da educação. **Base nacional Comum curricular**. Brasília, 2018.

CAGLIARI, L.C.**A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização**.In:ROJO, R. Campinas-SP.Mercado de letras,1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NASCIMENTO, C.L.L **O Programa Residência Pedagógica e o desafio da formação docente**. In: Iniciação á Docência e residência Pedagógica na UFS relatos, experiências e perspectivas. In: MAYNARD, D.C.S; COSTA, P.R.S.M.1º ed. Jan-2020.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: impactos na formação docente

Edjael Carvalho de Almeida – UESPI

João Vitor da Silva dos Santos – UESPI

Fabricia Pereira Teles - UESPI

Introdução

O referido documento em seu escrito descreve as reflexões e experiências vivenciadas por Edjael de Carvalho Almeida e João Vitor da Silva dos Santos, graduandos do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Piauí. A experiência ocorreu em duas escolas da rede municipal de Parnaíba, a saber: Escola de Educação Infantil Professora Albertina Furtado Castelo Branco- CAIC e Escola de Educação Infantil Sônia Viana. A descrição faz parte das vivências enquanto bolsistas do Programa Residência Pedagógica, revelando assim os desafios e as contribuições do programa para formação docente.

O programa Residência Pedagógica – RP iniciou suas atividades no mês de novembro de 2022 e finalizou este primeiro módulo em abril de 2023. Em meio as ações, contamos com reuniões gerais, reuniões de subgrupos com preceptoras, encontros de formação e a experiência na realidade escolar através de vivências na etapa de educação infantil na rede pública de ensino da cidade de Parnaíba- PI.

Desta forma o RP teve como um de seus objetivos proporcionar momentos diversificados que possibilitaram a construção e ampliação do conceito de ser docente, agregando aos participantes situações que estimulam o desenvolvimento da pesquisa e da escrita crítica e reflexiva, conhecimento da realidade educacional mediante a inserção dos acadêmicos no cotidiano escolar e momentos de formação, valorizando assim a relevância do programa no desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes.

A metodologia utilizada para a construção deste relatório foi a descritiva através do relato de experiência em conjunto com a pesquisa bibliográfica que oportuniza por meio dos fundamentos teóricos e práticas consistente, o aprofundamento do entendimento sobre as ações desenvolvidas. Portanto o caminho escolhido favoreceu a construção da criticidade, reflexão e auto avaliação do acadêmicos integrantes do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Desenvolvimento

O RP exerce papel de relevância para formação docente, pois ao possibilitar o contato com a realidade educacional leva o discente a refletir sobre as práticas e as teorias que fundamentam o desempenho do profissional no cotidiano educacional. Reforçando o entendimento a autora Nóbrega (2020) revela:

O programa Residência Pedagógica (RP) consiste na imersão planejada e sistemática do aluno de licenciatura em situações concretas do cotidiano escolar e da sala de aula que depois servirão de objetos de reflexão sobre a articulação entre teoria e prática. (Nóbrega 2020; p. 52.)

Então, como afirma a autora acima, o programa objetiva estimular o pensamento crítico e oferecer aos participantes experiências diversificadas, como: encontro de formações, regências individuais e coletivas, auxiliando no desenvolvimento do caráter crítico e reflexivo da ação pedagógica.

O desenvolvimento das atividades de regência individual, dentro do programa, oportunizou pensamentos relevantes direcionados a relação teoria e prática enquanto ação pedagógica, tornando assim a ação pedagógica mais significativa e coesa, principalmente ganhando sentido e se justificando dentro das aulas. Vale ressaltar que o referido escrito focalizou destacar regências individuais que ocorreram no dia 11 de novembro de 2022. A menção a essas aulas se justifica pela importância que teve aos acadêmicos e pela oportunidade de visualizar uma prática coerente com suporte teórico base.

Partindo do fundamento teórico da autora Rosa (2002) o ato de ensinar excede a concepção que limita o processo de ensino e aprendizagem a estar preso em uma sala de aula com atividades tradicionais. Segundo a autora em se tratando de Educação Infantil, ensinar e aprender é dinâmico e construído a partir do brincar, explorar e conhecer o mundo ao seu redor. Então o docente deve assumir o papel de mediador em favor de oportunizar o desenvolvimento do educando através de momentos que colaborem para aquisição de uma aprendizagem mais significativa para as crianças.

Levando em consideração as reflexões de Rosa (2002) as duas regências foram elaboradas com o propósito de oferecer momentos que seriam realizados no contexto escolar como um todo e não somente dentro do perímetro interno da sala de aula. As aulas se propuseram a trabalhar em cima do tema sobre a flora, usando como suporte prático, as plantas dentro do ambiente escolar,

destacando a relevância da funcionalidade de suas partes para sua manutenção e natureza.

O momento seguinte foi realizado dentro da sala de aula e consistiu na explicação detalhada através de objetos (partes das plantas) sobre sua função, vale destacar a utilização da caixa mágica (ornamentada) para retirar cada parte da planta e questionar os estudantes acerca das suas respectivas funções. A dinamicidade da atividade favoreceu a resposta das crianças e a aprendizagem partindo do diálogo coletivo para formulação individual e cognitiva.

O momento final da aula foi denominado de HORA DE CONSTRUIR, em que cada aluno de forma individual construiu sua planta através de recursos orgânicos (galhos e folhas) em conjunto com colagem de imagens. Nesta atividade os alunos demonstraram interesse e respostas bem positivas em relação à proposta, além disso o momento oportunizou às crianças exercerem habilidades importantes para sua vida social, como a questão da criatividade.

Observou-se durante as regências individuais a importância de se propor dentro da educação com destaque na etapa de ensino infantil momentos dinâmicos que priorizem a diversificação de atividades que proporcionem diferentes vivências tanto para o aluno como para o professor, estreitando, assim a relação teoria e prática dentro das escolas, junto a isto, proporcionar também a auto avaliação da ação educativa em prol de fortalecer a coerência dentro do ato de ensinar.

Com isso se pode averiguar que a construção docente se efetiva, em etapas que gradualmente vão sendo superadas com as experiências profissionais. Sendo assim o Residência Pedagógica se apresenta como um meio de construção da reflexão do ser enquanto docente e pesquisador, ao passo em que não existe ação sem reflexão e vice-versa.

Complementado as contribuições o RP enquanto programa de aperfeiçoamento profissional. Freire (1996) destaca que: "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender", revelando a relação de troca e desenvolvimentos entre ambos ao torna o ambiente educacional ativo priorizando relações dialógicas e criativas.

Considerações finais

Conclui-se que o programa residência pedagógica exerce contribuições significativas para formação docente mediante a inserção dos acadêmicos das áre-

as de licenciaturas as vivências do cotidiano educacional, possibilitando assim a construção de um profissional reflexivo sobre as práticas educativas, além disso oportuniza aos residentes presenciar a relação teoria e prática dentro das instituições educacionais favorecendo seu desenvolvimento.

Além disso, a experiência favoreceu a compreensão dos desafios e problemáticas dentro da realidade educativa vivenciada, bem como estimulou a reflexão e auto avaliação dos graduandos em benefício de motivar a construção do perfil docente e destacar a relevância da consciência a formação inicial e continuada, estabelecendo a importância do educador estar se inovando e acompanhando as transformações sociais ao seu redor, conhecendo a fundo o cotidiano escolar desde a graduação.

Referências

NÓBREGA, Evangelita Carvalho da. Ações afirmativas integradas com o programa de residência pedagógica no curso de pedagogia da universidade estadual do Piauí (UESPI)- Campus Parnaíba(PI). In. : BRASILINO, Cláudia Virgínia Albuquerque Prazim; SILVA, Samara de oliveira (org.). **Educação em foco:** Diálogo sobre pesquisas em educação. Parnaíba, Acadêmica Editorial, 2020. p. 49-68.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessário à necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996. p. 12.

ROSA, Sanny S. da. **Brincar, conhecer, ensinar.** 3 ed. São Paulo, Cortez, 2002.

IMPACTOS NA QUALIDADE EDUCACIONAL E NA EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS

Samuel Borges Sousa Silva
Isnayane Thayse Ferreira

Introdução

A experiência escolar é verdadeiramente única porque nos expõe a um microcosmo que, embora seja um reflexo da sociedade em que se insere, tem as suas próprias complexidades e desafios. A terceirização, a mesma que se refere diretamente aos docentes leigos ou sem formação adequada, que são incorporados como meio de mão de obra mais barata, no serviço docente.

A terceirização no ensino médio é um tema bastante atual devido às mudanças significativas na educação e na prática pedagógica. O processo de terceirização impacta diretamente na qualidade do ensino oferecido aos alunos, pois pode levar à contratação de professores sem formação adequada, comprometendo o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, a terceirização pode criar disparidades salariais e condições de trabalho precárias para os profissionais da educação. Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar e compreender as peculiaridades da terceirização no ensino médio e seu impacto no contexto educacional.

Ao analisar as consequências da terceirização no campo da educação, podemos nos apoiar em teorias de educadores renomados como Paulo Freire (1970), que enfatizou a importância da interação e da contextualização na educação. Esta divisão pode criar um ambiente fragmentado e descontextualizado.

O objetivo deste trabalho é examinar as especificidades da terceirização no ensino médio com foco nas implicações para a qualidade do ensino e na valorização dos especialistas na área. Além disso, pretendemos analisar como a terceirização afeta o desenvolvimento dos alunos, as condições de trabalho dos professores e os aspectos relacionados à gestão educacional. Através de uma pesquisa abrangente e de uma revisão da literatura, esta tese procura fornecer insights e recomendações para uma abordagem mais eficaz e justa à terceirização no ensino secundário.

Além disso, autores como Michael Apple (2000), e Henry Giroux (1991), argumentam que a terceirização pode levar a uma educação moldada por in-

teresses "comerciais" em detrimento dos objetivos educacionais. Pois, percebemos a escola como uma empresa fadada aos lucros e a produtividade de excelência, entretanto devemos para e refletir qual de fato são suas finalidades originais.

Outra consequência relevante da terceirização é a precariedade do trabalho dos profissionais que executam esses serviços terceirizados. Autores como Pierre Bourdieu (1970), e Antônio Gramsci (1971), discutem as estruturas de poder que sustentam o sistema educacional. Quando a terceirização é usada como estratégia de redução de custos dos docentes.

Em suma, a terceirização no processo educacional é uma prática complexa que requer análise crítica. Para construir um sistema educativo eficaz centrado no bem-estar dos alunos, é essencial considerar as implicações desta abordagem. As autoridades escolares, os professores, os pais e toda a comunidade escolar devem pensar profundamente sobre como a terceirização pode afetar a qualidade da educação e buscar soluções que priorizem o desenvolvimento integral dos alunos e o bem-estar dos funcionários envolvidos nesse processo.

Desenvolvimento

A terceirização no nível escolar geralmente envolve a contratação de professores externos para ministrar disciplinas específicas. Contudo, a falta de formação adequada desses profissionais pode ser um obstáculo significativo para o bom desenvolvimento da educação. Como alertam Paro(2011), e Oliveira (2002), a preparação sólida e consistente dos professores é a pedra angular do ensino bem-sucedido. Se os professores externos não tiverem a formação necessária ou não forem especialistas nas disciplinas que ensinam, isso pode afetar diretamente a qualidade do ensino. Além disso, Libâneo(2013), ressalta a importância de professores qualificados trabalharem para desenvolver as habilidades e competências dos alunos, o que exige conhecimento sólido das matérias ministradas.

A falta de formação adequada para professores externos pode prejudicar não só o conteúdo do ensino, mas também a capacidade de adaptação às necessidades individuais dos alunos. Lück (2009), defende que o ensino eficaz deve ser flexível e centrado no aluno, o que requer uma compreensão profunda das características de cada sala de aula. Se os professores externos não forem devidamente formados, a capacidade de adaptação do ensino às idiossincrasias dos alunos fica comprometida, limitando o desenvolvimento educativo. Neste

contexto, é fundamental terem conta as palavras de Menicucci(2005), que sublinham que a educação deve basear-se na igualdade e na justiça e garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade.

Para resolver este problema, é fundamental que as escolas, em cooperação com empresas terceirizadas, invistam na formação e formação contínua de professores contratados. Desta forma, os professores externos estarão mais bem preparados para ministrar aulas em diversas áreas, o que apoiará um desenvolvimento mais abrangente e eficaz da educação. Além disso, é importante que as escolas adotem mecanismos rigorosos de monitoramento e avaliação para garantir a qualidade do trabalho dos professores externos e que o ensino seja de alto padrão e atenda às necessidades dos alunos.

Em suma, a contratação de professores externos sem formação adequada pode representar um desafio significativo para o desenvolvimento educativo. Os aspectos críticos a considerar são a formação sólida dos professores, a capacidade de adaptação às necessidades dos alunos e o compromisso com a equidade educativa. Investir na formação e formação desses profissionais é fundamental para superar esses desafios e garantir uma educação de qualidade a todos os alunos.

Considerações finais

A terceirização no ambiente escolar é uma realidade que afeta diretamente a prática cotidiana de todos os envolvidos na comunidade escolar. Para maximizar os seus benefícios e minimizar os seus impactos negativos, é essencial que as escolas e as autoridades educativas considerem cuidadosamente as implicações da externalização e procurem formas de garantir que a qualidade da educação e o bem-estar dos alunos e do pessoal docente não sejam prejudicados. Além disso, a transparência e a participação da comunidade escolar devem ser incentivadas para garantir que a terceirização seja feita de forma responsável e tendo em mente os melhores interesses dos alunos.

Referências

APPLE, Michael. **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Brasiliense, 2000. BOURDIEU, Pierre. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GIROUX, Henry. **Pedagogia Crítica e Cultura Pós-Moderna**. PortoAlegre: Artmed, 1991.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Riode Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

LÜCK, H. (2009). **A gestão participativa na escola**. Petrópolis: Vozes. Libâneo, J. C. (2013). **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez.

MENICUCCI, T. M. G. (2005). **O ensino superior privado: desregulamentação do ensino, formação e mercado de trabalho**. Educação & Sociedade, 26(91), 301-327.

PARO, V. H. (2011). **Gestão democrática da educação: Atualidades, concepções e possibilidades**. São Paulo: Cortez.

Oliveira, D. A. (2002). **Professores no Brasil: Impasses e desafios**. São Paulo: Cortez.

VIVÊNCIA NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA- PIBID

Elizabete Cristina Moreira Portela – UESPI
elizabetecmp@aluno.uespi.br

Tainara Araujo de Sousa – UESPI
tainaraaraujodesousa@aluno.uespi.br

Kelynnne Ellen Marcal de Sousa – UESPI
kelynnneellenmdesousa@aluno.uespi.br

Maria de Nazaré Ferreira de Sousa – UESPI
Mariadenazare31@hotmail.com

Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), é um programa do governo brasileiro que visa o incentivo na formação de profissionais para a Educação Básica, envolvendo estudantes de licenciatura em atividades práticas de iniciação à docência nas escolas públicas. O programa se desenvolve em parceria com instituições de ensino superior, escolas públicas e professores da Educação Básica.

A relevância do PIBID para a formação docente é incontestável, pois além de oportunizar relacionar os conhecimentos teóricos obtidos em sala de aula com a prática docente, faz com que os licenciandos se familiarizem com todo o cotidiano escolar, tornando-os, desde logo, preparados para enfrentar os desafios do exercício da profissão, contribuindo, portanto, para a ampliação de capacidades pedagógicas e para a edificação de uma identidade profissional congruente. Partindo disso, o programa favorece o nosso processo de desenvolvimento no que diz respeito à didática aplicada em sala de aula, pois possibilita conhecer de perto as adversidades dos alunos, o que permite auxiliar cada um deles no percurso de aprendizado. Dedicar-se a um ensino participativo, onde os alunos estão ativamente envolvidos no processo de aprendizagem é uma decisão extremamente importante na prática docente, uma vez que auxilia na promoção da transformação social, formando seres críticos e conscientes da realidade em que estão inseridos.

Dessa forma, investir nas experiências de vida dos alunos, dando voz a eles, instigar a reflexão para o levantamento de questionamentos é o que sempre procuramos priorizar, tendo como base o pensamento do patrono da edu-

cação brasileira, Paulo Freire (1997, p.12) dos psicólogos Lev Vygotsky (2000, p.329) e Bruno Bettelheim (1980, p.65) e também do geógrafo e educador brasileiro Celso Antunes (2002, p.18). O PIBID vem sendo uma primeira experiência que nos leva a observação crítica na turma que tivemos contato. Desse modo, buscamos proporcionar o melhor nas atividades propostas pelo projeto.

Desenvolvimento

Ingressamos no PIBID com o projeto “Nunca Mais Um Brasil Sem Nós” pela honra e valorização dos Povos Indígenas, em andamento, em março de 2023. Iniciamos com reuniões para conhecermos as escolas e supervisores envolvidos no projeto. Demos início às atividades no dia 01/06/2023 na escola municipal São Francisco dos Capuchinhos, localizada na avenida São Sebastião, bairro Campos, na cidade de Parnaíba, litoral do Piauí. Estamos lotadas em uma turma de 4º ano do ensino fundamental, a mesma possui uma quantidade de 24 alunos.

A aproximação com a turma nos fez conhecer as dificuldades que uma pequena parte dos alunos possui no que se refere à leitura, escrita e interpretação de textos. No entanto, eles demonstram sempre muito interesse em aprender, mérito da professora titular que faz um trabalho incrível com os mesmos. Há estímulos constantes na sala de aula, procuramos, juntamente com a professora titular, envolvê-los em todas as atividades propostas, instigá-los a questionar e organizar suas próprias linhas de raciocínio, como Antunes (2002, p. 18), bem coloca “os estímulos são os alimentos das inteligências”. É através das vivências em sala de aula que podemos observar a unidade teoria-prática, que podemos compreender que os saberes são produzidos em conjunto com os educandos. Em relação a isso, Freire (1996, p.12), defende:

[...] um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p.12)

Neste contexto, o professor não será o depositário do conhecimento e os alunos não serão meros receptores de informações. Caberá ao professor buscar maneiras de construir conhecimentos e uma aprendizagem significativa em conjunto com os alunos, buscando assim, a associação dos conteúdos didáticos

com a realidade deles, para que se sintam livres para dialogar e serem pessoas ativas. Um momento importante de aproximação que tivemos com a turma, foi com uma atividade em que ocorreu a apresentação do gênero textual conto. Iniciamos esse momento com um apanhado geral sobre as características do gênero e apresentamos um exemplo bastante conhecido, do chapeuzinho vermelho. É importante destacar que os contos de fadas apesar de parecerem narrativas simples, possuem uma enorme implicação para o desenvolvimento da criança.

Os contos de fadas promovem o desenvolvimento da criança, motivando-a a ser generosa e solidária, fazendo-a compreender que nem sempre as pessoas são boas e que nem sempre as situações são agradáveis. Por consequência, desperta seu senso crítico, fazendo-a refletir entre o pensar e o agir, entre o certo e o errado. Assim, a essência dos contos de fadas é abstrair conceitos formadores de caráter, uma vez que estabelece relação entre "bem e mal", "certo e errado". Seus valores são inúmeros: respeito, bondade, justiça, amizade, amor, franqueza, humildade, diferença, etc. (BETTELHEIM, 1980, p. 65)

Assim como apresenta o autor supracitado, os contos de fadas transferem uma rica oportunidade para a aprendizagem, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Ao compartilhar essas histórias, os educadores podem propiciar às crianças uma experiência enriquecedora que colabora para seu crescimento integral. Outro ponto importante da atividade foi a utilização de um recurso chamado "Fábrica de Contos" que auxiliou os alunos a produzirem seus contos, estimulando assim, a criatividade e a escrita. Para esse momento, foi realizada a divisão dos alunos em trios e com o nosso auxílio e sugestões eles puderam criar seus próprios contos, pois assim como menciona Vygotsky (2000, p. 329), "Em colaboração, a criança se revela mais forte e mais inteligente que trabalhando sozinha, [...]". Após a construção, propusemos um momento de socialização entre eles, onde teriam que compartilhar suas produções com os demais colegas da turma. Foi uma ideia prontamente aceita, o momento permitiu diversas interações na sala de aula acerca do tema e atendeu nossas expectativas positivamente. O trabalho grupal proporciona às crianças a chance de conhecer as visões dos colegas, compartilhar ideias, cooperação e aprendizado sobre como conviver com personalidades diferentes. Isso ajuda a desenvolver várias habilidades sociais essenciais, como comunicação, respeito e trabalho em equipe.

Considerações finais

Diante do exposto, agradecemos imensamente a Capes por proporcionar a oportunidade de vivenciarmos a experiência enriquecedora que é participar do PIBID. Observar de perto a realidade do ambiente escolar e os desafios reais que a educação enfrenta cotidianamente, fornece experiências práticas e acrescenta múltiplas formas na construção de nossa identidade profissional e pessoal. Além da importância para o nosso crescimento pessoal e profissional, poder contribuir para a construção da identidade dos nossos alunos é algo que aquece o coração e a alma. Eles nos olham com admiração. O programa está nos proporcionando ver o crescimento de cada um deles especificamente, cada um com suas particularidades, contagiam o ambiente escolar com alegria e entusiasmo, carregam consigo o desejo de mudança e isso só está reafirmando o compromisso que pretendemos assumir futuramente como profissionais da educação. Sentir-se incluído e respeitado como parte do corpo docente da instituição propicia um ambiente de trabalho agradável e nos incentiva cada vez mais a desempenhar nossa profissão com aptidão.

Referências

ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

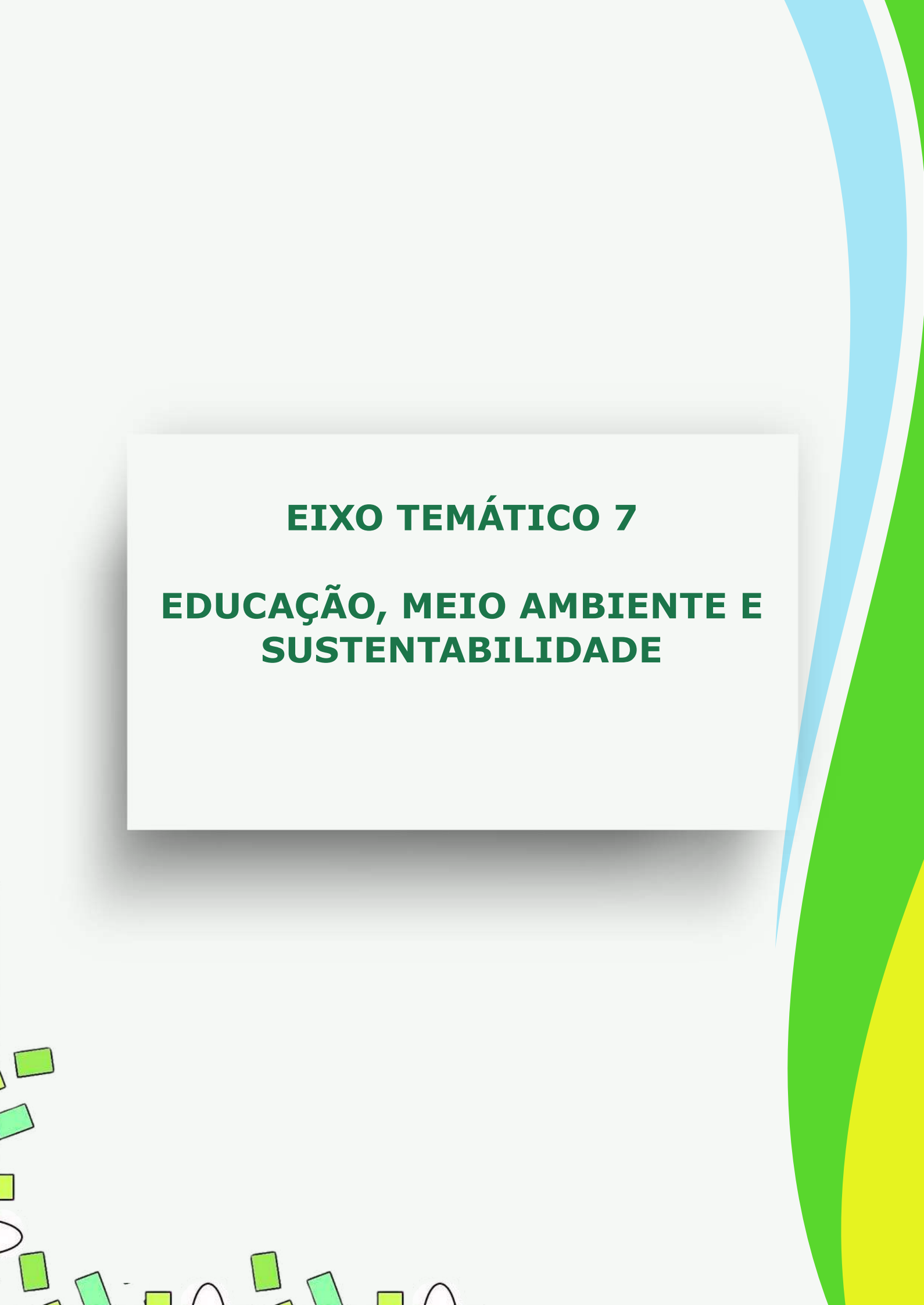
BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

EIXO TEMÁTICO 6

**PLANEJAMENTO DA EDUCAÇÃO,
COOPERAÇÃO FEDERATIVA E
REGIME DE COLABORAÇÃO
ENTRE SISTEMAS NA EDUCAÇÃO**



EIXO TEMÁTICO 7

EDUCAÇÃO, MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE

O DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS COM A UTILIZAÇÃO DA LENDA DA MANDIOCA

Janaina Alves de Oliveira – UESPI

Luzia Joyce Costa Silva – UESPI

Rosângela Carvalho de Araújo – UESPI

Maria Ozita de Araújo Albuquerque – UESPI

Introdução

O relato de experiência foi extraído do projeto “Nunca mais um Brasil sem nós, pela honra e valorização dos povos indígenas”, organizado pelos graduandos de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, vinculados ao Programa de Iniciação à Docência – PIBID. Aplicada na escola Benedicto dos Santos Lima, no dia 20 de junho, no turno matutino em sala de aula.

A atividade selecionada teve a finalidade de contribuir com os conhecimentos relacionados a cultura dos povos originários. A escolha de trabalhar com a Lenda da Mandioca, possibilitou explorar saberes que permanecem imersos na cultura do povo brasileiro. O projeto teve como intuito ampliar o conhecimento dos estudantes sobre os povos originários, aumentando o conhecimento dos discentes sobre as vivências dos povos indígenas.

Enriquecendo o saber dos alunos sobre as lutas enfrentadas, costumes arraigados na sociedade atual, incentivando a criança a aprender mais sobre a cultura indígena local e sua importância na construção da sociedade de Parnaíba.

Desenvolvimento

A prática foi realizada na escola Benedicto dos Santos Lima, no dia 20 de junho, em sala de aula, na turma do terceiro ano A do ensino fundamental, composta por 28 alunos, com faixa etária entre 8 a 10 anos. Iniciamos com a roda de conversa, sobre a rotina da atividade. Logo após, fizemos a leitura da Lenda da Mandioca e estimulamos a exposição dos saberes dos alunos relacionados aos tipos de alimentos que são presentes nos hábitos alimentares de suas famílias. Em seguida, disponibilizamos material de apoio (papeléis e canetas coloridas) para elaboração de tirinhas de quadrinhos para eles recontarem a

história, incluindo elementos dos hábitos alimentares. Ao término da atividade, realizaram exposição.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de características normativo, promove a garantia da aprendizagem e desenvolvimento para cada uma das crianças e jovens na Educação Básica. Na sua habilidade (EI03TS02) ela consiste em: Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais. E foi a habilidade utilizada para desenvolver a atividade proposta para turma do 3 ano " A ".

Considerações finais

Constata-se que com a atividade da temática " Nunca mais um Brasil sem nós, pela honra e valorização dos povos indígenas", despertou interesse nos alunos pela cultura e valorização dos povos indígenas. Proporcionou interação entre os discentes, pois tiveram que conversar entre si para descobrir o que gostavam dos alimentos relacionados a Lenda da Mandioca. Também foi estabelecido para a turma a utilização do termo correto para se referir aos povos, que é , indígena , o termo índio não é adequado por indicar preconceito.

Toda essa abordagem nos leva ao conhecimento da história do desenvolvimento humano, e de como somos ricos em diversidades. A necessidade desse assunto ser tratado nas escolas, é levar conscientização dos valores que esses povos originários tem na nossa sociedade e de como são esquecidos, mesmo fazendo parte da nossa história. Concluímos que a primeira etapa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID), tem nos proporcionado muitos desafios e experiências no ambiente escolar.

Desenvolver atividade na sala de aula e observar os resultados sendo alcançados, nos motiva ampliar nosso campo de estudos e pesquisas. A escola tem um papel importante, que é promover e levar discussões sobre questões sociais. Portanto, percebemos a importância do conhecimento dos povos indígenas e suas culturas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

